

História da língua portuguesa

História da língua portuguesa

Claudia Dourado de Salces

© 2016 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente

Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação

Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico

Dieter S. S. Paiva
Camila Cardoso Rotella
Emanuel Santana
Alberto S. Santana
Regina Cláudia da Silva Fiorin
Cristiane Lisandra Danna
Danielly Nunes Andrade Noé

Parecerista

Guilherme Alves de L. Nicésio

Editoração

Emanuel Santana
Cristiane Lisandra Danna
André Augusto de Andrade Ramos
Daniel Roggeri Rosa
Adilson Braga Fontes
Diogo Ribeiro Garcia
eGTB Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Salces, Claudia Dourado de
S159h História da língua portuguesa / Claudia Dourado de
Salces. – Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A.,
2016.
260 p.

ISBN 978-85-8482-428-1

1. Linguística histórica. 2. Língua portuguesa - História. 3.
Língua portuguesa no Brasil - História. 4. Gramática. I. Título.

CDD 469.09

2016

Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 – Londrina – PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: <http://www.kroton.com.br/>

Sumário

| | |
|---|------------|
| Unidade 1 Introdução aos estudos históricos da língua | 7 |
| Seção 1.1 - Antecedentes dos estudos históricos da língua | 9 |
| Seção 1.2 - Gramática Histórico-comparativa | 19 |
| Seção 1.3 - Linguística Histórica | 31 |
| Seção 1.4 - A Filologia | 43 |
| Unidade 2 Origem da língua portuguesa | 59 |
| Seção 2.1 - A expansão do latim | 61 |
| Seção 2.2 - Latim clássico e latim vulgar | 75 |
| Seção 2.3 - Formação das línguas românicas | 89 |
| Seção 2.4 - Periodização da língua portuguesa | 105 |
| Unidade 3 História interna da língua portuguesa | 121 |
| Seção 3.1 - Aspectos fonéticos e fonológicos da evolução da língua portuguesa | 125 |
| Seção 3.2 - Aspectos morfológicos da evolução da língua portuguesa | 141 |
| Seção 3.3 - Aspectos sintáticos da evolução da língua portuguesa | 155 |
| Seção 3.4 - Fixação da escrita em língua portuguesa | 171 |
| Unidade 4 História da língua portuguesa no Brasil | 189 |
| Seção 4.1 - O português no continente sul-americano | 191 |
| Seção 4.2 - A influência da cultura indígena e africana sobre a língua portuguesa | 207 |
| Seção 4.3 - A história do ensino da língua portuguesa no Brasil | 223 |
| Seção 4.4 - A situação linguística atual do Brasil | 239 |

Palavras do autor

Com certeza você já se perguntou por que existem tantas línguas no mundo. Também deve ficar intrigado pela forma como elas se diferenciam entre si. Quando escutamos uma língua estrangeira, é comum tentarmos encontrar algum grau de similitude com a língua que falamos. Em muitos casos, não é possível identificarmos qualquer semelhança, seja nos fonemas, seja na formação de palavras ou mesmo na ordem da frase. Por que isso acontece? Por que são tão diferentes? E a nossa língua portuguesa? De onde ela se originou? Por quais mudanças ela passou e em função de quais fatores? Nessa viagem ao túnel do tempo linguístico, iremos estudar a língua de forma diacrônica, ou seja, em sua evolução, com foco nas mudanças pelas quais passou ao longo do tempo, e tentaremos responder a essas curiosidades, principalmente em relação à sua língua materna: a língua portuguesa.

Este livro está dividido em quatro unidades, cujos temas apresentam, de forma gradual, aspectos importantes para ajudá-lo a entender a origem e o processo de formação do português, o que irá capacitá-lo a ser um profissional da língua mais crítico e reflexivo. Na Unidade 1, você verá as diferentes maneiras de se estudar uma língua do ponto de vista histórico e aprenderá a distinguir os campos da gramática histórica, da linguística histórica e da filologia. Na Unidade 2, começará então a estudar como e onde se originou a Língua Portuguesa. Na Unidade 3, verá sobre as mudanças internas pelas quais passou a Língua Portuguesa, que tipos de alterações afetaram a pronúncia e a formação de palavras. Por fim, na Unidade 4, você aprenderá sobre o desenvolvimento e expansão da Língua Portuguesa em território brasileiro, desde o descobrimento até os dias atuais.

Com dedicação, persistência e disciplina, você aprenderá fatos bastante relevantes sobre a origem e a formação da língua portuguesa que o ajudarão a entender melhor seu funcionamento atual, estando mais apto a refletir sobre ela e ensiná-la.

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICOS DA LÍNGUA

Convite ao estudo

Olá, tudo bem? Vamos começar nossos estudos e para isso é importante que você tenha em mente o que será tratado nesta unidade. Para início de conversa, você irá aprender sobre a “pré-história da história” do estudo das línguas. Deu para entender? Isto é, você verá como foi se desenvolvendo o interesse pela origem, evolução e comparação entre as diferentes línguas, e como elas foram sendo estudadas. Para isso, aprenderá a distinguir entre gramática histórica, linguística histórica e filologia.

Você aprenderá também estratégias que o ajudarão a ter um melhor aproveitamento daquilo que lê, facilitando até mesmo a apreensão de conteúdos em seus estudos não só nesta como em outras disciplinas do seu curso. Veja as competências que você adquirirá ao final desta unidade e quais são os objetivos a serem atingidos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivo geral: Conhecer as concepções históricas de estudo da língua.

Objetivos específicos:

- Conhecer a gramática histórica e seu método de estudo da língua.
- Conhecer a linguística histórica e seu método de estudo da língua.
- Conhecer a filologia e seu método de estudo da língua.

Para que o conhecimento adquirido não fique só na teoria e você possa aplicá-lo em situações com as quais pode se deparar em seu dia a dia ou em sua prática como futuro professor, faremos uma reflexão em torno de um problema que, desenvolvido passo a passo, terá uma resposta ao final da unidade. A cada seção discutiremos um aspecto do problema para que você possa compreender quais escolhas devem ser feitas e os motivos dessas escolhas. Assim, analise a situação a seguir.

Na Faculdade Aristides Lima, localizada na cidade de Taquarema, é comum a existência de grupos de estudos, formados por alunos que se reúnem periodicamente para discutir textos de disciplinas específicas, uma vez que algumas delas, devido à sua complexidade ou abrangência, requerem mais tempo para compreensão e amadurecimento das ideias e conceitos a elas relacionados. Isso torna imprescindível haver momentos para troca de conhecimentos e experiência entre alunos, que compartilham, muitas vezes, das mesmas dificuldades em relação a um tema. Esse tipo de recurso contribui para a construção da autonomia intelectual do aluno, que irá, em conjunto com outros colegas, construir seu próprio conhecimento, por meio de leituras compartilhadas, troca de ideias, estabelecimento de relações e construção de hipóteses. No curso de Letras da referida instituição, para subsidiar a formação desses grupos na disciplina de História da Língua Portuguesa e coordenar as atividades realizadas, foi destacado um professor da turma, o senhor Junqueira Fregni, que, a cada semana de aula, apresentará aos alunos um novo desafio relativo ao conteúdo nela trabalhado.

Na Seção 1.1, você verá como eram realizados os estudos sobre uma determinada língua com base na comparação entre uma e outra(s) língua(s). Na Seção 1.2, aprenderá o método de estudo da língua no âmbito da gramática histórica. Na Seção 1.3, verá como a Linguística Histórica analisa e descreve as mudanças pelas quais uma língua passa e na Seção 1.4, aprenderá sobre a forma como a filologia lida com os fatos de uma língua, para tentar reconstruir sua origem.

Pronto para começar? Então vá para a nossa primeira aula: Antecedentes dos estudos históricos da língua.

Seção 1.1

Antecedentes dos estudos históricos da língua

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor. Vamos relembra-la?

Nosso cenário é a Faculdade Aristides Lima, na cidade de Taquarema, onde, no curso de Letras, foi destacado um professor da turma, o sr. Junqueira Fregni, para subsidiar a formação de grupos de estudos na disciplina de História da Língua Portuguesa. Ele deverá coordenar as atividades realizadas e, a cada semana de aula, apresentará aos alunos um novo desafio relativo ao conteúdo trabalhado.

Dentro do contexto acima descrito, surge uma situação-problema que você deverá tentar resolver. Junqueira combina com os alunos que cada grupo deverá escolher um líder que receberá as instruções do professor e as passará ao grupo. Dilermando foi um dos escolhidos e sua primeira tarefa será orientar os componentes do grupo a respeito das leituras que eles devem realizar, como e o que analisar em cada texto, como realizar as discussões em grupo, como registrar os encontros e o que devem incluir na síntese ou resumo do conteúdo estudado. Além disso, deverá, para direcionar as discussões, elaborar algumas questões sobre o conteúdo da primeira aula.

Para resolver a situação-problema exposta acima, você deve ler o livro didático da aula correspondente e realizar as leituras complementares indicadas, bem como visitar os sites, assistir aos vídeos e fazer um fichamento ou resumo de cada um desses materiais. À medida que vai tomando contato com o conteúdo, deve ir fazendo perguntas-chave, que o ajudarão a fixar os conceitos mais importantes.

Para a resolução dessa situação, você deve ter sempre em vista as competências e os objetivos seguintes:

Competência geral: Conhecer os precursores dos estudos sobre a história da língua.

Objetivos específicos:

- Conhecer o método histórico-comparativo de estudo da língua.
- Conhecer o método de estudo da língua dos neogramáticos.

Não pode faltar

Em suas aulas de língua portuguesa na escola, você se perguntou por que estudar a língua que você fala? Se você fala, é porque você já a conhece, não é mesmo? Então por que/para que estudá-la? No passado, a forma como respondiam a essa pergunta apontava para dois grupos de estudiosos da linguagem: os comparatistas e os neogramáticos.

1.1.1 Estudos histórico-comparativos

Geralmente, ao estudarmos qualquer coisa que seja, nossa tendência é compará-la com aquilo que já existe. E isso não foi diferente no estudo da língua. Ao comparar as línguas entre si, os estudiosos chegam a estabelecer relações de parentesco (famílias linguísticas), tipologias (se são línguas aglutinantes ou flexivas, por exemplo) e os chamados “universais linguísticos”, que dizem respeito a princípios e características encontradas em todas as línguas conhecidas, como, por exemplo, a existência de sujeito na frase, a existência da classe gramatical do verbo, dentre outros.

Considerados os criadores do método comparativo, os intelectuais alemães Friedrich Schlegel (1772-1829) e Franz Bopp (1791-1867) publicaram estudos em que defendiam o parentesco do latim, do grego, do germânico e do persa com o sânscrito, língua clássica dos hindus (Índia). Para isso, criaram a gramática comparativa, método de análise dessas línguas. Bopp, por exemplo, demonstrou, por meio da comparação detalhada da morfologia verbal das citadas línguas, correspondências sistemáticas entre elas, o que parecia comprovar seu efetivo parentesco.

Por meio do método histórico-comparativo, pretende-se chegar à reconstituição da suposta língua-mãe de um conjunto de línguas, chamada de protolíngua. A forma que as palavras assumem nessas línguas seria indício de sua forma originária. Além de explicitar o parentesco entre línguas, pode-se também determinar, por meio de conjecturas bastante acertadas, as características da língua ascendente comum de um conjunto de línguas. Segundo Ilari (2004, p. 22), “as línguas românicas tomadas em seu conjunto numa visão comparativa são a melhor fonte para o conhecimento de sua própria origem, um fato que ressalta quando se leva em conta a precariedade das fontes escritas do latim não literário”. Veja a seguir um quadro ilustrativo do método histórico-comparativo, adaptado de Ilari (2004, p. 23), aplicado às línguas românicas.

Quadro 1.1 | Quadro comparativo das línguas românicas

| Latim clássico | LÍNGUAS ROMÂNICAS | | | |
|--|--|--|---|--|
| | Português | Espanhol | Francês | Italiano |
| (1) novu movet mordit porta populu | novo move morde porta povo | nuevo mueve muerde puerta pueblo | neuf meut mord porte people | nuovo muove morde porta popolo |
| (2) flore- hora solu famosu prorsa | flor hora só (ant. soo) famoso prosa | flor hora solo famoso prosa | fleur heure seul fameux prose | fiore hora solo famoso prosa |
| (3) luna virtute mutare | lua virtude mudar | luna virtud mudar | lune vertu muer | luna virtu mutare |

Fonte: adaptado de Ilari (2004, p. 23).

Confira a seguir um breve comentário sobre as características de cada um dos grupos:

- Grupo 1: o foco na palavra latina é a vogal o (breve e acentuada); no grupo 2, a vogal o longa; no grupo 3, a vogal u longa. A partir dos dados, podemos chegar a estas conclusões:

- Grupo 1: a vogal o aberta e acentuada, no espanhol, passou ao ditongo eu; o francês tem o ditongo eu ou [0] zero, nos casos de "mord" e "porte"; no português permanece a vogal o e no italiano aparece o ditongo uo ou [0] zero (são os casos de morde, porta, popolo).

- Grupo 2: a vogal o fechada no latim assim permanece no português e no espanhol; já no francês, tanto a vogal o fechada como a aberta passam ao ditongo eu e [0] no caso de "prose".

- Grupo 3: a vogal u longa no latim permanece em todas as línguas do quadro.

Veja você: essa foi uma pequena amostra do tipo de análise realizada na comparação entre as línguas, com foco em apenas uma vogal e a transformação pela qual ela passa nas línguas aparentadas. Poderíamos também analisar a ocorrência de outras vogais, de como as consoantes se comportam, em que contextos se dá a nasalização de um som etc.

August Schleicher (1821-1868), um linguista alemão, de forte orientação naturalista, já que era botânico de formação e fortemente influenciado pela teoria evolucionista de Charles Darwin, comparava a língua a um organismo vivo, com existência independente de seus falantes, pela força de princípios invariáveis e idênticos às leis da natureza. Ele propôs, então, uma classificação genealógica das chamadas línguas indo-

europeias (nas quais se inclui o português), utilizando um sistema de representação semelhante aos estudos de evolução biológica, dividindo as línguas indo-europeias em ramos cada vez menores, comparando as características comuns e verificando as correspondências sistemáticas, até chegar a uma única língua.

Fazem parte da família linguística indo-europeia alguns dos idiomas mais falados em todo o mundo. Eles se restringiam à Europa e ao leste asiático, até o século XVI, mas após isso, principalmente em decorrência das grandes navegações, chegaram também à América, à África e à Oceania. Atualmente, quase três bilhões de pessoas em todo o mundo falam alguma língua dessa família. Com a expansão colonial de países europeus, línguas indo-europeias (dentre as quais o português, o francês, o espanhol e o inglês) foram levadas para os demais continentes.

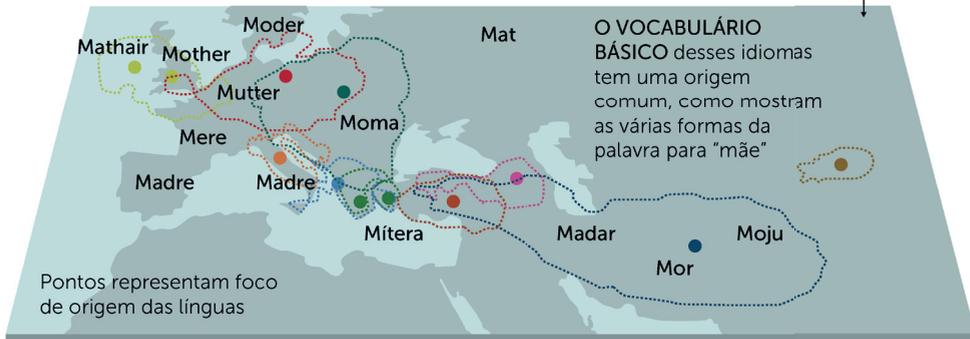
Uma família linguística geralmente é dividida em dez subfamílias. Você sabe a qual família pertence a língua portuguesa? Conhece os parentes de sua língua? Então, confira a seguir:

Figura 1.1 | Línguas indo-europeias no mundo

DA ANATÓLIA PARA O MUNDO A saga das línguas indo-europeias

O CENÁRIO

Numa vasta região da Eurásia, da Islândia no oeste à Índia no leste, predominam idiomas de um só tronco linguístico, o indo-europeu



- CÉLTICO Galês, irlandês
- ITÁLICO Latim e descendentes (português, italiano)
- GERMÂNICO Inglês, sueco
- BALTO-ESLAVO Russo, polonês, lituano
- INDO-IRANIANO Línguas do Irã e da Índia

- ALBANÊS
- GREGO
- ARMÊNIO
- TOCARIANO Língua extinta do oeste da China
- ANATÓLIO Hitia, luviano (línguas extintas da atual Turquia)

A CONCLUSÃO

As ramificações da árvore sugerem que essas línguas surgiram na atual Turquia há 9.000 anos. Essa época bate com a expansão da agricultura na região

Além do português, também fazem parte da subfamília itálica as seguintes línguas românicas: espanhol, francês, italiano, sardo, catalão e romeno.

Um dos representantes dessa corrente, Jacob Grimm (1785-1863), propôs, para explicar as variações entre as línguas, a existência de leis de evolução fonética – conhecidas posteriormente como “leis de Grimm” –, que agiriam de forma regular, cujas exceções se dariam em função da analogia. Esse fenômeno pode ser observado, por exemplo, na fala das crianças, quando dizem: “di” (dei), “fazi” (fiz), “truxe” (trouxe). A partir da percepção do paradigma dos verbos regulares no tempo passado – comi, dormi, bebi – a criança transfere a regra percebida para outros verbos, mesmo que irregulares. As leis de Grimm mostravam, por exemplo, com relação às consoantes oclusivas (p, b, d, c [som de k], g [som de guê]), o caráter regular de mudanças que separavam o ramo germânico dos demais grupos indo-europeus. Grimm determinou que: (a) onde, no indo-europeu, se encontrava uma oclusiva surda ou desvozeada (p, t, k), no germânico se tinha uma aspirada ou uma fricativa dela derivada (f, th, h); (b) onde, no indo-europeu, havia uma aspirada (ph, th, h), o resultado era uma sonora ou vozeada (b, d, g); (c) finalmente, onde, no indo-europeu, existia uma vozeada (b, d, g), em germânico se encontraria uma desvozeada (p, t, k).



Refleta

Qual a língua-mãe da língua portuguesa? A qual subfamília ela pertence? Que outras línguas fazem parte da subfamília do português?

1.1.2 Neogramáticos

Sob forte influência das ciências naturais, no interior da Universidade de Leipzig (Alemanha), nas últimas décadas do século XIX, um grupo de linguistas – Leskien, Brugmann e Osthoff –, chamados pejorativamente de “neogramáticos”, inaugurou, em oposição aos comparatistas, uma nova maneira de estudo. Foi nesse contexto, pelas mãos desses dois últimos estudiosos, que surgiu a obra inaugural, considerada como o manifesto neogramático: a revista *Investigações Morfológicas*, publicada em 1878.

Em vez de tentar encontrar a protolíngua, isto é, uma reconstrução do que seria a origem da língua moderna, o pesquisador deveria se voltar às línguas vivas naquele momento do tempo, para captar sua evolução em ação. Seu interesse era investigar os mecanismos da mudança, isto é, “desvendar os princípios gerais do movimento histórico das línguas” (FARACO, 2005, p. 140). Não interessa mais apenas fazer uma relação das mudanças ocorridas de uma língua para outra, mas construir uma teoria explicativa da mudança.

As mudanças sonoras, por exemplo, para os neogramáticos, apresentavam uma

regularidade absoluta, ou seja, as mudanças afetavam o mesmo som/fonema em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente, em todas as palavras, sem exceções. Na ocorrência delas, eles defendiam que “ou o princípio regular efetivo ainda era desconhecido ou a regularidade da mudança havia sido afetada pelo processo da analogia” (FARACO, 2005, p. 142), exemplificado no parágrafo seguinte.



Assimile

Quando se diz que a ocorrência de um determinado som se dá no mesmo ambiente, entenda que isso diz respeito ao “entorno linguístico”, ou seja, que outros sons estão presentes na palavra em estudo, antecedendo ou vindo após o som/fonema em estudo. Início de palavra, fim de sílaba e final de palavra também são contextos que concorrem para mudanças no som.

Para os neogramáticos, deviam-se aplicar as leis fonéticas de forma cega, uma vez que as mudanças eram vistas como tendo ocorrido concomitantemente, sem exceção, em todo léxico (conjunto de palavras de uma determinada língua), na mesma época, em todos os lugares. Essa generalização absoluta provocou, mais tarde, a reação de outros linguistas, para os quais, ao contrário de ser um fenômeno pontual e abrangente, as mudanças ocorreriam de forma gradual e diferenciada no espaço geográfico e no interior dos dialetos, devido à ação de fatores como gênero, idade, nível de escolaridade do falante. Apesar disso, devemos reconhecer a importância de seus métodos, devido ao rigor metodológico adotado por seus estudiosos ao se depararem com os problemas decorrentes da reconstituição da história das línguas.



Assimile

Os comparatistas preocupavam-se em, por meio de comparações entre as línguas – vivas e não vivas – encontrar a língua mãe, a língua que teria dado origem a todas as outras.

Os neogramáticos preocupavam-se em descrever as línguas vivas, com foco em seu processo de evolução.



Pesquise mais

Aprenda um pouco mais sobre a origem das línguas indo-europeias. Leia a interessante reportagem da revista *Ciência Hoje*, no site do UOL.

VIEIRA, Cássio Leite. A origem das indo-europeias. **Revista Ciência Hoje**, n. 297, out. 2012. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2012/297/a-origem-das-indo-europeias>>. Acesso em: 15 ago. 2015.



Exemplificando

Veja o que acontece com a palavra “chuva” nas línguas românicas:

| Latim | Português | Espanhol | Italiano | Francês |
|---------|-----------|----------|----------|---------|
| pluviam | chuva | lluvia | pioggia | pluie |

O que você consegue observar em termos de mudança no som inicial da palavra latina? O som pl se transforma em ch, representado foneticamente pelo símbolo /ʃ/, em português; em espanhol passa a ll (som do nosso lh); em italiano, mantém o p inicial mas perde o l, passando por ditongação, isto é, a vogal u do latim foi substituída pelo ditongo (encontro entre duas vogais) io. No francês, manteve-se o segmento inicial latino.



Faça você mesmo

Observe o que acontece com a palavra “novo” no quadro a seguir e analise as mudanças pelas quais a vogal o passa em relação ao latim.

| Latim | Português | Espanhol | Italiano | Francês |
|-------|-----------|----------|----------|---------|
| novum | novo | nuevo | nuovo | neuf |



Vocabulário

Analogia: Para os neogramáticos, significava alteração na forma fonética de certos elementos de uma língua devido à influência de paradigmas gramaticais regulares. Cada vez que uma lei fonética apresentava alguma exceção, explicava-se a ocorrência como caso de analogia.

Protolíngua: língua considerada como língua-mãe por ter dado origem a outras línguas semelhantes entre si. Por falta de registros escritos desta que seria a língua original, chega-se a ela por meio de uma reconstrução que tem como base a comparação entre línguas da mesma família.

Universais linguísticos: diz respeito às propriedades comuns de todas as línguas humanas, tais como presença de sujeito, existência de termos para contar, da categoria gramatical verbo etc.

Sem medo de errar

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema

apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Dilermando, como líder de seu grupo de estudos, para conseguir um resultado que posteriormente se traduza em efetiva aprendizagem, tanto para si mesmo quanto para seus colegas de turma, a partir da técnica de grupos de discussão, deve:

- Dominar o assunto em pauta.
- Antecipar perguntas que os alunos poderiam ter em relação ao conteúdo.
- Fazer um quadro comparativo entre os comparatistas e os neogramáticos.
- Propor quadros comparativos de ocorrência de uma ou mais palavras nas diferentes línguas românicas.
- Sugerir que os alunos busquem o tema estudado em outras fontes e compartilhem no grupo.

Agindo dessa maneira, irá direcionar os estudos dos alunos de maneira a focalizar o tema em estudo, contribuindo para que fixem o que é mais importante, saibam aplicar o que aprenderam – ao fazer análise comparativa – além de procurarem informação complementar, enriquecendo ainda mais a aprendizagem por meio da autoconstrução do conhecimento.



Atenção!

É importante que você, no papel de suposto professor orientador do grupo de estudos, sempre estimule os alunos a primeiro ler a teoria presente no livro didático e acessar os links de leituras complementares. Sem leitura prévia, não há o que discutir no grupo, não é mesmo?



Lembre-se

Os grupos de estudos devem, com o tempo, caminhar para a independência, sendo autossuficientes em relação a um professor, podendo prescindir deste. Você deve propor atividades que ajudem os alunos a conquistar autonomia e criticidade em relação aos conteúdos estudados.

Avançando na prática

| Pratique mais | |
|--|--|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas. | |
| "Latim ou indo-europeu?" | |
| 1. Competência de fundamento de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Conhecer os antecedentes dos estudos da história da língua. Saber a origem das línguas românicas. |
| 3. Conteúdos relacionados | Estudos histórico-comparativos, línguas românicas. |
| 4. Descrição da SP | Você é estagiário de Língua Portuguesa em uma escola estadual de seu município. A professora responsável pelo 1º ano do Ensino Médio irá começar a ensinar seus alunos sobre a História da Língua Portuguesa. Ela pergunta se você não poderia ajudá-la, pois é a 1ª vez que ensina sobre esse assunto e faz muito tempo que saiu da faculdade. Sua principal dúvida é sobre a origem de nossa língua. Ela tem dúvida se a língua-mãe do português seria o latim ou o indo-europeu. Como você responderia a isso? |
| 5. Resolução da SP | Você deveria explicar que, segundo reconstrução feita pelos estudiosos comparatistas, ao estudarem e compararem línguas semelhantes, tanto do ponto de vista dos sons quanto de formação das palavras e estrutura gramatical, chegou-se a uma suposta língua-mãe, que teria dado origem a essas línguas muito parecidas. Assim, apesar de o português ter sido constituído a partir do latim, este idioma já morto, por sua vez, originou-se do indo-europeu, assim como o italiano, o francês, o espanhol, o catalão, o sardo e o romeno. |



Lembre-se

Os intelectuais alemães Friedrich Schlegel (1772-1829) e Franz Bopp (1791-1867), considerados os criadores do método comparativo, publicaram estudos em que defendiam o parentesco do latim, do grego, do germânico e do persa com o sânscrito, língua clássica dos hindus (Índia).



Faça você mesmo

Faça um quadro comparativo em que sejam destacados:

- Como os comparatistas estudavam a história de uma língua?

- Como os neogramáticos estudavam a história de uma língua?
- Quais os estudiosos principais de cada uma dessas correntes?

Faça valer a pena

1. Como se chega à reconstrução de uma língua-mãe, segundo o método histórico-comparativo?

2. Franz Bopp e Friedrich Schlegel são representantes dos neogramáticos ou dos comparatistas? Qual a importância desses estudiosos para os estudos da língua?

3. Analise as afirmações a seguir e assinale a alternativa correta.

I. Os neogramáticos comparavam línguas semelhantes e reconstruíam a língua que teria dado origem a elas.

II. Os comparatistas, por meio do método histórico-comparativo, visavam chegar à língua-mãe, ou protolíngua.

III. Ambos os grupos preocupavam-se com o estudo da história da língua.

- a) Apenas I está correta.
- b) Apenas II e III estão corretas.
- c) Apenas I e II estão corretas.
- d) Apenas I e III estão corretas.
- e) Todas as afirmações estão corretas.

Seção 1.2

A gramática histórico-comparativa

Diálogo aberto

Nesta seção, você irá se aprofundar em um dos modos de estudar a evolução das línguas no tempo e a forma de registrar isso por meio das gramáticas históricas ou histórico-comparadas, que visavam, conforme o próprio nome diz, comparar línguas aparentadas, isto é, da mesma família linguística. Seus estudiosos, como você já aprendeu na aula anterior, queriam estabelecer a língua-mãe de um conjunto de línguas com traços semelhantes.

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

Nosso cenário é a Faculdade Aristides Lima, na cidade de Taquarema. No curso de Letras, foi destacado um professor da turma, o senhor Junqueira Fregni, para subsidiar a formação de grupos de estudos na disciplina de História da Língua Portuguesa. Ele deverá coordenar as atividades realizadas e, a cada semana de aula, apresentará aos alunos um novo desafio relativo ao conteúdo trabalhado.

Dentro do contexto acima descrito, surge uma situação-problema que você deverá tentar resolver. Você deve se lembrar que, na situação passada, Dilermando foi escolhido como líder do grupo de estudos. Seu desafio agora é orientar os alunos para que eles construam e analisem uma tabela comparativa de exemplares de línguas do ramo indo-europeu, utilizando o método histórico-comparativo, utilizado pelos estudiosos na elaboração das gramáticas comparadas. Deverão ser analisados sons consonantais e/ou vocálicos quanto às alterações pelas quais as palavras passaram de uma língua para outra. Como a gramática histórica também é elaborada com base nas mudanças pelas quais uma mesma língua passou ao longo do tempo, Dilermando deverá instruir seus colegas a trabalhar com apenas um idioma, caso prefiram.

Para a resolução dessa situação, você deve ter sempre em vista as competências e os objetivos seguintes:

Competência geral: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Conhecer o método histórico-comparativo de estudo da língua.
- Saber comparar duas ou mais línguas ou uma mesma língua em sua evolução ao longo do tempo.

Não pode faltar

Na aula passada, você estudou sobre as abordagens que tentavam explicar a evolução histórica das línguas, sua classificação e a tentativa de reconstrução da língua comum – o indo-europeu – da qual várias famílias de línguas seriam provenientes, inclusive a família itálica ou românica, incluída nesta a língua portuguesa. De forma geral, foi isso que caracterizou os estudos linguísticos que dominaram a segunda metade do século XIX. Também aprendeu sobre o movimento dos neogramáticos, cujos principais representantes foram os alemães August Leskien e Hermann Paul, na década de 1870, que significou um grande avanço, uma vez que conferiu aos estudos da língua um caráter mais científico e preciso. Ao compreenderem a língua como um organismo vivo, que nasce, se desenvolve e morre, os neogramáticos atribuíram a evolução histórica das línguas a determinadas leis fonéticas, regulares e imutáveis, a partir das quais seria possível reconstruir as formas originais das quais haviam surgido. Mesmo com limitações, o enfoque fonético, o método e as técnicas dos neogramáticos muito influenciaram o modo de se estudar uma língua.

1.2.1 Constituição das Gramáticas Histórico-Comparadas

Como o próprio nome já diz, o estudo comparativo ou comparativismo é a técnica de pesquisa utilizada na gramática histórica, que consiste em estabelecer a comparação das palavras e estruturas gramaticais de línguas que possuem uma origem comum. Essa abordagem que estuda a evolução dos diversos fatos da língua desde a sua origem é chamada de diacrônica. A rigor, pode-se dizer que a gramática histórica é a apresentação metódica da história interna de uma língua. São três os enfoques desse estudo:

- a) Tipológico: classificação das línguas de acordo com as características que elas apresentam em função de sua fonologia, sua morfologia, sua sintaxe e sua semântica.
- b) Evolucionista: procura demonstrar os caminhos percorridos pelo que seriam as

formas reais das línguas e entre as línguas, postulando teorias universais acerca do seu desenvolvimento e mudanças.

c) Genético: procura estabelecer a origem das línguas, em função do deslocamento de seus falantes e das características das sociedades primitivas.

Antes de falarmos das gramáticas comparadas ou histórico-comparadas, vamos voltar um pouco no tempo, mais precisamente ao século XVII, quando as chamadas gramáticas gerais surgiram. A maior representante desse tipo de gramática foi a *Gramática de Port-Royal* ou *Gramática Geral e Razoada*, de Arnauld e Lancelot, pensadores franceses. Estes consideravam que a linguagem é regida por princípios gerais racionais, aplicáveis a todas as línguas. Sua gramática, então, visava a ajudar os falantes a expressar os pensamentos com clareza, precisão e de forma transparente, sem mal-entendidos. Logo, o objetivo a ser atingido seria a língua-ideal, universal, lógica, sem equívocos e ambiguidades, a fim de assegurar a unidade da comunicação entre as pessoas. Esses gramáticos elaboraram teorias pelas quais a relação pensamento-linguagem seria regida por princípios gerais que se aplicariam a todas as línguas. Essa visão sobre a linguagem contribuiu para que os estudos não se prendessem à descrição de uma língua em particular, mas a pensar a linguagem em sua generalidade.

As gramáticas históricas ou histórico-comparadas, ao contrário das gramáticas gerais, estudavam o funcionamento de várias línguas e não de apenas uma; as que eram aparentadas, isto é, da mesma família linguística. Seus estudiosos, como você já aprendeu na aula anterior, queriam estabelecer a língua-mãe de um conjunto de línguas com traços semelhantes.



Assimile

A grande contribuição das gramáticas histórico-comparativas foi evidenciar que as mudanças sofridas pelas línguas não são caóticas e aleatórias, mas apresentam regularidade, têm uma direção.

As grandes navegações, as recorrentes descobertas de novos povos – e línguas –, o interesse na catequização e na exploração das colônias fundadas na África, na América e no extremo Oriente foram os propulsores do interesse pelas línguas e a comparação entre as diferentes línguas tornou-se inevitável. A abordagem histórica da linguagem foi iniciada ainda nos séculos XVII e XVIII, por meio da comparação e classificação das línguas de acordo com sua origem hipotética. Gottfried Wilhelm Leibniz, filósofo e matemático alemão, em 1710, interessado em analisar a estrutura de diferentes línguas, publica, nas atas da Academia de Berlim, *Brevis Designatio Meditationum de Originibus Gentium Ductis Potissimum Ex Indiciis Linguarum*. Nesta obra, ele chama atenção sobre a necessidade de se estabelecerem estudos comparativos sobre as línguas, abandonando as pressuposições anteriores acerca da essência da linguagem.

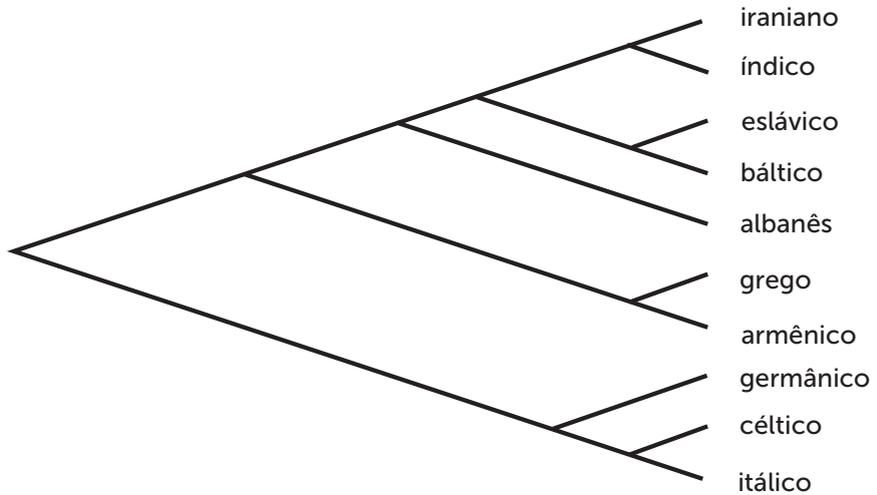
Para esse estudioso, nenhuma língua histórica é a fonte das línguas no mundo, uma vez que elas seriam provenientes de uma protolíngua, e um exemplo desse fato seria o indo-europeu. Estava lançada, então, a base do estudo histórico-comparativo.

No século XVIII, Leibniz e Catarina, a Grande (1729-1796), imperatriz russa de origem alemã, prosseguiram no trabalho de comparação das línguas, visando mostrar uma unidade geral. A czarina patrocinou a publicação dos escritos de Peter Simon Pallas, naturalista alemão, intitulado *Vocabulários Comparativos das Línguas do Mundo Inteiro*. Neste documento, havia uma listagem comparativa dos termos de 51 línguas e dialetos europeus, com 200 idiomas asiáticos. Outros estudos do mesmo tipo foram realizados por Lorenzo Hervas e o jesuíta espanhol Panduro que publicaram, de 1778 a 1787, uma enciclopédia de 20 tomos, comparando 300 línguas europeias, asiáticas, ameríndias. Isso abriu caminho para que a linguagem passasse a ser vista através de uma linha histórica de desenvolvimento, na qual uma língua antiga dá origem a uma ou a várias línguas novas, concepção subjacente à linguística histórico-comparativa que se desenvolveu no século XIX.

Embora Franz Bopp seja apontado como o fundador dos estudos histórico-comparativos, com a publicação do seu livro, em 1816, *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita, em confronto com o das línguas grega, latina, persa e germânica*, na busca da protolíngua, o dinamarquês Rasmus Rask (1787-1832) foi o primeiro estudioso a fazer progressos na técnica da comparação histórica. Ele insistiu na importância das comparações gramaticais em vez de se basear na comparação e aproximação de palavras cuja concordância é incerta, por poderem passar facilmente de um povo para outro. Ele escreveu vários ensaios sobre o islandês e outras línguas nórdicas, escreveu a gramática anglo-saxã. Em sua obra *Ensaio sobre a origem das antigas línguas escandinavas*, analisou as semelhanças destas com outras línguas europeias, particularmente o latim e o grego. Isso levou-o à descoberta do grupo de línguas que viriam a ser chamadas mais tarde de família indo-europeia ou indo-germânica, incluindo cinco grupos menores: 1. gótico (incluídas neste as línguas germânicas, dentre estas o escandinavo); 2. eslavo; 3. lituano; 4. latim; e 5. grego. No entanto, não publicou este estudo antes de Bopp, o que deu a este o reconhecimento de fundador do método histórico-comparativo (CÂMARA JR., 1975, p. 31).

No século XIX, o alemão August Schleicher, como botânico e naturalista, propôs estudar as línguas como seres vivos que crescem, envelhecem e, finalmente, morrem. Ele foi um dos primeiros a montar uma árvore linguística do indo-europeu (ver na Figura 1.2). Sua obra, *Gramática comparativa das línguas indo-europeias*, de 1862, é um marco do método comparativo.

Figura 1.2 | Árvore linguística do Indo-europeu de A. Schleicher



Fonte: Clackson (2007, p. 10).

Exemplos de comparações

Vejamos, por exemplo, o que aconteceu com a forma para expressar o numeral “oito” nas línguas românicas, que contam com uma evolução histórica de dois mil anos.

| Latim | Português | Espanhol | Italiano | Francês | Catalão | Romeno |
|-------|-----------|----------|----------|---------|---------|--------|
| octo | oito | ocho | otto | huit | vuit | opt |

A partir do quadro acima, estudiosos concluem que o grupo consonantal ct latino transformou-se em it em português, em it no francês, tt no italiano, ch no espanhol, pt em romeno. Todas as línguas românicas apresentaram o mesmo tipo de mudança para este segmento do latim ct. Veja o que acontece com a palavra “noite” e verifique se há ocorrência do mesmo fenômeno:

| Latim | Português | Espanhol | Italiano | Francês | Catalão | Romeno |
|----------|-----------|----------|----------|---------|---------|--------|
| nocte(m) | noite | noche | notte | nuit | nit | noapte |

Ambos os quadros mostram a regularidade das correspondências fonéticas entre algumas línguas provenientes da língua comum a que se convencionou chamar indo-europeu.

Veja a seguir a ocorrência da palavra “mãe” em diferentes países da Europa.

Figura 1.3 | Comparativo da palavra “mãe” em diferentes línguas europeias



Fonte: <<http://msalx.veja.abril.com.br/2014/08/09/0600/pe6Cx/mapacognatos-20120823-original.jpeg?1402460177>>. Acesso em: 24 ago. 2015.

O que você pode observar de imediato ao olhar para todas essas palavras? Todas se iniciam pela letra m. Naquelas que apresentam uma segunda sílaba, há uma variação de ocorrências das consoantes t e d.



Exemplificando

Marcos Bagno, na *Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro*, mostra como uma palavra latina originou uma palavra portuguesa pelo acréscimo de segmentos, como os que ocorrem em: stella > estrela; humile > humilde; úmeru > ombro.

Linhares (2015) analisa as transformações do latim para o português no processo de evolução. Os exemplos são casos de metaplasmos, alterações fonéticas apenas, já que as palavras mantêm a mesma significação. O acontece nas palavras seguintes?

stare > estar

spiritu > espírito

scutu > escudo

Houve o acréscimo de um fonema no início da palavra. Esse fenômeno é conhecido como prótese.

E nestas, o que você consegue perceber?

pro > por

supre > super

semper > sempre

inter > entre

Ocorreu o fenômeno da metátese, que é a mudança de lugar de um fonema

dentro da mesma sílaba.

Veja ainda estas palavras:

capio > caibo pigritia > pegriça > preguiça primariu > primeiro > primeiro

Você percebeu que alguns sons mudaram de sílaba? Isso porque ocorreu a hipérese, a transposição de um fonema de uma sílaba para outra. No português atual coloquial, por exemplo, isso ocorre em “tauba” (tábua), “estrupe” (estupro).



Faça você mesmo

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975. Em um trecho desta obra, o autor relata o caso de um leigo em linguística que propôs, com base na semelhança da palavra de origem tupi paranã (mar) e do termo em sânscrito purana (oceano), ser o tupi uma língua indo-europeia intimamente relacionada ao sânscrito. Isso seria possível?

No Brasil, nos anos 1900, surgiram tratados gramaticais que se ocuparam da história da língua, por exemplo, a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Manuel Said Ali (1861-1953), publicada em 1921, e, em 1938, *Pontos de Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho (1900-1965). Essa obra teve fundamental importância para a descrição e análise diacrônica do português. Em edições atuais, a obra chama-se *Gramática Histórica*. Veja também a *Gramática Comparativa Houaiss – quatro línguas românicas*, da Publifolha, cujos autores destacam as semelhanças entre quatro idiomas que têm o latim como origem comum, o português, o espanhol, o francês e o italiano, apresentando quadros comparativos de vocabulário e normas dessas línguas românicas.

1.2.2 Limitações da Gramática Histórico-Comparativa

Martelotta (2012) elenca algumas limitações da gramática histórico-comparativa. O autor observa, por exemplo, que os estudiosos restringiram sua visão a uma abordagem histórica do funcionamento gramatical, considerando-o apenas como o resultado de mudanças linguísticas regulares. Eles ignoraram a descrição do funcionamento da língua como um sistema de comunicação utilizado por falantes que, mesmo não conhecendo a história da língua, comunicam-se perfeitamente.

Outro motivo é o fato de ter-se produzido conhecimento sobre a história das línguas apenas a partir de sua estrutura interna. E, apesar de os neogramáticos terem facultado aos falantes a mudança linguística, não explicitaram, de modo mais sistemático, como os contextos de comunicação poderiam interferir no uso individual, limitando-se, nesse sentido, a descrever processos de analogia e empréstimo.

Ainda há mais uma limitação pelo fato dos comparatistas analisarem a língua em elementos isolados, ocupando-se em seguir suas transformações sem observar o funcionamento desses elementos dentro dos sistemas linguísticos de que faziam parte. Além disso, o método comparativo também postula que comunidades de uma mesma língua podem manter essa língua de maneira uniforme e independente mesmo que seus falantes sofram uma separação repentina e radical.

Weedwood (2002) também aponta que não se pode supor que as línguas descendentes de uma mesma língua-mãe sempre irão divergir, sem jamais convergir de novo, ao longo do tempo. Para a autora, pode ocorrer tanto a divergência quanto a convergência. A primeira ocorre quando o contato entre duas comunidades de falantes é reduzido ou interrompido; a segunda, quando as duas comunidades permanecem em contato e quando uma é política ou culturalmente dominante.

A concepção naturalista de Schleicher foi bastante criticada também devido ao modelo da árvore genealógica aplicado às línguas. Seus críticos dizem não existir nenhum ponto no tempo em que se possa dizer que novas línguas nasceram de uma língua-mãe comum. Também não é comum que uma língua-mãe viva por um tempo, inalterada, e em seguida morra. Como iremos estudar, temos um contraexemplo no próprio latim, que sofreu várias alterações no tempo e no espaço, servindo como base para o aparecimento de várias outras línguas – as românicas.



Refleta

O método comparativo se desenvolveu ao longo do século XIX para a reconstrução do protoindo-europeu e foi posteriormente aplicado ao estudo das demais famílias linguísticas. É possível estudar formas atuais de línguas aparentadas pelo método comparativo? Faz sentido produzir gramáticas histórico-comparadas nos dias de hoje?



Assimile

A gramática histórica estuda as transformações de uma língua no tempo e no espaço. Trata-se, portanto, de um estudo diacrônico, isto é, que investiga como a língua evolui e se modifica ao longo do tempo.



Pesquise mais

Para se aprofundar nos temas e abordagens tratados desde a aula anterior até a atual, uma ótima opção é: WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. Este livro, por meio de

uma linguagem clara e bastante didática, apresenta os estudos linguísticos desde sua origem até o século XX.



Vocabulário

Indo-europeu ou protoindo-europeu: língua hipotética da qual teriam derivado várias famílias linguísticas faladas na Europa e na Ásia; diz-se da língua-mãe dessas famílias, à qual se chega pela comparação entre as similaridades entre as línguas das subfamílias do que seria uma mesma árvore genealógica.

Sem medo de errar

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Dilermundo, como líder de seu grupo de estudos, para conseguir um resultado que posteriormente se traduza em efetiva aprendizagem, tanto para ele mesmo quanto para seus colegas de turma, deve:

- Estudar o componente teórico do LD relativo às gramáticas histórico-comparadas e os exemplos de comparações entre línguas.
- Realizar as leituras complementares indicadas no LD e na webaula.
- Rever as explicações dadas aos fatos encontrados.
- Pesquisar por outros exemplos existentes de outras subfamílias indo-europeias.
- Pesquisar as gramáticas histórico-comparadas existentes para ver como as análises são feitas.
- Organizar um quadro comparativo, semelhante aos apresentados nesta aula.
- Analisar as mudanças havidas entre as línguas escolhidas.
- Sugerir que os alunos busquem o tema estudado em outras fontes e compartilhem no grupo.

Agindo dessa maneira, os estudos dos alunos serão direcionados de maneira a focalizar o tema em estudo, contribuindo para que fixem o que é mais importante e saibam aplicar o que aprenderam – ou seja, reconhecer as alterações fônicas ocorridas em línguas aparentadas ou em uma mesma língua ao longo do tempo –, além de

procurar informação complementar, enriquecendo ainda mais a aprendizagem por meio da autoconstrução do conhecimento.



Atenção!

Ao realizar a comparação entre línguas, é necessário deixar bem claro na análise quais sons estão sendo comparados: vocálicos, consonantais, desaparecimento ou aparecimento de novos segmentos sonoros. Não esqueça de mostrar as mudanças na língua que você estiver comparando.



Lembre-se

Para ajudá-lo a fixar os conteúdos desta aula e ter segurança para fazer as comparações entre línguas aparentadas, vale a pena ler:

BRITO, Ana M. et al. **Gramática comparativa Houaiss**: quatro línguas românicas. São Paulo: Publifolha, 2011.

Seus autores destacam as semelhanças entre quatro idiomas que têm o latim como origem comum, o português, o espanhol, o francês e o italiano, e apresentam diversos quadros comparativos de vocabulário e normas dessas línguas românicas.

Veja também os exemplos dados no livro didático e consulte a obra: BAGNO, Marcos. **Gramática histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília, 2007.

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.

"Inglês e alemão"

| | |
|--|--|
| 1. Competência de fundamentos de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Conhecer e saber aplicar o método histórico-comparativo na análise de duas línguas. Reconhecer mudanças fônicas entre duas línguas. |
| 3. Conteúdos relacionados | Gramática histórico-comparativa, comparação entre línguas. |

| 4. Descrição da SP | <p>Paula é aluna do curso de Letras da Faculdade Morro Branco. Sua área de concentração é língua inglesa. Ela cursa a disciplina de História da Língua Inglesa, cuja professora pediu um pequeno trabalho de comparação entre o inglês e o alemão, visto que são línguas aparentadas (subfamília germânica) da família indo-europeia. O objetivo é verificar as alterações fonéticas entre ambas nas palavras do quadro a seguir:</p> <table border="1" data-bbox="700 425 1040 615"> <thead> <tr> <th>Inglês</th> <th>Alemão</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>book</td> <td>buch</td> </tr> <tr> <td>breast</td> <td>brust</td> </tr> <tr> <td>home</td> <td>heim</td> </tr> <tr> <td>stone</td> <td>stein</td> </tr> </tbody> </table> <p>Como Paula deve analisá-las?</p> | Inglês | Alemão | book | buch | breast | brust | home | heim | stone | stein |
|--------------------|--|--------|--------|------|------|--------|-------|------|------|-------|-------|
| Inglês | Alemão | | | | | | | | | | |
| book | buch | | | | | | | | | | |
| breast | brust | | | | | | | | | | |
| home | heim | | | | | | | | | | |
| stone | stein | | | | | | | | | | |
| 5. Resolução da SP | <p>Paula deve verificar as seguintes ocorrências:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vogal o longa no inglês passa a vogal u breve. - O ditongo ea em inglês passa ao hiato u. - O hiato o em inglês (duas últimas palavras) passa ao ditongo ei. - Nas duas últimas ocorrências houve o deslocamento da nasal para o final da palavra. | | | | | | | | | | |



Lembre-se

O inglês e o alemão são línguas provenientes do indo-europeu e fazem parte da família germânica, ao lado de outras línguas como o holandês, o africâner, o alemão, o frísio e o iídiche.



Faça você mesmo

Pesquise outras famílias de línguas provenientes do indo-europeu em:

LISTA de línguas indo-europeias. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_de_l%C3%ADnguas_indo-europeias&oldid=40473115>. Acesso em: 16 set. 2015.

Sugiro ainda procurar a distribuição delas nos continentes no link:

LÍNGUAS indo-europeias. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=L%C3%ADnguas_indo-europeias&oldid=42947929>. Acesso em: 16 set. 2015.

Faça, então, uma tabela comparativa das línguas estudadas, com comentários sobre as observações realizadas acerca das diferenças e semelhanças entre elas.

Faça valer a pena

1. Quais são os três enfoques de estudos da gramática histórico-comparada?

2. Qual o objetivo da gramática histórico-comparada?

3. Analise as afirmações a seguir sobre o método de estudo das gramáticas histórico-comparadas:
 - I. Seu objetivo é alcançar a língua ideal, sem equívocos e sem ambiguidades, de forma a garantir a perfeita comunicação entre os falantes.
 - II. Seu objetivo é estudar as semelhanças/diferenças entre línguas aparentadas para determinar sua origem comum.
 - III. Rasmus Rask foi o primeiro estudioso a fazer progressos na técnica da comparação histórica, mas Franz Bopp é oficialmente reconhecido como seu fundador.

Está correto o que se afirma em:

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) III.
- e) II e III.

Seção 1.3

A linguística histórica

Diálogo aberto

Em nossa primeira aula, além de começar a estudar sobre os comparatistas, você também aprendeu a respeito do movimento dos neogramáticos, na década de 1870, que significou um grande avanço nos estudos históricos da língua, uma vez que lhe conferiu um caráter mais científico e preciso. Mesmo com limitações, o enfoque fonético, o método e as técnicas dos neogramáticos muito influenciaram o modo de se estudar uma língua. Veremos, nesta aula, como essa corrente contribuiu para a constituição da Linguística Histórica.

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

Nosso cenário é a Faculdade Aristides Lima, na cidade de Taquarema. No curso de Letras foi destacado um professor da turma, o senhor Junqueira Fregni, para subsidiar a formação de grupos de estudos na disciplina de História da Língua Portuguesa. Ele deverá coordenar as atividades realizadas e, a cada semana de aula, apresentará aos alunos um novo desafio relativo ao conteúdo trabalhado.

Dentro do contexto acima descrito, surge uma situação-problema que você deverá tentar resolver. O professor Junqueira Fregni quer que os alunos entendam como os estudos dos neogramáticos deram origem aos métodos utilizados pela Linguística Histórica. Para isso, pede a Dilermando que oriente os integrantes do grupo a apresentarem um resumo do que estudaram sobre a Gramática Histórica e a Linguística Histórica, mostrando, sobretudo: a relação existente entre ambas; quais são os estudiosos mais importantes e por quê; quais eram os objetivos de uma e outra; quais as divergências entre os comparatistas e os neogramáticos; e qual o grande diferencial que os últimos introduziram na forma de estudar a língua.

Para resolver essa situação-problema, os alunos devem retomar os conceitos trabalhados desde as aulas iniciais: grupos de estudos históricos comparatistas e

neogramáticos; a constituição das gramáticas históricas e da linguística histórica. Deve ainda realizar as leituras complementares indicadas, bem como visitar os sites, assistir aos vídeos. Em seções anteriores, foi pedido a você, aluno, que fizesse um fichamento ou resumo de cada um desses materiais. É recomendável retomar esses resumos para construir um único texto, levando em consideração as diretrizes acima.

Para a resolução dessa situação, você deve ter sempre em vista as competências e os objetivos seguintes:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivo geral: Conhecer as metodologias de estudo da história da língua.

Objetivos específicos:

- Conhecer como se constituiu a Linguística Histórica.
- Conhecer as abordagens da Linguística Histórica para o estudo da história da língua.

Não pode faltar

1. Influência dos neogramáticos e a constituição da Linguística Histórica

Na última metade do século XIX, na Universidade de Leipzig, Alemanha, surge uma nova geração de estudiosos da língua que, ao questionar as práticas tradicionais dos comparatistas, estabelece uma orientação metodológica e um conjunto de postulados teóricos bastante distintos para interpretar a mudança linguística. Segundo Faraco (2005), o movimento neogramático foi um “divisor de águas na linguística histórica”, pois imprimiu a esta um maior rigor em seus procedimentos metodológicos. Como você estudou na primeira aula, Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919) inauguraram o movimento neogramático ao publicarem a revista *Investigações morfológicas*, em 1878, na qual criticavam a concepção naturalista da língua, como um ser vivo com existência independente do sujeito que a fala. O movimento teve inquestionável importância para o aprofundamento dos estudos histórico-comparativos e para o desenvolvimento do que, mais tarde, viria a ser propriamente a ciência da linguagem, ou a linguística. Apesar de trazer contribuições novas ao estudo e à compreensão da linguagem, tinha como pressuposto básico a abordagem histórica da língua, sem a qual acreditavam não ser possível seu estudo.

Que princípios gerais regem o movimento histórico das línguas? Quando uma

língua não sofre a mudança esperada – regularidades fonéticas, segundo a Lei de Grimm –, como interpretar isso, como explicar, sem recorrer à explicação pela exceção? Muito mais que expor as correspondências sistemáticas entre línguas de uma mesma família, por exemplo, o importante, para essa corrente, era criar uma teoria explicativa da mudança.

Ao contrário dos gramáticos histórico-comparatistas, o objetivo principal dos neogramáticos não era chegar à língua-mãe, à reconstrução da língua indo-europeia. Era importante entender a natureza dessas mudanças por meio da observação dos fenômenos que levaram à sua transformação, por meio do estudo das línguas vivas. O foco agora era nas línguas do presente e não nas do passado; na língua falada e não na escrita. Faraco (2005, p. 141) traduz um trecho desses autores em que eles criticam a corrente anterior dos comparatistas:

A linguística anterior, como ninguém pode negar, aproximava-se de seu objeto de investigação, as línguas indo-europeias, sem ter previamente construído uma ideia clara de como a linguagem humana realmente vive e se desenvolve, que fatores são ativos na fala e como esses fatores operando em conjunto causam a progressão e a mudança da substância da fala.

”

Assim, aproveitando-se de tudo quanto já fora descoberto, os neogramáticos concentraram seus trabalhos na mudança linguística e na sincronia, que estuda o estado da língua em um determinado momento do tempo, tal como ela pode ser observada. Para melhor entender o estudo sincrônico da língua, vamos recorrer à metáfora da partida de xadrez. Ao observar o jogo, há dois pontos de observação possíveis: cada etapa do jogo (perspectiva sincrônica) e o processo que leva de uma etapa para a outra ao longo do tempo do jogo (perspectiva diacrônica). No primeiro caso, descrevem-se os movimentos e estratégias de uma etapa isoladamente; no segundo, o conjunto de movimentos e estratégias durante várias etapas do jogo.

O mesmo tipo de abordagem pode ser aplicado ao estudo da língua. De qualquer maneira, ainda que se faça um recorte e se estude a língua em uma etapa isolada, pode-se ainda mostrar a relevância dos processos de mudança, olhando para a forma como o sistema todo foi afetado ao longo do tempo, pela atuação conjunta das mudanças de cada etapa, isto é, relativa a seus resultados nos sistemas estáticos.

A Linguística Histórica é uma disciplina científica, pois visa descrever os diferentes processos de mudança na história de uma língua ou família de línguas e construir hipóteses explicativas para os fenômenos encontrados, com base em quadros teóricos definidos. É importante destacar que a Linguística Histórica produziu conhecimento sobre as línguas por meio das gramáticas históricas. Estas não tinham

o objetivo de ditar regras de comportamento quanto ao certo e ao errado na fala e na escrita, como o faz a maioria das gramáticas normativas que você conhece, mas buscavam descrever as mudanças pelas quais as línguas passaram ao longo do tempo. Portanto, não tinham um caráter prescritivo, mas descritivo. Especificamente a partir da Linguística Histórica, passou-se a analisar as línguas por meio do estudo das marcas deixadas pelos processos de mudança, ou seja, buscou-se sistematizar as regras internas dos processos gerados por mudanças e que podem ser estudados a partir de seus resultados nas línguas.

Segundo Faraco (2005, p. 129), a Linguística Histórica nasceu nos fins do século XVIII, há aproximadamente 200 anos, divididos em dois grandes períodos: 1786 a 1878 (publicação do manifesto dos neogramáticos e período de formação e consolidação do método comparativo) e 1878 até os dias de hoje. O segundo período foi marcado por duas formas de conceber o estudo da mudança linguística: imanentista, isto é, a mudança é condicionada por fatores da própria língua, e subjetivista, em que atuam sobre a língua tanto fatores internos a ela quanto externos, como o contexto social ao qual pertencem os falantes. Na historiografia linguística da língua inglesa, o marco da linguística histórica deu-se quando o linguista amador sir William Jones (1746-1794) propôs que o grego, o latim e o sânscrito fariam parte de uma grande família linguística, descendentes de uma origem comum: o indo-europeu.



Assimile

A Linguística Histórica, ao ter como pressuposto básico a mudança da língua no decorrer do tempo, visa explicar, descrever, analisar como essas mudanças se dão e em função de que fatores, com o apoio de referenciais teóricos diversos. É, portanto, uma disciplina científica.

É interessante observar que o modo de entender a mudança linguística, bem como a orientação teórica escolhida para estudá-la, depende da concepção de linguagem adotada. Segundo Faraco (2005, p. 103), há duas formas de conceber a linguagem: como um objeto autônomo e independente e como um objeto essencialmente ligado à realidade social, histórica e cultural de seus falantes. Para a primeira concepção, a mudança decorre de rearranjos ou reorganizações internas da própria língua, em que a própria configuração do sistema direciona as mudanças. De acordo com a segunda, as atividades dos falantes, imersos em contextos histórico-político e social determinados, seriam responsáveis pelas mudanças.

As mudanças que afetam uma língua não são absolutamente mecânicas e regulares a curto prazo. Podem coexistir formas de diversos estágios de evolução, em qualquer estado real da língua, mesmo que, a longo prazo ou no espaço de várias gerações, a mudança quase sempre acabe afetando todas as palavras e todas as estruturas de um

determinado tipo. Isso ocorre porque, embora a língua apresente, em sua evolução, uma continuidade histórica, ela é também determinada por fatores diversos, tanto externos como internos. Os primeiros englobam as interferências do bilinguismo e da ação de adstratos, substratos e superstratos (ver vocabulário) que contribuem para simplificar, ampliar ou reestruturar o sistema. O próprio dinamismo das relações humanas pode determinar modificações no sentido de reajuste às necessidades de comunicação.

Já os fatores internos pertencem à própria natureza da língua e têm a ver com os princípios de equilíbrio e economia. As alterações fonéticas, por exemplo, afetam não só a função distintiva dos fonemas (características que diferenciam um som do outro), mas também seu rendimento funcional, isto é, a função que desempenham na formação ou no sentido de uma palavra. Por exemplo, a palavra *aurum* latina deu origem a ouro em português: o ditongo *au* transforma-se no ditongo *ou* para manter a simetria entre os fonemas, isto é, o equilíbrio, uma vez que as vogais *o* e *u* estão mais próximas na pronúncia quanto ao modo de articulação (ambas são arredondadas e anteriores), se comparadas à pronúncia das vogais *a* e *u*.

O princípio da economia, por sua vez, procura reduzir a redundância comum em qualquer língua, em que são deixados de lado elementos desnecessários para o estabelecimento da comunicação. Por exemplo, alguns fonemas finais das palavras são dispensáveis e por isso tendem a desaparecer ou permitem reduções como ocorre em *cine* (cinema), *pneu* (pneumático) etc. Pode ocorrer também em fonemas iniciais, como é comum no português coloquial: dizemos “*cê*” em vez de “*você*”; “*tá*” no lugar de “*está*”. É o que ocorreu em várias palavras derivadas do latim, como em: *fructus persicus* > *pêssego*; *vestis abbatina* > *batina*. Vê-se que nas mudanças existe uma luta constante entre duas forças opostas: liberdade de realizações individuais e ação integradora do sistema, isto é, os limites impostos pelas características próprias da língua.



Exemplificando

Em língua portuguesa, existem vários processos de formação de palavras. Um deles é chamado de redução. Você sabe de onde provêm as palavras *micro*, *auto*, *moto* e *otorrino*? São as formas reduzidas de *microcomputador*, *automóvel*, *motocicleta* e *otorrinolaringologista*.



Refleta

Que palavras você ouve ou fala que são exemplos de redução de sílabas ou fonemas em início de palavra ou no final dela?



Faça você mesmo

Que princípio rege a redução de sílabas ou fonemas que você citou no *Faça você mesmo*: o de equilíbrio ou de economia? Justifique sua resposta.

2. A contribuição de Hermann Paul

Você deve se lembrar da Lei de Grimm (1822), estudada em nossa primeira aula. Segundo essa lei, as consoantes do indo-europeu original /p/, /t/ e /k/ haviam mudado, na subfamília germânica, respectivamente, para /f/, /θ/ e /h/, sem explicar, no entanto, as várias exceções observadas. Então, em 1875, surge a Lei de Verner, elaborada pelo linguista dinamarquês Karl Verner. Ele mostrou que a lei de Grimm só era válida quando as consoantes /p/, /t/ e /k/ não ocorriam depois de sílabas fracas (âtonas) no primitivo indo-europeu. Assim, esses sons mudavam no germânico para /b/, /d/ e /g/, respectivamente. Os sons consonantais propostos, portanto, haviam passado por processos diferentes de mudança, ainda que regulares. Estava explicada, então, a exceção que ocorria em função do ambiente linguístico (entorno de um som/fonema: outros sons, sílabas, início ou fim de sílaba ou palavra, tonicidade etc.).

Cinco anos após a publicação da Lei de Verner, Hermann Paul (1846-1921), linguista alemão, publica *Princípios fundamentais*. Ele ficou conhecido dentre os neogramáticos por ter adotado o ponto de vista psicológico e subjetivista ao explicar a origem das mudanças linguísticas como fruto da ação dos falantes entre si. Ou seja, não eram apenas os fatores inerentes à própria língua – internos – que geravam mudança, mas também fatores psicológicos determinavam alterações nos sons, produziam analogias e inovações nos processos de formação de palavras. Ele também defendia que as mudanças linguísticas se originavam no processo de aquisição da língua e que os aspectos inferidos sobre a evolução de línguas particulares deveriam ser aplicados a todas as línguas estudadas, o que foi bastante importante para a identificação das regularidades dessas mudanças.

Para melhor compreender como se dão as mudanças fonéticas, isto é, relativas a um determinado som, Paul analisa as partes que compõem a fala, dividindo-a em três momentos:

a) Os movimentos dos órgãos fonadores, isto é, os movimentos que fazemos com nossa boca (língua, lábios, céu da boca, véu palatino, pregas vocais etc.) para a produção de uma palavra.

b) O sentido mecânico, isto é, a interpretação dada àquele conjunto de sons.

c) As sensações sonoras, com sua contraparte, as imagens da memória, isto é, como associamos a percepção do conjunto de sons às imagens de outros conjuntos

de sons presentes na memória (PAUL, 1983 apud CORRÊA, 2011).

Para a compreensão das alterações fonéticas, deve-se considerar as imagens que cada som enunciado deixa na memória do próprio falante e também do ouvinte, pois é a partir delas que o indivíduo tentará reproduzir novamente aquele som.

O estudioso observa que para essa reprodução, no entanto, o falante ou ouvinte não pode contar com mais do que o que sentiu ao produzir ou ouvir determinado som. Daí é que nasceriam as pequenas discrepâncias que podem vir a provocar uma alteração fonética na língua. Para Paul, parte da explicação da mudança estaria relacionada ao fato de as palavras serem uma série sonora indivisível e de sua produção ser feita de forma inconsciente pelos falantes.

Isto é, sendo sua produção e percepção um ato mecânico para os indivíduos, uma pequena alteração dificilmente seria levada em consideração – especialmente quando o indivíduo já possui uma imagem sonora prévia daquela palavra. Nesses casos, a nova sensação sonora se juntará à imagem anterior, formando uma espécie de “média” ou, mais ainda, se sobreporá às anteriores (CORRÊA, 2011, p. 29).

Isso não significa, porém, que os falantes não tenham um controle sobre sua fala; mais que isso, esse controle funcionaria barrando aquelas produções de sons e palavras que se afastassem demais do padrão ou da “imagem da memória”, como diz Paul. Ao pronunciarmos uma palavra, o modo como produzimos os sons que as compõem utilizando nossos órgãos fonadores podem produzir uma série de alterações que podem ser percebidas e toleradas pelos falantes como sendo possíveis no interior de uma dada língua. Podemos sentir grupos de sons diferentes como “essencialmente idênticos” (CORRÊA, 2011, p. 30). Essa seria uma das dificuldades para os que aprendem novas línguas e uma das vantagens ao nos comunicarmos com falantes de dialetos próximos.



Assimile

Hermann Paul abriu caminho para o estudo da mudança linguística tendo em vista a influência dos falantes. De certa maneira, ele foi um precursor dos estudos sociolinguísticos, que explicam as alterações na língua por meio de fatores exteriores a ela, como contexto histórico e social, região geográfica, faixa etária etc.



Pesquise mais

O livro de Carlos Alberto Faraco, *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas* (Parábola Editorial) é de fundamental importância para você ter uma visão panorâmica dessa corrente de estudos da linguagem, bem como conhecer a multiplicidade de orientações teóricas existentes na interpretação dos fenômenos da mudança linguística.



Vocabulário

Adstrato: toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como fonte permanente de empréstimos. Também pode referir-se a uma língua ou dialeto falado numa região próxima àquela em que se fala outra língua e que pode influenciar esta última na fonética, na sintaxe e, sobretudo, no léxico.

Bilinguismo: situação em que duas línguas coexistem, isto é, são faladas ao mesmo tempo, no mesmo espaço. O Canadá, por exemplo, é um país bilíngue, pois seus falantes dominam o inglês e o francês.

Substrato: nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política.

Superstrato: nome que se dá à língua de um povo conquistador, que a abandona para adotar a língua do povo vencido.

Sem medo de errar

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Dilermando, como líder de seu grupo de estudos, para conseguir um resultado que posteriormente se traduza em efetiva aprendizagem, tanto para si mesmo quanto para seus colegas de turma, deve:

- a) Retomar os estudos realizados nas aulas 1, 2 e 3 para relembrar os estudos comparativos, os neogramáticos, a gramática histórico-comparativa e a constituição da Linguística Histórica.
- b) Retomar os fichamentos realizados das leituras complementares relativas a

essas aulas.

c) Destacar os pontos mais importantes de cada uma das aulas, como principais abordagens, semelhanças e diferenças entre essas abordagens, estudiosos principais, marcos iniciais de teorias etc.

d) Organizar as informações de modo a mostrar a relação entre a gramática histórico-comparativa, os neogramáticos e a Linguística Histórica.

Seguindo esses passos, o grupo de estudos irá solidificar o conteúdo estudado, conseguindo focar nas informações importantes para atingir o objetivo proposto pelo professor Junqueira Fregni: que os alunos entendam como os estudos dos neogramáticos deram origem aos métodos utilizados pela Linguística Histórica. Dessa forma, irão se sentir mais seguros em relação a todo o conteúdo estudado, favorecendo a autonomia e autoconstrução do conhecimento.



Atenção!

Fazer um resumo não é copiar trechos do texto a ser resumido, mas dizer com suas próprias palavras o que você considera informação essencial para constituição de uma ideia, explicação de um tema etc.



Lembre-se

Ao reler os textos para fazer o resumo e resolver a situação-problema, é preciso lembrar que não existe uma separação no tempo entre os estudos da gramática histórico-comparativa e dos neogramáticos. O que diferencia ambos é a abordagem sobre a mudança na língua e a interpretação dessa mudança. Não são todos os neogramáticos que pensam da mesma forma, porém, alguns dentre estes passaram a considerar outros elementos – fora da língua – como fatores importantes de mudança.

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.

| "Português versus espanhol" | |
|---------------------------------------|--|
| 1. Competência de fundamentos de área | Não se aplica. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Entender como aplicar os conceitos de Hermann Paul a respeito das alterações fonéticas. |
| 3. Conteúdos relacionados | Contribuições de Hermann Paul à Linguística Histórica. Análise dos momentos que compõem a fala, segundo Hermann Paul. |
| 4. Descrição da SP | Um falante de espanhol, participante de um intercâmbio estudantil, muda-se para o Brasil. Paralelamente às aulas na faculdade, para aprender mais rápido o português, começa a ter aulas do novo idioma com um estudante de Letras. No entanto, depois de 6 meses de aula, ele ainda apresenta dificuldades em diferenciar os sons vocálicos abertos e fechados, como <i>o/ó, e/é</i> , em palavras como "céu" e "seu", "sol" e "sou". Explique por que isso acontece, utilizando as ideias de Hermann Paul. |
| 5. Resolução da SP | Paul diz que cada som enunciado deixa uma imagem sonora na memória do falante e é a partir dela que o indivíduo tentará reproduzir novamente aquele som. Como sua produção e percepção é um ato mecânico para o falante de determinada língua, uma pequena alteração dificilmente seria levada em consideração – especialmente quando o indivíduo já possui uma imagem sonora prévia daquela palavra. Por isso, é difícil para os falantes de espanhol diferenciar palavras com sons vocálicos abertos, pois nesta língua esse tipo de som não apresenta diferenciação quanto ao significado de uma palavra. |



Lembre-se

Para melhor compreender as mudanças nos sons, Paul analisa a fala dividindo-a em três momentos:

- a) Os movimentos dos órgãos fonadores.
- b) O sentido mecânico, isto é, a interpretação dada àquele conjunto de sons.
- c) As sensações sonoras, com sua contraparte, as imagens da memória.



Faça você mesmo

Pense em sons do inglês que você, como falante de português, tem dificuldade de reconhecer ou de pronunciar. Em que palavras eles aparecem? Reflita sobre o motivo dessa dificuldade. Com qual som do português esses sons do inglês se assemelham, fazendo com que você não consiga identificá-los ou reproduzi-los?

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa cujas palavras preenchem adequadamente as lacunas do trecho a seguir:

Os neogramáticos concentraram seus trabalhos na _____ linguística e na _____, que estuda o estado da _____ em um determinado momento do _____, tal como ela pode ser observada.

- a) história; sincronia; língua; estudo.
- b) mudança; sincronia; língua; tempo.
- c) produção; diacronia; história; tempo.
- d) história; diacronia; língua; estudo.
- e) mudança; sincronia; história; estudo.

2. Assinale a alternativa que expressa corretamente o objetivo da Linguística Histórica.

- a) Prescrever maneiras corretas de falar e escrever por meio do estudo da história da língua, a fim de verificar os usos corretos do passado e implantá-los no presente.
- b) Ditar regras de fala e escrita para que os falantes de uma língua possam se comunicar corretamente, sem erros, equívocos ou ambiguidades.
- c) Descrever as mudanças pelas quais as línguas passaram ao longo do tempo, para verificar quais seriam as mais perfeitas e corretas, para então construir sua gramática histórico-comparativa.
- d) Descrever os diferentes processos de mudança na história de uma língua ou família de línguas e construir hipóteses explicativas para os fenômenos encontrados, com base em quadros teóricos definidos.
- e) Analisar as línguas por meio do estudo de textos escritos, tais como certidões, contratos, documentos antigos, para daí inferir seu funcionamento.

3. Julgue como V (Verdadeiras) ou F (Falsas) as afirmações a seguir sobre a Linguística Histórica e assinale a alternativa correta.

() A Linguística Histórica nasceu nos fins do século XVIII, há aproximadamente 200 anos.

() Sua história pode ser dividida em dois grandes períodos: 1786 a 1878 e 1878 até os dias atuais.

() O primeiro período é marcado pela publicação do manifesto dos neogramáticos e pela formação e consolidação do método comparativo.

() O segundo é marcado por duas formas de conceber o estudo da mudança linguística: imanentista e subjetivista.

a) F, V, V, F.

b) V, V, F, V.

c) V, V, V, V.

d) F, F, F, F.

e) V, F, V, F.

Seção 1.4

A filologia

Diálogo aberto

Olá! Nesta aula, você aprenderá um pouco mais sobre uma outra forma de estudar a língua, que igualmente foi e ainda é muito utilizada para comparação entre línguas, determinação de parentesco, estudo de textos antigos, estabelecimento de autenticidade e/ou autoria. Parece um pouco com o que você já estudou nas outras aulas, não é mesmo? Isso porque existe uma relação bastante estreita entre a filologia e a linguística, que você estudará nesta seção.

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio.

A quarta situação-problema com a qual o grupo de estudos se depara é a seguinte. O professor Junqueira Fregni compartilha com Dilermando uma reportagem que noticia a descoberta de 9 textos inéditos do romancista brasileiro José de Alencar, que teriam sido veiculados no *Correio Mercantil* de 1851 a 1855, mas nunca publicados em livro. O autor da descoberta é o professor da Universidade Federal de São Carlos, Wilton Marques. Dilermando, então, é orientado a passar o link da reportagem (Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/08/1666109-nove-textos-de-jose-de-alencar-sao-descobertos-no-correio-mercantil.shtml>>. Acesso em: 21 set. 2015) ao seu grupo de estudos para que este entre em contato com os fatos relatados. Quando um texto inédito é descoberto, não basta olhar para sua assinatura e conferir o nome do autor para atestar sua autenticidade. É preciso avaliá-lo segundo certos critérios, a fim de estabelecer com segurança a época em que teria sido escrito e sua autoria. Tendo isso em vista, os alunos do grupo de estudos deverão refletir sobre quais aspectos devem ser levados em consideração no estudo desses textos inéditos a fim de determinar sua autenticidade e autoria.

Para resolver a situação-problema exposta acima, os alunos devem retomar os conceitos relacionados à filologia e refletir sobre algumas questões, tais como:

- Que características diferenciam uma obra da outra ou um autor de outro?
- Qual o estilo de escrita do autor e a qual escola literária ele pertence?
- Qual o contexto histórico e político em que ele viveu?

Para a resolução dessa situação, você deve ter sempre em vista as competências e os objetivos seguintes:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivo geral: Conhecer as metodologias de estudo da história da língua.

Objetivos específicos:

- Conhecer o conceito e o objeto de estudo da Filologia.
- Relacionar a filologia com os estudos da Linguística Histórica.

Não pode faltar

1.4.1 Conceito e objeto de estudo da filologia

Os primeiros estudiosos de documentos escritos de uma língua foram os alexandrinos, discípulos dos sofistas, já no século III a. C. Dentre eles, o representante mais célebre foi Aristófanos de Bizâncio, fundador do método que seu discípulo Aristarco de Samotrácia, diretor da Biblioteca de Alexandria, aplicou, mais tarde, ao estudo dos poemas de Homero. Esses primeiros filólogos desenvolveram, na Biblioteca de Alexandria, uma importante atividade editorial, centrada na cópia de manuscritos dos mais importantes e representativos autores do passado, cujos textos eram corrigidos e interpretados de acordo com determinadas normas por eles estabelecidas. A filologia, nas mãos dos alexandrinos, tornou-se então um conjunto de conhecimentos sistemáticos e ordenados, porém amplo e pouco profundo, uma vez que esperava-se que o filólogo possuísse não só conhecimentos linguísticos e literários, mas também históricos, geográficos, artísticos, retóricos etc. Ele era considerado a pessoa mais apta tanto para explicar os textos como para reconstruí-los, modernizá-los e restaurá-los.

Segundo o *Dicionário de Linguagem e Linguística* (TRASK, 2011, p. 110), a filologia é "o ramo da linguística histórica que trata da história das palavras e dos nomes próprios, tomados um a um". O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* conceitua a filologia como o estudo da língua em toda a sua amplitude e dos documentos escritos

que servem para documentá-la. A palavra Filologia é formada por dois elementos: *filo* (amor, apreço, estima especial) e *logia* (doutrina, ciência, erudição, conhecimento ou estudo científico). Contudo, tal palavra, desde seus primórdios, foi utilizada para nomear atividades e indagações que tinham a finalidade de preservar, fixar e interpretar textos. Além disso, para designar os homens que se distinguiam por sua cultura, erudição, vastidão de conhecimentos e culto pelas ciências da linguagem, foi utilizada a palavra filólogo, que, ao pé da letra, significa “amigo da palavra”.

Veja a seguir o quadro que mostra três acepções dos estudos filológicos:

1. Estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos.
2. Estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, baseado em documentos escritos nessas línguas.
3. Estudo científico de textos e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições.

Origem: ETIM lat. *philologia*,ae 'amor às letras, erudição, literatura', do gr. *philologia*,as 'necessidade de falar, conversação'.

Fonte: <<https://www.google.com.br/webhp?hl=pt-BR&authuser=0#hl=pt-BR&authuser=0&q=filologia>>. Acesso em: 16 set. 2015.

A partir desse quadro, podemos destacar como aplicações da Filologia as seguintes:

1. Comparação de línguas: Desde o século XIX, a filologia comparada preocupou-se em estudar as relações existentes entre línguas aparentadas. Assim, as semelhanças entre o sânscrito e as línguas europeias levaram a especulações sobre a possibilidade de existir uma língua ancestral comum a elas, o protoindo-europeu.

2. Reconstrução de textos: A ciência filológica também se ocupa da reconstrução dos textos originais de um autor, baseando-se no estudo das diferentes cópias de manuscritos conservados. Da mesma maneira, preocupa-se em determinar a paternidade literária de um texto, sua data de composição, procedência etc. É o caso, por exemplo, da reconstrução das primeiras versões dos evangelhos cristãos.

3. Ecdótica ou edição textual ou crítica textual: Segundo o dicionário Aurélio, diz

respeito à arte de descobrir e corrigir os erros de um documento escrito, preparando-lhe uma edição em que se procura estabelecer o texto perfeito, o mais próximo possível da sua forma originária, isto é, da forma pretendida pelo autor. A ecdótica se ocupa do texto na sua existência material e histórica e na sua função de testemunho documental e literário. A edição desses textos, tanto de autores clássicos como modernos, é acompanhada de dispositivos críticos que levam em consideração, para o seu estabelecimento, o contexto histórico, político e social em que tais textos foram produzidos.

A filologia, no plano linguístico, considera os vários aspectos da história das línguas: sua evolução, as influências que receberam, a fragmentação dialetal, bem como os fenômenos relacionados à fonologia, à morfologia, à sintaxe e ao léxico. No que diz respeito à literatura, trata dos autores e obras literárias, além de revisar a história da literatura através dos movimentos culturais e estéticos, as tendências e estilos mais relevantes. Analisa ainda temas, gêneros e formas literárias comuns a diversas línguas e culturas, além de discutir como as diferentes correntes de pensamento têm influenciado na estética, na arte e na comunicação ao longo do tempo. Segundo Carvalho (2003, p. 45), “as ‘filologias’ trabalham sobre as línguas, sobre os textos e sobre as culturas, a partir de motivações diferentes. Cabe, portanto, ao filólogo posicionar-se criticamente em relação aos objetos linguísticos, estético-literários e culturais”.

Trask (2011) observa que a filologia se subdivide em duas correntes: a etimologia e a onomástica. A primeira delas estuda a origem e a história de determinada palavra. Você sabe que toda língua tem um vocabulário próprio que contém milhares de palavras e que cada uma dessas palavras tem sua própria origem e história. Por exemplo, você nunca imaginaria que a palavra “salário” (derivada do latim *salarium*), cujo sentido atual é remuneração em dinheiro devida pelo empregador em face ao serviço prestado pelo empregado, significava, em sua origem, “pagamento com sal”. A palavra salário tem como origem o termo *salarium argentum*, que, na Roma Antiga, consistia na utilização do sal para o pagamento de serviços prestados. Ele tinha *status* de moeda, já que, durante muito tempo, foi uma mercadoria de difícil obtenção, principalmente no interior do continente europeu.

Os especialistas em etimologia devem ter um conhecimento substancial da língua pesquisada e ainda de cada uma das línguas vizinhas e a ela aparentadas. E qual a fonte de dados para o estudioso? Todo tipo de documentos antigos, dos quais ele extrai informações a respeito de uma palavra. Às vezes, pode acontecer de uma determinada palavra fazer parte de uma língua desde sua constituição como tal; nesse caso, considera-se que ela tenha sido herdada de uma língua antepassada. Por exemplo, a palavra “três” vem do latim vulgar *tres*, que deriva do itálico *tres*, continuação do protoindo-europeu **treyes*, uma reconstrução provável do antepassado das línguas românicas. É do mesmo latim que se originou o *tres* do espanhol, *trois* do francês, *tre* do italiano e *trei* do romeno.

Há casos em que a palavra não derivou de uma língua ancestral, mas entrou no idioma em algum momento do tempo, seja como empréstimo de uma língua vizinha, tais como “show”, “download”, “marketing”, dentre muitas outras, seja por ter sido cunhada pelo falante, que a adaptou utilizando recursos de sua própria língua, como no caso de “abajur”, “sutiã” e “quibe”. A palavra “deletar”, que com certeza você conhece como vinda do verbo inglês “to delete” (apagar), na verdade, teria migrado de um idioma para outro, pois, segundo estudiosos, vem do latim “delere” (apagar), tendo passado do francês para o inglês no século XVI. No português, acabou originando o adjetivo “indelével”, que não se pode apagar. No início do século XXI, sob a forma de verbo e com seu sentido original – deletar –, a palavra reapareceu no português como proveniente do inglês. Nesses casos, há um grande esforço dos etimologistas na tentativa de estabelecer exatamente quando a palavra teria sido usada pela primeira vez, onde, por quem e com qual sentido. Sem esses tipos de evidências, a etimologia não passaria de mera especulação.

Nós, brasileiros, costumamos ser bastante criativos quando se trata de criar uma nova palavra a partir de um empréstimo de outra língua. É o caso, por exemplo, de palavras como *sushi-bar*, *sushi-man*, showmício, portuga, x-tudo. Você deve conhecer vários outros exemplos.

Como você estudará mais tarde, utilizamos várias palavras emprestadas de várias línguas, sem muitas vezes nos darmos conta. Além do grego, do latim, do espanhol e do inglês, utilizamos palavras do francês, do árabe, do japonês, do italiano, do turco, do alemão, dentre outras.

A segunda vertente da filologia é a onomástica, que se dedica ao estudo da origem e história dos nomes próprios. Quando os estudos se referem a nomes de pessoas, sobrenomes e pronomes, dá-se o nome de antropônimos; quando são relativos a nomes de lugares (cidades, vilarejos, países, bairros), chamam-se topônimos. Já os hidrônimos referem-se aos nomes de cursos de água, enquanto os orônimos dizem respeito aos nomes de montanhas, vales, campos, estradas, ruas, casas, florestas.



Exemplificando

A maioria dos sobrenomes que circulam no Brasil tem origem portuguesa e chegou aqui com os colonizadores, ligados a diferentes regiões geográficas do país de origem. Por exemplo, Pedro, tendo nascido ou vindo da cidade portuguesa de Coimbra, passou a se chamar Pedro Coimbra, passando esse sobrenome a seus descendentes.

Segundo Trask (2011), os nomes próprios mudam mais radicalmente e de modo mais irregular do que as palavras comuns. Em Salvador (Bahia), há uma praia chamada Placaford. Você imagina por quê? É que antes havia na região um painel de divulgação

da montadora de carros Ford que servia como ponto de referência. Com o passar do tempo, já sem a presença da propaganda, a expressão “placa da Ford” transformou-se em Placaford, dando nome à praia local. Também não é simples relacionar o nome do conhecido time paulistano Corinthians com a cidade grega de Corinto, uma vez que Corinthians era o nome de um grupo de futebolistas ingleses, que passou por São Paulo no início do século XX, para exibir o novo esporte.



Assimile

A filologia subdivide-se em duas correntes: a etimologia e a onomástica. Ambas representam estudos históricos. A primeira dedica-se a descobrir a origem das palavras comuns e a segunda estuda a origem dos nomes próprios (pessoas, cidades, acidentes geográficos e hidrográficos).



Faça você mesmo

Faça uma pesquisa em sites na internet e descubra a origem do seu sobrenome (se for o caso, o que você recebeu tanto de seu pai quanto de sua mãe). Por exemplo, se você se chama Vitor Pires Lima, provavelmente Pires é herdado de sua mãe e Lima de seu pai. Pesquise a origem de ambos e o significado, se houver.



Refleta

Por que nem sempre é recomendável fazer suposições a respeito da origem e/ou significado de certos nomes como Evilson – em inglês significaria “filho do mal” – ou Carnaval, cujo sentido corrente é “festa da carne”, sendo que, de acordo com a origem latina, é justamente o contrário, significando “adeus à carne”?

1.4.2 Relação da Filologia com a Linguística Histórica

Você deve se lembrar que, dentre os estudiosos da linguística histórica, alguns dedicavam-se a determinar as relações de parentesco entre as línguas e explicitar como se estruturam as famílias linguísticas encontradas. Outros buscavam determinar as mudanças específicas pelas quais algumas línguas passaram; outros ainda desejavam encontrar os princípios gerais da mudança linguística. Um outro grupo estaria interessado na identificação das origens de palavras ou nomes próprios específicos, a fim de traçar a história desses elementos ao longo do tempo. Todos esses tipos

de investigação estavam abaixo do nome da filologia, e parte das tarefas às quais os filólogos se dedicavam no estudo da língua são idênticas aos estudiosos da Linguística Histórica, conforme você verá.

A grande tônica da filologia do século XIX e da primeira metade do século XX confundiu-se muito com os estudos comparativos realizados no âmbito da Linguística Histórica e, por isso, ambas as ciências foram consideradas como sinônimas. Swiggers (1998, p. 7) observa que:

[...] a filologia é a disciplina que, partindo dos textos – quer se trate dos Vedas, da epopeia dos Mahabharata, da Bíblia gótica, da poesia dos trovadores provençais – estuda estados de língua, compara-os a outros estados da mesma língua ou a cortes sincrônicos de outras línguas, a fim de reconstituir a história de uma língua ou de uma família de línguas.

Essa descrição é praticamente a mesma que você estudou sobre a Gramática Histórico-Comparativa e a Linguística Histórica, lembra-se? Essa filologia do século XIX, chamada de filologia comparativa ou ciência comparativa das línguas era, de fato, profundamente linguística. Swiggers (1998) diz que no mundo anglo-saxão o termo filologia foi um testemunho direto desse estado de coisas e, se ela ultrapassava o quadro linguístico, era mais para abrir-se à história dos povos e das culturas que para satisfazer-se nos estudos literários ou estilísticos.

Atualmente, há uma tendência de se associar o termo Filologia ao estudo do texto, reservando-se o termo Linguística para identificar o estudo científico da linguagem humana. No entanto, os estudos linguísticos se utilizam dos estudos filológicos. Veja o que diz Meillet a esse respeito:

Para determinar os estados de língua do passado, o linguista deve servir-se da mais exata filologia, da mais precisa: e cada progresso na precisão filológica permite um novo progresso para o linguista. O contato cada vez mais estreito que, felizmente, se estabeleceu entre filólogos e comparatistas, é necessário para que o linguista possa utilizar todos os fatos, fatos seguros, e fatos observados com a máxima precisão. Sozinha, contudo, a filologia não traz nem mesmo um começo de história linguística (MEILLET, 1925, p. 11).

A Filologia toma, então, como objeto de análise, o discurso dos linguistas e, de

modo bem particular, a sua terminologia descritiva, isto é, os modos de referir-se aos fenômenos linguísticos encontrados. Por outro lado, o trabalho filológico ajuda os linguistas a reconstruir a perspectiva temporal na história das línguas. “A descoberta da cronologia interna é o resultado de um trabalho combinado de filologia e de linguística: é este trabalho que é o fundamento da verdadeira linguística histórica” (SWIGGERS, 1998, p. 15).

Assim, a filologia deixa à ciência linguística a tarefa de descrever os sistemas linguísticos, sem, no entanto, abrir mão de estudá-los, realizando sua interpretação com a maior precisão e simplicidade possível, explicando-o, ensinando-o e contribuindo para a preservação da memória cultural do povo que utilizou as línguas que já não se usam efetivamente, mas permanecem nos textos antigos. Silva (2011) sintetiza muito bem a importância dos estudos filológicos ao afirmar que apesar de não ser a língua o objetivo do estudo filológico, ela é a matéria por meio da qual, em sua forma escrita, se manifesta a cultura dos povos, cuja preservação é da responsabilidade dos filólogos. Observa ainda que não é possível buscar um objetivo sem compreender bem o objeto no qual ele se manifesta e se preserva: os textos das diversas línguas.



Assimile

Veja a diferença entre Filologia e Linguística. Esta relaciona-se ao estudo científico das línguas do ponto de vista sincrônico, isto é, tal como ela se apresenta em um determinado momento do tempo. Já a Linguística Histórica estuda a língua em sua própria evolução no tempo (ponto de vista diacrônico) ou em comparação a outras línguas a ela semelhantes. A Filologia, em termos mais gerais, ocupa-se do processo de transmissão dos textos, a fim de restituir e fixar sua forma original, tanto dos literários quanto dos não literários.



Pesquise mais

Vá até o interessante site do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* em sua versão on-line e observe a origem de várias palavras que você usa em seu dia a dia. Vale a pena conferir! Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2015.



Vocabulário

Anglo-saxão: denominação dada à fusão dos povos germânicos (anglos, saxões e jutos) que se fixaram no sul e leste da Grã-Bretanha no século V, e à criação da nação inglesa, para a conquista normanda da Inglaterra de 1066.

Diacrônico: perspectiva de estudo da língua cujo foco é sua evolução ao longo do tempo e as mudanças pelas quais ela passou.

Homero: Foi um poeta épico da Grécia Antiga, ao qual tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*. Os gregos antigos geralmente acreditavam que Homero era um indivíduo histórico, mas estudiosos modernos são céticos, já que nenhuma informação biográfica de confiança foi transmitida desde a antiguidade clássica.

Sincrônico: perspectiva de estudo da língua que visa descrevê-la tal como ela se apresenta em um determinado momento do tempo, tal como a encontramos nesse momento.

Sofistas: famosos oradores da Antiguidade, que buscavam influenciar, convencer a outros de uma verdade com base em argumentos aparentemente lógicos, mas muitas vezes esvaziado de sentido.

Sem medo de errar

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Dilermando, como líder de seu grupo de estudos, para conseguir um resultado que posteriormente se traduza em efetiva aprendizagem, tanto para si mesmo quanto para seus colegas de turma, deve:

- Retomar os estudos realizados na aula 3 para lembrar os aspectos principais da Linguística Histórica.
- Ler a reportagem sobre os textos inéditos supostamente de autoria de José de Alencar.
- Pesquisar sobre o autor José de Alencar, focando suas obras principais, a temática de suas obras, seu estilo, a corrente literária na qual foi enquadrado e o contexto histórico no qual viveu.
- Entrar em contato com alguns livros produzidos pelo autor (*Iracema, O tronco do ipê, A viúva, Senhora* etc.).
- Discutir em grupo sobre as características de estilo da escrita e das obras (temática, modo de abordagem dos temas etc.).

Seguindo esses passos, o grupo de estudos irá solidificar o conteúdo estudado,

conseguindo focar nas informações importantes para atingir o objetivo proposto pelo professor Junqueira Fregni: discutir os critérios e aspectos que o filólogo deve considerar antes de começar o trabalho de estabelecer a autenticidade e autoria de um texto atribuído a este ou aquele autor.



Atenção!

Para resolução da situação-problema, não é necessário realizar análise literária dos romances de José de Alencar. Não é este o objetivo da atividade.



Lembre-se

Para saber mais sobre o estabelecimento da autenticidade de um texto, veja o artigo:

SILVA, José Pereira da. **A crítica textual e a autenticidade das informações preservadas nos textos**. s/d. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiisenefil/01.html>>. Acesso em: 13 out. 2015.

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas e com o gabarito disponibilizado no apêndice do livro.

"Barbaridade!"

| | |
|--|---|
| 1. Competência de Fundamentos de Área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Reconhecer a origem de uma palavra. Verificar como o significado das palavras pode mudar ao longo do tempo. |
| 3. Conteúdos relacionados | Estudo da origem de uma palavra: etimologia. |
| 4. Descrição da SP | A professora de português de uma sala do Ensino Médio está ensinando aos seus alunos sobre os diferentes significados que uma palavra pode adquirir ao longo do tempo. Para isso, usa como exemplo a palavra "bárbaro", que, segundo o <i>Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa</i> , era utilizada pelos gregos e romanos para referir-se ao que era estrangeiro e, portanto, selvagem e inculto, já que o "bárbaro" não dominava os idiomas desses povos. |

| | |
|--------------------|--|
| | Ela explica que, nas gramáticas normativas atuais, "barbarismo" é o nome dado ao vício de linguagem que consiste em usar uma palavra com erro de grafia, pronúncia, significação, flexão ou formação. A professora, então, pede a seus alunos que expliquem qual a relação entre o significado de barbarismo e a palavra que lhe deu origem. |
| 5. Resolução da SP | Os povos estrangeiros que não dominavam o grego e o latim eram considerados ignorantes e incultos. Provavelmente tentavam se comunicar nessas línguas, mas o faziam de forma incorreta. Com isso, nos dias atuais, quem utiliza uma língua de maneira indevida, seja na escrita, pronúncia ou significação, estaria cometendo um barbarismo. |



Lembre-se

Antes de utilizar palavras cujo sentido você desconhece ou não tem muita certeza, é recomendável dar uma olhada no dicionário, melhor ainda se for um etimológico, que traz a origem da palavra. Dessa forma, você poderá usá-la com propriedade e conhecerá também o sentido de outras palavras que dela derivem.



Faça você mesmo

Designam-se *alumni* (do latim *alumnus* – aluno, pupilo, educando), normalmente, as pessoas que se formaram em uma instituição superior. Por *alumni* também foram originalmente chamados os soldados feridos ou já reformados do Império Romano, que tinham de ser alimentados gratuitamente. Na Idade Média, os alunos dos seminários dos clérigos foram acolhidos e alimentados pelos padres e designados por *alumni* (Fonte: <<http://www.unisuam.edu.br/index.php/sobre-o-alumni>>. Acesso em: 21 set. 2015).

Levando em consideração a origem da palavra "aluno" e a evolução do seu significado ao longo do tempo, explique como isso tudo se relaciona ao uso atual dessa palavra.

Além disso, vá até o site do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* em sua versão on-line e observe a origem de várias palavras que você usa em seu dia a dia. Vale a pena conferir! Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 14 set. 2015.

Faça valer a pena

1. Leia a seguir o poema do poeta concretista Haroldo de Campos:

| | |
|----------------|--------------------|
| de sol a sol | de suco a suco |
| soldado | sugado |
| de sal a sal | de sono a sono |
| salgado | sonado |
| de sova a sova | sangrado |
| sovado | de sangue a sangue |

A respeito das palavras nele utilizadas, é correto afirmar que:

- Não têm relação alguma umas com as outras.
- São palavras utilizadas de forma aleatória, sem sentido.
- Apresentam uma relação de palavra original e palavra derivada.
- Algumas são inventadas, pois não há registro delas no dicionário.
- Apresentam em comum apenas o som consonantal expresso pelo s.

2. Assinale a alternativa cujas palavras preenchem adequadamente as lacunas do trecho a seguir:

A _____, no plano linguístico, considera os vários aspectos da _____ das línguas: sua evolução, as _____ que receberam, a fragmentação dialetal, bem como os fenômenos relacionados à fonologia, à morfologia, à sintaxe e ao _____.

- linguística; evolução; mudanças; vocabulário.
- filologia; mudança; influências; sentido.
- gramática histórica; evolução; mudanças; tempo.
- filologia; história; influências; léxico.
- linguística histórica; evolução; interferências; vocabulário.

3. Assinale a alternativa que expressa corretamente o objetivo da Filologia.

- a) Prescrever maneiras corretas de falar e escrever por meio do estudo da história da língua, a fim de verificar os usos corretos do passado e implantá-los no presente.
- b) Ditar regras de fala e escrita para que os falantes de uma língua possam se comunicar corretamente, sem erros, equívocos ou ambiguidades.
- c) Estabelecer os autores mais renomados da literatura representativa de um país a fim de conservar seu acervo bibliográfico e preservar sua memória.
- d) Comparar línguas aparentadas para determinar quais, dentre elas, apresentam maior correção, maior pureza e riqueza quanto ao número de palavras para expressar-se sobre o mundo.
- e) Além de estudar a história das palavras e dos nomes próprios, dedica-se também ao estudo de vários tipos de registros escritos que servem para documentar uma língua.

Referências

FARACO, Carlos. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ILARI, Rodolfo. **Linguística histórica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004. 285 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico – INL, 1965.

CARVALHO, Rosa Borges Santos. A filologia e seu objeto: diferentes perspectivas de estudo. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 9, p. 44-50, maio/ago. 2003. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(26\)03.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(26)03.htm)>. Acesso em: 13 out. 2015.

CLACKSON, James. **Indo-European linguistics**. Cambridge: CUP, 2007.

CORRÊA, Elisa F. de S. A ideia de mudança em Hermann Paul e seu legado no gerativismo e na sociolinguística variacionista. **Diadorim** – Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 8, p. 27-42, 2011. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/186/191>>. Acesso em: 8 set. 2015.

CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

LINHARES, Alan de A. Gramática histórico-comparativa: contribuições para a formação de línguas modernas. **Verbum Cadernos de pós-graduação**, n. 7, p. 34-46, 2015.

MARTELOTTA, Mario E. (Org.) **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MEILLET, A. **La méthode comparative en linguistique historique**. Paris: Champion, 1925.

SILVA, José Pereira da. O método em filologia. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 17, n. 50, set./dez. 2011.

SWIGGERS, Pierre. Filologia e linguística: enlace, divórcio, reconciliação. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 5-18, 1998. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HvxWbLgc2p0J:www.revistas.usp.br/flp/>>

article/download/59656/62752+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 18 set. 2015.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. Trad. Rodolfo Ilari. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Convite ao estudo

Olá, tudo bem? Agora que você já aprendeu sobre como eram realizados os estudos a respeito da história das línguas, principalmente por meio do método comparativo que deu origem às gramáticas históricas (aquelas que comparavam línguas entre si), agora, nesta unidade, partiremos da língua que de fato teria dado origem à nossa: o latim. Como o latim se espalhou, contribuindo para a constituição de tantas outras línguas? Como foi esse processo, quanto tempo durou? Quais os reflexos que temos disso em nossa língua atual?

Você aprenderá também estratégias que o ajudarão a ter um melhor aproveitamento daquilo que lê, facilitando até mesmo a apreensão de conteúdos em seus estudos, não só nesta como em outras disciplinas do seu curso. Veja as competências que você adquirirá ao final desta unidade e quais são os objetivos a serem atingidos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Conhecer como se deu a difusão do latim na Península Ibérica.
- Conhecer os períodos pelos quais passou a língua latina.
- Conhecer as diferenças entre o latim clássico e o latim vulgar.
- Conhecer os fatores dialetais que agiram sobre a constituição do latim vulgar.

Para que o conhecimento adquirido não fique só na teoria e você possa aplicá-lo em situações com as quais pode se deparar em seu dia a dia ou em sua prática como futuro professor, faremos uma reflexão em torno de um problema

que, desenvolvido passo a passo, terá uma resposta ao final desta unidade. A cada seção discutiremos um aspecto do problema para que você possa compreender quais escolhas devem ser feitas e seus respectivos motivos. Assim, analise a situação a seguir:

Programas de intercâmbio estudantil são bastante comuns hoje em dia. Desde o Ensino Médio – ou *High School*, em inglês norte-americano – até a universidade, alunos de graduação e de pós-graduação, de diferentes nacionalidades, têm a oportunidade de estudar em outro país e aprender sua língua e cultura. Esse tipo de intercâmbio recebe o nome de graduação ou pós-graduação “sanduíche”. A Universidade Colina Verde, localizada na região sudeste do Brasil, possui um convênio com a Universidade de Sponsor Ville, dos Estados Unidos, e recebe estudantes de vários cursos, a partir do segundo ano. Steve McQueen, estudante do curso *degree in language*, equivalente ao de Letras, pretende se aprofundar no estudo da língua portuguesa e, por isso, virá ao Brasil como intercambista para, durante seis meses, fazer a “graduação sanduíche” na referida universidade. Ele cursará duas disciplinas: História da Língua Portuguesa e Língua e Literatura Brasileira. Steve será seu companheiro nesta unidade, pois a cada aula ele será desafiado a solucionar uma situação-problema ligada ao que estiver aprendendo, o que o levará a conhecer a história da constituição do português brasileiro, um bom ponto de partida para imergir no aprendizado de um novo idioma. Para que Steve compreenda de maneira proficiente o estabelecimento do português brasileiro como língua moderna, ele deverá iniciar seus estudos pela língua vernácula da qual a língua de Camões se originou: o Latim.

Na Seção 2.1, você verá como o latim se espalhou da pequena cidade de Lácio para as regiões conquistadas pelo Império Romano. Na Seção 2.2, aprenderá sobre o latim vulgar e o latim clássico bem como as diferenças entre eles. Na Seção 2.3, aprenderá sobre como se deu a formação das “irmãs” da língua portuguesa: as línguas românicas. Finalmente, na Seção 2.4, aprenderá sobre os períodos pelos quais passou o latim até chegar à língua portuguesa.

Pronto para começar? Então, vamos lá!

Seção 2.1

A expansão do latim

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

Steve McQueen, estudante do curso *degree in language*, equivalente ao de Letras, da Universidade de Sponsor Ville, nos Estados Unidos, pretende se aprofundar no estudo da língua portuguesa, e por isso virá ao Brasil como intercambista. Durante seis meses ele fará a graduação sanduíche na Universidade Colina Verde. Ele cursará duas disciplinas: “História da Língua Portuguesa” e “Cultura Brasileira – Língua e Literatura”. Steve será seu companheiro nesta unidade, pois a cada aula ele será desafiado a solucionar uma situação-problema ligada ao que estiver aprendendo, o que o levará a conhecer a história da constituição do português brasileiro, um bom ponto de partida para imergir no aprendizado de um novo idioma.

Seu primeiro desafio começa quando ele vai à sua primeira aula na universidade. O professor da disciplina de História da Língua Portuguesa pede para os alunos lerem os textos indicados na bibliografia e anotarem as perguntas, caso tenham alguma dúvida. Pediu que os alunos se reunissem em grupos e se imaginassem na seguinte situação: “Você é um soldado romano do século II a.C. e tem participado de forças militares de conquista e domínio de território. Narre, desse ponto de vista, quais foram os territórios ocupados, quais povos habitavam neles e que línguas falavam. Explique também como você, enquanto soldado, contribuiu para o surgimento de um novo idioma entre esses povos subjugados.”

Para resolver a situação-problema exposta, você deve ler o livro didático da aula correspondente e realizar as leituras complementares indicadas, bem como visitar os sites, assistir aos vídeos e fazer um fichamento ou resumo de cada um desses materiais. Deve pesquisar sobre a origem do latim, isto é, de que região geográfica se originou, quem o falava, como a língua se espalhou e refletir sobre qual o papel dos soldados na disseminação do latim, já que os militares é que invadiam e conquistavam territórios para anexar ao crescente Império Romano. O desafio para Steve será:

- Saber como o latim chegou à Roma antiga.
- Saber como o latim chegou a outros países da Península Ibérica.

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Saber como o latim se originou na Roma antiga.
- Saber como o latim chegou a outros países da Península Ibérica.

Não pode faltar

1. Latinização da Roma Antiga

Você já ouviu uma música do cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso chamada *Língua*? Veja como ela começa:

Flor do Lácio sambódromo *Lusamérica* latim em pó
O que quer e o que pode essa língua?

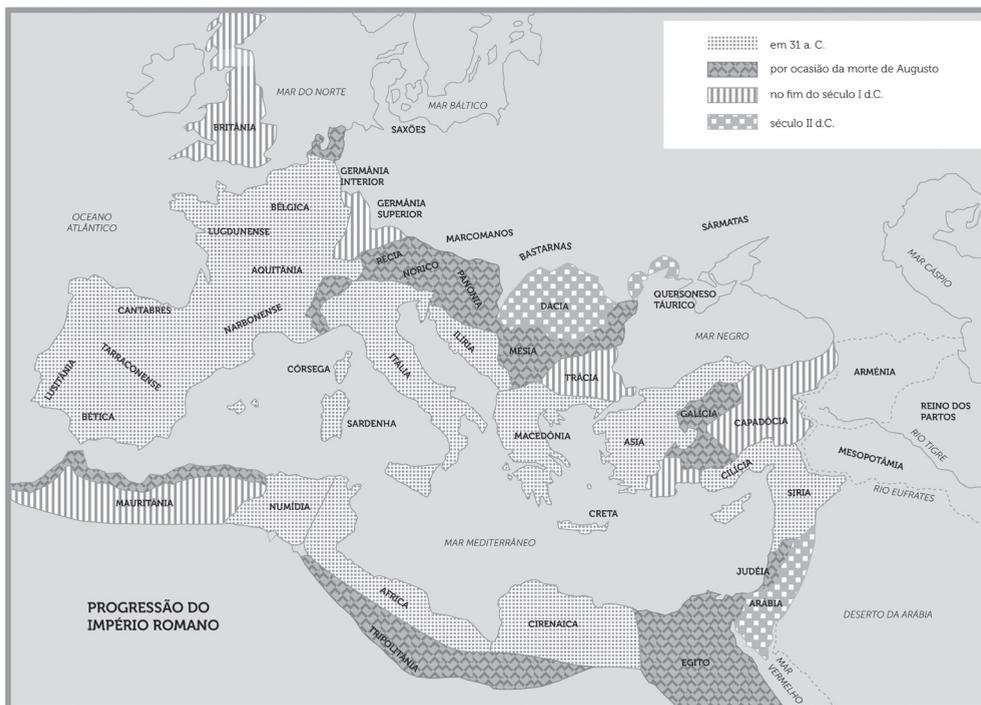
Agora, veja a primeira estrofe do poema de Olavo Bilac (1865-1918), *Língua Portuguesa*:

*Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela.*

O que ambas têm em comum? Se você respondeu “Flor do Lácio”, está correto! Olavo Bilac, no primeiro verso “Última flor do Lácio, inculta e bela”, refere-se ao português, última língua derivada do latim vulgar falado no Lácio, ou Latium, região da Itália. É por isso que o povo dessa região era chamado de latino e falava a língua latina, ou latim. Vulgar e inculta – como diz Bilac – porque era a língua falada pelos soldados, camponeses e camadas populares, muito diferente do latim clássico, empregado pelas classes superiores. Para o poeta, mesmo sendo originada de uma linguagem popular, a Língua Portuguesa era plena de beleza.

Essa região – o Lácio –, apesar de simples cidadela, tinha uma localização estratégica, e passou a exercer o domínio territorial sobre importantes cidades ao redor. Foi uma questão de tempo para que os romanos, com espírito político e guerreiro, tivessem dominado toda a Itália no século III a.C. Veja a seguir essa rápida progressão:

Figura 2.1 | Mapa da Europa meridional com a progressão da expansão do Império Romano



Fonte: <<https://grupoelp1.files.wordpress.com/2013/06/expandir-para-conquistar.jpg>>. Acesso em: 02 out. 2015.

Com o aumento do poder veio a ambição da conquista e os exércitos romanos se espalharam, subjugaram povos por séculos e impuseram seus costumes e, evidentemente, sua língua: o latim vulgar. Ocorreu então a “romanização” ou latinização de povos, que, mesmo sem serem romanos, assimilaram fortemente a influência do conquistador em várias áreas da vida diária. O imperador Caracala, no ano de 212, concedeu a todos os habitantes do império a cidadania romana (SPINA, 2008).



Assimile

A palavra latim deriva de Latium, que traduzido para o português é Lácio, cidadela romana estrategicamente localizada, onde viviam os latinos – adjetivo pátrio do habitante de Latium. Teria sido ela o berço dessa língua de origem indo-europeia que, mais tarde, originou as demais línguas românicas: português, espanhol, francês, italiano, romeno, catalão, provençal, reto-romano, sardo e dalmático.

O latim passou, então, a ser a língua falada na Itália antiga e, mesmo sem ter sido imposto pelo Império, acabou enfraquecendo todas as demais línguas do país, como o osco e o umbro, de regiões que envolviam o Lácio, que eram geneticamente muito próximas ao latim, pertencendo ao ramo indo-europeu. Havia ainda várias outras línguas de diferentes famílias linguísticas, como o etrusco e o lígure (sul da Gália), o messápico (Calábria), o venécio, o ilírio e o sículo. O grego também predominava em boa parte da Anatólia e do Mediterrâneo oriental (ILARI, 2004). Assim, o latim vulgar esteve em contato com diversas línguas por décadas e inevitavelmente sofreu influência delas antes de vir a formar as línguas latinas que conhecemos atualmente. A língua e cultura gregas, por exemplo, em decorrência de seus domínios, também deixou um legado significativo no latim, herança esta que entrou na composição do léxico da língua portuguesa, razão pela qual temos centenas de palavras formadas por radicais, sufixos e prefixos gregos, tais como: *logia*, *bios*, *penta*, *antropos*, *hemo*, *philos*, dentre muitos outros.

Ao conquistarem um povo, os romanos adotavam uma política bastante aberta para a época, pois impunham as leis romanas e exploravam economicamente os povos vencidos, por meio de impostos, mas permitiam que eles mantivessem suas tradições religiosas e sua língua materna, ao menos entre si.

Soldados, comerciantes e artesãos romanos misturaram-se aos povos dominados, convivendo com eles, contribuindo assim para a disseminação do latim nessas regiões, ainda mais se considerarmos que apenas uma pequena parcela da população tinha acesso ao latim correto, chamado de *sermo urbanus*. Porém, o principal ator dessa latinização foi o exército romano, composto por soldados provenientes de diferentes províncias do Império, todos falantes do latim corrompido. Milhares de homens, espalhados entre os chamados romanizados, transmitiam a língua falada nos acampamentos militares – o *sermo militaris* ou *castrenses* – aos habitantes da cidade e do campo. Ao mesmo tempo em que ensinava a sua língua e a sua pronúncia, o soldado romano aprendia a prosódia e a língua de seus companheiros, dando origem a um latim mesclado de dialetos afins, que apresentavam arcaísmos condenados pelos eruditos de Roma.

As escolas de latim que havia em algumas cidades das províncias na época imperial eram frequentadas apenas por pessoas letradas da aristocracia e autores latinos, cujo latim aproximava-se daquele correto, falado na metrópole. Ainda assim, estes mantinham contato com o latim “corrompido”, ou *sermo plebeius* ou *vulgaris*, falado pela massa sem instrução ou escolaridade.

Os movimentos de conquistas romanas continuaram até pouco depois do século I da Era Cristã. Roma tornou-se a capital do mundo e implantou seu império oficialmente em 27 a.C. O vasto império, no entanto, começou a apresentar problemas de logística: dificuldades de transporte e de locomoção, grandes distâncias – o que dificultava o controle de seus domínios. Além disso, os

sistemas econômico, social e político do Império Romano passaram por uma séria crise, a partir do século III, chegando à sua completa desintegração no século V. A doutrina cristã, implantada pelo imperador Constantino em 313, por meio do Edito de Milão, transformada em religião oficial do Império em 391, garantiu a liberdade religiosa aos cristãos, aboliu o paganismo e proibiu a escravidão. Este fato resultou na diminuição da produção nos latifúndios devido à escassez da mão de obra escrava. Somado a isso, várias pestes de origem asiática assolaram a Europa entre os séculos II e III (SPINA, 2008).

Conforme a civilização greco-romana foi chegando ao fim, muitos dos elementos do latim vulgar utilizado pelos camponeses e pela plebe urbana, durante a época imperial, penetraram nas camadas sociais mais cultas, sobretudo nas províncias, onde, ao lado das influências das línguas dos povos conquistados, evoluiu até tomar o lugar do latim clássico, utilizado pela elite letrada. Foi um processo lento, que só se completou depois que as línguas românicas ganharam a forma literária, na Idade Média. Coutinho resume bem esse fato:

A princípio, o que existia era simplesmente o latim. Depois o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se tornam cada vez mais distintos: o clássico e o vulgar. Não eram duas línguas diferentes, mas dois aspectos da mesma língua. [...] Essas duas modalidades do latim [...] receberam dos romanos a denominação respectivamente de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*. (COUTINHO, 2011, p. 29).

Para entender a relação entre o latim clássico e o literário, considere o seguinte. A escrita latina é posterior ao uso da língua falada. Foi a partir de escritos como os discursos de Cícero e obras de autores clássicos que se depreenderam os fenômenos gramaticais com o intuito de transmitir nas escolas um latim considerado modelo, conhecido como clássico. Se os romanos detinham o poder de conquistar o mundo, deveriam possuir também um poder linguístico, uma literatura grandiosa e exemplar como legado para as gerações futuras. Assim, ao mesmo tempo em que se transformou em monumento para além dos séculos, seu uso foi ficando cada vez mais restrito àqueles que tinham acesso aos bens culturais, que eram as classes dominantes.

Cada vez menos utilizado, o latim clássico se tornou uma língua de erudição, que evoluiu para ser utilizada tanto para a literatura como para a administração imperial, e sobreviveu, em parte, nos escritos teológicos e em documentos da Idade Média. Após a queda do Império, coexistiu pobremente com o *latim vulgaris* ou *plebeius*, e o que antes era somente utilizado pela grande massa, foi atingindo

as classes médias e, posteriormente, alcançando até mesmo a alta aristocracia, a ponto de tornar-se a única língua corrente e dar origem a uma infinidade de outras.

A expansão político-militar de Roma, fora da Península Itálica, apesar de ter chegado a várias regiões da Europa, da África e da Ásia, só interferiu na mudança de língua em regiões mais restritas do Império, chamadas de România, que você estudará a seguir.



Refleta

As línguas com as quais o latim entrou em contato por efeito das conquistas pertenciam a diferentes famílias linguísticas e, por isso, eram bastante diferentes entre si. Daí se explica a diferenciação entre elas, pois o latim falado pelos soldados misturou-se a esses idiomas e adquiriu, em diversas regiões, características diferentes. Pense um pouco: qual a consequência desse fato na formação das línguas românicas?

2. Latinização da Península Ibérica

Para melhor compreendermos a origem de nossa língua, temos de voltar rapidamente ao passado daquela região anterior à invasão romana. A Península Ibérica era povoada por diversos grupos étnicos, de diferentes línguas, tanto da família indo-europeia quanto de outros grupos isolados. Todo esse mosaico linguístico contribuiu com o substrato local para a origem do processo de formação das línguas atuais, sobretudo os povos galaicos (da Galécia) e lusitanos (Lusitânia).

Em 210 a.C., iniciou-se a colonização da Península Ibérica sob o domínio do Império Romano. Segundo Areán-García (2009), vários fatores contribuíram para a latinização da região: reorganização político administrativa; forte influência do exército romano nos falares das classes baixas; a concessão de direitos e de cidadania romana; a criação e o crescimento das cidades; a rede viária que facilitou a mobilidade e possibilitou a integração da Galécia ao resto da Hispania, intensificando as atividades comerciais e a imigração de falantes latinos em direção à região. A situação de diglossia (coexistência de duas línguas em um grupo ou comunidade) nas regiões dominadas desencadeou um processo massivo de assimilação linguística, culminando na extinção de línguas locais, o que não ocorreu de uma só vez e nem ao mesmo tempo em todas as regiões dominadas. No entanto, as línguas faladas nesses territórios deixaram sua marca na língua dos dominadores. O povo local, ao adotar o latim, não o pronunciava tal como os romanos que o tinham como língua materna, mas o pronunciavam com seus próprios hábitos articulatórios, isto é, com uma percepção de sons que tinha como base os sons de sua própria língua. Além disso, incorporavam ao léxico

latino palavras de sua língua materna, formando variedades dialetais características.

Segundo Castilho (2009), dois séculos foram necessários para que a ocupação da chamada Ibéria se completasse e deu-se em duas direções: o primeiro desembarque ocorreu em 218 a.C., onde hoje é a Catalunha e o segundo no sul, na altura de Gibraltar, então chamado "Colunas de Hércules". O sul da Península rapidamente foi conquistado, mas o norte e o centro ainda permaneceram em poder dos antigos donos. O norte, graças à chefia de Viriato, chefe dos Lusitanos, foi bastante resistente. Em 139 a.C., porém, eles foram traídos e eliminados pelos romanos.

Da invasão pelo sul resultou a Hispânia Ulterior, formada pela Bética e pela Lusitânia, e habitada pelos Verrones e pelos Lusitani, resultando nas línguas galego e português. Da entrada pelo norte resultou a Hispânia Citerior, formada pela Tarraconense, posteriormente dividida em Galaecia, Tarraconense e Cartaginense, onde surgiram o catalão e o espanhol.

Essas grandes províncias tiveram um esquema de colonização próprio. A Hispânia Ulterior, onde mais tarde surgiu o português, foi colonizada pela aristocracia senatorial e pelas ordens equestres (vide vocabulário), sendo administrada durante séculos pelo próprio Senado de Roma. Até escolas de nível superior foram ali instaladas. Formou-se uma cultura urbana, mais desenvolvida economicamente e mais isolada de Roma, resultando em uma modalidade mais conservadora do latim vulgar, particularmente na Bética: o galego-português. Esta língua românica, portanto, conserva várias características do latim vulgar sem transformações severas, mantendo vocabulário, fonética e sintaxe.

A Hispânia Citerior, colonizada por militares, teve uma cultura mais rural, menos desenvolvida economicamente, mais ligada a Roma, pois ficava bem mais próxima à capital do Império. Consequentemente, o castelhano, ou espanhol, ali desenvolvido seria mais inovador, transformando mais fortemente o latim vulgar. O catalão, por sua vez, por apresentar propriedades linguísticas da Ibero-România e da Galo-România, foi um caso à parte.

Castilho (2009, p. 7) explica os casos de conservadorismo em uma língua da seguinte forma:

[...] quanto mais desenvolvida uma cultura, tanto mais conservadora sua língua. Ao contrário, quanto menos desenvolvida uma cultura, tanto mais inovadora sua língua. [...] Nas culturas desenvolvidas há um número maior de escolas, alguns particulares organizam bibliotecas, disseminando-se a informação mais regularmente.

”

Ao serem expostas a essas instituições, as pessoas desenvolvem o conceito de que há uma tradição e um passado a conservar, que pode ser conhecido pelo que se aprende na escola e se lê nas bibliotecas. A escola é o lugar próprio da transferência da tradição, que nas comunidades ágrafas é transmitida oralmente. Dessa forma, conserva-se mais o estágio de língua recebido da geração anterior – trata-se do “conservadorismo linguístico”.

Em culturas menos desenvolvidas, esse sentimento não é cultivado e a população está mais aberta às tendências de mudança linguística e às influências de outras culturas. O estágio linguístico herdado dos antepassados é pouco preservado e, portanto, mais facilmente alterado pelas mudanças gramaticais. Trata-se do “inovadorismo linguístico” (CASTILHO, 2009, p.7).

Veja como Castilho compara o português e o castelhano, em termos de inovação:



[...] o conservador português passou à frente do castelhano inovador quando perdeu o – n – e o – l – intervocálicos, conservados por este. É o que se verifica, comparando as palavras latinas como *palu*, *germanu* com as castelhanas *palo*, *hermano*, em que se conservaram essas consoantes, e as portuguesas *pau*, *irmão*, em que elas foram omitidas, surgindo como inovações os ditongos oral *au* e nasal *ão*, sendo este uma novidade em termos de latim (CASTILHO, 2009, p. 7).



Assimile

A invasão da Península ibérica resultou na divisão de dois grandes territórios: a Hispânia Ulterior e a Hispânia Citerior. A primeira resultou da invasão pelo sul e deu origem, mais tarde, ao galego e ao português. A segunda, da invasão pelo norte, e foi onde surgiram o catalão e o espanhol. Cada uma dessas províncias teve um esquema próprio de colonização.

Para denominar essa unidade cultural e linguística decorrente do processo de dominação romana, utiliza-se o termo România, derivado de *romanus*. Ilari (2004) explica que os próprios povos latinizados recorreram ao termo para referir a si mesmos, para se distinguirem dos bárbaros já estabelecidos no território. Sobre *romanus*, o autor ainda observa que o termo teria dado origem ao advérbio *romance*, que significa “à maneira romana”, “segundo o costume romano”. Surgiu

a expressão *romanice loqui* para se referir ao falar vulgar de origem latina, em oposição a *barbarice loqui*, referente às línguas não românicas dos bárbaros. O advérbio *romanice* deu origem ao substantivo romance, que se referia a qualquer produção escrita em uma das línguas vulgares.



Pesquise mais

Para saber mais sobre a ascensão e queda do Império Romano e como isso influenciou na disseminação da língua e da cultura latina, vá para o site do Museu da Língua Portuguesa e leia o texto Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?, do professor Ataliba T. de Castilho. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=9>. Acesso em: 03 out. 2015.



Exemplificando

Você acha que existe alguma relação entre a palavra romance e Roma? Sim, tem tudo a ver. Veja a explicação do professor Aldo Bizzocchi sobre isso: "Depois que as invasões germânicas ocasionaram a queda do Império Romano, em 476 d.C., a diversidade linguística aumentou de tal modo que dialetos se transformaram progressivamente em línguas, às vezes não intercompreensíveis. Por essa época, já se fazia clara distinção entre o latim e os dialetos populares, chamados de românicos. [...] É de "romanice" que provém a palavra "romance". Portanto, romance era qualquer dialeto proveniente do latim. Na Idade Média, vários desses romances tornaram-se o que hoje conhecemos por línguas românicas ou neolatinas [...]. Nessa mesma época, narrativas literárias escritas nessas línguas também eram chamadas de romances. Está aí a origem do romance como gênero literário. [...]. Por sinal, a escola literária que o criou foi também a que mais se inspirou na atmosfera medieval: o Romantismo, cujo nome deriva igualmente da palavra "romance" ("romant" em francês antigo). Fonte: <<http://revistalingua.com.br/textos/blog-abizzocchi/de-roma-ao-romance-293650-1.asp>>. Acesso em: 03 out. 2015.



Faça você mesmo

E a palavra Hispânia, que deu nome à divisão da Península Ibérica? Qual a origem dessa palavra? Por que a Península Ibérica recebeu esse nome? Leia o texto sobre a Hispânia em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hisp%C3%A2nia>> (acesso em: 12 out. 2015) e responda às questões colocadas.



Vocabulário

Latinização: diz respeito à expansão da cultura e da língua latinas, dentro e fora do Império Romano, e todas as outras culturas e línguas que derivaram desse processo.

Língua-ponte: refere-se a uma língua auxiliar utilizada por povos de línguas diferentes para conseguirem se comunicar.

Ordem equestre: A ordem equestre romana (*ordo equester*) formava a mais baixa das duas classes aristocráticas da Roma Antiga, estando abaixo da ordem senatorial (*ordo senatorius*). Um membro desta ordem era conhecido como um equestre (*eques*; plural: *equites*), que em latim significa qualquer pessoa a cavalo (*equus*), mas neste contexto tem o significado específico de "cavaleiro". Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_equestre>. Acesso em: 03 out. 2015.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Steve McQueen deve se imaginar como um soldado romano, a serviço do Império, e relatar como se deu a ocupação de territórios e a expansão da língua falada por ele. Para efetuar essa tarefa de forma a atender ao proposto como atividade em grupo pelo professor da disciplina, é preciso considerar:

- De onde o latim é proveniente.
- Como e por que ele se disseminou.
- Para onde o Império Romano se estendeu.
- Que línguas os povos conquistados falavam.

- Qual o papel dos soldados (os militares) na expansão do latim.
- Que tipo de latim esses soldados falavam.

Depois de discutirem sobre esses e outros pontos, caso julgue necessário, escreva um texto, em forma de narrativa, que transmita todas as informações veiculadas acima. Você tem liberdade de buscar o tema estudado em outras fontes, além do LD e leituras indicadas.



Atenção!

O latim falado não era homogêneo, falado da mesma forma por todos. Acontece como hoje você pode observar no português. Cada classe social, cada grupo etário, cada região tem uma maneira de se expressar. No Império Romano não era diferente. O *sermo urbanus* referia-se à fala da classe culta; o *sermo vulgaris*, à fala da classe baixa, e o *sermo militaris*, à fala dos soldados.



Lembre-se

Câmara Jr. (1979) cunhou a região conquistada de Romênia, que, além da Itália e ilhas adjacentes, incluíam parte do extremo sul da Suíça, o litoral dalmático, as Gálias (França e grande parte da Bélgica), a Península Ibérica, a Líbia (África) e a Dácia, na região dos Bálcãs, e parte do que hoje é conhecido como Romênia.

Avançando na prática

| Pratique mais! | |
|---|--|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas. | |
| "Inglorização" | |
| 1. Competência de Fundamentos de Área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Refletir a respeito da influência de uma língua sobre outra. |
| 3. Conteúdos relacionados | Dominação romana e seus efeitos na língua e cultura dos povos dominados. |

| | |
|--------------------|---|
| 4. Descrição da SP | <p>Você sabe que o ensino de inglês no Brasil é obrigatório desde o 6º ano do Ensino Fundamental. Além disso, vários elementos da cultura inglesa, sobretudo a de origem norte-americana, estão presentes em nosso dia a dia: músicas tocadas no rádio, nas séries e filmes da TV (aberta e fechada), no cinema, nas lanchonetes onde comemos fast-food, nos shoppings, onde aproveitamos as <i>sales</i>. Sem contar as roupas, as expressões linguísticas adotadas por áreas do conhecimento como administração e computação, dentre tantas outras influências. Pense por um momento: é possível comparar esse processo de “inglêzização” com a latinização, que você estudou nesta aula?</p> |
| 5. Resolução da SP | <p>É comparável, guardando-se as devidas proporções. O Império Romano impôs-se com base no poderio bélico e humano para dominar os povos, pois contava com um grande contingente de soldados. O inglês não se dissemina por meio de pessoas cuja missão seja espalhar o idioma. O que ocorre é uma dominação econômica, devido à necessidade de abertura e manutenção de mercado. Assim, somos “bombardeados” com propagandas que enaltecem o “<i>American way of life</i>” para, assim, sermos levados a “comprar” os elementos culturais produzidos pelos falantes do inglês. Por isso, nos acostumamos com a presença e uso dos estrangeirismos de origem inglesa. No entanto, apesar de a língua portuguesa ser permeável aos vocábulos da língua inglesa, nossa língua não irá se sofrer alterações em sua base fonológica, morfológica e sintática para adaptar-se a ela.</p> |



Lembre-se

“Foi o exército romano o maior agente responsável pela latinização dos povos vencidos, especialmente por ser composto de soldados provenientes de diferentes províncias do Império, todos falantes do latim corrompido. Eram centenas de milhares de homens que assimilavam e transmitiam a língua de Roma falada nos acampamentos — o sermo militaris ou castrensis — que era nada mais do que o latim vulgar utilizado pelo exército”. Fonte: <<https://grupoiep1.wordpress.com/2013/06/09/como-se-deu-a-latinizacao-em-todo-o-imperio/>>. Acesso em: 03 out. 2015.



Faça você mesmo

No contato entre tribos indígenas brasileiras e falantes da língua portuguesa, isto é, moradores de regiões do Brasil onde há incidência desses povos, como pode ser caracterizada essa relação: ocorre imposição, do ponto de vista linguístico? Ou ambos os grupos interagem harmoniosamente, aceitando influências linguísticas um do outro? Como você acha que ocorrem as trocas linguísticas entre os indígenas e os falantes de português?

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa que define corretamente o termo “latinização”, que diz respeito à:

- a) Invasão de terras e territórios por parte dos romanos.
- b) Imposição do latim como língua universal.
- c) Expansão da cultura e da língua latinas, dentro e fora do Império Romano.
- d) Difusão da língua e literatura latina na península itálica.
- e) Ocupação dos territórios pelos soldados romanos.

2. Olavo Bilac, no primeiro verso de seu poema Língua Portuguesa, diz: “Última flor do Lácio, inculta e bela”. Última porque o português seria a última _____ derivada do latim _____ falado no Lácio, ou Latium, região da Itália. É por isso que o povo dessa região era chamado de _____. Vulgar e inculta – como diz Bilac – porque era a língua _____ pelos _____, camponeses e camadas populares, muito diferente do latim clássico, empregado pelas classes superiores.

Assinale a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as lacunas.

- a) cultura; popular; romano; falada; soldados.
- b) língua; clássico; latino; escrita; religiosos.
- c) representante; clássico; romano; falada; reis.
- d) língua; vulgar; latino; falada; soldados.
- e) cultura; vulgar; romano; escrita; religiosos.

3. Entre as maiores heranças culturais dos romanos, para a civilização ocidental, está a língua latina, que serviu de matriz linguística a inúmeros idiomas modernos. Assinale a alternativa que corresponde a esses idiomas.

- a) Português, francês, catalão, inglês, espanhol.
- b) Francês, espanhol, germânico, português, chinês.
- c) Italiano, português, espanhol, catalão, germânico.
- d) Grego, germânico, espanhol, inglês, português.
- e) Português, italiano, francês, espanhol, catalão.

Seção 2.2

Latim clássico e latim vulgar

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

Steve McQueen, estudante do curso *degree in language*, equivalente ao de Letras, da Universidade de Sponsor Ville, dos Estados Unidos, está participando de um intercâmbio – graduação sanduíche – durante seis meses na Universidade Colina Verde, no Brasil. Atualmente está cursando História da Língua Portuguesa. Na aula passada, o desafio de Steve e seu grupo foi se imaginar na situação de um soldado romano do século II a. C. que participou das forças militares de conquista e domínio de território. Como tal, ele deveria narrar quais foram os territórios ocupados, quais povos habitavam neles e que línguas estes falavam, além de contar como os militares contribuíram para o surgimento de uma nova língua entre esses povos.

Nesta semana, ele se defronta com outra situação-problema, descrita a seguir. Na aula de História da Língua Portuguesa, Steve McQueen aprende que a língua portuguesa é proveniente do latim vulgar, falado pela população romana, formada por soldados, camponeses, comerciantes etc. Como ele aprendeu na aula, foi criada uma lista com mais de 200 palavras, chamada de *Appendix Probi*, para tentar resguardar o latim clássico de erros provenientes da língua falada. O professor da disciplina propõe aos seus alunos que escolham 5 palavras desse documento que sejam significativas para exemplificar o que os gramáticos da época consideravam como erro. Ao escolher as palavras, os alunos deveriam levar em consideração o que mudou no latim vulgar e o que se manteve em relação ao latim clássico. Então, caberá ao Steve, junto com seus colegas:

- Conhecer as duas variedades do latim: vulgar e clássico.
- Saber as características dessas duas variedades.
- Entender a relação entre essas variedades.

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Saber as características do latim clássico.
- Saber as características do latim vulgar.
- Saber como o latim vulgar deu origem a outras línguas.

Não pode faltar

Quando o Império Romano se consolidou, no primeiro ano do calendário cristão, o latim era o idioma oficial de um território imenso, povoado por soldados, comerciantes, escravos, camponeses, funcionários e eruditos. Cada um desses grupos pertencia a uma classe específica, o que acabou resultando em variações da língua, que, grosso modo, subdivide-se em duas: o latim vulgar e o latim clássico, que estudaremos a seguir.

1. Caracterização do latim vulgar

Nas aulas anteriores, você aprendeu que a língua portuguesa e as outras línguas românicas são originárias do latim vulgar. Por que vulgar? A palavra pode sugerir algo corriqueiro, sem muito valor ou de baixo nível. Mas se formos recorrer à origem da palavra, esta vem de *vulgus*, que, em latim, quer dizer povo. É a língua falada pelas camadas populares, que não tinham acesso à educação formal. Como você viu em aulas anteriores, é chamada de *sermo vulgaris* ou *plebeius*.

O latim vulgar, como toda língua falada, sofre variações em sua pronúncia, principalmente. Você vê isso ao comparar como pessoas de diferentes regiões do Brasil dizem, por exemplo, mulher: muié, mulé, mulhé e mulher – com r fazendo vibrar o dorso da língua. No entanto, a língua escrita representa a palavra apenas de uma forma – mulher –, sem evidenciar qualquer diferença regional. Então, se a língua escrita registra apenas as formas cultas da língua sem suas variações, como sabiam diferenciar entre o latim vulgar e o latim clássico, se o primeiro não tinha registros?

É graças às chamadas inscrições parietais que podemos conhecer ou inferir como era o latim falado pelas massas. "Parietais" é adjetivo relativo a paredes, pois as inscrições eram escritos feitos por populares em paredes, muros, monumentos e demais edifícios da época antiga, podendo ser comparadas às pichações e grafites atuais.

As paredes da cidade italiana de Pompeia, soterrada pelo vulcão Vesúvio em 79 d.C., são uma fonte riquíssima de inscrições parietais e grafites realizados

por diferentes grupos, tais como camponeses, artesãos, gladiadores etc., que rabiscavam as paredes com carvão. Os temas mais recorrentes do grafite referiam-se a campanhas eleitorais, frases de propaganda, poemas amorosos ou satíricos, anúncios de espetáculos circenses, máximas, ditos obscenos, assinaturas, insultos, caricaturas, além de desenhos e imagens representativas de atos sexuais e do órgão genital masculino. Veja um exemplo (ILARI, 2004, p. 69):

**Quisquis ama ualia, peria qui noscit amare.
Viva quem ama, morra quem não sabe amar.**

”

Esse caráter público das inscrições confere a elas traços únicos no contexto da criação popular, pois burlam o domínio dos meios de comunicação social por parte das elites, impossibilitando qualquer tipo de censura ou limitação. O grafite torna ainda inevitável a leitura pública das mensagens, muitas delas críticas à sociedade e/ou poder vigente. E o protesto assim explícito, sem barreiras, tinha o poder de expor todos a julgamentos públicos, cumprindo um importante papel político e social.

Além dos muros ou paredes, havia ainda as inscrições contidas nas tabuinhas excretórias – *defixionun tabellae*. Trata-se de pequenas placas de chumbo, bronze, estanho, mármore, nas quais eram escritas fórmulas mágicas de encantamento ou de maldição, sendo encontradas em tumbas, poços e lugares onde supostamente pudessem ser vistas por entidades, muitas vezes maléficas (COUTINHO, 2011). Veja, a seguir, exemplos desse tipo de inscrição:

Exemplo 1

Figura 2.2 | *Tabellae defixionum* de Hadrumetum



Fonte: <http://tabellaproject.e-monsite.com/medias/images/286.jpg?fx=r_550_550>. Acesso em: 21 out. 2015.

Exemplo 2

Te rogo que infernales partes tenes, comendo tibi Iulia Faustilla, Marii filia, ut eam celerius abducas et ibi in numerum tu abias.

A ti, que dominas as regiões infernais, peço e recomendo Julia Faustila, filha de Mário, para que a leves mais rapidamente e a conserves aí no número (dos mortos) (OLIVEIRA, 2013, p. 147).

Como será que os romanos escreviam em seu dia a dia? O povo comum utilizava-se da “letra de mão” ou cursiva. Para as inscrições, utilizavam principalmente o estilete, mas também havia aquelas executadas com pincéis. O latim clássico, por sua vez, utilizava-se das letras maiúsculas ou capitais, esculpidas na rocha ou batidas em metal. As letras minúsculas surgiram quando os escrivães tinham que transpor para o papiro (papel utilizado na época) as letras das inscrições em pedra.

O fato de existir escrita, ainda que em um latim das massas, mostra que, de alguma forma, os cidadãos comuns eram expostos a algum tipo de ensino, mesmo que em contextos informais, extraescolares. Assim, para compreendermos as formas particulares da escrita em latim vulgar e suas diferenças com o clássico, é preciso extrapolar o sentido de instrução para além da noção formal de ensino, considerando tudo o que possa ser conhecido e interpretado pelas pessoas, sejam elas ricas, pobres, livres ou escravas (GARRAFFONI; FUNARI, 2010, p. 3). Segundo esse mesmo autor, havia diversos níveis de instrução e a educação não se restringia à elite. Assim como o domínio da norma culta não era generalizado entre os letrados, também não se pode afirmar que toda a camada popular fosse inculta e analfabeta. Entre os melhores escritores, estavam os escribas, que geralmente eram escravos, e a elite regularmente fazia uso desses serviços.

Mesmo que as classes populares – artesãos, comerciantes, camponeses, soldados – não tivessem o treinamento dos escribas ou a erudição e familiaridade com o grego dos nobres, nem por isso deixavam de dominar aspectos importantes do mundo da escrita. O conhecimento adquirido sobre o funcionamento da língua escrita, ainda que informal, permitia que participassem ativamente da vida social. Dessa forma, ricos e pobres, livres e escravos, conviviam diariamente, influenciando-se mutuamente em seus registros linguísticos, numa reelaboração constante de conhecimentos.

Para fazer a diferenciação entre formas vulgares do latim e o latim erudito, um gramático chamado Probo, no século III d.C., elaborou uma lista com mais de 200 erros a serem evitados. O documento é conhecido como *Appendix Probi*. A lista é composta primeiramente da palavra correta, seguida de “non” (não) e a forma incorreta a ser evitada, como se pode ver a seguir:

nurus non nura

columna non colomna

socrus non socra

olim non oli

neptis non nepticla

plebes non plevis

O *Appendix Probi* buscava preservar a norma considerada culta e correta da língua latina, mas, mesmo que sem querer, fornece uma visão significativa da língua falada pelo povo, pois justamente na forma descartada como incorreta é que podemos observar os fenômenos de mudança na língua.



Exemplificando

Se fôssemos fazer um "*Appendix Probi*" moderno, nosso foco seriam palavras como: "mortandela", "estrupe", "avoa", "ponhar", "pobrema", "bassora", e ficaria assim:

mortadela não mortandela; estupro não estrupo; por não ponhar; voar não avoar; problema não pobrema; vassoura não bassora.

Veja a seguir alguns exemplos dessas mudanças.



Pesquise mais

Para ver a lista completa do *Appendix Probi* e conhecer outras palavras proibidas, acesse a aula sobre as fontes do latim vulgar, da professora Célia Lopes e de Leonardo Lennertz, disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/6%20appendix%20probi.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

2. Caracterização do latim clássico

O período do latim clássico, durante o qual se costuma considerar que a literatura latina atingiu o seu ápice, costuma ser dividido em duas eras distintas: a Era de Ouro, que vai aproximadamente do início do século I a.C. até a metade do século I d.C., e a Era de Prata, que abrange o século II d.C. A literatura que vem após essa data é desprezada e ignorada. Durante o Renascimento, por exemplo, com a redescoberta de diversos autores clássicos, Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) foi adotado como paradigma, e seu estilo louvado como o máximo da perfeição no latim. Dentre os muitos livros que escreveu, apenas seis sobre retórica e partes de oito livros sobre filosofia sobreviveram; 88 dos seus discursos foram registrados, mas apenas 58 sobreviveram. Voltaire, o grande filósofo iluminista francês, considerou

seu livro *De Natura Deorum*, que discute teologia, possivelmente como o melhor livro de toda a Antiguidade.

O latim clássico, também chamado de *sermo urbanus*, ou "fala urbana", era utilizado por pessoas da elite escolarizada, por poetas, filósofos e políticos. Isso não significa que estes não utilizassem também o latim vulgar. É semelhante ao que acontece hoje em dia em nossa língua. Na escola aprendemos a norma culta da língua, com a qual nos expressamos em ocasiões que a exigem, como em uma conversa com alguma autoridade, em uma palestra ou reunião de trabalho, em apresentação de trabalho acadêmico etc. Em outros momentos, como um bate-papo com colegas ou em família, usamos um registro de linguagem mais solto, descuidado, sem nos preocuparmos com a concordância verbal e nominal, pronunciamos palavras de maneira incompleta, diferente do que faríamos em contextos mais formais.



Assimile

Nas trocas linguísticas diárias, mesmo entre os patrícios (ver vocabulário), funcionava um latim mais propriamente vulgar do que clássico. Além disso, a melhoria do nível econômico dos plebeus contribuiu para diminuir a diferenciação linguística no uso da língua falada. Conseqüentemente, os patrícios foram sendo mais tolerantes com os plebeus e estes procuravam incorporar o uso da língua considerado elegante (CÂMARA JR., 1979).

A escrita latina é posterior ao uso da língua falada. A partir das obras literárias de autores da época, tais como Cícero, Tertuliano (mestres da retórica) e Catulo (poesia), foram deduzidos os fenômenos gramaticais com o intuito de transmitir nas escolas um latim considerado modelo, o que originou o latim clássico. Afinal, se os romanos tinham o poder de conquistar o mundo, deveriam também possuir a supremacia linguística, uma literatura sublime e exemplar para legar às gerações futuras. Assim, o uso dessa variedade escolarizada do latim foi se restringindo cada vez mais àqueles que tinham acesso aos bens culturais, as classes dominantes. Segundo Câmara Jr. (1979), o latim clássico foi a base da língua escrita e da língua literária, e por isso mais estático e fechado a mudanças, sendo foco de constante atenção por parte dos intelectuais e, especialmente, dos gramáticos que se inspiravam nos estudos gramaticais gregos. Como o português presente nas gramáticas atuais que você conhece, o latim clássico também pretendia resistir às mudanças por meio de um padrão estrito, sendo menos permeável às variações da língua falada, embora nesta fosse baseado.



Pesquise mais

Você sabe quem foi o mais famoso e considerado escritor latino? Foi um orador e advogado chamado Cícero (106-43 a.C.), que publicou vários de seus discursos, dos quais 56 chegaram até nós. A influência de Cícero, como modelo de prosa a ser imitada no latim clássico, foi tão grande, que seus textos continuaram sendo estudados pelas crianças nas escolas até a década de 1950! Você conhece algum autor, que, como Cícero, foi lido por ininterruptos dois mil anos? Para saber mais sobre ele e outros escritores latinos, acesse o link: <<http://www.klickeducacao.com.br/materia/print/0,5920,-21-100-887-,00.html>>. Acesso em: 22 out. 2015.

Como você já estudou, com as disputas territoriais, o latim vulgar falado pelos soldados foi absorvendo elementos linguísticos e culturais de muitas populações conquistadas. Portanto, não se pode afirmar que o latim vulgar surgiu do clássico ou vice-versa. Apenas quando o vulgar já estava incorporado, o outro passou a ser valorizado como algo mais elevado e correto. No entanto, obras literárias de autores como Plauto, sobre o qual falaremos adiante, também apresentam marcas do latim vulgar e estão entre as provas da coexistência de ambos os registros de latim, que evidenciavam muito mais do que períodos ou formas de expressão: ressaltavam a sociedade segmentada da época.

Segundo Hilgert (2009, p. 52), a escrita literária latina sofreu grande influência dos vizinhos gregos, sendo que a primeira obra efetivamente latina foi uma tradução da *Odisseia*, de Homero, para o latim, feita por um grego chamado Lívio Andrônico, vendido como escravo aos romanos. Os gêneros literários como a poesia, a epopeia e o drama, já bem desenvolvidos pelos autores gregos, teriam servido, então, de inspiração e molde para as obras latinas em seu período inicial. No entanto, autores latinos imprimiram a personalidade latina a suas obras, de modo que estas retratassem o caráter nacional de seu povo. Uma das marcas desse nacionalismo foi a sátira, gênero original e capaz de se adaptar a uma diversidade de assuntos, mas que principalmente criticava e ridicularizava a sociedade, as coisas e as pessoas da época. Plauto (250? – 184? a.C.) foi um dos autores satíricos mais conhecidos; como autor de comédias teatrais, costumava ambientar suas histórias e temáticas em cenários gregos, mas incluía divindades latinas nos seus textos, mesclando os nomes gregos dos personagens com características típicas dos romanos.

Seus textos foram muito importantes nos estudos do latim por serem uma das poucas fontes da versão popular do idioma. O autor colocava em ação personagens do povo usando o latim corrente (popular ou vulgar), cheio de "erros",

se comparado ao clássico. Mas como regra geral, “a literatura latina, na sua forma preponderante, se vincula mais ao latim erudito, clássico, em que forma e estética são importantes para a construção do texto” (HILGERT, 2009, p. 52).



Pesquise mais

Cem textos são atribuídos ao comediógrafo Plauto, dentre os quais está *A Marmita*, um dos mais conhecidos pela repercussão que teve quando, vários séculos depois de publicado, Jean-Baptiste Poquelin, sob o pseudônimo de Molière, escreveu a obra *O Avaro* (1668) inspirando-se naquela de Plauto. No Brasil, Ariano Suassuna se inspirou em *A Marmita* para sua peça cômica *O Santo e a Porca*. Ficou curioso? Então saiba mais sobre Plauto e suas obras no site da Revista Fapesp, disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2014/02/12/o-teatro-engano/>>. Acesso em: 23 out. 2015. Divirta-se!

Agora que você já aprendeu as características de uma e outra variedade do latim, chegou a hora de refletirmos um pouco sobre a relação existente entre elas.

Para entendermos a distinção entre um e outro, vamos fazer um paralelo com a nossa própria língua. Você com certeza já reparou que ela apresenta variedades de acordo com a região geográfica e também com a classe social. Além disso, os falantes expressam-se de maneira diferente conforme a situação em que estão, sendo mais ou menos formais e/ou coloquiais. O latim vulgar estaria, então, relacionado aos registros mais informais da língua, expressando diferenças regionais e sociais por meio da fala, enquanto o clássico procuraria manter o essencial da língua latina, procurando fixar as formas cultas e eruditas por meio da escrita, exemplificada, sobretudo, na literatura e em situações formais de conversação.



Refleta

Você acha que podemos dizer que o latim vulgar corresponde à língua falada e o latim clássico à língua escrita? Não é correto afirmar isso, pois apesar de o primeiro ter poucos tipos de documentos escritos (inscrições e tabuinhas), o segundo – clássico – foi uma língua falada que teve um suporte direto na expressão coloquial da aristocracia romana.

Enquanto o latim erudito das elites se baseava na utilização de palavras em desuso, em flexões não mais utilizadas e no estilo literário grego, o latim popular refletia as transformações decorrentes de seu uso cotidiano.

Como você pode observar nos dias de hoje, o saber escolar impõe um padrão de língua, encontrado na gramática normativa, como sendo o legítimo, relegando a um plano inferior a língua falada. Acontecia o mesmo no ensino da língua romana, que era submisso ao latim erudito dos gramáticos. Porém, quando as massas começam a ter acesso à escola, acabam adotando em sua linguagem modos de expressão eruditos que se misturam aos elementos populares de origem, fazendo surgir uma nova língua popular.

Ilari resume muito bem a distinção entre o latim vulgar e o clássico. Veja o que ele diz:

[...] a grande diferença entre as duas variedades do latim não é cronológica, nem ligada à escrita, senão social. As duas variedades refletem duas culturas que conviveram em Roma: de um lado a de uma sociedade fechada, conservadora e aristocrática, cujo primeiro núcleo seria constituído pelo patriciado; de outro, a de uma classe social aberta a todas as influências, sempre acrescida de elementos alienígenas, a partir do primitivo núcleo da plebe (ILARI, 2004, p. 61).

Veja também como outro importante estudioso da língua portuguesa, Ismael Coutinho, diferencia as duas modalidades do latim:

Diz-se latim clássico a língua escrita, cuja imagem está perfeitamente configurada nas obras dos escritores latinos. Caracteriza-se pelo apuro do vocabulário, pela correção gramatical, pela elegância do estilo [...]. Era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo, pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável.

Chama-se latim vulgar o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o Império Romano. Nestas classes estava compreendida a imensa multidão das pessoas incultas que eram de todo indiferentes às criações do espírito, que não tinham preocupações artísticas ou literárias, que encaravam a vida pelo lado prático, objetivamente (COUTINHO, 2011, p. 29-30).



Assimile

“O latim vulgar não surgiu do clássico, e o contrário também não aconteceu. Cada um se estruturou em épocas diferentes: foi só quando o primeiro já estava bem encorpado, que o outro passou a ser reverenciado. As obras literárias de autores como Plauto, além de outros registros escritos, apresentam marcas do latim vulgar e estão entre as provas. Os dois coexistiram, demarcando – mais do que períodos temporais ou formas de expressão – a sociedade segmentada da época.”

HILGERT, Mariana. O Império do latim. **Revista Língua Portuguesa** (edição especial A história de um clássico), Florianópolis, jun. 2009. Disponível em: <<http://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/TCC-Latim-a-histo%CC%81ria-de-um-cla%CC%81ssico.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2015.

A decisão da Igreja Católica de adotar uma linguagem que pudesse ser compreendida pelo povo fez com que houvesse uma aproximação entre o latim clássico e o latim vulgar. São Jerônimo, a pedido do papa Dâmaso I, fez a primeira tradução da Bíblia para o latim, conhecida como Vulgata, entre os séculos IV e V. Porém, foi na tradução do Novo Testamento que ele utilizou uma linguagem de caráter bem mais popular. Veja o que outro grande escritor cristão, Santo Agostinho, falou sobre isso:

Melius est reprehendant nos grammatici quam non intelligant populi.

Melhor ser repreendido pelos gramáticos do que não ser compreendido pelo povo (ILARI, 2011, p. 63).

Segundo Castilho (2009), os cidadãos eram conscientes das variedades de latim em uso, da mesma forma que hoje nós conseguimos diferenciar o português culto do popular. Naquele tempo, as variedades do latim eram designadas pelas expressões *latine loqui*, que significa falar latim culto, e *romanice loqui*, isto é, falar o latim vulgar.



Faça você mesmo

Apesar de várias correntes contrárias, o Vaticano continua apostando no latim tentando retomar o seu uso de outras formas. Uma dessas tentativas se deu através da promulgação do *Motu Proprio Summorum Pontificum*, redigido pelo papa Bento XVI em 2007, para que as igrejas voltassem – havendo interesse por parte de um grupo de fiéis – a celebrar missas em latim, conforme previam as definições que precedem o Concílio Vaticano II. O que você acha disso? Seria viável e interessante aos fiéis não conhecedores da língua latina?



Vocabulário

Patrícios: descendentes das primeiras famílias que povoaram Roma, eram proprietários de terras e ocupavam importantes cargos públicos. Considerados cidadãos romanos, possuíam muita riqueza e escravos. No topo da pirâmide social romana, compunham a minoria da população (Fonte: <http://www.suapesquisa.com/imperioromano/sociedade_romana.htm>. Acesso em: 24 out. 2015).

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo, levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Para efetuar essa tarefa, de forma a atender ao proposto como atividade em grupo pelo professor da disciplina, é preciso considerar:

- Consultar a lista completa do *Appendix Probi* no link indicado no *Pesquise mais*.
- Observar as palavras consideradas corretas e incorretas da lista.
- Anotar as diferenças entre elas e o que provavelmente está sendo considerado errado.
- Formular hipóteses explicativas para os fenômenos observados.

Depois de discutirem sobre esses e outros pontos, caso julgue necessário, construa uma tabela com três colunas:

- uma com a palavra considerada correta;
- outra com a versão considerada incorreta; e
- na terceira, a hipótese quanto ao erro que o latim clássico está buscando evitar.

Você tem a liberdade de buscar o tema estudado em outras fontes, além do LD e leituras indicadas.



Atenção!

Para se familiarizar com o *Appendix Probi* e ver os tipos de análises que podem ser feitas do latim vulgar por meio dele, leia este texto, bastante didático e com bons exemplos, de Henrique Martins de Moraes, intitulado *O appendix probi e sua contribuição para o estudo das mudanças fonéticas: do latim até as línguas românicas*. Disponível em: <https://www.academia.edu/6197862/O_Appendix_Probi_e_sua_Contribuicao_para_o_Estudo_das_Mudancas_Foneticas_do_Latim_atas_Linguas_Romnicas>. Acesso em: 24 out. 2015. Ele será muito útil para a resolução da situação-problema.



Lembre-se

O latim clássico é exemplificado pela literatura, que corporifica a variedade culta da língua e seus usuários, portanto, são as pessoas que têm acesso à escrita e à leitura – e à literatura. Por outro lado, o latim vulgar deixou poucos vestígios na escrita, uma vez que se manifestou principal e fundamentalmente por meio da expressão oral.

Avançando na prática

| Pratique mais! | |
|---|--|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas. | |
| “Vulgatas atuais” | |
| 1. Competência de Fundamentos de Área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Reconhecer usos formais e informais da língua escrita e sua adequação ao tipo de leitor. |
| 3. Conteúdos relacionados | Latim vulgar, latim clássico, modalidade escrita. |
| 4. Descrição da SP | Candinho faz parte de um grupo religioso que tem como costume ler a Bíblia. O líder desse grupo encarrega o rapaz de dirigir um estudo bíblico para adolescentes. No primeiro encontro, estes começam a reclamar que não entendem nada quando leem a Bíblia porque, além de ser de uma época muito distante da deles, a linguagem também é muito difícil e antiga. Dizem que por isso se sentem desestimulados à leitura. O que Candinho deve fazer para motivá-los? Que alternativas ele tem para suprir as reclamações dos adolescentes? |

| | |
|--------------------|---|
| 5. Resolução da SP | Existem várias versões da Bíblia com linguagem acessível a pessoas leigas e até mesmo adaptadas a diferentes faixas etárias e/ou grupos de pessoas. Existe a Bíblia na Linguagem de Hoje, a Nova Versão Internacional, A Bíblia para mulheres, A Bíblia para adolescentes, A Bíblia das meninas, dentre outras opções. Candinho deve examinar algumas dessas opções e ver qual apresenta uma linguagem mais próxima à de seus adolescentes e escolher essa versão para os estudos bíblicos. |
|--------------------|---|



Lembre-se

A primeira tradução da Bíblia para o latim foi feita por São Jerônimo, no século IV, a pedido do bispo Dâmaso I, e é chamada de *Vulgata*, forma latina abreviada de *vulgata editio* ou *vulgata lectio* – edição ou leitura de divulgação popular. Ela foi produzida em uma linguagem mais próxima à do povo para que este a pudesse compreender mais facilmente. Foi a primeira versão da Bíblia que traduziu o Velho Testamento diretamente do hebraico e não da tradução grega conhecida como *Septuaginta*.



Faça você mesmo

Escolha algum trecho da Bíblia, como um versículo, por exemplo, e busque-o em três diferentes versões da Bíblia (Sugestão: <<https://www.bibliainline.com.br/>>).

Coloque o versículo de cada versão encontrada lado a lado e faça uma comparação entre eles. Procure observar a estruturação sintática dos enunciados (organização das frases), o vocabulário utilizado e o sentido das palavras.

Faça valer a pena

1. Sobre o latim clássico, é correto afirmar que:

- Recebia muita influência do latim falado pelo povo em geral.
- Não se baseava na tradição gramatical grega.
- Era mais resistente a mudanças, sendo a base para o latim literário.
- Era falado pelas pessoas simples e sem instrução da cidade.
- Apresenta poucos registros escritos, que não passam de escassas inscrições em muros.

2. Sobre o latim vulgar, é correto afirmar que:

- a) Era mais resistente a mudanças, sendo a base para o latim literário.
- b) Baseava-se na tradição gramatical e literária grega.
- c) Seus principais autores foram Cícero, Tertuliano e Catulo.
- d) É estudado principalmente através das inscrições nos muros, paredes e monumentos da Antiguidade.
- e) Era falado pela elite escolarizada da zona urbana.

3. Leia com atenção as afirmações que completam a frase a seguir. O latim vulgar foi:

- I. Uma língua coletiva, falada, provida de meios de expressão que nem sempre eram julgados dignos de ascender às páginas da literatura.
- II. Uma língua multimoldada e complexa, que não obedecia às normas rigorosas pelas quais se pautava ou se devia pautar a língua escrita.
- III. Uma língua que, por ser falada, não possuía provas documentais por meio das quais se pudesse inferir seu funcionamento.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.
- e) III, apenas.

Seção 2.3

Formação das línguas românicas

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

Steve McQueen, estudante do curso *degree in language*, equivalente ao de Letras, da Universidade de Sponsor Ville, dos Estados Unidos, está participando de um intercâmbio – graduação sanduíche –, durante seis meses na Universidade Colina Verde, no Brasil. Atualmente está cursando História da Língua Portuguesa. Steve já resolveu duas situações-problema e, nesta aula, ele se defronta com outro desafio, descrito a seguir.

Para entender como o latim se diferenciou e deu origem às línguas românicas, é preciso entender a ação dos substratos, isto é, das línguas nativas dos povos dominados pelos romanos. Por isso, o professor da disciplina propõe que seus alunos façam uma pesquisa sobre as línguas dos povos que habitavam a Península Itálica quando esta foi ocupada pelo Império Romano, bem como as línguas faladas na Península Ibérica. Para essa caracterização de substratos, os alunos também devem levar em conta a invasão bárbara e a invasão árabe. Assim, eles podem ter uma visão ampla dos substratos linguísticos e sua contribuição para a formação das diferentes línguas românicas, sobretudo as mais conhecidas: português, francês, espanhol, italiano. Então, Steve, nesta aula, deverá:

Conhecer os fatores de dialeção do latim vulgar.

Saber como foram constituídas as línguas românicas.

Entender as influências externas que agem sobre a constituição de uma língua.

Para resolver essa situação, você deve ter em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

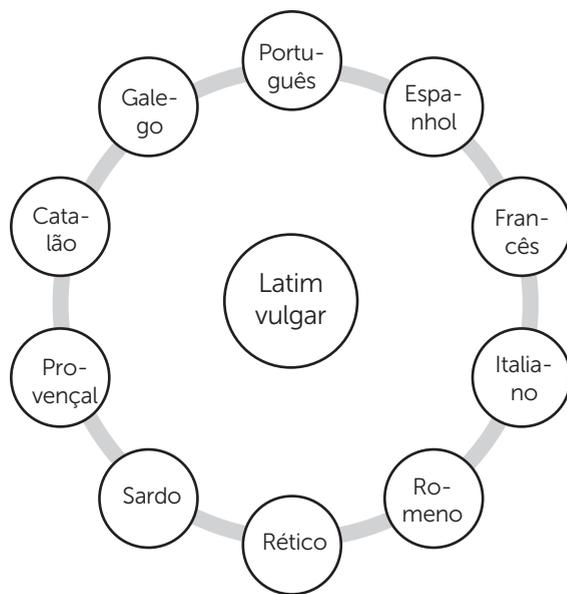
Objetivos específicos:

- Saber quais são as principais línguas românicas.
- Compreender a ação dos substratos, superstratos e adstratos na constituição de uma nova língua.

Não pode faltar**Fatores de dialeção do latim vulgar. Substratos, superstratos, adstratos**

O que há de comum entre o português, o galego, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o sardo, o italiano, o rético e o romeno? Se você respondeu que todas são línguas românicas, pertencentes ao ramo itálico, você acertou!

Atualmente, há aproximadamente 900 milhões de pessoas que falam alguma língua românica no mundo, o que faz esse ramo ter o maior número de falantes da família indo-europeia, a frente do ramo germânico, que possui mais de 730 milhões de falantes.



Por que são chamadas de românicas? Lembra-se do que você aprendeu sobre isso na primeira aula desta unidade? Para denominar essa unidade cultural e linguística, decorrente do processo de dominação romana, foi utilizado o termo România, derivado de *romanus*. Ilari (2004) explica que os próprios povos latinizados recorreram ao termo para referir a si mesmos, para se distinguirem dos bárbaros já estabelecidos no território. Sobre *romanus*, o autor ainda observa que o termo teria dado origem ao advérbio *romanice*, que significa “à maneira romana”,

“segundo o costume romano”. Surgiu a expressão *romanice loqui* para se referir ao falar vulgar de origem latina, em oposição a *barbarice loqui*, referente às línguas não românicas dos bárbaros. O advérbio *romanice* deu origem ao substantivo *romance*, que se referia a qualquer produção escrita em uma das línguas vulgares.

Assim, ao conjunto dos territórios onde se falou latim ou onde se fala atualmente uma língua românica, incluindo as respectivas literaturas e a cultura de seus povos, deu-se o nome de România, termo consagrado por Friedrich Diez (1794-1876) ao dividir a România em Ocidental e Oriental. Veja, a seguir, quais as principais diferenças entre as línguas das duas Românicas, do ponto de vista fonético.

România Oriental e România Ocidental

| ROMÂNIA ORIENTAL | ROMÂNIA OCIDENTAL |
|---|---|
| <p>A România Oriental é subdividida em <u>Daco-România</u> (de que derivou o Romeno), <u>Italo-România</u> (de que derivou Italiano) e <u>Reto-România</u> (de que derivou o Rético). As línguas da România Oriental se caracterizam por (1) manterem a vogal postônica, como em Latim Vulgar <i>tegula</i> > Italiano <i>tegola</i>, “telha”, (2) manterem as consoantes surdas intervocálicas, como em Latim <i>focu</i>>Italiano <i>fuocu</i>, (3) assimilarem o grupo consonantal <i>octo</i> > <i>otto</i>, (4) terem o Nominativo como caso único, donde fazerem o plural em –e para as palavras femininas, e em –i para as palavras femininas: Italiano <i>sorella</i> – <i>sorelle</i> “irmã – irmãs”, <i>bambino</i> – <i>banbini</i> “menino – meninos”.</p> | <p>A România Ocidental é subdividida em <u>Galo-România</u> (de que derivam o Francês, o Catalão e o Provençal) e <u>Ibero-România</u> (de que derivam o Castelhanos, o Português e o Galego). As línguas da România Ocidental se caracterizam por (1) perderem a postônica, como em Latim <i>tegula</i> > <i>teglā</i> > Português <i>telha</i>, (2) sonorizarem as consoantes surdas intervocálicas, como em <i>fogo</i>, (3) semivocalizarem a primeira consoante do grupo <i>ct</i>, como em <i>oito</i> (4) terem o Acusativo como caso único, donde fazerem o plural em –s, independentemente do gênero: Francês <i>les homens</i> [lezòm], em que não se pronuncia o –s do substantivo, Espanhol <i>los hombres</i>, Português <i>os homens</i>.</p> |

Fonte: Castilho (2009, p. 14).



Assimile

Várias classificações das línguas românicas foram feitas, com base em dois critérios: semelhanças linguísticas e distribuição geográfica. Para classificar línguas, o primeiro é o mais indicado, pois é baseado em identidades e diferenças de natureza estrutural. Por isso, parece mais acertado dispor as línguas românicas em dois grupos: o oriental (romeno, dalmático e italiano) e o ocidental (todos os demais idiomas neolatinos).



Pesquise mais

Para relembrar todo o percurso do domínio do Império Romano e disseminação da cultura e da língua romana (o latim) – e sua influência sobre as línguas dos povos dominados – até sua transformação em diferentes línguas românicas, não deixe de ler o texto a seguir:

BOTELHO, José Mario. Causas e consequências da dialeção da língua latina: um pouco de história externa da língua portuguesa. **Cadernos do CNLF** (CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA), Rio de Janeiro, [s/d], Vol. XIV, Nº 4, t. 3. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2471-2481.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015. Você encontrará essas informações principalmente nas páginas 2474 a 2480.

Observe a seguir as semelhanças e diferenças entre algumas línguas da România Oriental e da Ocidental em orações completas. Observe não só os sons, mas o léxico e a ordem das palavras:

Ea semper antequam cenat fenestram claudi. (latim)

Ela fecha sempre a janela antes de jantar/cear. (português)

Ella sempre tanca/clou la finestra abans de sopar. (catalão)

Elle ferme toujours la fenêtre avant de dîner/souper. (francês)

Ela pecha/fecha sempre a fiestra/xanela antes de cear. (galego)

Lei chiude sempre la finestra prima di cenare. (italiano)

Ella siempre cierra la ventana antes de cenar. (espanhol)

Perceba que o português e o espanhol adotaram palavras diferentes para a forma latina *fenestra(m)*. O catalão e o francês se assemelham em *sopar* e *souper* (jantar), diferenciando-se das demais. O galego adota a forma latina (*fiestra*) e a semelhante ao português (*xanela*). O advérbio antes mantém-se semelhante à forma latina *antequam* em espanhol, galego e português. Em catalão e francês as formas se assemelham, e em italiano diferencia-se de todas as outras. A forma latina para “fechar” (*claudi* do verbo *claudere*) não se manteve em nenhuma das línguas acima, com exceção do italiano, que manteve uma certa semelhança com sua língua-mãe. O catalão e o francês são semelhantes na pronúncia do advérbio antes (*abans* e *avant*, respectivamente). O italiano tem uma palavra totalmente diferente tanto em relação ao latim como às outras línguas românicas para expressar anterioridade – *prima*.

No latim, a ordem das palavras é indiferente; no entanto, nas outras línguas, não. Em todos os casos, temos a ordem básica Sujeito + verbo + complementos. Em alguns casos, a forma adverbial “sempre” vem antes ou depois do verbo; já o advérbio antes, acompanhado da preposição de (que não ocorre na língua latina), ocorre antes do último verbo da oração.



Faça você mesmo

Observe os seguintes pares de palavras com a forma latina e seu correspondente em português: *apicŭla*>abelha; *gracŭlu*>alho; *macŭla*>malha; *specŭlu*>espelho; *peducŭlu*>piolho.

Que fenômenos fonéticos você consegue observar? Que mudanças ocorreram em sons vocálicos? E nos sons consonantais? Manteve-se o mesmo número de sílabas? Tente perceber essas mudanças e depois as discuta com seus colegas.

Como você pode ver, a língua varia com o passar do tempo e em função de sua distribuição no espaço. Para tornar sua fala mais exata ou expressiva, os falantes criam o tempo todo palavras e construções sintáticas novas com os materiais disponíveis em sua própria língua e também sofrem interferências externas, do contato com outras línguas.

Para você entender como as línguas românicas se diferenciaram até chegar ao ponto de língua nacional de um país, é preciso considerar a ação dos substratos, superstratos e adstratos, aos quais vamos nos referir várias vezes nesta aula. Lembre, a seguir, o que esses termos significam (CÂMARA JR., 1977).

Substratos

nome que se dá à língua de um povo que é abandonada em proveito de outra que a ela se impõe, geralmente como consequência de uma conquista política.

Superstratos

nome que se dá à língua de um povo conquistador, que a abandona para adotar a língua do povo vencido.

Adstratos

toda língua que vigora ao lado de outra (bilinguismo), num território dado, e que nela interfere como fonte permanente de empréstimos.

Ilari (2004, p. 139) explica que é comum o superstrato, a língua que o dominador impõe, conviver com a língua dos dominados, sendo por ela influenciada, caracterizando uma relação de bilinguismo, uma vez que convivem lado a lado. Segundo o autor, isso ocorreu de três maneiras, no caso do latim. A primeira delas diz respeito ao recebimento de alguns elementos das línguas dos vencidos que foram incorporados à estrutura do latim e difundidos em todo o mundo romano. Esse fenômeno foi comum em palavras de origem itálica e do celta. Por exemplo, o francês *cafard* e o italiano *scaragaggio* remontam a uma palavra osca **scarafaius*. O latim a tomou emprestada como *scarabeus*, dando origem ao português escaravelho e o italiano *scarabeo*. Os termos gauleses *carrum* e *bracæ*, que significam carruagem de quatro rodas e calça comprida, respectivamente, foram incorporados ao latim quando os romanos adotaram tais objetos e esses termos passaram a todas as línguas românicas: carro e *bragas* (português e espanhol), *char*, *braies* (francês), carro, *brache* (italiano).



Exemplificando

Veja também o que aconteceu com a palavra “cavalo”. No latim, a forma dessa palavra era *equus* (com o feminino *equa*), antigo nome indo-europeu, mas já no século II a.C. aparece *caballus*, usado para designar o cavalo de tiro e de trabalho, usado popularmente, forma esta conservada pelas línguas românicas – italiano *cavallo*; francês *cheval*; espanhol *caballo*; português cavalo; romeno *cal* –, em detrimento de *equus*, que se manteve apenas no feminino: *equa* (francês antigo, *ive*, *ieve*; provençal antigo, *ega*; catalão, *éuga*, *egua*; espanhol, *yegua*; português, *égua*; romeno, *iapa*).

A segunda maneira diz respeito à permanência dos substratos nos nomes de lugares (topônimos), como você estudou na Unidade 1 e no vocabulário relativo à fauna, flora e à cultura material, principalmente quando este se referia a elementos desconhecidos pelos romanos.

A terceira refere-se ao fato de os povos vencidos aplicarem ao latim os hábitos linguísticos relativos à pronúncia, preferências vocabulares e sintáticas próprias de seus idiomas. Ainda que esses elementos do substrato tenham desaparecido depois de uma ou duas gerações em ambientes mais fortemente romanizados, acabaram persistindo em outras faixas sociais, provocando, mesmo à distância de séculos ou décadas, o aparecimento de inovações localizadas, servindo de ponto de partida para a dialeção do latim.

Ainda segundo Ilari (2004, p. 140),

[...] as línguas dos povos romanizados não desapareceram por completo com a implantação do latim, mas se mantiveram determinando tendências à dialeção; é plausível admitir que tais tendências foram contidas enquanto tais regiões se mantiveram em contato entre si e com a metrópole, e ganharam força com a divisão política do Império, quando as invasões bárbaricas bloquearam os contatos entre as várias regiões da România.



Pesquise mais

Estude um pouco mais sobre as semelhanças e diferenças entre o latim e as línguas românicas dele provenientes. Consulte os artigos a seguir:

SILVA, José Pereira da. O Estudo histórico-comparativo das línguas românticas de B. E. *Vidos*. [s/l]. [s/d]. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/1\(2\)3-13.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/1(2)3-13.html). Acesso em 22 jan. 2016.

A invasão dos bárbaros, no século V, e a conseqüente quebra da unidade política do Império fizeram com que as diferenças regionais se acentuassem. O latim, fortemente abalado, cedeu ao crescente prestígio das novas formas de expressão, fragmentando-se em diversas línguas. A essa fase embrionária das línguas neolatinas ou românicas, dá-se o nome de romance. Segundo Bassetto (2005), essa fase abrange o período em que o latim vulgar começa a se modificar até se transformar nas línguas românicas modernas. Foi um processo lento, que durou séculos e alterou estruturalmente o latim vulgar.

É difícil captar pontualmente essas mudanças no tempo, no entanto, nota-se a perda da quantidade vocálica (vogais duplicadas, como -ee, -oo) e duração (longas e breves) e sua substituição pelo acento de intensidade, que ocorreu nos séculos IV e V. Já modificações morfológicas e sintáticas, como a substituição dos

Língua românica

FRANCÊS (10º idioma mais falado no mundo)

Os gauleses, com seu falar céltico, foram um dos primeiros povos a habitar a região que hoje corresponde à França. Com as conquistas lideradas por Júlio César, no século I a.C., eles cedem o lugar de seu idioma ao latim vulgar, que perdura até o século VII d.C. Nesse período, ele dá origem a dois idiomas distintos: a *langue d'oïl*, usada na região norte da França, e a *langue d'oc*, na parte sul. A partir de cada um deles surgem dialetos regionais. É de um deles, o chamado *Île-de-France*, que nasce o francês contemporâneo.

casos (veja vocabulário) por expressões preposicionadas, a criação dos artigos etc., só foram mais evidentes nos séculos VII ou VIII.

Esses fatos sugerem que não houve um limite cronológico claro entre o latim e as línguas românicas, e por isso não é possível dizer quando o latim vulgar deixou de ser falado, pois foi um processo gradual e contínuo. Assim, chegou-se a uma época em que esse conjunto de modificações fez com que o latim já não fosse mais entendido, pois estava em uso o linguajar diferenciado ou romance.

Melo (1981) e outros estudiosos do romance e das línguas românicas apontam três fatores como fundamentais na dialeção do latim vulgar: diferenciação cronológica, diversidade do substrato e quebra da unidade política. O primeiro deles – diferenciação cronológica – relaciona-se ao aspecto histórico. O latim recebido pelos povos primeiramente colonizados certamente não era o mesmo que o recebido por povos colonizados posteriormente. Estes receberam um latim já modificado em relação ao latim mais arcaico recebido por aqueles dominados décadas antes. Assim, não há uniformidade no latim imposto nos espaços conquistados.

Outro fator – a diversidade do substrato – tem a ver com a influência que o próprio latim, a língua do dominador, sofreu das diferentes línguas dos dominados, os quais introduziram seus hábitos linguísticos para sua nova língua, contribuindo para a formação de romances que apresentavam características diferentes, uma vez que as interferências também eram diferentes, embora apresentassem similaridades em alguns traços linguísticos. Por exemplo, o francês apresenta alguns fonemas vocálicos que o português não tem. Um falante brasileiro, ao aprender uma língua como o francês, tenderá a imprimir à sua fala características próprias de sua língua, sem fazer a diferenciação de alguns sons que não lhe sejam familiares.

O terceiro fator – quebra da unidade política – tem a ver com a interferência de aspectos políticos no processo de variação do latim. Como você sabe, o ensino institucional de uma língua, no âmbito escolar, contribui para gerar sua unidade. Durante o tempo em que houve total controle romano sobre as províncias, havia forças que mantinham a unidade linguística, garantindo integração à civilização romana e ligação política com a

Língua românica

PORTUGUÊS (6º idioma mais falado no mundo)

Os povos que habitavam a Península Ibérica eram separados pelas distinções linguísticas e culturais. Através das invasões romanas do século II a.C., esses dialetos variados são extintos, dando lugar ao latim. Na região da Lusitânia, que não corresponde exatamente ao território atual de Portugal, o idioma dos romanos evoluiu e originou, no século VIII d.C., o galego-português. O português como idioma oficial de Portugal é reconhecido seis séculos mais tarde, e guarda, no seu vocabulário, as influências das invasões germânicas e árabes.

metrópole. Mas, com a queda do império, o contexto muda e os colonizados se sentem livres e autorizados a dar outros rumos à sua língua, pois o dominador já perdera até mesmo o controle da língua que os dominados usavam ou deixavam de usar.

Atrelado a isso, vamos considerar a atuação do superstrato que tornou ainda mais complexo e heterogêneo o latim. E como isso aconteceu? Os povos bárbaros que invadiriam os territórios onde já se falava o latim modificado adotaram as línguas dos dialetos falados nessas regiões. Esses povos imprimiram, assim como o substrato, seus traços linguísticos ao latim vulgar já modificado pelo substrato. Posteriormente, esses dialetos, modificados pelo substrato e pelo superstrato tomaram formas bem distintas. Isso explica, grosso modo, os diversos romances e as diversificadas e diferentes línguas românicas que temos atualmente.

Língua românica

ESPAÑHOL (3º idioma mais falado no mundo)

A Espanha deve seu nome à antiga forma como era chamada a Península Ibérica: Hispania. Na região da atual Andaluzia, a latinização foi rápida. Já na região norte, onde se situa o País Basco, o idioma dos conquistadores demorou para se perpetuar. O espanhol ainda foi influenciado pelos visigodos e pelos árabes, que, em algumas regiões, permaneceram por 800 anos. Foi somente a partir da metade do séc. X, com a chegada do Cristianismo, que o pequeno reino de Castela, situado ao norte do país e dono de um dialeto ainda desconhecido, começa a conquistar o território. Esse processo perdurou até o séc. XV, dando origem ao idioma espanhol – ou castelhano.

Segundo Bassetto (2005), a diversidade dos falares latinos vulgares pode ser explicada pela época em que a região foi latinizada, pelas distâncias em relação ao centro de disseminação e pela dificuldade de acesso e de comunicação. Assim, as regiões de colonização mais antiga apresentariam um latim mais arcaico e as mais recentes, uma língua mais evoluída. Por outro lado, mesmo em meio à diversidade, a língua latina manteve grande número de concordâncias no léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe. Isto é, manteve uma uniformidade básica com variedades mais ou menos notáveis. Essa relativa unidade inspirou o poeta Rutilio Namaciano quando este disse: “Fizeste uma pátria única, de diversas nações; fizeste uma cidade que antes era um mundo”.

Desta ou daquela forma, o certo é que essas línguas acabaram absorvidas pelo latim falado. Mas essa absorção não se deu sem consequências diferenciadoras e, semelhantemente ao que sucede a qualquer língua falada por uma coletividade estrangeira, o latim foi-se alterando, em função das necessidades regionais, dos hábitos fonéticos do povo conquistado e da época da romanização da província. Enquanto perduraram a unidade política e a influência conservadora das escolas, aquelas alterações iam se infiltrando, ainda que discretamente.

Assim como você já estudou sobre o latim vulgar, essas novas variedades – romances – quase não contam com fontes escritas. Os escritos da época eram em um latim eclesiástico, ou dos diplomas, das chancelarias, notarial, dos tabeliães etc., e mesmo nestes documentos podiam já ser encontrados muitos termos do romance, ainda mais numerosos que os do latim vulgar em textos literários.



Assimile

A fragmentação da România foi tão grande que nenhuma variedade linguística conseguiu, a princípio, destacar-se como comum a alguma região mais vasta, conforme se vê na história de cada uma das línguas neolatinas ou românicas: o português, o galego, o espanhol, o catalão, o francês, o provençal, o franco-provençal, o italiano, o rético e o romeno.

Como aconteceu com o latim vulgar, as pessoas cultas também desvalorizavam o romance, por julgá-lo uma língua de gente inculta, já que não podia ser encontrada na literatura e nem apoiada pelos gramáticos da época. No entanto, com o passar do tempo, em que o latim não era mais falado e o clássico era modelo para a prosa e para o verso, foi crescendo a dificuldade de manejar uma língua não mais falada ordinariamente. Por isso, foram criados glossários para facilitar a leitura de textos na língua latina que já soava diferente, como se fosse uma língua antiga.

O processo modificador, em direção ao romance e às línguas românicas, começou bem cedo, como você já viu nesta aula, sob a influência dos substratos e dos adstratos, já durante o período do bilinguismo. Com a queda do Império, as forças do substrato e do superstrato aceleram o processo. Os regionalismos e os empréstimos vocabulares se multiplicam e se fortalecem. A ausência de um fator de unificação como a administração romana facilitou a implantação de mudanças fonéticas, morfológicas, sintáticas e no vocabulário.

Língua românica

ROMENO (40^º idioma mais falado no mundo)

Na época do Império Romano, a atual Romênia era habitada pelos Dácios. Apenas uma parte dessa população foi romanizada, permitindo que o idioma local sobrevivesse, influenciando na formação do romeno. O território onde hoje é falado esse idioma, hoje, é circundado de países de língua eslava, fora de contexto geográfico de suas línguas-irmãs, como o português, o espanhol, o francês etc. Isso também permitiu que muitas características do latim permanecessem vivas no idioma.

Segundo Ilari (2004), no final do primeiro milênio, os falares encontrados na Romênia já não eram chamados de latim vulgar, pois ela estava fragmentada em uma série de regiões em que o romance era falado de maneira diversificada.

Mas o que determinou, no conjunto das línguas românicas, os motivos principais que levaram o que era apenas uma variedade dialetal à categoria de língua literária, como no caso do português, do francês, do espanhol e do italiano, dentre outras, reconhecidas como línguas nacionais? O prestígio político, econômico ou cultural foi o fator determinante para que um dialeto fosse adotado em detrimento de outro, fazendo com que fosse transformado em língua nacional.

Onde esses motivos não foram suficientemente fortes, nenhuma variedade linguística conseguiu sobrepor-se às demais. É o que aconteceu com o rético (uma das quatro línguas faladas na Suíça), em cujo ramo ocidental cinco dialetos ainda disputam o privilégio de ser a língua literária. Na Romênia, por exemplo, a falta de unidade política fez com que a verdadeira literatura romena só surgisse no século XIX.

Língua românica

ITALIANO (21º idioma mais falado no mundo)

Com a queda do Império Romano, em 476, a região da Itália é subdividida em pequenos estados. Cada um deles possuía um patois* distinto. A partir do séc. XIV, com a difusão da literatura, o italiano começa a tomar forma. Sua maior influência foi o dialeto toscano falado pelos florentinos que, propagado através das obras de autores como Dante Alighieri, Boccaccio e Petrarca, se fixou como o italiano escrito. A língua falada mais uniformemente começou a se espalhar pelo país somente no séc. XX, paralelamente aos dialetos regionais, que existem até hoje. (*Patois: dialeto utilizado por pequenos grupos populacionais.)



Pesquise mais

Procure mais informações sobre outras línguas românicas: como e onde surgiram, em que época, quais os primeiros escritos, qual a produção literária, a quais outras línguas da mesma família elas são mais semelhantes, de qual se distanciam mais. Quais substratos e adstratos entraram em sua constituição. Veja nos links já indicados no LD e na webaula.



Vocabulário

Dialeto: Refere-se aos diferentes usos de uma dada língua, efetivados a partir de regras espontâneas do próprio sistema e/ou de normas previamente estabelecidas. É o caso, por exemplo, para citar exemplos próximos, do dialeto caipira, dialeto carioca, dialeto nordestino.

Romance: Cada uma das variedades surgidas da evolução do latim vulgar, falado pelas populações que ocupavam as diversas regiões da România e que se constituiu na fase preliminar de uma língua românica.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo, levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Para efetuar essa tarefa de forma a atender ao proposto como atividade em grupo pelo professor da disciplina, é preciso:

- Ler os seguintes textos:

BOTELHO, José Mario. Causas e consequências da dialeção da língua latina: um pouco de história externa da língua portuguesa. *Cadernos do CNLF* (Congresso Nacional de Linguística e Filologia), Rio de Janeiro, [s/d], v. 14, n. 4, t. 3. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2471-2481.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?* Museu da Língua Portuguesa, Estação da Luz, Secretaria da Cultura de São Paulo (SP), 2009. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_9.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.

- Atentar para o que os autores dizem a respeito dos povos e línguas presentes nos territórios conquistados.

- Atentar para o que os autores dizem sobre o intercâmbio linguístico entre substrato e superstratos.

- Atentar também para o papel dos adstratos.
- Formular hipóteses explicativas para os fenômenos observados.

Depois de discutir sobre esses e outros pontos, escreva um texto expositivo, discorrendo sobre a relação entre o latim vulgar como superstrato, as línguas às quais se impunha (os substratos) e a formação das línguas românicas, considerando tudo o que aconteceu nos territórios ocupados (ascensão, queda do Império, invasão germânica/bárbara, invasão árabe, reconquista). Você tem liberdade de buscar o tema estudado em outras fontes, além do LD e leituras indicadas.



Atenção!

Você também pode consultar o livro do prof. Rodolfo Ilari. Essa é uma obra completa, que poderá lhe dar uma visão tanto do ponto de vista histórico quanto metodológico sobre a origem e constituição do latim e suas variedades, e como por meio deste vieram a surgir as línguas românicas.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2004.



Lembre-se

Para a resolução da situação-problema, é importante voltar às duas primeiras aulas desta unidade, para relembrar o processo de latinização da Península Itálica e da Península Ibérica, bem como a queda e as duas outras invasões pelas quais esta última passou: invasão bárbara e árabe. Foque sua atenção na questão linguística do antes, do durante e do depois desses eventos determinantes na constituição das línguas românicas.



Refleta

Ao pesquisar sobre as línguas presentes nos territórios dominados pelos romanos, a imposição do latim como língua nacional, o contato posterior dos falantes de latim com os povos bárbaros e suas línguas, os árabes e suas línguas, não deixe de caracterizá-las como substratos, superstratos e adstratos, além de considerar as possíveis relações de bilinguismo.

Avançando na prática

| Pratique mais! | |
|---|---|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas. | |
| "Língua pura é possível?" | |
| 1. Competência de fundamentos de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Refletir sobre os fatores constitutivos das línguas românicas. |
| 3. Conteúdos relacionados | Fatores de dialetação do latim. Formação das línguas românicas. |
| 4. Descrição da SP | Um gramático da língua discute com um linguista sobre a importância de se buscar a pureza da língua, de protegê-la da corrupção e do perigo que estrangeirismos podem representar para a identidade de uma língua. Defende, então, que não se use, em hipótese alguma, palavras estrangeiras, mesmo que não haja uma correspondente no Brasil. "Se não existe, invente-se", diz o primeiro. O linguista, conhecendo a história da constituição do nosso idioma, sabe que a língua portuguesa foi formada a partir do latim, tendo recebido várias outras influências. Portanto, nem essa língua nem qualquer outra (dentre as oficiais) é pura. Se você fosse o linguista, como defenderia esse ponto de vista, baseando-se no que você sabe sobre a constituição das línguas românicas, por exemplo? |
| 5. Resolução da SP | Todas as línguas românicas, inclusive a língua portuguesa, nunca foram puras, ou seja, sem influências sejam fonéticas, morfológicas, lexicais ou sintáticas de outras línguas com as quais tiveram contato. O latim vulgar em uso nas regiões dominadas pelo Império Romano mesclou-se a elementos das línguas nativas. Após a queda do Império, os falares das diferentes regiões foram se distanciando cada vez mais do latim e diversificando-se. Esses novos falares eram compostos a partir do superstrato, do substrato e de adstratos. Ainda hoje há vários elementos estrangeiros em nossa língua, que já estão tão incorporados em nosso vocabulário que nem nos damos conta. É o caso, por exemplo, de: abajur, sutiã, alface, alecrim, álgebra, salsicha, risoto, violino, dentre muitas outras. Além dessas, já aportuguesas, há também os empréstimos linguísticos: marketing, sale, show, pen drive etc., que não sofreram adaptação, mas são usadas de forma produtiva no dia a dia. A adoção de palavras de origem estrangeira enriquece uma língua, não a corrompe e não a deixa nem mais nem menos pura. |



Lembre-se

É chamada de romance cada uma das variedades surgidas da evolução do latim vulgar, falado pelas populações que ocupavam as diversas regiões da România e que se constituiu na fase preliminar de uma língua românica.



Faça você mesmo

Projeto de lei proíbe o uso de estrangeirismos

Um projeto de lei, aprovado em março de 2001 na Câmara dos Deputados, restringe o uso de palavras estrangeiras e obriga o uso da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados e pelos estrangeiros residentes no Brasil há mais de um ano. O projeto rege o ensino e a aprendizagem; o trabalho; as relações jurídicas; a expressão oral, escrita audiovisual e eletrônica oficial e nos eventos públicos nacionais; os meios de comunicação de massa; e a publicidade de bens, produtos e serviços. Trata-se do PL nº 1676, proposto pelo deputado Aldo Rebelo, do PC do B de São Paulo. (Lei proíbe uso de estrangeirismos, *Revista Comciência*, ago. 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling04.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2015).

Tendo em vista tudo o que você já aprendeu sobre a história da constituição de uma língua, sobretudo a da língua portuguesa, que argumentos você usaria para posicionar-se contrariamente a tal projeto de lei? Discuta com seus colegas.

Faça valer a pena

1. A formação da _____ é decorrência do percurso histórico do Império Romano e da língua _____, desde a expansão territorial, por intermédio de guerras, até a dissolução e _____ do Império. As conquistas do Império Romano contribuíram para a divulgação do latim como língua oficial do Império. Como consequência disso, o contato dos romanos com as diferentes famílias linguísticas dos povos dominados deu origem a novas línguas, denominadas línguas _____.

Assinale a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as lacunas do texto acima.

a) Roma; latina; ascensão; latinas.

- b) România; grega; queda; árabes.
- c) Grécia; grega; ascensão; latinas.
- d) România; latina; queda; românicas.
- e) Roma; latina; queda; árabes.

2. Analise as afirmações a seguir sobre o termo România e julgue-as como V (Verdadeiras) ou F (Falsas).

I. Se o Império sobreviveu como ideal de ordem política durante toda a Idade Média, a unidade linguística e cultural dos territórios romanizados não impressionou menos os antigos, romanos ou bárbaros. Para denominar essa unidade linguística e cultural, emprega-se o termo România.

II. Em termos restritos, conceitua-se, linguisticamente, a România como toda a área geográfica que, em virtude das conquistas romanas, foi latinizada. Convém lembrar, porém, que essa latinização não constituiu substrato étnico uniforme. Em termos amplos, a România abrange toda a área geográfica por onde se expandiram os idiomas neolatinos na África, na América, na Ásia e na Oceania.

III. O termo România é usado modernamente referindo-se a toda a área ocupada por línguas de origem latina, sendo que os limites da România atual e do antigo Império Romano coincidem.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) II, apenas.
- d) III, apenas.
- e) II e III, apenas.

3. Observe o que ocorre de comum nas transformações dos fonemas do latim para o português, observados a seguir:

littĕra>letra; genĕru>genro; lepĕre>lebre;
 mascŭlu>macho; polĭpu>polvo.

Assinale a alternativa correta:

- a) Todas as palavras em português mantêm o mesmo número de sílabas que em latim.
- b) As sílabas com vogal breve desaparecem no português.
- c) Não ocorrem mudanças significativas do latim para o português.
- d) Todas as consoantes se mantiveram iguais no português.
- e) Todas as vogais se mantiveram iguais no português.

Seção 2.4

Periodização da língua portuguesa

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

Steve McQueen, estudante do curso *degree in language*, equivalente ao de Letras, da Universidade de Sponsor Ville, dos Estados Unidos, está participando de um intercâmbio – graduação sanduíche – durante seis meses na Universidade Colina Verde, no Brasil. Atualmente está cursando a disciplina de História da Língua Portuguesa.

Nesta aula, ele se defronta com a situação-problema descrita a seguir. O professor da disciplina de História da Língua Portuguesa avisou aos alunos que eles deveriam, antes de irem à aula, ler o material por ele disponibilizado, fazer pesquisas em sites confiáveis, para então montar um quadro ilustrativo dos três períodos ou fases pelas quais o português passou até se consolidar e ser reconhecido como língua de um povo ou nação. Assim, o desafio de Steve será:

- Saber como as invasões pelas quais passou a Península Ibérica e os movimentos de reconquista de território contribuíram para a formação de outras línguas românicas e do português.
- Conhecer as diferentes abordagens sobre a periodização da Língua Portuguesa.

Para resolver a situação-problema exposta acima, você deve ler o livro didático e realizar as leituras complementares indicadas, bem como visitar os sites, assistir aos vídeos e fazer um fichamento ou resumo de cada um desses materiais. Não se esqueça: o tema é periodização da Língua Portuguesa, que deve ser subdividida em três partes.

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Conhecer as fases pelas quais passou a Língua Portuguesa ao longo do tempo.
- Identificar as características correspondentes a cada uma dessas fases.

Não pode faltar**1. Criação do reino de Portugal**

No século V, bárbaros de origem germânica – chamados de vândalos, suevos, visigodos e alanos – invadiram a Península Ibérica, então dominada pelos romanos. Os vândalos fixaram-se na Galécia e na Bética, posteriormente chamada de Andaluzia. Os alanos tomaram a Lusitânia, mas logo foram repelidos. Depois, os suevos se estabeleceram na Galécia e na Lusitânia, região esta em que mais tarde surgiu a nação portuguesa. Então, os visigodos dominaram os suevos e deram início a um forte reino bárbaro na região além dos Pirineus. Apesar do espírito guerreiro dos germânicos, admitiram a cultura romana existente nos territórios conquistados e o próprio latim, já alterado pelo contato com as línguas bárbaras. Escolas foram suprimidas e a nobreza romana, que cultivava as “riquezas” e “belezas” da língua latina, desapareceu. Deixaram uma herança em mais de 200 palavras para o nosso idioma, relacionadas aos seus usos e costumes.

Mais um importante fator a ser considerado na formação de nossa língua: a invasão árabe. Em 711, um exército de árabes recém-convertidos ao islã, liderados por Tárique, desembarcou em Gibraltar após conquistar o norte de África. Aproveitando-se das lutas internas que dividiam os visigodos, avançaram rapidamente, beneficiando-se do povoamento disperso para conquistar quase toda a península. Mesmo com a conquista, as populações locais puderam permanecer nas suas terras mediante pagamento; os hábitos e a língua dos cristãos e dos judeus foram tolerados, porém o árabe era a língua oficial.

Entre conquistas e reconquistas, cristãos e árabes conviveram por mais de sete séculos. Esse contato produziu duas culturas designadas pelos adjetivos *moçárabe* e *mudéjar*. O primeiro significa “arabizado”, “tornado árabe” e se refere aos cristãos que viveram em territórios de domínio árabe. O segundo – *mudéjar* – aplica-se à situação inversa: trata-se de árabes vivendo em território cristão, situação comum na época, já que os reis cristãos, nos territórios recém-conquistados, precisavam, muitas vezes, dividir o poder com senhores locais de origem árabe.

Em geral, as palavras portuguesas de origem árabe referem-se:

a) a guerras: acicate, adail, adarga, alcaide, alfanje, alferes, algarada, aljava, ameia, arrebatat, atalaia, ronda, zaga;

b) à agricultura e jardinagem: açafraão, açúcar, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, almécega, benjoim, berinjala;

c) ao comércio, pesos e medidas: aduana, armazém, arroba, quilate, quintal;

d) a ofícios, cargos: adail, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almotacel, almoxarife, arrais, califa, emir;

e) a instrumentos musicais: adufe, alaúde, anafil, arrabil, tambor;

f) às ciências: álgebra, algoritmo, cifra, zênite, nadir, álcool, álcali.



Assimile

Da convivência por séculos entre árabes e cristãos, surgiram duas culturas: *moçárabe* e *mudéjar*. A primeira se refere a cristãos que viveram em territórios de domínio árabe e significa “arabizado”, “tornado árabe”. *Mudéjar* refere-se aos árabes que viviam em território cristão.

Desde 718, um grupo de cristãos visigodos resistiu à súbita invasão muçulmana da Península Ibérica, refugiando-se na região montanhosa das Astúrias, ao norte. Então, liderados por Pelágio, fundaram o Reino das Astúrias e deram início à reconquista de territórios. Pela Reconquista, esses reinos ampliaram progressivamente seu território em direção ao sul, trazendo consigo a língua latina dos cristãos, que ia se encontrando com o latim moçarábico. Um e outro – latim hispânico e o latim moçarábico – já estavam em fases linguísticas diferentes, tendo passado para outro estado de língua, chamado de romanço (nome dado aos múltiplos e variados falares regionais em que se diferenciou o latim por toda a România, na primeira parte da Idade Média). A formação de estados políticos serviu de mola propulsora para o surgimento de línguas comuns nacionais, como o francês comum, no norte da França, por exemplo.

Os movimentos de Reconquista tiveram efeitos linguísticos importantes. Por volta do ano 1000 as línguas românicas de maior prestígio na península ibérica eram o galego, o leonês, o asturiano, o castelhano e o aragonês, todas estas faladas ao norte, ou nos montes Calábricos ou nos Pirineus. Esses idiomas submeteram as línguas vizinhas e estas desapareceram. Na parte sul da península se impuseram também sobre o moçárabe, falado pelos cristãos que viviam no território dominado pelos árabes. Esse processo gradual originou o nascimento de pequenos reinos, que iam sendo alargados à medida que as conquistas eram bem-sucedidas. Assim nasceram o Reino de Leão, de Navarra, de Aragão, de Castela e da Galiza. O processo de reconquista só foi completado em 1492, quando Castela incorporou o último estado árabe, o reino de Granada. Nessa mesma data, Castela e Aragão uniram-se formando o reino da Espanha (ILARI; BASSO, 2009).



Assimile

“Reconquista é o nome dado aos movimentos político-militares de expansão pelos quais passaram alguns reinos cristãos que, por volta do ano 1000, ocupavam a faixa mais setentrional da Ibéria, correspondente aos montes Cantábricos.” (ILARI; BASSO, 2009, p. 18).

Em 1093, o rei de Leão e Castela entrega o governo da região do Porto (à época, Condado Portucalense) a Henrique de Borgonha pelo casamento com a sua filha Teresa de Leão. Esta, depois da morte do marido, tenta alargar os seus domínios e conseguir autonomia, aliando-se à alta nobreza galega contra Leão e Castela, porém encontrou a oposição de seu filho, Afonso Henriques, que se opunha à união galego-portuguesa. O fato originou uma revolta liderada pelo filho, que, em 1128, venceu a batalha contra as forças de sua mãe e assumiu o governo do condado. Em 1139, após importante vitória contra um contingente mouro, conquista a cidade de Lisboa e, com o apoio das suas tropas, é aclamado rei de Portugal. Nascia então o Reino de Portugal, com capital na cidade do Porto (antes chamada de Portucale, que deu origem ao nome Portugal).

Em 1143, Leão e Castela reconhecem a independência portuguesa e, em 1147, Afonso I de Portugal conquista Lisboa. Com a pacificação interna, prosseguiu nas reconquistas de territórios em poder dos mouros. Com a tomada de Faro, em 1249, a expansão territorial ampliou-se em direção ao sul, culminando na conquista do Algarve, definindo assim os limites atuais de Portugal. Com a tomada do sul, os espaços foram sendo habitados por colonos do norte que falavam o galego-português, o qual se consolidou como língua falada e escrita da Lusitânia. Com a consolidação da monarquia portuguesa, a sede do poder saiu da cidade do Porto para Lisboa, fazendo com que a base territorial da língua portuguesa rumasse do norte para o sul. Mas como isso pode nos interessar? Interessa pelo fato de que as principais inovações ocorridas na língua portuguesa nos séculos que se seguiram começaram exatamente no sul, não chegando ao extremo norte, região onde hoje é a Galiza (a Galiza foi incorporada à Espanha no fim do século XV e é hoje uma região bilingue, onde se fala o galego e o espanhol). E essa é uma das razões da separação entre o português e o galego, o que fez com que o português começasse a cultivar uma identidade própria.

2. Periodização do português

Para melhor compreender as transformações da língua portuguesa ao longo do tempo, a divisão de sua história em períodos ou fases é uma importante ferramenta didática. Porém, é necessário considerar a dificuldade em se fixar uma data exata para o estabelecimento de uma mudança na língua, já que as mudanças ocorrem de forma lenta e gradual. Muitos autores já propuseram periodizações da língua

portuguesa, portanto, ela não é absoluta. Porém, eles concordam em um aspecto: reconhecem na história da língua uma fase arcaica, uma fase clássica e uma fase moderna ou contemporânea. Segundo Ilari e Basso (2009, p. 20), todos esses autores “concordariam em classificar na última a língua de Machado de Assis e Eça de Queiroz, na primeira as Cantigas dos Trovadores e na fase clássica a língua de Os Lusíadas.”. Assim, é nesse consenso que vamos nos basear para estudarmos os períodos arcaico, clássico e moderno.

Português Arcaico – Primeira fase: o Galego-Português (1100-1350/1385)

O período arcaico do português é marcado pelos primeiros documentos escritos, no século XII, e vai até meados do século XIV (lembrando sempre que essas datas são estimadas). Vários estudiosos dividem esse período em primeira e segunda fase. O que seria considerado a primeira fase do português arcaico é conhecido como galego-português. Tal língua coincide com a criação do Reino de Portugal. Além de ser adotada pelos moçárabes, muçulmanos que tinham permanecido na península, foi adotada também por outros grupos que se deslocavam do norte para o sul, ocupando as terras abandonadas pelos árabes.

O *Testamento de Afonso II* (de 1214), que possui várias versões, a *Notícia de Torto* (datado entre 1211 e 1216) e a *Notícia de Fiadores*, de 1175, são exemplos dos primeiros documentos escritos de que se tem notícia do período. Os textos desse período são de difícil leitura, tanto pelas diferenças linguísticas de representação dos sons e formação de palavras quanto pela ortografia, que ainda não estava fixada. Trata-se de documentos oficiais, documentos particulares de compra e venda, doações, leis locais e leis gerais. Apesar de o galego-português ser uma língua de grande prestígio, ainda usava-se o latim na escrita de muitos documentos oficiais, que cada vez mais ia recebendo interferências da língua falada, isto é, do vernáculo. Uma parte da população, porém, não conhecia esse latim literário, e por isso, na redação de documentos relativos às heranças, demandas e doações, eram incorporadas características da fala corrente da população.

A lírica trovadoresca galego-portuguesa foi a expressão literária mais representativa desse período. Na literatura, florescia o Trovadorismo, representado na poesia lírica reunida nos cancioneiros: *Cancioneiro da Ajuda*, *Cancioneiro da Vaticana*, *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Estes subdividem-se em três categorias de poesia: (1) as cantigas de amor, de inspiração provençal, em que fala o homem; (2) as cantigas de amigo, mais populares, em que fala a mulher e (3) as cantigas de escárnio e mal dizer, de poemas satíricos. Geograficamente falando, tais documentos foram escritos no noroeste de Portugal e na Galícia. Embora seja considerado galego-português, já eram percebidas palavras com características da língua portuguesa nos textos dessa época.

Cantiga da Ribeirinha, datada de 1198, escrita por Paio Sores de Taveirós, é o primeiro texto literário em língua galaico-portuguesa de que se tem registro. Veja-o a seguir, com sua respectiva tradução:

No mundo non me sei parelha,
Mentre me for como me vai,
Cá já moiro por vós, e - ai!
Mia senhor branca e vermelha.
Queredes que vos retraia
Quando vos eu vi em saia!
Mau dia me levantei,
Que vos enton non vi fea!

E, mia senhor, des'd'aquel'di, ai!
Me foi a mi mui mal,
E vós, filha de don Paai
Moniz, e bem vos semelha
D'haver eu por vós guarvaia,
Pois eu, mia senhor, d'alfaia
Nunca de vós houve nem hei
Valia d'ua correa.

No mundo não conheço quem se compare
A mim enquanto eu viver como vivo,
Pois eu morro por vós – ai!
Pálida senhora de face rosada,
Quereis que eu vos retrate
Quando eu vos vi sem manto!
Infeliz o dia em que acordei,
Que então vos vi linda!

É, minha senhora, desde aquele dia, ai!
As coisas ficaram mal pra mim,
E vós, filha de Dom Paio
Moniz, tendes a impressão
De que eu posso roupa luxuosa para vós,
Pois eu, minha senhora, de presente
Nunca tive de vós nem terei
O mimo de uma correa.
Fonte: Campedelli e Souza (2009, p. 91).



Pesquise mais

Se quiser conhecer a totalidade das cantigas medievais presentes nos cancioneiros galego-portugueses, as respetivas imagens dos manuscritos, letra e cantigas musicadas (em sua versão medieval ou em versões ou composições originais contemporâneas), não deixe de visitar o site do Projeto Littera:

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro et al. (2011-). *Cantigas Medievais Galego Portuguesas* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<http://cantigas.fcs.unl.pt>>. Acesso em: 12 out. 2015.

Português arcaico: segunda fase (1350/1385-1540)

A segunda fase do português arcaico começa por volta de 1350 (lembre-se de que as datações linguísticas são aproximações), quando a mudança da capital do Porto para Lisboa, com a expansão do reino para o sul, contribuiu para certo isolamento geográfico, o que acarretou em mudanças linguísticas e na diferenciação entre o galego-português e a língua portuguesa. O quadro a seguir traz algumas características fonológicas e morfológicas do português arcaico nessas duas fases:

Quadro 2.1 | Características do Português Arcaico

| Primeira fase | Segunda fase |
|---|---|
| Fonologia | |
| Quatro fonemas sibilantes, sendo dois pré-dorso-alveolares /s, /z/ mais dois apico-alveolares /ʃ/, /ʒ/. | Redução para dois fonemas sibilantes pré-dorso-alveolares /s, /z/. |
| Surgimento de hiatos com a queda de consoante intervocálica: sigillu > seello, fide > fee, medesmo > meesmo, tenere > teer. | Queda de uma das vogais do hiato: selo, fé, mesmo, ter. |
| Perda da consoante nasal intervocálica e surgimento de vogais nasais finais: -ane > am (cane > cam), -one > om (sermone > sermom), -onu > om (bonu > bom), -unt > om (fecerunt > fezerom) | Simplificação dessas nasais finais, com predominância da vogal -om, que muda para -ão, como em cão, sermão, fizeram, bão, esta uma forma curiosamente não aceita na língua culta. |
| Morfologia | |
| Palavras em -or e -es são uniformes quanto ao gênero: hum / hua pastor português | Regularização dessas palavras, que passam a receber marcação do feminino: hua pastora portuguesa |
| Participios dos verbos em -er terminam por -udo: teúdo, sabudo. | Esses participios passam a terminar em ido: tido, sabido. A forma -udo sobrevive em conteúdo. |
| Manutenção do /d/ no morfema número-pessoal -des, como em amades, fazedes. | Perda desse fonema, surgindo hiatos, tais como em amaes, fazees, ditongados posteriormente, como em amais, fazeis. |

Fonte: Adaptado de Castilho (2009).

De maneira muito simplificada, podemos dizer que o português arcaico situava-se entre o latim vulgar e o português atual, pois muitos traços que caracterizam nossa língua não estavam ainda completamente definidos (ILARI; BASSO, 2009). Os textos da primeira fase do período arcaico eram produzidos e reproduzidos de forma manuscrita, nos cartórios e nos conventos, pautando a vida jurídica e eclesiástica, e mais tarde o latim passou a se diferenciar. Para ser mais compreensível a seus falantes, o romance passou a ser utilizado no sermão e na administração dos sacramentos. A administração civil também substituiu o latim misturado e cheio de fórmulas cartoriais pelo romance (SPINA, 2008).

Com o tempo, a língua portuguesa passa a ser uma língua de cultura e, portanto, torna-se necessária a normatização de sua escrita. Uma grande dificuldade desse período foi representar na escrita, por exemplo, a nasalização dos ditongos da língua portuguesa (mão, sã, pães), que não existia no latim. Hoje há uma padronização para esses casos, como com o uso do til, mas na Idade Média tal padronização ainda não tinha acontecido. Por isso que, ao lermos textos datados daquela época, encontramos diferentes formas para representar um mesmo som.

O fim desse período de consolidação da língua (ou de utilização do português arcaico) é marcado pela publicação do Cancioneiro Geral de Garcia de Resende, em 1516.

Português clássico

Se compararmos o português do período arcaico com o português do período clássico, o último parecerá muito mais familiar. Por que isso acontece? Nesse período, algumas importantes mudanças no vocabulário e na sintaxe da língua ocorreram. O século XVI foi um século de preocupação com o estabelecimento da língua portuguesa, uma vez que é a língua que confere identidade, legitimidade e reconhecimento de um povo frente aos demais.

Foi nesse século que as primeiras gramáticas do português foram escritas. A primeira *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* foi escrita por Fernão de Oliveira, em 1536. A segunda *Grammatica da Lingua Portuguesa*, data de 1540 e foi escrita por João de Barros. Foi nesse período também que os intelectuais portugueses regularizaram a língua. Eles acabaram por escolher as formas da língua vindas da Idade Média com aquelas já em uso na época. Eles “enriqueceram a língua” através do latim clássico.

Devido a sua influência desde a Idade Média, o latim passou a ser uma língua reserva, ou seja, língua onde se buscava termos científicos, por exemplo. Ilari e Basso (2009) caracterizam esse papel do latim como sendo o de um adstrato permanente. Dessa maneira pode-se dizer que o português do período clássico mesclava características do português da Idade Média e do português moderno. Isso porque existiam, lado a lado, palavras que nasceram da evolução do vernáculo “e de palavras criadas por imitação de sua forma latina, mas partindo de sua forma literária” (ILARI; BASSO, 2009, p. 30). Como exemplo disso, temos olhos e óculos, derivados do latim *oculos*, *oc(u)los*, ou de chão e plano, derivados do latim *planu*. O primeiro processo é chamado de derivação popular e o segundo, de derivação erudita. Nessa época, houve um grande enriquecimento do léxico por meio dos escritores dos séculos XV e XVI, “caracterizado como um grande momento da derivação erudita” (ILARI; BASSO, 2009, p. 31).

Com a descoberta das rotas marítimas rumo às Índias, e, portanto, com a expansão do poderio português além-mar, começa uma nova fase da língua portuguesa. Foram sendo introduzidas em nosso léxico palavras originárias dos três continentes que iam sendo explorados, por exemplo, zebra (do etíope), canja (da Índia), chá (do mandarim), leque (China – Ilhas Léquiás), cacau (do nauatl), chocolate (azteca), ananás, amendoim, mandioca e tapioca (origem tupi). Durante o período clássico, o português ainda transmitiu a outras línguas europeias palavras como pintada (galinha-de-angola), feitiço e crioulo. O inverso também aconteceu: do italiano vieram canalha, capricho, charlatão; e do espanhol, bizarro, fanfarrão, camarada, barraca, redondilha, lhanu (ILARI; BASSO, 2009, p. 31).



Refleta

Por que é importante uma língua ter uma forma de normatização por meio de uma gramática? Tendo isso em vista, qual a importância das primeiras gramáticas da língua portuguesa?

Para saber mais sobre a 1ª gramática de nossa língua, e até folheá-la virtualmente, visite o site da Biblioteca Nacional de Portugal:

BIBLIOTECA NACIONAL. **Tesouros**. Campo Grande (Lisboa), 2004. Disponível em: <<http://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>>. Acesso em: 12 out. 2015.

Português moderno

O fato literário de maior relevância, na passagem para o português moderno, é a publicação de *Os Lusíadas* (1572), por Luís Vaz de Camões, obra considerada a verdadeira epopeia nacional portuguesa. Nela são retratados o espírito de aventura, a resistência no sofrimento, as qualidades guerreiras, o heroísmo, numa palavra, todas as grandes virtudes da nação portuguesa. O tema do poema é a própria história de Portugal, rica de episódios e de lances dramáticos; seu herói é o próprio povo português (COUTINHO, 2011).

Com o aparecimento das primeiras gramáticas que definem a morfologia e a sintaxe da língua portuguesa, no século XVI, a língua entra, então, na sua fase moderna. Em *Os Lusíadas*, o português já se mostra muito próximo do atual, tanto na estrutura da frase quanto na morfologia. A partir de então, a língua apresentará mudanças menores. De 1580 a 1640, fase em que Portugal foi governado pelo trono espanhol, o português incorpora palavras castelhanas. No século XVIII, a influência francesa faz o português da metrópole afastar-se do falado nas colônias.

Nos séculos XIX e XX o vocabulário português recebe novas contribuições: surgem termos de origem greco-latina para designar os avanços tecnológicos da época (como automóvel e televisão) e termos técnicos em inglês em ramos como as ciências médicas e a informática (por exemplo, check-up e software). Iremos estudar com maior profundidade o português brasileiro dos séculos mencionados em aulas futuras.



Exemplificando

No século XVII, desaparece da língua portuguesa a africada [tʃ], som simplificado para [ʃ], atingindo, por exemplo, palavras como macho, chave e concha, em que o dígrafo ch representava, antes desse período, o mesmo som da pronúncia da palavra espanhola “mucho”.



Faça você mesmo

Pesquise as influências de outras línguas no vocabulário da língua portuguesa. Procure, por exemplo, palavras de origem árabe, italiana ou francesa e veja como elas foram incorporadas: se são utilizadas tal como se apresentam no idioma fonte ou se sofreram algum tipo de adaptação à fonologia e/ou morfologia do português.



Vocabulário

Adstrato permanente: língua ou um dialeto falado numa região próxima àquela em que se fala outra língua e que pode influenciar esta última na fonética, na sintaxe e, sobretudo, no léxico. No século XV, o Latim foi considerado um adstrato permanente, pois os escritores e intelectuais da época recorriam a ele para “importar” termos e construções para o português.

Vernáculo: diz respeito ao idioma próprio de um país, povo ou nação, aprendido espontaneamente pelo convívio entre seus falantes. É a língua nacional.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo, levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Steve McQueen se defronta com outra tarefa, relacionada ao que está aprendendo em sua graduação sanduiche. Conforme você já leu no início desta

aula, o aluno estrangeiro deve montar um quadro ilustrativo dos três períodos ou fases pelas quais o português passou até se consolidar e ser reconhecido como língua de um povo ou nação. Para efetuar essa tarefa de forma a atender o proposto como atividade em grupo pelo professor da disciplina, é preciso considerar:

- De onde o latim é proveniente.
- Como ele se disseminou.
- Quais os antecedentes históricos da formação do reino de Portugal.
- Quais as fases pelas quais a língua portuguesa passou e quais as características de cada uma dessas fases.

Depois de discutir sobre esses e outros pontos, caso julgue necessário, construa um quadro comparativo, com as três fases estudadas, fazendo constar a época, o estágio em que a língua se encontrava em cada uma delas e quais as características mais importantes. Você tem liberdade de buscar o tema estudado em outras fontes, além do LD e das leituras indicadas.



Atenção!

Para compreender como os diferentes estudiosos realizam a divisão em fases da língua portuguesa e as justificativas que eles dão a isso, você deve ir além do LD. Alguns autores incluem os períodos aqui estudados em três fases: proto-histórica, pré-histórica e histórica. Veja o texto do professor, gramático e filólogo brasileiro, Evanildo Bechara:

BECHARA, Evanildo. **As fases históricas da língua portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização**. (Tese de concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense). Niterói: 1985. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/textos/bechara1985.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.



Lembre-se

Não é possível estabelecer os períodos com precisão, pois não se pode determinar com exatidão quando ocorreu uma mudança linguística ou de fato se estabeleceu em uma determinada língua. Além disso, os critérios para determinar as fases e períodos podem basear-se em aspectos internos à língua e/ou aspectos externos ou extralinguísticos.

Avançando na prática

| Pratique mais! | |
|---|---|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas. | |
| “Cantigas de ontem e hoje” | |
| 1. Competência de fundamentos de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Entender as fases pelas quais a língua portuguesa teria passado e reconhecer as características do português arcaico. |
| 3. Conteúdos relacionados | Períodos da língua portuguesa. |
| 4. Descrição da SP | <p>Silvio Luís está fazendo estágio no 1º ano do Ensino Médio em uma escola pública e a professora de Língua Portuguesa está falando sobre a história de constituição de nossa língua. Como ela terá de falar sobre os primeiros textos escritos, pede ajuda a Silvio Luís, pois, como estudante do curso de Letras, deve estar com tudo muito “fresco” na mente. A professora, então, diz a ele para selecionar os textos exemplares da primeira fase da língua portuguesa e os apresentar a seus alunos, de forma a conseguir prender a atenção deles, uma vez que se trata de cantigas que não têm nada a ver com o “universo musical” da “garotada”.</p> <p>O que você sugeriria ao seu colega de curso Silvio Luís? O que ele deve saber antes de escolher os textos? Quais os critérios para a escolha das canções/cantigas? O que fazer para deixar a aula interessante, mantendo a atenção e a participação dos alunos?</p> |
| 5. Resolução da SP | Silvio Luís deve partir de alguma música atual, do universo dos alunos do ensino médio, que pareça ser de amor, mas que tenha elementos depreciativos. Depois, deve contextualizar a <i>Cantiga da Ribeirinha</i> , falar do período em que foi produzida e passar o vídeo ou colocar o áudio para os alunos ouvirem, enquanto acompanham a letra (lousa, power point, impressa etc.). Em seguida, ele deve pedir aos alunos que tentem interpretar a cantiga. Só então ele deve projetar ou mostrar a tradução para o português atual. Por fim, deve expor a primeira fase do português arcaico e as principais mudanças pelas quais a língua passou na segunda fase. |



Lembre-se

A língua portuguesa, em sua fase arcaica, era chamada de galego-português. Esta foi, na verdade, uma língua de transição. Com o tempo, foi se diferenciando, principalmente em decorrência da mudança da capital do Porto para Lisboa e da consequente expansão do reino para o sul. Esse fato contribuiu para certo isolamento geográfico, acarretando na diferenciação entre o galego-português e a língua portuguesa.



Faça você mesmo

As crianças aprendem a língua de seus pais naturalmente, no dia a dia, ouvindo e reproduzindo sua fala, tentando, errando e acertando, corrigindo suas construções de acordo com os adultos ao seu redor. É uma aprendizagem vernácula, que se dá fora da escola, onde são estudados os aspectos formais da nossa língua muito depois de já usarmos a comunicação efetivamente. Tendo essa experiência de aprendizado natural em mente, pense no aprendizado do português por um chinês que migrou para o centro de São Paulo.

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa correta a respeito do português arcaico.

- Os escribas medievais enfrentaram as seguintes dificuldades no processo de escrever a língua portuguesa: a segmentação das palavras e a grafia de sons não existentes no latim, como em *vã*, *mão* e *mães*.
- Como o português se formou como um vernáculo, não houve dificuldades de representá-lo na escrita, já que sua assimilação era espontânea, sendo aprendido de geração em geração sem um ensino formal.
- As características fonéticas do português arcaico não são nada discrepantes das características do português atual, apenas havendo diferenças entre essas duas variantes no que diz respeito à maior riqueza lexical do português de hoje.
- Não havia diferenças fonéticas entre latim vulgar e português arcaico, o que possibilitou a difusão desta língua por locais em que antes dominava o latim vulgar.
- Os *Lusíadas*, mais célebre obra de Camões, é também a obra mais representativa do período arcaico do português.

2. A respeito do português clássico, assinale a alternativa correta.

- a) O português clássico quase não apresenta diferenças em relação ao português atual falado no Brasil, em razão de ter sido essa variante do português trazida com os colonizadores à época das grandes navegações.
- b) Ao lado de palavras que nasceram da evolução vernácula do latim vulgar, o português clássico possui palavras criadas pela imitação da mesma palavra latina, mas partindo de sua forma literária.
- c) O português clássico é assim chamado porque deriva basicamente do latim clássico, bastante valorizado na cultura renascentista.
- d) O português clássico era falado pelas elites letradas, ao passo que o português arcaico era falado pelas classes populares.
- e) Grandes escritores portugueses do século XVI tentavam se tornar famosos escrevendo diretamente em latim.

3. Avalie as afirmações a seguir sobre o período clássico do português e assinale-as com V (Verdadeiras) ou F (Falsas).

- () O latim literário, no século XV, passou a ser um adstrato permanente da língua portuguesa, influenciando-a sobretudo no léxico.
- () No século XV começaram as primeiras preocupações com a escrita da língua portuguesa, sendo que duas gramáticas foram escritas em 1536 e 1540, respectivamente.
- () Apesar da importância e da influência do latim, ainda no século XV, nenhum escritor português escrevia em latim.
- () Os intelectuais da época, escrevendo em português, preocupavam-se em fixar a língua portuguesa, escolhendo formas e construções que transmitissem o “gênio da língua”.
- () Nesse período, principalmente com as expansões ultramarinas, o português manteve-se fiel às origens e só incorporou vocabulários vindos do latim.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta em relação às afirmações anteriores.

- a) V, V, V, F, F.
- b) F, V, F, V, V.
- c) V, V, V, V, F.
- d) F, F, V, F, V.
- e) V, F, V, F, F.

Referências

Bibliografia básica

COUTINHO, Ismael de L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

FARACO, Carlos. A. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ILARI, Rodolfo. **Linguística românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SPINA, Segismundo. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

Bibliografia complementar

AREÁN-GARCIA, Nilsa. Breve histórico da Península Ibérica. **Revista Philologus**, ano 15, n. 45. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, set./dez. 2009.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CASTILHO, Ataliba T. de. Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa? **Museu da Língua Portuguesa**, Estação da Luz, Secretaria da Cultura de São Paulo (SP), 2009. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_9.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.

GARRAFFONI, Renata S.; FUNARI, Pedro P. Considerações sobre o estudo da Antiguidade Clássica no Brasil. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 32, n. 1, p. 1-6, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/9474>>. Acesso em: 22 out. 2015.

HILGERT, Mariana C. (Org.) Latim: a história de um clássico. **Revista Língua**, Florianópolis: Segmento, número especial, jun. 2009. Disponível em: <<http://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/TCC-Latim-a-histo%CC%81ria-de-um-cla%CC%81ssico.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2015.

LÍNGUAS ROMÂNICAS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=L%C3%ADnguas_rom%C3%A2nicas&oldid=44305205>. Acesso em: 28 out. 2015.

MELO, Gladstone C. de. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1981.

MORAIS, Henrique M. de. O Appendix Probi e sua contribuição para o estudo das mudanças fonéticas do latim até as línguas românicas. **Revista Philologus** - Anais da VIII JNLFLP, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 19, n. 57, set./dez. 2013.

OLIVEIRA, R. de. Aspectos do latim vulgar. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 3, out. 2013. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/301>>. Acesso em: 09 dez. 2015.

ROMANCE LANGUAGES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Romance_languages>. Acesso em: Acesso em: 02 nov. 2015.

HISTÓRIA INTERNA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Convite ao estudo

Olá, tudo bem? Você já aprendeu bastante coisa sobre as origens da língua portuguesa, não é mesmo? Na Unidade 1, aprendeu como eram realizados os estudos sobre a história das línguas, principalmente por meio do método comparativo, que deu origem às gramáticas históricas que comparavam línguas entre si. Na Unidade 2, estudou sobre como o latim se espalhou pela Península Ibérica e como a variedade vulgar dessa língua deu origem às línguas românicas, dentre elas o português. Agora, nesta unidade, você aprenderá sobre as mudanças pelas quais passou o latim – fonéticas, morfológicas e sintáticas – até gerar uma língua falada em cerca de 10 países: nossa língua portuguesa. Como essas mudanças ocorreram? O que se manteve? Que exemplos temos no português atual dessas mudanças que ocorreram ao longo do tempo? Quais foram os primeiros documentos escritos?

Veja as competências que você adquirirá ao final desta unidade e quais são os objetivos a serem atingidos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Conhecer as mudanças fonológicas pelas quais passou o latim até formar a língua portuguesa.
- Conhecer os aspectos morfológicos da evolução da língua portuguesa.
- Conhecer os aspectos sintáticos da evolução da língua portuguesa.

- Saber quais foram os primeiros documentos escritos em língua portuguesa.

Para que o conhecimento adquirido não fique só na teoria e você possa aplicá-lo em situações com as quais pode se deparar em seu dia a dia ou em sua prática como futuro professor, faremos uma reflexão em torno de um problema que, desenvolvido passo a passo, terá uma resposta ao final de cada seção, quando discutiremos um aspecto da situação para que você possa compreender quais escolhas devem ser feitas e os motivos de cada uma.

Nossa situação geradora de aprendizagem é a seguinte:

De tudo o que você estudou até agora, uma premissa básica que deve ter ficado em sua mente é que a língua que falamos hoje é o resultado de inovações ocorridas em diferentes épocas e lugares. Disso decorre que você deve sempre pensar na língua não como algo estático e já estabelecido, mas sim como algo dinâmico e vivo, em constante transformação. Por que, então, você “torceria o nariz” se escutasse alguém dizendo “ingrês”, “pranta” e “fruta”? Afinal, a língua não é passível de mudanças? Pois saiba que a grande referência do português clássico, Luís Vaz de Camões, escrevia assim; essas palavras e outras atualmente consideradas erradas, como “alevantar” e “alembrar”, são encontradas em sua obra emblemática *Os Lusíadas*. Mas ele era escritor, poeta, tido como referência da norma escrita culta! Será que ele teria cometido esses “deslizes”? Sim, na época em que sua obra foi escrita (1572), “fruta” e “pranta” estavam escritas de maneira correta. Essa é mais uma evidência de como a língua varia no tempo, assim como variam os critérios de julgamento de certo e errado. Do ponto de vista exclusivamente linguístico, sem entrarmos no mérito de problemas de articulação de sons – fonologia – e de acesso à norma culta da língua – escolarização – esse fenômeno, conhecido como rotacismo, acompanha nossa língua desde sua constituição. No entanto, hoje em dia, pessoas que assim falam são julgadas como “ignorantes” e “sem estudo”, vítimas do preconceito linguístico, o qual decorre, na verdade, de um preconceito social.

Para resolver os problemas decorrentes da situação apresentada, estudaremos diferentes situações-problema a ela vinculadas e o que você estudar em cada seção servirá de subsídio para a resolução. Na Seção 3.1, você verá que mudanças aconteceram nas vogais e nas consoantes do latim para o português atual; na Seção 3.2, aprenderá sobre como essas mudanças atingiram a formação de palavras em nossa língua. Na Seção 3.3,

verá na estrutura sintática o que mudou em relação ao latim e, na Seção 3.4, finalmente, aprenderá sobre como se fixou a escrita e quais foram os primeiros textos escritos em língua portuguesa.

Pronto para começar? Então, vamos lá!

Seção 3.1

Aspectos fonéticos e fonológicos da evolução da língua portuguesa

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos lembrá-la?

Não só a língua portuguesa, mas toda língua é resultado de inovações que ocorreram em diferentes épocas e lugares, portanto, são dinâmicas, vivas, algo em constante transformação. Na obra *Os Lusíadas*, do grande poeta e escritor português Luís Vaz de Camões, podemos encontrar palavras como “ingrês”, “pranta” e “fruta”, “alevantar” e “alembrar”, todas elas consideradas “erradas” hoje em dia. Na época em que sua obra foi escrita (1572), essas palavras refletiam o uso correto da língua. Isso mostra como além de a língua mudar no tempo e no espaço, mudam também os critérios de julgamento de certo e errado. Atualmente, as pessoas que usam as palavras dessa forma são julgadas como “ignorantes” e “sem estudo”, sendo vítimas do preconceito linguístico.

O *Dicionário Houaiss* (2009) define preconceito como “qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico”; e “ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado *a priori*, sem maior conhecimento, ponderação ou razão”. Segundo a linguista Marta Scherre (s/d.), “preconceito linguístico é o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala”. A estudiosa dá vários exemplos desse tipo de preconceito:

há críticas negativas em relação, por exemplo, à falta de concordância verbal ou nominal (As coisa tá muito cara); ao “r” no lugar do “l” (Framengo); à presença do gerúndio no lugar do infinitivo (Eu vô tá verificano); ao “r” chamado



de caipira, característico da fala de amplas áreas mineiras, paulistas, goianas, mato-grossenses e paranaenses – em franca expansão, embora sua extinção tenha sido prevista por linguistas.

Ela observa ainda que, ao se depreciar a língua, desvaloriza-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo.

Com base nos processos de mudança pelos quais o latim vulgar passou até originar a língua portuguesa, como esse tipo de preconceito pode ser desconstruído? Como mostrar a não pertinência desse tipo de postura diante de um fenômeno linguístico que tem explicação nas origens de uma língua? Como os fenômenos do vocalismo e do consonantismo podem ajudar a explicar alguns desses usos tachados como errados?

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

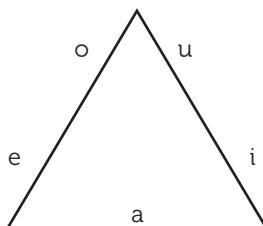
Objetivos específicos:

- Conhecer o fenômeno do vocalismo e como ele se relaciona com o estado atual da língua portuguesa.
- Conhecer o fenômeno do consonantismo e como ele se relaciona com o estado atual da língua portuguesa.

Não pode faltar

1. Vocalismo

No português atual, que opções temos de pronúncia de uma vogal? A demora, isto é, a duração é relevante para alterar o sentido de uma palavra? Se eu demorar mais para pronunciar a vogal “a” presente em “maçã”, dizendo, por exemplo, “maaaã”, isso alterará seu sentido? Você sabe que não! Mas no latim era assim, a duração de uma vogal alterava o produto final. O sistema vocálico latino tinha cinco vogais cardiais, que formavam um triângulo:



Fonte: a autora.

Cada uma dessas vogais se desdobrava em duas: uma longa, com o sinal chamado macron [¯] sobre ela, e uma breve, acompanhada do sinal chamado braquia [ˇ]. Veja:

Longas: ā ē ī ō ū

Breves: ă ě ĭ ǒ ŭ

Essa distinção fonológica causava uma distinção de significado das palavras. Por exemplo, *mālum* significava maçã e *mǎlum* significava mau; *lūto* significava amarelo e *lŭto*, lodo. Esse fenômeno é semelhante ao que acontece em português quando ocorre a nasalização da vogal *a*, por exemplo, nos pares: massa e maçã, Roma e romã.

Quadro 3.1 | Vogais latinas e mudanças no português

| Latim clássico | Latim vulgar | Português | Exemplos |
|----------------|--------------|-------------|---|
| ā, ă | a | a | prātu > prado; pāce > paz ăqua > água; áquila > águia |
| ĕ | é (aberto) | é (aberto) | mĕlle > mel; nĕbulam > névoa |
| ē, ĭ | ê (fechado) | ê (fechado) | cĕra > cera; pĭra > pêra |
| ī | i | i | filu > fio; rĭvum > rio |
| ǒ | ó (aberto) | ó (aberto) | prǒba > prova; rǒtam > roda |
| ō, ŭ | ô (fechado) | ô (fechado) | amōre > amor; bŭcca > boca |
| ū | u | u | pŭro > puro; secŭrum > seguro |

Fonte: Assis (s/d, p. 121).

No latim vulgar, as diferenças de duração das vogais associaram-se às diferenças de timbre – aberto ou fechado – e isso então foi o que passou a fazer diferença no significado entre as palavras, assim, a diferença de duração desapareceu. Veja como isso aconteceu em algumas palavras:

Quadro 3.2 | Exemplos de vogais breves e longas

| Latim | Português | Vogais |
|---------|-----------|---------------------------------|
| stēlla | estrela | ē > e |
| fērru | ferro | ē > ε (símbolo fonético de "é") |
| vīnea | vinha | ī > i |
| vīrīdis | verde | ī > e |
| māre | mar | ā > a |
| pāssu | passo | ā > a |
| rōta | roda | ō > ◊ (símbolo fonético de "ó") |
| būcca | boca | ū > o |
| lūna | lua | ū > u |

Fonte: a autora.

De acordo com o Quadro 3.2, podemos perceber que o que era longo se tornou vogal fechada e o que era breve se tornou vogal aberta. Dessa forma, em português, ganhamos mais duas vogais: e, o abertos → é, ó.

As vogais passaram a ser vistas como tônicas, pretônicas e átonas finais, como você pode observar em relação, por exemplo, à vogal a nas palavras a seguir:

lado (tônica) amor (pretônica) cocada (átona final ou postônica)

No latim vulgar, havia também uma tendência para as vogais átonas, isto é, pós-sílaba tônica, caírem, evitando assim o uso de palavras proparoxítonas presentes no latim clássico. É o que ocorre com as vogais breves *u*, *i* no Quadro 3.3:

Quadro 3.3 | Queda das sílabas postônicas

| Latim clássico | Latim vulgar | Português |
|----------------|--------------|-----------|
| ocūlum | oc'lu | olho |
| calīdum | cal'du | caldo |
| aurícūla | orec'la | orelha |

Fonte: a autora.

Na evolução do latim para o português, como você viu no Quadro 3.3, permaneceu então a sílaba tônica. Segundo Bagno (2012), o acento tônico é usado para indicar maior inflexão da voz na pronúncia de uma sílaba presente em uma palavra. No latim clássico, a quantidade de sílabas é que determinava a posição do acento tônico. Não existiam palavras oxítonas (em que a última sílaba é tônica); os dissílabos eram paroxítonos (penúltima sílaba é tônica); os polissílabos tinham acento na penúltima sílaba se ela fosse longa, como em *amātur*, e na antepenúltima sílaba, se fosse breve,

como em *legimus*. Em relação à tonicidade, duas constantes marcaram a passagem do acento do latim clássico para o vulgar:

1. Nas palavras proparoxítonas cuja última sílaba tinha um encontro consonantal formado de uma oclusiva + /r/, o acento tônico se deslocava para a sílaba posterior, fenômeno conhecido como diástole. Exemplos: *cáthedram* > *cathédra* > *cadeira*; *ténebras* > *tenébras* > *trevas*.

2. A diástole ocorria sempre que havia um hiato com /i/ tônico, como se vê em: *pariètem* > *pariêtem* > *parede*; *mulierem* > *muliére* > *mulher*.



Assimile

Esse tipo de análise que estamos fazendo tem a ver com o vocalismo propriamente dito, ou seja, o estudo da evolução dos fonemas vocálicos na mudança linguística do latim para o português.

Bagno (2012) ilustra algumas mudanças em função da tonicidade:

- Pretônicas iniciais permanecem ou sofrem aférese (queda de sons na parte inicial):

amicu > amigo *episcopu* > bispo *acume* > gume.

- Pretônicas mediais sofreram síncope (queda de sons no interior da palavra):

bonitate > bondade *honorare* > honrar *computare* > contar

- Postônicas mediais sofreram síncope, devido à tendência dos falantes de português de evitar as proparoxítonas:

víride > verde *lépore* > lebre *ópera* > obra *régula* > regra

- Postônicas finais em i e u passaram respectivamente a serem realizadas como e e o:

vivi > vive; *vesti* > veste; *lupu* > lobo; *libru* > livro.

- A vogal postônica final e sofreu apócope (queda de sons no final da palavra) quando precedida de consoante que podia formar sílaba com a vogal anterior (l, n, r, s, z):

male > mal; *bene* > bem; *amare* > amar; *mense* > mês; *cruce* > *cruze* > cruz.

- As vogais a, o postônicas finais não sofreram modificação:

aqua > água; Cicero > Cícero.

Ditongos

O latim clássico apresentava quatro ditongos – ae, au, oe e eu – mas o latim vulgar já tendia a reduzir esses ditongos a vogais simples. Portanto, do latim para o português, veja as mudanças que ocorreram:

- (1) ae pretônico → /i/ ou /e/: aequale > igual aetate > idade aestivo > estio
- (2) ae tônico → /é/: caelu > céu caecu > cego quaero > quero
- (3) au → /ou/ e /au/: tauru > touro causa > cousa aula > aula
- (4) oe → /e/: foedu > feo > feio poena > pena

Como se formaram esses ditongos? Bagno (2012) elenca alguns fatores:

- (1) síncope da consoante intervocálica: malu > mau palu > pau vadi(t) > vai
- (2) vocalização: nocte > noite regnu > reino conceptu > conceito
- (3) metátese: primariu > *primairo > primeiro rabia > raiva capio > caibo
- (4) epêntese (acréscimo de uma vogal para desfazer hiato): arena > area > areia
credo > creio > creio
- (5) O ditongo final ão /ã/, característico do português atual, representa a transformação das formas arcaicas -am, -ã, -om, -õ, correspondentes às terminações latinas -anu, -ane, -one, -ine, -unt, -um, -on, -ant, -a(d)unt:

veranu > verão pane > pão oratione > oração paganu > pagão
solitudine > solidão

E o que aconteceu com os hiatos? A tendência sempre foi eliminá-los, e isso desde a fase arcaica de nossa língua. Veja como isso aconteceu nos exemplos a seguir:

- (1) Fusão ou crase: vedere > veer > ver magistre > maestre > meestre > mestre
mala > maa > má
- (2) Oclusão: ego > eo > eu velu > veo > véu (Note que nesses casos houve a ditongação.)



Faça você mesmo

Como você pode explicar a queda da vogal e final nas formas equivalentes ao Infinitivo do português, que em latim eram *amare*, *sapere* e *debere*? Que fenômeno originou as formas amar, saber e dever?

2. Consonantismo

Agora que você já estudou quase tudo sobre as mudanças nos sons vocálicos, chegou a vez de estudar as consoantes. Como o próprio nome diz, consonantismo é o estudo da evolução dos fonemas consonantais na mudança linguística do latim para o português.

Quadro 3.4 | Consoantes latinas

| Articulação Maneira Lugar | Bilabi-al | Labio-denta | Dental/ Alveolar | Velar | Glotal |
|------------------------------|-----------|-------------|---------------------|--------|--------|
| Oclusiva surda sonora | p b | | t d | k g | |
| Fricativa surda sonora | | f | s | | h |
| Nasal surda sonora | m | | n | | |
| Tepe surda sonora | | | ʃ | | |
| Lateral surda sonora | | | l | | |

Fonte: adaptado de Bagno (2012, p. 119).

Que diferenças você vê em relação às consoantes que você utiliza no português atual? Temos mais consoantes que as latinas, não é mesmo? Faltavam ao latim as consoantes cujos sons são representados pelas letras [nh], [lh], [ch], [j], [v] e [z]. Quando grafadas duplamente, ocorria mudança de significado: *ager* (“campo”) e *agger* (“materiais amontoados, montão de terra”). Na formação dos romances, a distinção entre consoante simples e consoante dupla se perdeu, por não ser fundamental na distinção de palavras de sentido diferente. O italiano e o sardo, porém, conservaram as consoantes duplas em seus sistemas fonêmicos: ital. *note* (“notas”) e *notte* (“noite”).

Você já reparou que, em muitos monumentos de arquitetura antiga que você vê em filmes e documentários, é comum haver um V no lugar de um U, como em FORVM ou TEATRO MVNICIPAL? Isso acontece porque, na forma escrita, usava-se a letra V latina na forma maiúscula para representar a letra u e não a consoante /v/.

que, como você acabou de aprender, não existia no latim. Isso tem a ver com o fenômeno da consonantização, isto é, transformação de uma vogal em consoante, sobretudo com as semivogais latinas *i* e *u* nas consoantes *j* e *v* do português:

iam > já; *ieiunu* > jejum; *lesus* > Jesus; *uacca* > vaca; *uita* > vida.

A letra *h* era pronunciada de forma aspirada, como no inglês se pronuncia a palavra *horse*, por exemplo. Isso se perdeu e atualmente, em início de palavras, ele só existe como consoante muda, e é mantido apenas para indicar a etimologia da palavra. A letra *c* latina tinha sempre o som /k/ e não de /s/. Assim o nome Cícero era pronunciado como [kíkero]. Na fase de formação dos romances, ela sofreu influência das vogais /e/ e /i/ e passou por diversas etapas fonológicas até passar a ser pronunciada como a fricativa /s/, diante de /e/, /i/, como em Cecília.

Algo semelhante aconteceu com a letra *G* latina, que era sempre pronunciada com o som de /g/ de “gato”, tendo passado por diversas mudanças até se transformar, também diante de /e/ e /i/, na consoante cujo som ocorre, por exemplo, na palavra “gente”. Para representar sons da língua grega que não existiam no latim, a escrita latina criou letras novas ou adaptou algumas de suas letras.



Assimile

Esse tipo de análise que estamos fazendo tem a ver com o consonantismo propriamente dito, ou seja, o estudo da evolução dos fonemas consonantais na mudança linguística do latim para o português.

Segundo Bagno (2012), a letra *z* tal como utilizamos hoje não existia no latim. Para representar a consoante grega correspondente, era pronunciada como [dz]. Na evolução do latim vulgar para as línguas românicas, essa letra passou a representar a fricativa sonora [z] no português e no francês, permaneceu como [dz] em italiano ou [ts] quando geminada, como ocorre na palavra *pizza* [pitsa]. Em castelhano, em espanhol e em galego apresenta o som interdental /θ/, como na pronúncia do *th* em *think*, do inglês. No castelhano das Américas, o [z] é pronunciado como [s].

Como regra geral, pois há algumas exceções, as consoantes iniciais do latim se mantiveram inalteradas no português. Veja alguns exemplos:

bene > bem

gutta > gota

patria > pátria

corona > coroa

latrone > ladrão

rota > roda

debere > dever

manu > mão

salute > saúde

filiu > filho

navigiu > navio

tale > tal

As consoantes em posição medial surda, no meio da palavra, em posição intervocálica, transformaram-se em sua equivalente sonora. Veja:

| | | |
|-----------------------------|------------------|--------------------|
| p > b → ripa > riba | lupu > lobo | sapere > saber |
| t > d → vita > vida | rota > roda | mutu > mudo |
| k > g → focu > fogo | pacare > pagar | acutu > agudo |
| f > v → profectu > proveito | trifoliu > trevo | aurifice > ourives |
| s > z → acetu > azedo | vicinu > vizinho | placere > prazer |

As consoantes mediais sonoras sofreram síncope, permaneceram ou se alteraram. O *b* nesta posição ou desapareceu ou transformou-se em /v/ como em *faba* > *fava* e *ibam* > *ia*. A consoante *d* também sofreu síncope, como em: *sedere* > *seer* > *ser*, *pede* > *pé*. O mesmo aconteceu com o *g*: *regale* > *real* *legere* > *leer* > *ler*.

Já o *m* se manteve, como em: *amicu* > *amigo* e *lacrima* > *lágrima*, enquanto o *n* serviu para nasalizar a vogal que o seguia na palavra, mas depois desapareceu como consoante. Veja como era e no que resultou: *persona* > *peessoa* > *pessoa*; *luna* > *lũa* > *lua*; *generale* > *gẽeral* > *geral*.

As consoantes latinas finais, em geral, sofreram apócope (perda de sons no final da palavra) na evolução para o português. O *m* final só se conservou nos monossílabos como simples ressonância nasal: *quem* > *quem*; *cum* > *com*.

O *r* permaneceu, mas trocou de lugar com a vogal que o antecedia na palavra latina, pelo fenômeno conhecido como metátese, como em: *inter* > *entre*; *semper* > *sempre*; *quattuor* > *quator* > *quatro*. Já o *s*, também em posição final, permaneceu como marca de plural nos substantivos (*amicos* > *amigos*); em alguns nomes próprios (*Marcus* > *Marcos*); nos advérbios (*magis* > *mais*) e nas desinências verbais (*amas* > *amas*; *amamus* > *amamos*; *amatis* > *amais*).

Com a queda da vogal final e nas palavras latinas, as consoantes -l-, -r- e -s- mediais se transformaram em finais no português, como se observa em: *fidele* > *fiel*; *legale* > *legal*; *mare* > *mar*; *debere* > *dever*; *mense* > *mês*; *reverse* > *revés*.



Assimile

A hipértese é um fenômeno fonético de transposição de um segmento sonoro de uma sílaba para outra, tal como se vê em: *capio* > *caibo*; *primariu* > *primairu* > *primeiro*; *fenestra* > *feestra* > *fresta*. Esses fenômenos

de transposição ocorrem com bastante frequência na pronúncia do português atual, em palavras como: iogurte > iorgute; lagarto > largato; dormir > dromir; vidro > vrido.

Os grupos consonantais formados com a lateral /l/ passaram pelas seguintes transformações:

a) Os grupos cl, fl, pl palatizaram-se, isto é, mudaram para o som representado pelo ch, foneticamente transcrito como /ʃ/:

clave > chave pluvia > chuva flamma > chama plenu > cheio

Esses mesmos tipos de encontros também passaram por outra transformação, a rotacização, fenômeno fonológico em que a lateral /l/ se torna a vibrante /r/, e surgiram em fase posterior da língua, em classes sociais diferentes daquelas em que esses grupos se transformaram em ch. Veja os exemplos:

plaga > praga; flaccu > fraco; clavicula > cravelha; placere > prazer.

nobile > noble > nobre; regula > regla > regra; obligare > obrigar;
diabolu > diablo > diabro > diabo

Observação: As formas diabrete, diabrura, endiabrar derivam do arcaico diabro.



Exemplificando

Na mudança da palavra latina *profectu* para proveito, em língua portuguesa, podemos destacar três tipos de mudanças. 1) manutenção da consoante inicial; 2) sonorização da consoante (da consoante surda *f* passou à sonora *v*); 3) vocalização da consoante *c* que se transformou em *i*.

Hoje em dia, rotacismo, conforme a gramática normativa, é o nome dado ao vício de linguagem em que ocorre a troca do *l* pelo *r*, em palavras como “pobrema”, “pranta”, “fror”.

b) Os grupos *bl* e *gl* se transformaram em *br* e *gr*, ou se reduziram a *l*:

blandu > brando glattire > latir glute > grude blastemare > lastimar

c) Os grupos *bl*, *gl*, *tl* também se palatizaram em *lh*, quando antecidos de vogal. Veja:

tribulu > triblu > trilho tegula > tegla > telha vetulu > vetlu > velho

rotula > rotla > rolha

Veja que curioso o que aconteceu na evolução do latim para o português com as palavras pai e mãe. Bagno (2012, p. 131) é quem nos explica:

No caso das palavras padre (< pater) e madre (< mater), que deram pai e mãe, há duas hipóteses. Segundo a primeira, as palavras padre e madre deram pai e mãe através das formas pade e made, de caráter afetivo (ou infantil). Compare-se com a forma afetiva popular brasileira cumpade e cumade, por compadre e comadre. A segunda hipótese é a de que já existiam no latim vulgar as formas pate e made, analógicas de frate (“irmão”), em que o r caiu por dissimilação total. A nasalidade de mãe se deve à consoante inicial.



Pesquise mais

Para saber mais sobre os fenômenos aqui mencionados que afetaram os sons do latim em sua evolução para a língua portuguesa, tais como a síncope, a aférese, a metátese e outros, não deixe de consultar a obra:

BAGNO, Marcos. **Gramática histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. pp. 73. Disponível em: <<http://www.gpesd.com.br/baixar.php?file=100>>. Acesso em: 16 nov. 2015. Vá para o capítulo intitulado “Metaplasmos”.

Depois desta aula, não ficou mais claro para você por que as palavras em língua portuguesa são como são? Não ficou mais fácil compreender por que são escritas de uma ou outra forma? Você notou que existe uma regularidade nas mudanças do latim para o português e que elas não são aleatórias. Além disso, em uma mesma palavra, podemos perceber a ação de diferentes fenômenos. Em *tegula*, por exemplo, além da queda da vogal postônica u, ocasionada pela tendência de desaparecimento de palavras proparoxítonas, ainda atua a regra da palatalização (som representado pelas letras [lh]).



Refleta

As consoantes mediais sonoras sofreram síncope, permaneceram ou se alteraram. O *b* nessa posição ou desapareceu ou transformou-se em /v/ como em *faba* > *fava* e *ibam* > *ia*. A consoante *d* também sofreu síncope,

como em: *sedere* > *seer* > *ser*, *pede* > *pé*. O mesmo aconteceu com o *g*: *regale* > *real* e *legere* > *leer* > *ler*. Se focarmos nossa atenção agora nas vogais desses exemplos, o que você pode observar? Releia o trecho que corresponde ao vocalismo para descobrir a resposta.



Vocabulário

Oclusiva: também chamada de plosiva, é uma consoante na qual, durante sua pronúncia, o ar expirado é bloqueado por um obstáculo bucal, que interrompe momentaneamente a sua corrente, e que acaba "explodindo" quando aberto. A oclusão pode ser feita com a língua ([t], [d]), corpo da língua ([k], [g]), com os lábios ([p], [b]) ou com a glote ([ʔ]).

Rotacismo: Fenômeno fonético em que ocorre a troca do fonema [l] pelo [r], em encontros consonantais ou quando o [l] está em final de sílaba.

Sonora: Consoante que, quando produzida, ocorre a vibração das cordas vocais. É o caso de consoantes como: *b, d, v, z*.

Surda: Consoante que, quando produzida, não ocorre a vibração das cordas vocais. É o caso de consoantes como: *p, t, f, s*.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados. Vamos relembra-la:

O *Dicionário Houaiss* (HOUAISS, 2009). Define preconceito como "qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico"; e "ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado *a priori*, sem maior conhecimento, ponderação ou razão". Segundo a linguista Scherre (SCHERRE, s/d.):



preconceito linguístico é o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala". A estudiosa dá vários exemplos desse tipo de preconceito: "há críticas negativas em relação, por exemplo, à falta de concordância verbal ou nominal (As coisa tá muito cara); ao "r" no lugar do "l" (Framengo); à presença do gerúndio no lugar do infinitivo (Eu vô tá verificano); ao "r" chamado de caipira, característico

da fala de amplas áreas mineiras, paulistas, goianas, mato-grossenses e paranaenses – em franca expansão, embora sua extinção tenha sido prevista por linguistas.

Ela observa ainda que, ao se depreciar a língua, desvaloriza-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo.

Com base nos processos de mudança pelos quais o latim vulgar passou até originar a língua portuguesa, como esse tipo de preconceito pode ser desconstruído? Como mostrar a não pertinência desse tipo de postura diante de um fenômeno linguístico que tem explicação nas origens de uma língua? Como os fenômenos do vocalismo e do consonantismo podem ajudar a explicar alguns desses usos tachados como errados?

Para essa resolução, deve-se considerar:

- Definição de preconceito e aplicação à questão linguística: por que pessoas que falam trocando o *l* pelo *r* são estigmatizadas?
- O rotacismo não é um fenômeno novo no português.
- Palavras latinas escritas com encontros consonantais envolvendo C (consoante) + L transformaram-se em C (consoante) + R e vice-versa.
- Exemplos existentes em fontes escritas reconhecidas como exemplares da língua portuguesa, como a obra de Camões.
- Comparar esses exemplos encontrados na obra de Camões com exemplos atuais de rotacismo.

Depois de discutir sobre esses e outros pontos, escreva um texto dissertativo, no qual defenda o rotacismo atual como um fenômeno característico do sistema linguístico da língua portuguesa, sendo amparado pelos processos de mudança que afetaram os grupos consonantais formados por C (consoante) + L. Você tem liberdade para buscar o tema estudado em outras fontes além do LD e leituras indicadas.



Atenção!

Não deixe de ler uma obra fundamental para você compreender o que é o preconceito linguístico, os mitos nos quais ele se sustenta e como combatê-lo com base em pressupostos linguísticos. Há ainda um capítulo que trata exclusivamente do rotacismo.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 52. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.



Lembre-se

Você deve discutir sobre o fenômeno do rotacismo, em que contextos ou ambientes linguísticos (sons vizinhos em uma mesma palavra) ele ocorre e em que classe social sua ocorrência é mais comum, embora seja um fenômeno também ligado à percepção que alguns falantes têm de que as consoantes *l* e *r* fossem equivalentes no uso, como possibilidades de variação de um mesmo som.

BASSO, Renato et al. **O fenômeno do rotacismo**. [online], [s.l], [s.d]. Disponível em: <<http://neg.cce.ufsc.br/files/2011/10/rotacismo.pdf>>. Acesso em: 1º dez. 2015.

Avançando na prática

| Pratique mais | |
|---|--|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas. | |
| “Como é mesmo o plural?” | |
| 1. Competência de fundamentos de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Conhecer os processos fonológicos pelos quais as vogais latinas passaram na formação do português. |
| 3. Conteúdos relacionados | Vocalismo. |
| 4. Descrição da SP | Em português, muitos têm dificuldades com a flexão de número dos substantivos, pois, dependendo da palavra, não basta apenas acrescentar o <i>s</i> ao final. A maior dúvida paira sobre aquelas terminadas com vogais nasais como <i>-ão</i> e <i>-ãe</i> , pois ora o plural é <i>-ãos</i> , ora <i>-ães</i> , ora <i>-ões</i> . No entanto, o conhecimento da forma da palavra latina pode ajudar na resolução desse dilema. Com base no que você aprendeu sobre a evolução dos sons vocálicos, como você explicaria a formação do plural para alguém que tivesse dúvidas a respeito? |
| 5. Resolução da SP | As palavras latinas terminadas em <i>-anu</i> , <i>-ane</i> , <i>-ant</i> , <i>-one</i> e <i>-unt</i> transformaram-se em <i>-ão</i> , <i>-ã</i> e <i>-õ</i> , os quais, no plural, recebem <i>-s</i> , <i>-os</i> e <i>-es</i> , respectivamente. Assim, palavras latinas terminadas em <i>-anu</i> como <i>manu</i> , têm singular em <i>-ão</i> e plural com acréscimo de <i>s</i> (mãos). As terminadas em <i>-ane</i> , como <i>pane</i> , têm plural em <i>-ães</i> (pães); as terminadas em <i>-one</i> , como <i>coratione</i> , recebem <i>-es</i> no plural, resultando em <i>corações</i> . |



Lembre-se

A forma das palavras da língua portuguesa originadas do latim mantém sempre alguma identidade com a palavra que lhe deu origem, ainda que, muitas vezes, seja utilizada com sentido diferente. Saber algumas mudanças que ocorreram nos sons vocálicos e consonantais irá ajudá-lo a compreender as características de nossa língua como combinação de sons, ocorrência de determinados sons em alguns ambientes e não em outros, porque se manteve uma determinada escrita, como o *h* inicial, por exemplo, dentre outros fatores.



Faça você mesmo

É comum, nos dias atuais, eliminarmos o [r] final dos verbos no infinitivo, por exemplo, em “comê” (comer), “gostá” (gostar), “dividi” (dividir). Reflita e discuta com seus colegas: esse é um fenômeno novo que quase não ocorre? Já ocorreu na passagem do latim para o português? São apenas pessoas de baixa escolaridade que falam assim? Essa fala tem algum vínculo com classe social?

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa cuja palavra passou pelo mesmo tipo de evolução do latim para o português que a palavra *mare* > *mar*.
 - a) *acume* > *gume*.
 - b) *male* > *mal*.
 - c) *legale* > *leal*.
 - d) *ante* > *antes*.
 - e) *humile* > *humilde*.

2. A prótese é o acréscimo de um segmento sonoro no início da palavra. Assinale a alternativa cujas palavras sofreram essa transformação:
 - a) *mare* > *mar*; *amat* > *ama*; *male* > *mal*.
 - b) *pro* > *por*; *semper* > *sempre*; *inter* > *entre*.
 - c) *stare* > *estar*; *spiritu* > *espírito*; *scutu* > *escudo*.
 - d) *pantânu* > *pântano*; *campâna* > *campa*; *idólu* > *ídolo*.
 - e) *legale* > *leal*; *legenda* > *lenda*; *malu* > *mau*.

3. Nas palavras *nocte* > *noite*; *regnu* > *reino*; *multu* > *muito*, ocorreu o fenômeno da:

- a) Metátese.
- b) Consonantização.
- c) Prótese.
- d) Vocalização.
- e) Epêntese.

Seção 3.2

Aspectos morfológicos da evolução da língua portuguesa

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos lembrá-la?

Não só a língua portuguesa, mas toda língua é resultado de inovações que ocorreram em diferentes épocas e lugares, e, portanto, são dinâmicas, vivas, algo em constante transformação. Na obra *Os Lusíadas*, do grande poeta e escritor português Luís Vaz de Camões, podemos encontrar palavras como “ingrês”, “pranta” e “frauta”, “alevantar” e “alembrar”, todas elas consideradas “erradas” hoje em dia. Na época em que sua obra foi escrita (1572), essas palavras refletiam o uso correto da língua. Isso mostra como além de a língua mudar no tempo e no espaço, mudam também os critérios de julgamento de certo e errado. Atualmente, as pessoas que usam as palavras dessa forma são julgadas como “ignorantes” e “sem estudo”, sendo vítimas do preconceito linguístico.

No latim clássico, uma palavra poderia ter três gêneros: neutro, masculino e feminino. Convém notar que essa distinção é totalmente arbitrária, isto é, não obedece a nenhuma característica física ou natural das coisas nomeadas pelas palavras, a nenhum critério racional. A tradição de uso e as convenções estabelecidas socialmente por seus falantes é que determinam o gênero de uma palavra. Se houvesse algum vínculo entre a coisa em si e o gênero gramatical, não haveria distinção entre as línguas na atribuição dos gêneros, e não é o que acontece na realidade. Mar, por exemplo, é feminino em francês (*la mer*) e viagem, mensagem e linguagem – femininos no português – são todos do gênero masculino em espanhol. Levando isso em consideração, como responder às críticas dos gramáticos que consideram indesculpável “errar” o gênero de uma palavra como alface, omoplata, dó, dentre outras, por exemplo? Como o conhecimento de que as línguas mudam com o passar do tempo, sob a influência do próprio sistema linguístico e de seus falantes, pode ajudá-lo a entender “erros” como os acima mencionados? Como o entendimento do processo de formação dos

substantivos a partir do latim pode ajudar na resolução da situação proposta?

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivo específico:

- Reconhecer que as línguas mudam no decorrer do tempo e passam por influências internas – do próprio sistema linguístico – e externas, sob influência de seus falantes.
- Saber como se deu o processo de formação dos substantivos em língua portuguesa a partir do latim.

Não pode faltar

Categorias nominais e sua expressão

Na aula anterior, você estudou sobre as mudanças que atingiram os fonemas da língua latina em sua evolução para a língua portuguesa, tanto os vocálicos como os consonantais. Nesta aula, você aprenderá sobre como, a partir do latim, formaram-se os substantivos e os adjetivos – chamadas de categorias nominais – do português. Mas, para entendermos de onde provém nossas palavras, precisamos antes ver como funcionava a frase latina. Veja:

Quadro 3.5 | Casos no latim clássico e sua relação com o português

| FUNÇÃO GRAMATICAL | PORTUGUÊS | LATIM CLÁSSICO | CASO SINTÁTICO |
|---------------------------|-----------|----------------|----------------|
| 1. sujeito | Pedro | Petrus | nominativo |
| 2. complemento restritivo | de Pedro | Petri | genitivo |
| 3. objeto indireto | a Pedro | Petro | dativo |
| 4. objeto direto | Pedro | Petrum | acusativo |
| 5. vocativo | ó Pedro | Petre | vocativo |
| 6. adjunto adverbial | com Pedro | cum Petro | ablativo |

Fonte: Bagno (2012, p. 153).

Como você vê no Quadro 3.5, no latim clássico uma mesma palavra podia apresentar até seis formas diferentes, chamadas de casos, definidos de acordo com sua função sintática na frase. Por isso, em latim, não importa a ordem em que as palavras aparecem, pois de acordo com sua terminação, pode-se identificar qual o sujeito, o objeto (direto ou indireto), seu adjunto, dentre outras funções gramaticais.

Não havia artigo nem preposições. Isso é muito diferente do que ocorre em português, em que não podemos dizer nem escrever, por exemplo: "Menino o bola uma ganhou pai do" (O menino ganhou uma bola do pai).

Além disso, no latim clássico as palavras eram divididas em cinco grandes classes, chamadas de declinações, definidas por uma terminação específica ao fim das palavras, que carrega informações sobre elas, como função, gênero (masculino, feminino e neutro) e número (plural e singular). Como identificar a declinação a qual pertencia uma palavra? Temos que olhar para o genitivo, cuja declinação era identificada por meio da desinência que a palavra apresentava nesse caso. Veja as declinações no Quadro 3.6:

Quadro 3.6 | Declinações no latim clássico

| 1ª Decl. | 2ª Decl. | 3ª Decl. | 4ª Decl. | 5ª Decl. |
|-----------|-----------|-----------|-------------|-----------|
| hora, -ae | lupus, -i | mare, -is | cantus, -us | dies, -ei |

Fonte: Bagno (2012, p. 154).

Volte ao Quadro 3.5 e responda: a qual declinação pertence o nome Pedro? Como o genitivo é Petri, então este nome pertence à 2ª declinação.

Por conseguir resumir tanta carga informacional em pouco espaço, a língua latina é considerada sintética, diferentemente do português atual, considerado um idioma analítico, em que se recorre, muitas vezes, a duas palavras para expressar uma noção. Por exemplo, enquanto o latim clássico formava os comparativos e superlativos por meio de sufixos, portanto, forma sintética, o latim vulgar, de onde o português é proveniente, o fazia pelo uso de formas analíticas na formação do grau dos adjetivos. No latim vulgar, utilizavam-se os advérbios *magis* e *plus*, antes do adjetivo, dessa forma:

| Latim clássico (sintético) | Latim vulgar (analítico) |
|---------------------------------|---|
| Comparativo: dulcior | Comparativo: <i>magis/plus dulce</i> (mais doce) |
| Superlativo: dulcissimus | Superlativo: <i>multu dulce</i> (muito doce) |

Assim, no português, herdamos a forma analítica. Aprendemos na escola o superlativo sintético de triste, por exemplo – *tristíssimo* –, porém é pouco utilizado na fala. Usamos mais a forma analítica – *muito triste*.



Assimile

Para não esquecer, veja um resumo do que você acabou de aprender sobre o latim clássico:

- Três gêneros: masculino, feminino e neutro.
- Ausência de artigos e preposições.
- Numa frase, as palavras não tinham posição fixa, pois o sentido se dá em função das terminações e não pela função dos vocábulos, como no português.
- As palavras podem tomar formas diferentes, devido às cinco declinações.
- Cada declinação possui seis casos: nominativo (sujeito); acusativo (objeto direto); genitivo (complemento nominal); dativo (objeto indireto), ablativo (complemento verbal) e vocativo (chamamento).

A característica básica da 1ª declinação é a ocorrência de nomes femininos (quase todos); nesta, não existiam nomes neutros. É por isso que a terminação *-a* passou a ser característica dos nomes femininos em português. Já a 2ª declinação era formada, em sua maioria, por nomes masculinos e neutros. Assim, a terminação *-o*, vinda do caso acusativo singular *-um*, transformado em *-u* e finalmente em *-o*, tornou-se a característica dos nomes masculinos em português. A partir de então deixaram de existir os substantivos neutros, já que suas desinências eram idênticas às dos nomes masculinos, sendo nestes englobados, como se vê em:

pratum > *pratu* > prado; *exemplum* > *exemplu* > exemplo;

templum > *templu* > templo.

O neutro causou um pouco de confusão no passado, pois como a terminação do plural dos neutros era *-a* (*templum* — *templu*), vinculavam o que era plural com o gênero feminino, o que acabou ocasionando mudanças do latim para o português. Veja no Quadro 3.7 o que aconteceu com algumas palavras latinas antes usadas com valor de pluralidade ou de coleção as quais, neutras plurais em latim, transformaram-se em femininas singulares em português:

Quadro 3.7 | Formas neutras latinas

| LATIM | | PORTUGUÊS |
|--------------|--------------|------------|
| NEUTRO SING. | NEUTRO PLUR. | FEM. SING. |
| ovum | ova | Ova |
| folium | folia | Folha |
| lignum | ligna | Lenha |
| interaneum | interanea | Entranha |
| vestmentum | vestimenta | Vestimenta |

Fonte: Bagno (2012, p. 158).

Apesar de ter desaparecido, sobreviveram na língua portuguesa atual alguns vestígios do gênero neutro:

- a) Pronomes demonstrativos — isto, isso, aquilo.
- b) Pronomes indefinidos — tudo, nada, algo.
- c) Adjetivo substantivado — o útil, o agradável, o belo.
- d) Infinitivo substantivado — “dirigiu o olhar para mim”; “fumar é prejudicial à saúde”.

Como você já estudou em relação aos sons vocálicos e consonantais, o latim vulgar tinha a tendência de diminuir, simplificar algumas noções. Isso aconteceu em relação às cinco declinações, reduzidas a três. Dessa forma, os nomes da 5ª, em sua maioria, passaram para a 1ª e, em menor número, para a 3ª declinação. Já os nomes pertencentes à 4ª se transferiram para a 2ª declinação.

Mas o que isso tudo tem a ver com a formação dos nomes no português? Vejamos. No latim vulgar, restaram apenas dois casos: o nominativo e o acusativo. O primeiro, chamado de caso reto, com função de sujeito, e o outro de caso oblíquo, devido à função de complemento verbal. Depois dessa redução, no latim vulgar, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com o uso de preposições (*de*, *ad*, *per* e *cum*), inexistentes no latim clássico. Mais tarde, na Península Ibérica, aconteceu de o acusativo e o nominativo se fundirem, predominando o primeiro. Por isso, o caso acusativo, tanto em português quanto em espanhol, é chamado de caso lexicogênico, ou seja, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que se originou o léxico de ambas as línguas (BAGNO, 2012).

A palavra verdade é uma prova e um exemplo do que foi descrito. Ela não poderia derivar do nominativo latino *veritas*, mas sim do acusativo *veritatem*. Você se lembra que, na aula passada, estudamos que no latim vulgar, o som nasal final, representado pela desinência -m, característica do acusativo, se perdeu, ficando a forma *veritate*. Com a síncope ou queda da vogal pretônica /i/ e a sonorização das surdas intervocálicas (/t/ > /d/), originou-se verdade em português. Você deve então aplicar a mesma lógica a outras palavras, isto é, recorrer à forma da palavra latina original no caso acusativo, para então depreender sua forma final. Por exemplo, para explicar a chegada a “livro”, recorra a *libru(m)* e não a *liber*; para homem, recorra a *homine(m)* e não a *homo*.

Na aula passada, quando você aprendia sobre os sons nasais finais, falamos também sobre a formação do plural. Vamos retomar esse assunto? De forma geral, a consoante s permaneceu como marca de plural nos substantivos (*amicos* > amigos); em alguns nomes próprios (*Marcus* > Marcos); nos advérbios (*magis* > mais) e nas desinências verbais (*amas* > amas; *amamus* > amamos; *amatis* > amais). Essa marca deriva do acusativo latino e tanto os nomes masculinos quanto os femininos, em qualquer declinação, recebem o s.

O problema maior é definir como realizar o plural de palavras terminadas em vogais nasais como -ão e -ãe, pois ora o plural é -ãos, ora -ães, ora -ões. No entanto, o conhecimento da forma da palavra latina pode ajudar na resolução desse dilema. Com base no que você aprendeu sobre a evolução dos sons vocálicos, como explicar a formação do plural de palavras terminadas nesses ditongos nasais?

As palavras latinas terminadas em -anu, -ane, -ant, -one e -unt transformaram-se em -ão, -ã e -õ, os quais, no plural, recebem -s, -os e -es, respectivamente. Assim, palavras latinas terminadas em -anu como *manu*, têm singular em -ão e plural com acréscimo de s (mãos). As terminadas em -ane, como *pane*, têm plural em -ães (pães); as terminadas em -one, como *coratione*, recebem -es no plural, resultando em corações. Ficou fácil, não é mesmo?



Assimile

Algumas palavras do latim vulgar tinham sentido diferente das do latim clássico. É o caso, por exemplo, de: *parens*, *parentes* (pai ou mãe no latim clássico) e *parentes* (latim vulgar); *viaticum* (provisão, no latim clássico) e viagem (latim vulgar); *comparare* (preparar, no latim clássico), *comprar* (latim vulgar).

Muitas palavras latinas deram origem a mais de uma palavra em português, até mesmo com sentidos diferentes do original ou étimo (ver vocabulário). Essas palavras são chamadas de formas divergentes, pois provêm de um étimo comum que se desdobrou em mais de uma palavra na formação do léxico português (BAGNO, 2012). Exemplos clássicos de formas divergentes em português são:

Quadro 3.8 | Formas divergentes

| ÉTIMO LATINO | PORTUGUÊS |
|-------------------|-----------------------------------|
| <i>arbitriu</i> | alvitre alvedrio |
| <i>articulu</i> | artigo artelho |
| <i>capitale</i> | cabedal caudal |
| <i>defensa</i> | defesa devesa |
| <i>despoliare</i> | despojar desbulhar debulhar |
| <i>legitimu</i> | lídimo lindo |

| | |
|----------------|------------------------------------|
| <i>macula</i> | mágoa malha mancha mangra |
| <i>regula</i> | régua regra relha |
| <i>vinculu</i> | vinco brinco |

Fonte: adaptado de Bagno (2012, p. 164).



Assimile

Nos dicionários de latim, as palavras vêm sempre expressas no nominativo, seguidas da terminação do genitivo. Veja como aparece a palavra "dia":

1. *dies* = nominativo

2. *diei* = genitivo

Até agora falamos sobre os substantivos. E os adjetivos? Sua função na língua atual é acompanhar o substantivo, atribuindo-lhe alguma característica, além de concordar com ele em número e gênero. Se concorda com o substantivo, então tinha também que se adaptar a ele. Segundo Bagno (2012), os adjetivos chamados de 1ª classe na gramática latina tinham uma forma que se adaptava a cada um dos gêneros dos substantivos a que se referiam. Veja como era no caso do adjetivo justo:

justus (masc.), *justa* (fem.), *justum* (neutro)

Quando desapareceu o neutro e os casos foram reduzidos, essas formas ficaram assim:

SINGULAR: -u > -o, -a > -a: *justu* > *justo*, *justa* > *justa*;

PLURAL: -os > -os, -as > -as: *justos* > *justos*, *justas* > *justas*.

Veja a frase latina a seguir:

Puellam meam magis quam ocūlōs meōs amō. (Terêncio)

Amo minha menina mais do que meus olhos.

[puella, -ae (f) menina; meus, a, um meu; magis ... quam mais ... (do) que; ocūlus, -i (m) olho; amō, -ās, -āre (1) amar]

Tanto o adjetivo quanto outras palavras com o valor de adjetivo, como os pronomes

possessivos, concordam com o termo que acompanham. *Puellam* está no acusativo, por isso *meam* ou *minha* também; o mesmo ocorre com *ocŭlōs* e *meōs*, que concordam em gênero, número e caso. Esse fenômeno foi mantido no português atual. Dizemos, por exemplo, meu amigo querido/meus amigos queridos/minhas amigas queridas. O exemplo mostra que tanto os pronomes quanto os adjetivos estão em concordância – de gênero e número – com o substantivo que acompanham.



Exemplificando

Na frase de Sêneca, *Immōdīcā īrā creat insāniam* que significa A ira desmedida gera a loucura, o adjetivo *immōdīca* (desmedida) está no feminino e combina com *īra*, também no feminino; ambas as palavras estão no caso nominativo, pois desempenham a função de sujeito na frase.



Faça você mesmo

Explique como se dá a relação de concordância entre o substantivo e o adjetivo que o acompanha na frase a seguir: *Bona fēmīna poetis pecūniam dat*. [A boa mulher dá dinheiro aos poetas]

Com o neutro já em desuso e por serem idênticas as desinências do masculino e do feminino no acusativo, conforme se vê nos exemplos anteriores, os chamados adjetivos de 2ª classe, que antes podiam ser tríformes, biformes ou uniformes, tornaram-se todos uniformes, isto é, apresentavam uma mesma forma tanto para o masculino quanto para o feminino, o que permaneceu no português atual, como se vê nos exemplos a seguir:

SINGULAR: -e > -e: celebre > célebre; leve > leve; cortense > cortês

PLURAL: -es > -es: celebres > célebres; leves > leves; cortenses > corteses

Homem cortês ↔ Mulher cortês. Homem célebre ↔ Mulher célebre.



Assimile

Não se deve confundir gênero, uma propriedade da palavra, com sexo, uma categoria biológica, categoria esta que obviamente não se aplica à palavra. Então, do ponto de vista linguístico, não se pode dizer que mulher é o feminino de homem, que ovelha é o feminino de carneiro. Uma palavra só é feminino de outra quando apresentar alguma marca morfológica que indique isso. Em português, a terminação -a é o indicador

mais comum do gênero feminino, como visto em: aluno/aluna, gato/gata, branco/branca. Então, para dizer o que cabra é em relação a bode, por exemplo, diga: cabra é a fêmea do bode. (Consultar BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 71-74.)



Pesquise mais

Para lembrar os aspectos mais relevantes da História da Língua Portuguesa, desde suas origens, até sua expansão no continente europeu, a evolução do latim clássico e suas transformações no latim vulgar, culminando na formação das diferentes línguas românicas, não deixe de consultar o texto de Maria Cristina de Assis: ASSIS, Maria Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. s/l. s/d. pp. 113-158. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2016.



Reflita

O que determinou a predominância de cavalo se o latim clássico adotava a palavra *equus*? Nesse caso predominou, no nosso vocabulário, a forma mais popular: *caballus*. No entanto, a outra forma ainda persiste no português atual. Trata-se das palavras equino e equitação, que mantêm a identidade com seu étimo (base para a formação de uma palavra).



Vocabulário

Étimo: forma original de uma palavra, ou seja, a palavra a partir da qual outra surgiu ou se originou

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

Em nossa situação-problema, você viu que a distinção entre os gêneros de uma palavra é totalmente arbitrária, desvinculada de uma possível característica física ou natural da coisa nomeada, visto que é a tradição de uso e as convenções estabelecidas socialmente por seus falantes que determinam o gênero de uma palavra. Prova disso

é a diferença de gêneros entre línguas diferentes. Mar, por exemplo, é masculino em português e feminino em francês (*la mer*); viagem, mensagem e linguagem – femininos no português – são do gênero masculino em espanhol. Levando isso em consideração e tudo o que você aprendeu até aqui, tanto sobre as mudanças linguísticas em geral quanto sobre as mudanças do latim para o português, como responder às críticas dos gramáticos que consideram indesculpável “errar” o gênero de uma palavra como alface, omoplata, dó, dentre outras, por exemplo?

Para a resolução, deve-se considerar:

- Como o conhecimento de que as línguas mudam com o passar do tempo, sob a influência do próprio sistema linguístico e de seus falantes, pode ajudar a entender “erros” como os acima mencionados?
- Como o entendimento do processo de formação dos substantivos a partir do latim pode ajudar na resolução da situação proposta?
- A atribuição de gênero é arbitrária, não há nada na coisa ou ser em si que o leve a ser de um ou outro gênero.
- Palavras terminadas em -a e -ó tendem a ser consideradas por seus falantes como do gênero feminino e as terminadas em -o e -e como sendo do gênero masculino.
- Palavras que eram femininas em latim, como mapa e dia, no português atual são usadas no masculino

Depois de discutir sobre esses e outros pontos, você deve fazer as leituras complementares indicadas no LD e na webaula e produzir um texto argumentativo em que exponha seu ponto de vista em defesa daqueles que “erram” ao se expressarem sobre o gênero de uma palavra.



Atenção!

O linguista Sírio Possenti, em seu livro *Língua na mídia* (p. 15-16), escreve um capítulo inteiro em que se coloca contra os intelectuais brasileiros que demonstram preconceito linguístico ao julgarem determinados “erros” em detrimento de outros que a classe dominante comete. Veja uma das acusações, transcrita a seguir, sobre uma palavra usada no feminino e muito criticada por esses intelectuais:



“Eu acuso os intelectuais brasileiros de errarem até mesmo na caracterização estereotipada

que fazem da fala popular, sem serem capazes de observar, por exemplo, que o povo só usa 'menos' diante de formas femininas, na maioria absoluta dos casos, de substantivos femininos, que, pela gramática que os intelectuais brasileiros defendem sem conhecer, sequer seriam modificáveis por um advérbio, e talvez seja até por isso que o 'povo' transforma pelo menos um deles em adjetivo..." (POSSENTI, 2009).



Lembre-se

Para resolução da situação-problema, é importante sempre recorrer às mudanças que ocorreram do latim clássico para o latim vulgar e deste para o português atual. Lembre-se das mudanças nas declinações, quais restaram no latim vulgar e deram origem aos nomes (substantivos e adjetivos) em língua portuguesa.

Avançando na prática

| Pratique mais | |
|---|---|
| <p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas.</p> | |
| "Um grama ou uma grama?" | |
| 1. Competência de fundamentos de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Refletir sobre o processo de formação do gênero dos substantivos. |
| 3. Conteúdos relacionados | Aspectos morfológicos do latim para o português. |
| 4. Descrição da SP | É alvo de crítica o fato de uma pessoa ir ao setor de frios de um supermercado ou padaria e pedir ao atendente: "Duzentas grammas de presunto". Programas na televisão, colunas em jornais e revistas apontam para esse fato como sendo um erro inadmissível, que deve ser corrigido, dizendo que o correto é "Duzentos grammas", pois grama refere-se a peso e, por isso, seria uma palavra masculina. Assim sendo, o numeral que o acompanha, então, deve concordar com esse gênero. No entanto, há uma explicação baseada na história de nossa língua para essa concordância "errada". Qual é essa explicação? |

5. Resolução da SP

Bagno (2011, p. 190) bem explica o fenômeno: “No caso de grama (unidade de medida), que no português brasileiro é exclusivamente do gênero feminino, a analogia se deu com todas as incontáveis palavras terminadas em -a que são do gênero feminino. Por ser uma palavra usada com altíssima frequência, foi conduzida pelos falantes à lista das palavras femininas do léxico da língua. Observe que outras palavras de origem grega terminadas em -ama, mas de uso bem mais restrito, não sofreram o processo analógico: o programa, o telegrama, o panorama, o anagrama etc.”.

**Lembre-se**

É importante ter em mente a noção de erro para a gramática e a noção de erro para a linguística. Os gramáticos verão como erro os desvios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos que não sejam condizentes com o que está prescrito na gramática normativa, que dita como deve ser a língua padrão. Já para os linguistas, erro é tudo aquilo que não é possível realizar dentro de um determinado sistema linguístico, ou seja, o que quebrar as regras possíveis em determinada língua de combinação de sons, de formação de palavras, de ordem das palavras na frase. Por exemplo: “Gato minha está telhado encima”. Esta frase não está respeitando o funcionamento da língua portuguesa quanto à concordância do pronome com o substantivo e quanto à ordem de seus elementos.

**Faça você mesmo**

Outra forma bastante estigmatizada de variedade linguística de nossa língua, vista com maus olhos pelos gramáticos, é a forma “menas”, encontrada na fala de pessoas simples e/ou com pouca ou nenhuma escolaridade. No entanto, existe uma motivação ou uma lógica para que isso ocorra. Discuta com seus colegas e explique, com base nos conhecimentos adquiridos nesta aula e em seu conhecimento sobre o funcionamento da língua portuguesa, o que leva as pessoas a utilizarem “menas”.

Faça valer a pena

1. Sobre o latim clássico, analise as afirmações a seguir:

I. Possuía três gêneros: masculino, feminino e neutro.

II. Assim como o português atual, já tinha artigos e preposições.

III. As palavras não tinham posição fixa na frase.

IV. As palavras podiam tomar formas diferentes, devido às seis declinações possíveis de uma palavra.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, II, III e IV.
- b) I e II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II, III e IV, apenas.
- e) IV, apenas.

2. A característica básica da 1ª declinação é a ocorrência de nomes _____. É por isso que a terminação -a passou a ser característica dos nomes femininos em português. Já a 2ª declinação era formada, em sua maioria, por nomes _____ e neutros. Assim, a terminação -o, vinda do caso acusativo singular -um, transformado em -u e finalmente em -o, tornou-se a característica dos nomes masculinos em português. A partir de então deixaram de existir os substantivos _____, já que suas desinências eram idênticas às dos nomes masculinos.

Assinale a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as lacunas do texto acima:

- a) masculinos; femininos; neutros.
- b) neutros; masculinos; femininos.
- c) femininos; neutros; masculinos.
- d) femininos; masculinos; neutros.
- e) masculinos; neutros; femininos.

3. Observe os dados a seguir, que mostram a evolução dos adjetivos célebre, leve e cortês:

SINGULAR: -e > -e: celebre > célebre; leve > leve; cortense > cortês

PLURAL: -es > -es: celebres > célebres; leves > leves; cortenses > corteses

É correto afirmar, sobre a formação desses adjetivos, que:

- a) O neutro ainda não havia caído em desuso e os adjetivos que o acompanhavam podiam ser usados em qualquer gênero.
- b) As desinências do masculino e do feminino no acusativo não eram as mesmas, o que gerou diferença na formação dos adjetivos.
- c) Os adjetivos de 2ª classe, que antes eram triformes, biformes ou uniformes, tornaram-se todos uniformes, com uma mesma forma tanto para o masculino quanto para o feminino.
- d) O português atual não foi afetado pelas mudanças ocorridas nos adjetivos de 2ª classe.
- e) A formação dos adjetivos em português segue a mesma regra que a formação dos adjetivos em língua espanhola.

Seção 3.3

Aspectos sintáticos da evolução da língua portuguesa

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos lembrá-la?

Não só a língua portuguesa, mas toda língua é resultado de inovações que ocorreram em diferentes épocas e lugares, e portanto, elas são dinâmicas, vivas, algo em constante transformação. Na obra *Os Lusíadas*, do grande poeta e escritor português, Luís Vaz de Camões, podemos encontrar palavras como “ingrês”, “pranta” e “frauta”, “alevantar” e “alembiar”, todas elas consideradas “erradas” hoje em dia. Na época em que sua obra foi escrita (1572) essas palavras refletiam o uso correto da língua. Isso mostra como além de a língua mudar no tempo e no espaço, mudam também os critérios de julgamento de certo e errado. Atualmente, as pessoas que usam as palavras dessa forma são julgadas como “ignorantes” e “sem estudo”, sendo vítimas do preconceito linguístico.

A gramática normativa e as colunas de jornais e revistas que visam “erradicar” os erros de português continuam dizendo que o único pronome de 3ª pessoa que deve ser usado na função de objeto direto é o/a, enquanto ele/ela devem ser usados apenas como sujeito do verbo. No entanto, em situações informais como bate-papo entre amigos, conversa entre familiares, o que predomina é o uso de ele/ela como complemento, como em “Eu vi ela”, mesmo no caso de falantes da variedade culta do português. Nesses contextos, não é comum ouvir alguém falar “Eu a vi”. Em alguns casos, o uso de ele/ela causa cacofonia, fenômeno que ocorre quando se juntam, na fala, elementos sonoros de duas palavras, gerando uma nova, geralmente inconveniente. Em “eu vi ela”, por exemplo, ocorre vi+ela, gerando “viela”; em “amo ela”, temos “moela”, casos veementemente condenados pelos gramáticos. Mesmo com esse uso generalizado, os “defensores da corrupção da língua” continuam considerando como erro este funcionamento. Eles parecem fechar os olhos ao fenômeno que já pode ser considerado uma norma no português falado no Brasil, sendo, inclusive, distinto

do português falado em Portugal. As questões que responderemos nessa situação-problema serão:

- De forma geral, como são organizadas as frases na língua portuguesa?
- Quais são as semelhanças entre a estrutura sintática do português e do latim vulgar?
- Como justificar essas ocorrências de uso do pronome ele/ela no português falado atualmente?

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivo específico:

- Entender a organização da frase portuguesa por meio do estudo das mudanças sintáticas na língua latina.
- Identificar os fatos sintáticos realizados no português que se assemelham a fatos sintáticos do latim vulgar.

Não pode faltar

A frase portuguesa. Mecanismos sintáticos.

Você se lembra de que aprendeu na aula passada que na frase latina não importava a ordem em que as palavras apareciam? A frase “Deus ama o homem”, por exemplo, poderia ser dita ou escrita das seguintes formas:

Deus hominem diligit.

Hominem diligit Deus.

Diligit Deus hominem.

Hominem Deus diligit.

Isso acontecia por causa das desinências ou terminações das palavras, que mostravam os casos aos quais pertenciam, que, por sua vez, determinavam o papel que cada palavra desempenhava na oração. Na oração acima, a forma *Deus*, por exemplo, está no nominativo, caso que marca o sujeito da oração; já a palavra *hominem*, está no caso acusativo, uma vez que seu papel é o de complemento do verbo amar.

Vamos relembrar os casos e as desinências do latim clássico? Veja os quadros a seguir:

Quadro 3.5 | Casos no latim clássico e sua relação com o português

| FUNÇÃO GRAMATICAL | PORTUGUÊS | LATIM CLÁSSICO | CASO SINTÁTICO |
|---------------------------|-----------|----------------|----------------|
| 1. sujeito | Pedro | Petrus | nominativo |
| 2. complemento restritivo | de Pedro | Petri | genitivo |
| 3. objeto indireto | a Pedro | Petro | dativo |
| 4. objeto direto | Pedro | Petrum | acusativo |
| 5. vocativo | ó Pedro | Petre | vocativo |
| 6. adjunto adverbial | com Pedro | cum Petro | ablativo |

Fonte: Bagno (2012, p. 153).

Quadro 3.6 | Declinações no latim clássico

| 1ª Decl. | 2ª Decl. | 3ª Decl. | 4ª Decl. | 5ª Decl. |
|-----------|-----------|-----------|-------------|-----------|
| hora, -ae | lupus, -i | mare, -is | cantus, -us | dies, -ei |

Fonte: Bagno (2012, p. 154).

No latim vulgar, conforme você viu na seção passada, restaram apenas dois casos: o nominativo e o acusativo. O primeiro, chamado de caso reto, tem função de sujeito e o outro é chamado de caso oblíquo, devido à função de complemento verbal. Depois dessa redução, no latim vulgar, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com o uso de preposições (*de, ad, per* e *cum*), inexistentes no latim clássico. Mais tarde, na Península Ibérica, aconteceu de o acusativo e o nominativo se fundirem, predominando o primeiro. Por isso, o caso acusativo, tanto em português quanto em espanhol, é chamado de caso lexicogênico, ou seja, é da forma que as palavras tinham nesse caso sintático que se originou o léxico de ambas as línguas (BAGNO, 2012).

Com a eliminação dos casos, preposições passaram a ser empregadas para marcar as relações sintáticas entre os termos da oração. Para entender melhor como foi essa mudança na prática, vamos a um exemplo da palavra *liber* (livro). No latim clássico, “capítulo do livro” expressa uma relação sintática em que “do livro” restringe o sentido do termo anterior, “capítulo”. Os falantes, então, juntariam a desinência -i ao radical da palavra *liber*, gerando *libri* e o resultado seria a seguinte construção: *capitulum libri*.

No latim vulgar, em vez da forma sintética da expressão, preferia-se usar a forma analítica “*de libru*”, expressando-se a relação por meio da preposição *de*. Isso porque

o latim clássico era uma modalidade de língua sintética e o latim vulgar, analítico, característica esta herdada pela língua portuguesa.

Essa mesma tendência também foi herdada pela voz passiva no português. No latim clássico, ela era expressa por meio de uma desinência; no latim vulgar, porém, permaneceu a forma analítica, constituída pelo verbo auxiliar “*sum*” (ser) mais verbo principal na forma do particípio. Veja:

| Latim clássico (voz sintética) | Latim vulgar (voz passiva participial) |
|--------------------------------|--|
| <i>Ille amatur a patre.</i> | <i>Ille est amatus a patre</i> |
| Ele é amado pelo pai. | |

Na língua portuguesa, além da passiva analítica, herdada do latim vulgar, temos a passiva sintética, forma de construção verbo-pronominal que se distingue da passiva participial (formada pelo particípio passado) porque nela não se explicita o agente da passiva (aquele que efetua a ação expressa pelo verbo da oração). Veja os exemplos a seguir para entender melhor o que acontece em português:

1. A empresa contratou mais de 100 novos funcionários (voz ativa).
2. Mais de 100 novos funcionários [foram contratados] pela empresa (voz passiva participial).
3. Contrataram-se mais de 100 novos funcionários (voz passiva pronominal).

Essa tendência para o analítico também se fez sentir na estrutura determinante + nome. Determinantes são todas aquelas palavras que acompanham o substantivo, como artigos, pronomes possessivos e demonstrativos e numerais, como se vê em: o amigo/nosso amigo/seu amigo/este amigo, por exemplo. No latim clássico, constava apenas a forma sintética *liber*; já no latim vulgar, o substantivo se fez acompanhar de artigo e/ou numeral:

illu libru (o livro) ou *unu libru* (um livro)



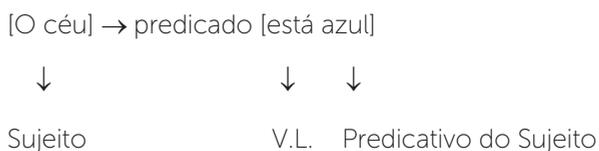
Assimile

Você aprendeu que graças ao recurso dos casos, era possível marcar as principais funções sintáticas na frase latina sem recorrer à ordem das palavras e sem lançar mão de artigos ou preposições. Com a perda dos casos, porém, as línguas originárias do latim tiveram que buscar novos meios para indicar as funções sintáticas, tarefa que passou a ser desempenhada pela ordem das palavras e pelo uso de preposições.

No latim clássico, nas chamadas orações substantivas, empregavam-se construções reduzidas de infinitivo; já o latim vulgar, analítico, preferiu as formas desenvolvidas. Compare-as:

- **Forma reduzida:** *Vulgus dicit terram esse rotundam* (O povo diz ser a Terra redonda).
- **Forma desenvolvida:** *Vulgus dicit quod terra est rotunda* (O povo diz que a Terra é redonda).

Mesmo com toda essa liberdade de colocação das palavras, o latim vulgar preferiu uma forma de dispor os termos da oração seguindo uma ordem lógica: sujeito, verbo, objetos, adjuntos adverbiais. É por isso que no português atual a oração básica consiste em SUJEITO e PREDICADO e a estrutura tradicional é Sujeito + Verbo+ Objeto ou SVO. Afirma-se algo a respeito do sujeito por meio do predicado, e esse nexos é feito através de um verbo, assim como já acontecia no latim. Herdamos também as duas possibilidades de estruturação de frases: a nominal e a verbal. Vamos relembrar rapidamente. No predicado nominal, o núcleo do predicado é um nome com função de adjetivo, como se vê em:



“Está” – presente do indicativo do verbo estar – faz a conexão entre o sujeito e sua caracterização, por isso é chamado de verbo de ligação ou V.L. No latim clássico, não havia o V.L., mas o sentido era dado pela entonação, pela pronúncia ascendente da frase. Veja como era escrita a frase nominal:

Homo bonus. (O homem é bom).

No latim vulgar, apareceu o V.L., desempenhado pelo verbo *esse* (verbo ser):

Homo bonus est = O homem é bom.

Mais tarde, outros verbos passaram a desempenhar a função de ligação na frase nominal portuguesa, tais como *estar*, *ficar*, *permanecer*, *tornar-se*, *transformar-se*, *parecer*, dentre outros.

No chamado predicado verbal, o aspecto mais importante é o verbal, isto é, a ação que está sendo realizada pelo sujeito, como em:

[O criador do Facebook] → Predicado [doou grande parte de sua fortuna].



É uma importante característica da língua portuguesa o chamado sujeito nulo; é o que nos permite construir frases com a omissão do sujeito, como nas frases em que o sujeito é oculto, pois a terminação verbal – chamada de desinência – indica o sujeito, dispensando sua “aparição”. Isso já acontecia no latim vulgar:

Sum bonus (Sou bom) *Loquitur* ([ele] fala).

A opção de usar o pronome (primeira, segunda ou terceira pessoa) como expressão do sujeito deu-se na língua portuguesa, como em EU sou bom e ELE fala.

A chamada frase verbal latina tinha três esquemas formais, os quais herdamos com ou sem alterações (FERREIRA, 2009):

1. Com verbo que concentra em si toda significação, conhecido no português atual como verbo intransitivo: *ambulo* (ando), *cogito* (penso).
2. Com verbo articulado com um substantivo na função de complemento, chamado de acusativo, como você já estudou na aula passada e lembrou no início desta. Nesse caso, o verbo é transitivo:

| | | |
|---------------------|---|----------------|
| <i>Video puerum</i> | → | Vejo o menino. |
| ↓ ↓ | | ↓ ↓ |

verbo de ação acusativo verbo de ação complemento verbal

O acusativo veio a ser o nosso complemento verbal que se liga ao verbo sem auxílio de preposição, chamado de objeto direto.

3. Com verbo articulado com complemento que se liga ao verbo por meio de preposição. É o caso chamado de dativo. Antes, era assim expresso:

Loquor puero → dativo (complemento verbal indireto)

Na mudança do latim clássico para o vulgar, os termos essenciais e integrantes da oração – sujeito e objeto – continuaram a ser expressos pelo nominativo e acusativo, respectivamente, mas, com o tempo, suas posições na oração se fixaram para antes e depois do verbo. O objeto indireto passou a ser marcado pela preposição *ad*. As

preposições *de*, *de+ab* passam a introduzir o agente da passiva. Para marcar os adjuntos adverbiais, veja o que era utilizado e foi transmitido para o português:

a) Preposição *cum*: introduzia adjunto de companhia; passou a indicar também meio (abrir com chave), coexistindo com *ad* (matar à faca) e *de* (matar de pauladas).

b) Preposição *de*: empregada nos casos do genitivo e do ablativo, passou a indicar, nos complementos:

- tempo (coexistindo com *ad*): de dia, à noite;

- procedência (saiu de São Paulo);

- modo (responder de mau jeito);

- causa (chorar de rir).

c) Preposições *in* e *ad*: coexistiram para expressar circunstâncias de lugar.

d) Preposição *per*: alternou com a ausência de preposição para indicar a duração (ficar cinco anos/por cinco anos neste emprego).

Você se lembra do que aprendeu sobre a tendência para o analítico da língua portuguesa? Assim, o que era sintético no latim, expresso pelo caso dativo, foi substituído por uma construção analítica, em que o substantivo é regido por uma preposição, complemento este que recebe o nome de objeto indireto. *Puero*, então, dá lugar a "ao menino".

No português atual, foram mantidos resquícios dos casos latinos no paradigma dos pronomes pessoais. Os do caso reto – eu, tu, ele, nós, vós, eles – desempenham papel de sujeito e correspondem ao caso nominativo; os pronomes do caso oblíquo o(s), a(s), me, mim, te, me, nos, lhe(s), que assumem função de complemento verbal, correspondem ao acusativo e dativo latinos. Por isso, os gramáticos criticam quem diz, por exemplo: "Empresta seu livro para mim ler", em que o pronome oblíquo *mim* é usado na função de sujeito.

Mas, como para toda regra há uma exceção, há também casos em que pronomes oblíquos como *me*, *te*, *nos*, *vos*, *o*, *os* exercem a função de sujeito. O que é correto dizer?

1. Mandaram-me levantar OU 2. Mandaram eu levantar

Se você respondeu que o certo é a forma 2, errou. Em orações em que a oração principal apresenta verbos como mandar, deixar, fazer, chamados de verbos

causativos, como também os verbos de percepção, como sentir e ver, por exemplo, o sujeito da 2ª oração (subordinada), com verbo no infinitivo, pede a forma oblíqua. Esse sujeito “diferente” recebe o nome de sujeito acusativo.

Esse fato relaciona-se com o que acontecia no latim, quando o verbo da oração principal indicava declaração ou conhecimento, como dizer, crer, saber, contar etc. Por exemplo, não se pode dizer em latim clássico “Creio que Deus existe”. Isso ocorre por apenas ser possível a construção com o infinitivo na oração subordinada, sem a chamada conjunção integrante – que. Nesse caso, Deus fica no acusativo: *Credo Deus esse* (Creio Deus existir).

Já que falamos em pronomes, você sabia que a língua latina não tinha pronomes de 3ª pessoa? Isso mesmo, não havia os correspondentes ao nosso ele/ela nem outras formas a estes relacionadas, uma vez que o verbo já marcava a pessoa (1ª, 2ª ou 3ª). Quando o latim foi se transformando nas várias línguas românicas, surgiu a necessidade de referir-se à 3ª pessoa, e para essa função foram usados os demonstrativos latinos. É destes também que surgiram os artigos definidos, inexistentes no latim (BAGNO, 2009). Veja no Quadro 3.9, como isso aconteceu:

Quadro 3.9 | Evolução dos pronomes latinos

| | | |
|--------------------------------|------------------------|---------------------|
| ILLE/ILLA → aquele(a); sujeito | ILLU/ILLA → Ob. Direto | ILLI → Ob. indireto |
| ↓ | ↓ | ↓ |
| ELE/ELA | LO/LA (port. arcaico) | LHE |
| | ↓ | |
| | O/A (port. moderno) | |

Fonte: Bagno (2009, p. 221).



Assimile

Os demonstrativos latinos deram origem não só aos pronomes pessoais de 3ª pessoa, aos artigos o(s), a(s). É por isso que coincidem, em nossa língua, os artigos já mencionados, os pronomes pessoais o(s), a(s), e os demonstrativos o(s), a(s):

Artigo → O garoto foi sequestrado.

Pronome pessoal → O gatinho nasceu e a gata o lambeu para limpá-lo.

Demonstrativo → Vou levar o sapato preto. Pegue o (equivale a “aquele”) que deixei separado, por favor.

Como você já viu em nossa situação-problema, a gramática normativa considera errado usar os pronomes pessoais do caso reto como complemento verbal. A esse respeito, veja o que diz um conhecido gramático brasileiro, Pasquale Cipro Neto, que se dedica a “caçar” erros cometidos pelos falantes:

Dois amigos conversam:

Amigo 1: “Faz tempo que não vejo ela”.

Amigo 2: “Pois eu vi ela ontem à noite”.

Há quem brinque com esse tipo de construção da frase: “Eu vi ela, tu rua, ele avenida”...

No português falado do Brasil, na língua do dia a dia, o pronome reto (eu, tu, ele, nós, vós, eles) assumiu definitivamente o papel de complemento verbal. Nós dizemos, no dia a dia, “faz tempo que não vejo ele”, “eu vou encontrar ela amanhã” e por aí vai. Isso não está no padrão formal da língua portuguesa. O correto seria:

Faz tempo que eu não o vejo.

Eu devo encontrá-la amanhã.

(Fonte: ALÔ ESCOLA. Uso culto e uso popular. [s/l] [s.d]. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/aloescola/linguaportuguesa/morfologia/pronomes-usocultoepopular2.htm>>. Acesso em: 9 dez. 2015.

Bagno (2009) observa que os pronomes oblíquos nunca aparecem na fala de crianças nem de adultos analfabetos ou semialfabetizados. Ele então elabora a hipótese de que se as crianças não usam é porque não aprenderam com seus pais e outros familiares a usar esses pronomes, ainda que estivessem em meio a pessoas letradas. Mesmo entre estas, a ocorrência dos oblíquos é quase nula em contextos informais. O mais comum – e ainda assim em baixa frequência – entre pessoas com maior escolaridade é o uso dos oblíquos combinados aos chamados infinitivos verbais, como em: conhecê-lo, amá-la, encontrá-lo.

O mais interessante dessa história é que esse uso considerado errado aparecia em textos literários do período arcaico, como na obra do historiador Fernão Lopes, do século XIV. Veja os trechos a seguir, mencionados por Bagno (2009, p. 145):

“Os cardeaes, outrossim, privaram elle d’algum direito, se o no papado tinha”.

“Traziam quatro honrados senhores um panno d’ouro tendido em haste, que cobria elle e o cavalo”.

Nos séculos seguintes a Fernão Lopes, a norma-padrão clássica literária proibiu tal uso; no entanto essa proibição não impediu que o pronome ele/ela fosse trazido

para o Brasil e permanecesse em nossa fala como complemento verbal de maneira “forte e vigorosa”, como ressalta Bagno (2009, p. 145).



Assimile

Em 1922, ao se referir à sua fala cotidiana e ao uso dos pronomes pessoais ele/ela em seus enunciados que destoariam do que prescreve a gramática (não utilizar tais pronomes como complementos), o grande filólogo brasileiro, Antenor Nascentes (1886-1972), escreveu: ‘Confesso que na linguagem familiar não falo de outro modo, mesmo porque sinto um tom pouco brasileiro no emprego dos pronomes átonos o, a, os, as’’. (BAGNO, 2009, p. 146)

Você sabia que os verbos conhecidos como impessoais, por não estarem relacionados a um sujeito na oração em que aparecem, também vieram do latim? Apareciam nas orações sempre com o verbo na terceira pessoa do singular, assim: *pluit* (chove); *tenat* (troveja). Observe que eram verbos que representavam fenômenos da natureza, do mesmo modo que na língua portuguesa. Orações cujos verbos são desse tipo são chamadas de orações sem sujeito:

Choveu forte ontem à noite.

Nevará amanhã durante todo o dia.

Já a conhecida impessoalidade do verbo *haver*, no sentido de existir, não foi herdada do latim, pois nesta língua era pessoal, e não impessoal. Veja: *Arca Noe habuit homines*, que traduzida literalmente apresenta o verbo *haver* concordando com o sujeito, dessa forma: A arca de Noé há homens.

A função sintática de aposto, existente no latim, permaneceu em nossa língua. Ele serve para explicar e delimitar o termo a que se refere. No latim, concorda com o caso do termo que acompanha. Exemplos (FERREIRA, 2009, p. 74):

a) *Iuno* (nominativo, singular, fem.), *dearum regina* (nominativo, singular, fem.) *Iovis uxor erat*. → Trad.: Juno, rainha das deusas, era esposa de Júpiter.

b) *Dicunt Iunonem* (ac., sig., f.) *dearum reginam* (ac., sg., f.) *Iovis uxorem fuisse*.

“Dizem que Juno, rainha das deusas, foi esposa de Júpiter.”



Exemplificando

Temos tendência de, ao aprender uma regra, deduzirmos sua aplicação a outros casos semelhantes. Isso acontece no caso da concordância verbal,

por exemplo. Aprendemos que o verbo sempre deve concordar com o sujeito e ao produzirmos uma oração ou frase, geralmente atentamos para o sujeito: se é simples ou composto, se está no singular ou no plural para então flexionarmos o verbo. Isso nos leva a enxergar como sujeito aquilo que não existe na frase. Por isso, muitos falantes dizem, por exemplo: “Haviam muitas pessoas na festa” ou “Haverão dias piores”, interpretando erroneamente muitas pessoas e dias piores como sujeito. No entanto, no latim era assim, como você acabou de ver.



Faça você mesmo

Muitas pessoas dizem “para mim fazer, para mim ler” e são condenadas pelos gramáticos que, para ilustrar a inadequação da construção, dizem: “Mim não fazer, mim não ler”. Como você explicaria esse fenômeno recorrente na língua portuguesa, presente na fala de pessoas de diferentes classes sociais?



Assimile

Além dos casos em que ele/ela aparecem após o verbo, como complemento, portanto na função de objeto direto, há também casos em que ocorre sua substituição por zero {Ø}, fenômeno conhecido como elipse, como se vê nos exemplos a seguir:

- Você já experimentou comida indiana?
- Sim, é uma delícia. Já provei {Ø} e aprovei {Ø}; recomendo {Ø} para qualquer pessoa.

Os trechos com o símbolo {Ø} poderiam ser assim reescritos:

- Já provei e aprovei ela; recomendo ela para qualquer pessoa.



Pesquise mais

Quer conhecer um pouco mais sobre as palavras latinas? Existe uma versão gratuita e livre do Dicionário escolar latim-português no *site* Domínio Público, do Governo Federal. Você pode verificar a qual classe gramatical pertence cada palavra, o gênero, o caso e a declinação, além de verificar a qual palavra deu origem na língua portuguesa.

MEC. Dicionário escolar: latino-português. **Domínio Público**. 1962. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=24675>. Acesso em: 10 dez. 2015.



Refleta

Pegando uma carona no *Faça você mesmo*, por que construções como “para mim fazer” são consideradas erradas e “entregou este livro para mim” é correto, do ponto de vista da gramática normativa?

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados. Vamos lembrá-la:

A gramática normativa e as colunas de jornais e revistas que visam “erradicar” os erros de português continuam dizendo que o único pronome de 3ª pessoa que deve ser usado na função de objeto direto é o/a, enquanto ele/ela devem ser usados apenas como sujeito do verbo. No entanto, em situações informais como bate-papo entre amigos, conversa entre familiares, o que predomina é o uso de ele/ela como complemento, como em “Eu vi ela”, mesmo no caso de falantes da variedade culta do português. Nesses contextos, não é comum ouvir alguém falar “Eu a vi”. Em alguns casos, o uso de ele/ela causa cacofonia, fenômeno que ocorre quando se juntam, na fala, elementos sonoros de duas palavras, gerando uma nova, geralmente inconveniente. Em “eu vi ela”, por exemplo, ocorre vi+ela, gerando “viela; em “amo ela”, temos “moela”, casos veementemente condenados pelos gramáticos. Mesmo com esse uso generalizado, os “defensores da corrupção da língua” continuam considerando como erro esse funcionamento. Eles parecem fechar os olhos ao fenômeno que já pode ser considerado uma norma no português falado no Brasil, sendo, inclusive, distinto do português falado em Portugal.

Para sua resolução, deve-se considerar:

- As línguas mudam com o passar do tempo pela atuação conjunta de fatores linguísticos e extralinguísticos.
- Os falantes utilizam formas de expressão diferentes das prescritas pelas gramáticas normativas.
- As semelhanças entre a estrutura sintática do português e a do latim vulgar.
- Como são organizadas as orações ou frases em língua portuguesa.

Depois de discutir sobre esses e outros aspectos, você deve produzir, em conjunto com outros colegas, um pequeno esquete (peça humorística de curta duração) em que seja evidenciado o uso formal e informal dos pronomes pessoais como complemento do verbo.



Atenção!

Os casos apresentados na SP, como “Eu vi ela” e “Amo ela”, além de exemplos de uso informal dos pronomes pessoais de 3ª pessoa, também exemplificam o fenômeno da cacofonia, mas este não é o foco da resolução do problema. Você deve discutir os porquês de uso desses pronomes como complemento verbal, os diferentes contextos em que aparecem, que tipo de falante utiliza a forma abonada pela gramática e a fala desabonada.



Lembre-se

As formas verbais no infinitivo quando seguidas de pronomes pessoais do caso oblíquo, perdem o *r* final, a última sílaba recebe acento agudo ou circunflexo (com exceção das terminadas em *i*) e os pronomes *a/o* recebem um *l*. Na prática, fica assim: mantê-lo, amá-la, dividi-lo.

Avançando na prática

| Pratique mais | |
|---|---|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas. | |
| "Vi ele pode?" | |
| 1. Competência de fundamentos de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Perceber a influência da organização sintática latina sobre a sintaxe da língua portuguesa. |
| 3. Conteúdos relacionados | Uso dos pronomes pessoais. |
| 4. Descrição da SP | Veja a seguir um trecho de uma notícia publicada no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , de 16/10/2003: "O pai, José Domingos de Jesus Santos, de 36 anos, só sabe dizer que sentiu a falta do filho meia hora depois de chegar em casa para o almoço. 'Cheguei e fui direto tomar banho. Só no fim do almoço me dei conta de que ainda não tinha visto ele. Quando sai no portão, ouvi a voz dele longe, gritando:' |

| | |
|--------------------|---|
| | <p>'Pai, me tira daqui'. Corri e <u>vi ele</u> lá dentro.'" (apud BAGNO, 2009, p. 148).</p> <p>Diante de um texto como esse, publicado em um importante jornal, lido pela elite culta, em que aparecem ocorrências do pronome ele desabonadas pela gramática, explique por que seus editores não corrigem, então, a fala, uma vez que, segundo a gramática normativa, é considerada errada?</p> |
| 5. Resolução da SP | <p>Embora seja comum em jornais e revistas colunas que visam ensinar a não cometer "erros de português", é comum ocorrências de "transgressões" ao que prescreve a gramática. No caso do trecho da notícia acima, foi mantida a forma do personagem falar, sendo, portanto, a transcrição da fala.</p> |



Lembre-se

Geralmente, os falantes escolarizados de classe social mais alta transitam entre diferentes registros linguísticos – formal e informal – dependendo do contexto em que estão, incluindo nestes outros falantes.



Faça você mesmo

Comece a observar como seus colegas, seus familiares e até mesmo seus professores falam os verbos no infinitivo, como pronunciam o verbo na 3ª pessoa do Presente do Indicativo e o pronome você. O uso que você e esses grupos fazem da língua, nesses aspectos, nunca muda? Quando muda, é em função de quais fatores? Discuta com seus colegas.

Faça valer a pena

1. Leia com atenção as afirmações a seguir e julgue-as como V ou F.

() Considere a sentença latina: *Puella fabulas narrat* (A menina fábulas narra). Essa ordem possível no latim (o sujeito inicia a oração e o verbo encerra) é também a ordem preferencial da língua portuguesa.

() Em latim, o adjetivo pode concordar com o substantivo em número e caso.

() Na sentença "A menina dá uma rosa à amiga", termos uma rosa (objeto direto) e à amiga (objeto indireto) correspondem, no latim, aos casos acusativo e dativo, respectivamente.

() No latim clássico havia preferência por orações reduzidas, sintéticas; enquanto no latim vulgar, por orações desenvolvidas, analíticas.

Assinale a alternativa cuja sequência de V e F está correta:

- a) F, V, F, V.
- b) V, F, V, F.
- c) F, F, F, V.
- d) F, V, V, V.
- e) V, V, V, V.

2. Observe a seguinte oração em latim: *Puella amicae rosam dat* (A menina dá uma rosa à amiga). Ao fazer a análise de seus elementos constitutivos, é correto afirmar:

I. A palavra *rosam*, por expressar o complemento verbal, em português tem a função de objeto direto, e no latim essa função é expressa pelo acusativo.

II. A palavra *amicae* expressa o chamado objeto indireto dos verbos em língua portuguesa, função que corresponde ao caso dativo no latim.

III. A palavra *puella*, na função de sujeito da oração, apresenta-se no caso genitivo, fato comprovado pela desinência da palavra, da 3ª declinação.

Está correto o que se afirma em:

- a) I e II, apenas.
- b) II e III, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) I, apenas.
- e) II, apenas.

3. Na mudança do latim clássico para o vulgar, os termos essenciais e integrantes da oração – _____ e _____ – continuaram a ser expressos pelo _____ e _____, respectivamente, mas com o tempo suas posições na _____ se fixaram para antes e depois do verbo.

Assinale a alternativa que preencha as lacunas na respectiva ordem.

- a) objeto; sujeito; acusativo; nominativo; gramática.
- b) sujeito; objeto; nominativo; acusativo; oração.
- c) verbo; substantivo; ablativo; dativo; oração.
- d) sujeito; objeto; dativo; vocativo; gramática.
- e) objeto; verbo; ablativo; nominativo; frase.

Seção 3.4

Fixação da escrita em língua portuguesa

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

Não só a língua portuguesa, mas toda língua é resultado de inovações que ocorreram em diferentes épocas e lugares, e, portanto, são dinâmicas, vivas, algo em constante transformação. Na obra *Os Lusíadas*, do grande poeta e escritor português, Luís Vaz de Camões, podemos encontrar palavras como “ingrês”, “pranta” e “fruta”, “alevantar” e “alembrar”, todas elas consideradas “erradas” hoje em dia. Na época em que sua obra foi escrita (1572), essas palavras refletiam o uso correto da língua. Isso mostra como além de a língua mudar no tempo e no espaço, mudam também os critérios de julgamento de certo e errado. Atualmente, as pessoas que usam as palavras dessa forma são julgadas como “ignorantes” e “sem estudo”, sendo vítimas do preconceito linguístico.

A convenção escrita de uma língua, a par de sua manifestação falada – esta sim passível de variações devido a fatores como região, classe social, idade, gênero etc. – visa manter a unidade de uma língua, sua identidade e diferenciação dentre outras línguas, além de garantir que sejam transmitidos os valores culturais – ciência, arte, literatura, religiosidade, costumes, leis – de um povo reconhecido como tal. Mesmo que de forma muito mais vagarosa e não tão expressiva, ocorrem mudanças na língua escrita que afetam elementos gráficos (acentos, uso de hífen, separação de sílabas etc.) cuja exclusão não causa diferença de sentido e ainda contribui para a unificação de uma mesma língua falada em países distintos. Daí advém a necessidade de se estabelecerem acordos ortográficos que atualizem a convenção escrita que, por natureza, é mais estática e arbitrária. Tendo isso em mente, algumas questões se colocam:

- Qual a importância da norma ortográfica para a fixação escrita de uma língua?

- Por que a escrita de uma língua é importante para o povo que a fala?
- Quais as mudanças mais significativas que afetaram a língua portuguesa nas várias reformas ortográficas?

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Entender o papel da constituição de uma gramática para a fixação escrita de uma língua.
- Entender a importância da norma ortográfica para a fixação escrita de uma língua.

Não pode faltar

Breve histórico. Primeiros documentos escritos.

Quando um povo ou país ainda não apresenta língua escrita, não é tão fácil nem tão óbvio criá-la, mesmo entre povos cuja língua não apresenta tanta variação condicionada por fatores sociais, etários, profissionais. Imagine se essa língua é o resultado da ação de substratos e superstratos, como é o caso da língua portuguesa, considerando que esta ainda tenha sofrido influência das línguas faladas por povos dominados em outro continente, diferente de onde ela é originária?

Estamos espalhados em 27 estados, cada qual com sua maneira própria de falar – entonação, pronúncia de sons vocálicos e consonantais, vocabulário, ordem das palavras na frase. Sem contar as variações entre cidades e mesmo entre diferentes grupos sociais e etários. Você já pensou se ainda tivéssemos que definir qual seria a escrita do português brasileiro caso essa convenção não tivesse sido estabelecida? Como, a partir de três pronúncias, tais como *"méninu"*, *"mininu"* e *"meninu"*, convencionou-se a escrita da palavra menino? Para responder a essa pergunta, vamos novamente voltar no tempo até o século XVI.

Demorou muito até que o português, língua românica derivada do latim vulgar, fosse reconhecido como uma nova língua. Lembre-se de que, no período arcaico, havia o galego-português. Após a independência de Portugal, com o deslocamento da capital para o sul do país, em Lisboa, aos poucos foi se formando uma "língua de livre trânsito entre as camadas sociais" (PAIVA, 2008, p. 148). Essa língua foi chamada de português comum, tendo sido forjada segundo o padrão social e regional de Lisboa e Coimbra, e tornou-se base tanto para o desenvolvimento da prosa de

caráter informativo como da prosa literária.

Para isso, duas instituições tiveram importância crucial, uma vez que eram centros difusores de cultura na Idade Média: a Igreja Católica, representada pelos mosteiros, onde monges traduziam obras latinas, francesas e espanholas (Mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça), e a corte portuguesa, onde escreviam fidalgos e trovadores, aprimorando a língua literária. Como os fiéis da Igreja já não entendiam o latim, as traduções dos textos religiosos para o vernáculo contribuíram para o enriquecimento da cultura e da língua, principalmente por ampliarem o vocabulário, darem exemplos de construção de frases, além de outros processos que demonstravam a capacidade expressiva da língua (PAIVA, 2008).

Segundo Paiva (2008), no século XV e nas primeiras décadas do XVI, a língua, progressivamente, foi se organizando e se regulamentando, de acordo com normas determinadas pelo uso. Os gramáticos portugueses da época, ao estudarem a língua portuguesa, “procederam à sistematização de algumas normas que, manejadas e enriquecidas pelo trabalho artístico dos escritores renascentistas, eliminaram grande parte das variantes” (PAIVA, 2008, p. 185). Ou seja, variantes escritas como substantivos que tinham o feminino em -ao, como *infançom*, *infançõa*; *varom*, *varõa*, *varoa*, passaram, em parte, a formá-lo em -ã: irmã, sã, varão. Substantivos terminados em -age ou -agem, de origem francesa, antes grafados como masculinos, começaram a ser usados como femininos: nosso *lingoagem*, nossa *lingoagem*.

Importante papel cumpriu o poeta Francisco de Sá de Miranda, conhecido por sua obra poética inserida no *Cancioneiro Geral*, uma compilação de poemas palacianos reunidos pelo escritor Garcia de Resende, publicada em 1516. Os poemas versavam sobre os mais variados temas e eram escritos em sua maioria em português. Foi a primeira coletânea de poesia impressa em Portugal, sendo o principal repositório de poesia portuguesa da época.

A partir de meados do século XVI, a língua portuguesa passa por grandes transformações, enriquecendo o seu acervo lexical, disciplinando as suas estruturas, competindo com sua língua irmã – o espanhol –, expandindo-se para fora do seu domínio continental. Escritores e gramáticos dos séculos XVI e XVII defendiam as virtudes da língua pátria como sendo capaz de veicular quaisquer tipos de sentimentos, histórias, arrazoados (exposição de razões fundamentais), opondo-se àqueles que julgavam as línguas românicas como instrumentos de comunicação pobres, insuficientes para expressar de maneira eficiente a poesia, a literatura, a retórica. Essa oposição também foi uma reação aos diversos autores portugueses que “castelhanizavam” sua escrita, por esta ser, na época, culturalmente mais importante e de maior penetração.

Nesse sentido, um dos escritores que mais contribuiu para fixação da língua portuguesa escrita foi Camões, com sua principal obra *Os Lusíadas*, publicada em

1572, que, conforme você já estudou na Unidade 2, marcou a passagem para o português moderno. Nazarete de Souza (SUGIMOTO, 2009), em sua tese de doutorado que estuda a evolução da ortografia portuguesa, explica que Camões apresenta um modelo ortográfico simples, abandonando hábitos antigos de escrita, como muitas letras desnecessárias presentes nas palavras, por exemplo, o 's' de 'sciencia'; eliminou as letras duplicadas, excluiu os dígrafos como 'th' e 'ph', diminuiu o uso de vogais duplas, como em "vee" (vê) e "vaa" (vá). O til, utilizado até hoje, é herança camoniana; o sinal era adotado para marcar a nasalização de vogais e abreviar palavras.



A escrita de Camões, no entanto, apresenta ainda algumas inconsistências, como a representação do som da vogal *i*, que aparece como *i*, *y* e *j*, sendo este último usado apenas como maiúscula de nomes próprios e início de verso, como em *Júpiter* e *Justiça*, por exemplo. O autor mantém resquícios do português arcaico, ao manter o *h* na grafia de "hum" e "himos", por exemplo, e retirar o *h* nas formas do verbo "haver".

Antes de Camões já existiam duas gramáticas de nossa língua. Com a consolidação definitiva da língua nacional de muitos países europeus, inclusive de Portugal, começaram a ser publicadas as primeiras gramáticas de línguas europeias, pois até

então somente o grego e o latim eram considerados dignos de terem suas regras codificadas e compiladas em livros.

Como você já aprendeu na Unidade 2, em 1536, Fernão de Oliveira publica *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Segundo Castilho (2009), a tendência imperante na época, de se considerar a língua portuguesa como culturalmente menos importante, levou esse estudioso a pregar a propagação dessa língua e a valorizar a clareza de sua pronúncia. Fernão de Oliveira qualificava modestamente sua obra como "a primeira anotação da Língua Portuguesa". Em posição contrária à ortografia etimológica, que procurava manter uma identidade com a escrita latina, escreveu: "E do mau pronunciar veio o pior escrever dessas dicções com 'ch'. Mas somos tão bugios dos latinos que tomamos suas coisas sem muito sentir delas quando nos são necessárias". (OLIVEIRA, 1975, p. 61).

Quatro anos depois (1540) João de Barros produz a *Grammatica da Lingua Portuguesa*, em que sistematiza a forma de estudo de uma língua em suas partes

Primeiras gramáticas do português

1536 – Fernão de Oliveira, *Grammatica da Lingoa Portuguesa*

1540 – João de Barros, *Grammatica da Lingua Portuguesa*

1574 – Pero de Magalhães de Gândavo, *Regras que ensinam a maneira de escrever a hortoграфия da língua portuguesa com um diálogo que adiante se segue em defensão da língua portuguesa*

1576 – Duarte Nunes de Leão, *Orthographia*

1606 – Duarte Nunes de Leão, *Origem da Lingoa Portuguesa*

1619 – Amaro de Reboredo, *Methodo Grammatical para todas as Lingoas*

1631 – Álvaro Ferreira de Vera, *Breves Louvores da Lingua Portuguesa*

1721 – Jerônimo Contador de Argote, *Regras da lingua portugueza, espelho da língua latina*

1736 – Luis Caetano de Lima, *Ortografia*

1739 – João de Madureira Feijó, *Ortografia*

1746 – Verney, *Verdadeiro Methodo de Estudar*

1782. – Jerônimo Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*.

principais: fonologia, morfologia e sintaxe. Em sua obra extensa e variada, inclui-se o programa pedagógico que ele criou, entre os anos de 1539 e 1540, para instruir o filho de D. João III, o príncipe Filipe, morto aos 6 anos de idade. Fazia parte desse “material de ensino”, *Cartinha para aprender a ler*, em seguida, *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja* e, finalmente, sua *Gramática da Língua Portuguesa*, seguida de *Diálogo em louvor de nossa linguagem*.

A gramática de João de Barros é considerada como a primeira sistematização dos saberes metalinguísticos a respeito da língua portuguesa, pois a obra que a antecedeu não tinha sua preocupação sistematizadora e didática. É nesse sentido que João de Barros fixa um objetivo: “porque nossa tenção é fazer algum proveito aos mininos que per esta arte aprenderem, levando-os de leve a grave e de pouco a mais”. (OLIVEIRA apud CABRAL; PANTALEONI, 2012).

Você acabou de saber um pouco mais sobre as duas primeiras gramáticas de nossa língua. Pense um pouco: qual a importância da existência da gramática de uma língua?

Primeiro, precisamos entender o que é a gramática. A gramática explícita o sistema interno de uma língua, mostrando as regras de funcionamento a ela subjacentes. Bizzocchi (2008) observa que se atualmente a gramática da língua portuguesa recomenda ou até impõe certas construções, como “dir-lhe-ei” ou “comprá-lo-ia”, não utilizadas cotidianamente pelo povo, é porque, em grande parte, nossa gramática ainda se baseia no uso linguístico do século XVII. Assim, ela não é uma ciência como a Linguística, cuja função é estudar e descrever a língua em si, tal qual ela é falada, explicitando, com base no uso, suas possibilidades de variação. A função da gramática, portanto, é estabelecer, segundo critérios às vezes

um tanto quanto arbitrários, como os falantes cultos devem falar ou escrever.

Então, por que ela é útil, se se afasta, na verdade, da língua falada pelo povo, sem captar as variedades linguísticas existentes? Como você sabe, fazemos parte de uma sociedade bastante complexa e heterogênea, onde convivem diversos grupos sociais, cada um com sua cultura, seu modo de vida e sua norma de linguagem próprios. Como manter a intercomunicação entre esses grupos? É preciso haver um padrão de linguagem comum a todos, padrão este chamado de norma culta. É esta que se usa, por exemplo, nos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, rádio, TV), para garantir que as pessoas de todas as regiões do país consigam ler livros, jornais e revistas, assistir televisão e entender o que estão lendo ou ouvindo.

Se não houvesse a norma escrita culta para “padronizar” a língua, a intercomunicação seria inviável, uma vez que cada grupo escreveria como fala, dificultando a comunicação entre aqueles que apresentam formas distintas de pronunciar determinados sons e usar um léxico específico de uma região ou grupo social. Essa incompreensão linguística poderia levar à desintegração dessa sociedade.

Entendeu agora? Ter uma referência formal e escrita de norma culta como a gramática ajuda a manter uma certa uniformidade no uso da língua, que torna possível a intercomunicação entre os diferentes grupos que compõem a sociedade.



Para garantir isso, ela precisa ser rigorosamente controlada, regulamentada, normativizada. É justamente essa a tarefa da gramática: normativizar a língua, exercer esse controle que garante a uniformidade da norma culta. É nesse sentido que se pode dizer que a gramática, ao contrário da linguística, é uma disciplina prescritiva (BIZZOCCHI, 2008).



Assimile

Principais dicionários do português, dos primeiros aos atuais:

1562 – Jerônimo Cardoso, *Dicionario Lusitânico – Latino*.

1611 – Agostinho Barbosa, *Dicionario Lusitânico – Latino*.

1647 – Bento Pereira, *Tesouro da Lingua Portuguesa*.

1712-1728 – Dom Rafael Bluteau, *Vocabulario Português e Latino*, 10 volumes.

1789 – Morais e Silva, *Dicionario da Lingua Portuguesa*. (Obs: O autor, brasileiro, compôs o melhor dicionário para o estudo do Português Clássico).

1888 – A. J. de Macedo Soares, *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*.

1888 – Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*; 3ª ed. 1948, 4ª. ed. 1958.

1889 – Visconde de Beaurepaire Rohan, *Dicionário de Vocábulo Brasileiros*.

1900-1901 – Antonio Augusto Cortesão, *Subsídios a um dicionário completo* (histórico-etimológico) da Língua Portuguesa.

1906 – Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, *Apostilas aos Dicionários Portugueses*.

1932 e 1952 – Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico, primeira parte, Nomes comuns. Dicionário Etimológico, segunda parte, Nomes próprios*.

1956-1959 – José Pedro Machado, *Dicionário Etimológico*, 2 volumes.

1982 – Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*.

1986 – Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

2001 – Antônio Houaiss, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

2002 – Francisco da Silva Borba, *Dicionário de Usos do Português do Brasil*.

E a ortografia da língua portuguesa, quando foi fixada? Segundo Instituto Antônio Houaiss (2008), a ortografia portuguesa passou por três períodos ou ciclos distintos: 1. Ortografia fonética (século XIII ao XVI); 2. Pseudoetimológico (século XVI até 1904) e a fase simplificada ou ciclo histórico-científico (dessa data até os dias atuais).

O primeiro ciclo corresponde ao período arcaico da língua, quando a escrita procurava espelhar-se na pronúncia; era, portanto, uma escrita fonética. São desse período os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Os copistas, por exemplo, só grafavam letras que eram pronunciadas. A letra *h* inicial, então, não aparecia em seus escritos, até que, no fim desse ciclo, a influência latina tomou força e a escrita começou a se diferenciar da fala. Passou-se a escrever *nocte* e não *noite*; *fructo* e não *fruito* ou *fruto*. As vogais duplicadas indicavam sílaba tônica, como em *ceeo* (céu), *dooe* (dói). A nasalização das vogais

era representada:

- pelo til: *manhãas* (manhãs);
- por dois acentos: *máãos* (mãos);
- por m e n: *omde* (onde), *senpre* (sempre).

A vogal i ora aparecia como y ora como j, em palavras como: *ay* (ai) e *mjnas* (minhas).

Como a ortografia ainda não estava definida, uma mesma palavra era escrita de diversas formas. Veja:

igreja: *yhreja*, *eygreya*, *eygleyga*, *eigreia*, *eygreia*

homem: *home*, *homee*, *ome*, *omee*

cinco: *cinquo*, *cimco*

ano: *año*, *ãno*, *anno*

No ciclo pseudoetimológico, devido à influência dos escritores inspirados na Renascença, a escrita foi fortemente marcada pela cultura greco-latina. A grafia do latim passa a ser usada como modelo para a escrita do português, que adota algumas consoantes seguidas de h, como rh (*rhomboidal*), th (*theatro*), ph (*phosphoro*) e ch, porém com som de k (*chrisma*).

As consoantes mudas continuaram a ser usadas, como em: *septembro*, *enxucto*, *maligno*; assim como as consoantes duplas: *aproximar*, *immundos*. Em vez de simplificar, tudo se complicou e houve muita confusão na grafia das palavras.



Assimile

Até o início do século XX, tanto em Portugal como no Brasil, a ortografia baseava-se na origem latina ou grega de cada palavra. É comum vermos em placas, tabuletas ou folhetos da época palavras assim escritas: *pharmacia*, *theathro* e *prompto*.

O último ciclo – fase simplificada –, também conhecido como histórico-científico, abrangendo os séculos XIX a XXI, é marcado pelo expressivo trabalho do foneticista português Gonçalves Viana, autor de *Ortografia Nacional*, publicado em 1904, no qual faz uma análise da história interna da língua e de suas tendências fonéticas. De acordo com os princípios por ele estabelecidos, haveria dois sistemas simplificados: o português e o luso-brasileiro. O Instituto Antônio Houaiss (2008, p. 19) assim resume os fundamentos de sua tese:

- a) Eliminação dos símbolos de etimologia grega (th, ph, ch [com som de k], rh, y).
- b) Eliminação de consoantes “mudas” como em sancto (santo) e septe (sete).
- c) Regularização da acentuação gráfica.

É, portanto, a Gonçalves de Viana que devemos a simplificação ortográfica praticada em Brasil e Portugal ao longo do século XX. Apesar de Portugal ter realizado uma reforma unilateral em 1911, apenas em 1924 aquele país e o Brasil começaram a cogitar a possibilidade de uma ortografia comum, culminando, em 1931, no primeiro acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa. Mas a simplificação ortográfica se deu apenas em 1943, quando a Academia Brasileira de Letras estabeleceu a norma ortográfica em vigor até 2015 por meio do Formulário Ortográfico. Essa reforma tratou de eliminar as consoantes mudas e duplicadas, os dígrafos gregos, as letras *k*, *w* e *y*, e de regularizar a acentuação gráfica.

Veja como a frase “Em Niterói ele pode estudar as ciências naturais como a química e a física” era escrita antes dessa reforma: *Em Nictheroy elle pode estudar as sciencias naturaes como a chimica e a physica*.

Em 1945, os dois países negociaram um novo acordo, seguido apenas por Portugal, já que o Congresso brasileiro não o ratificou. Apenas em 1971 é que o Brasil incorporou em sua ortografia algumas das alterações do acordo de 1945, como a eliminação do circunflexo diferencial – agôsto, nôvo, estrêla – e do acento grave – sòzinho, ùltimamente, cafèzinho.

Visando unificar as regras do idioma no Brasil, em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe, em Portugal, em Angola, na Guiné-Bissau e em Moçambique, esses países retomaram os diálogos o que resultou no Acordo Ortográfico de 1990. Apesar de o fator econômico ter sido determinante para a unificação da ortografia, já que a padronização facilita a integração comercial, também poderá incentivar o intercâmbio científico e cultural entre esses países. Mesmo que todos falem a mesma língua, nem sempre é fácil entender além de suas fronteiras o texto escrito em um deles. E isso representa um fator de impedimento para que as culturas nacionais, expressas em suas literaturas, transitem de um país para outro.



Assimile

Você sabia que a reforma ortográfica de 1990 não atinge todos os países da mesma maneira? No Brasil, por exemplo, cerca de 2 mil palavras sofreram alterações, o que representa apenas 0,5% do total. Em Portugal, as mudanças atingiram cerca de 10 mil termos, isto é, 1,5% do vocabulário. Lá, “óptimo” e “acção” passaram a ser grafados como por aqui (“ótimo” e

"ação"), aproximando-se da linguagem oral comum no nosso país.

Além disso, as mudanças ortográficas previstas pelo Acordo não afetam a língua falada de cada país. Apenas a escrita será unificada pelas razões apontadas nesta aula: vantagens econômicas para os países signatários e circulação de bens culturais, como literatura, artes, legendagem de produções cinematográficas ou filmicas, dentre outras.

A previsão era de que o acordo entraria em vigor em 1994, mas como até essa data não havia sido ratificado por todos os países, a regra foi alterada em 2004 – ano em que Timor Leste passou a integrar a lista dos signatários – para permitir que o documento entrasse em vigor com a ratificação de três dos oito países lusófonos; o Brasil foi o primeiro a ratificar o protocolo que alterou a regra. A data de implantação da nova ortografia foi redefinida pelo governo brasileiro para o dia 1º de janeiro de 2009. No entanto, em decreto publicado em 27/12/2012 no Diário Oficial, a então presidente Dilma Rousseff determinou que o período de transição para implementação das novas regras iria até 31 de dezembro de 2015, podendo, neste período, utilizar-se da grafia antiga em livros e outras publicações, em vestibulares, provas e concursos públicos. No Brasil, desde 2009, editoras já adequaram suas publicações.



Refleta

Por que reformas ortográficas são necessárias? As alterações ortográficas são capazes de alterar uma língua, do ponto de vista de seu funcionamento? A língua falada contribui para as mudanças ortográficas ou é indiferente?

Tendo estudado um pouco sobre a importância da fixação da escrita, reflita um pouco: qual a importância do estabelecimento da língua escrita para um idioma?



Pesquise mais

Para conhecer na íntegra todos os acordos ortográficos e o VOP, Vocabulário Ortográfico do Português, acesse: PORTAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. Acordo ortográfico. ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional). Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

Você já sabe que, além de meio de comunicação, a língua também é um meio de expressão da cultura, dos pensamentos, princípios e valores da comunidade que a fala, transmitidos de geração a geração, mantendo a unidade e a identidade de um povo. A escrita como instrumento veio a garantir que toda essa bagagem cultural

pu­desse ser man­tida e trans­mitida, ques­tionada e mudada, nas mais diver­sas áreas: ciência, literatura, direito, religião, administração pública, lazer etc. Não podemos negar que a escrita não admite muitas das variações que acontecem na língua falada. No entanto, sabemos que a escrita é o meio essencial de expressão dos meios gráficos de circulação das informações e conhecimentos vários, contidos em jornais, revistas, sites, leis, livros em geral etc. O Instituto Antônio Houaiss (2008, p. 12) sintetiza bem essa importância:

Como discurso ou estilo, é natural que essa escrita revele diferenças regionais, individuais ou profissionais, mas como representação gráfica é necessário que o leitor reconheça em cada forma escrita a mesma palavra, aquela forma que, mesmo sendo desconhecida, se encontra registrada sob a mesma grafia em um dicionário.



Exemplificando

Cada país lusófono continua com liberdade para usar seus regionalismos tanto lexicais (de vocabulário) quanto sintáticos (estrutura e formação da frase). Por exemplo, no português de Portugal, se diz: Estou aqui a esperar o autobus. No português brasileiro, diríamos: Estou aqui esperando o ônibus. O acordo ortográfico, portanto, não obriga todos a falarem ou se expressarem da mesma forma; ele apenas disciplina a forma de escrevê-las.



Faça você mesmo

Pesquise na internet exemplos de palavras utilizadas em outros países lusófonos como Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, que sejam diferentes das que utilizamos no Brasil para nomear coisas, pessoas, objetos ou fatos do nosso dia a dia e compartilhe com seus colegas.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-lo levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados.

A convenção escrita de uma língua, a par de sua manifestação falada, esta sim passível de variações devido a fatores como região, classe social, idade, gênero etc.,

visa manter a unidade de uma língua, sua identidade e diferenciação dentre outras línguas, além de garantir que sejam transmitidos os valores culturais – ciência, arte, literatura, religiosidade, costumes, leis – de um povo reconhecido como tal. Mesmo que de forma muito mais vagarosa e não tão expressiva, ocorrem mudanças na língua escrita que afetam elementos gráficos (acentos, separação de sílabas etc.) cuja exclusão não cause diferença de sentido e ainda contribua para a unificação de uma mesma língua falada em países distintos. Daí advém a necessidade de se estabelecerem acordos ortográficos que atualizem a convenção escrita que, por natureza, é mais estática e arbitrária. Tendo isso em mente, algumas questões se colocam:

- Qual a importância da norma ortográfica para a fixação escrita de uma língua?
- Por que a escrita de uma língua é importante para o povo que a fala?
- Quais as mudanças mais significativas que afetaram a língua portuguesa nas várias reformas ortográficas?

Para sua resolução, deve-se considerar:

- As mudanças ortográficas pelas quais passou a língua portuguesa e qual o impacto delas sobre a atualidade da língua.
- Os impactos das mudanças ortográficas na produção escrita dos países signatários e as consequências nas relações existentes entre eles.
- A importância da fixação da escrita de uma língua para a transmissão de conhecimentos e informações.

Depois de discutir sobre esses e outros aspectos, você deve produzir, em grupo, um quadro sinóptico das reformas ortográficas da língua portuguesa, mostrando as principais mudanças que afetaram a escrita desse idioma.



Atenção!

Alterações nas convenções ortográficas não significam mudanças linguísticas, já que, por mais que possa refletir em parte o sistema de sons da língua, a ortografia não faz parte desse sistema, é apenas uma convenção para representação desses sons. Unificação ortográfica, portanto, não significa uniformização da língua, pois as línguas são como

são devido ao uso que seus falantes fazem delas e não em decorrência de acordos de grupos ou decretos de governo (Instituto Antônio Houaiss, 2008, p. 13).



Lembre-se

Para ajudá-lo na produção do quadro, você pode consultar o Portal do Professor, onde há uma aula bastante ilustrativa, com ricos exemplos de textos anteriores à atual ortografia. Veja em:

MEC. O Acordo ortográfico e a Reforma ortográfica: implicações no Brasil. **Portal do Professor**. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=11929>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

Avançando na prática

| Pratique mais | |
|---|--|
| <p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas.</p> | |
| “Reforma antiga” | |
| 1. Competência de fundamentos de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Reconhecer diferenças entre a ortografia atual e a de diferentes épocas. |
| 3. Conteúdos relacionados | Acordo ortográfico, normas ortográficas, mudanças ortográficas. |
| 4. Descrição da SP | <p>Leia com atenção um exemplo de texto do início do século XX e atente para o modo como as palavras eram escritas.</p>  <p>Fonte: <http://meioseculodeaprendizagens.blogspot.com.br/2012/09/acordo-ortografico-blogues-interpretacao-textos-reforma-1911.html>. Acesso em: 19 dez. 2015.</p> |

| | |
|--------------------|--|
| | <p>Com base na escrita das palavras deste jornal de 1909, pense nas seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A qual ciclo ortográfico pertence? - Que diferenças há entre o uso das consoantes da época retratada no texto e o da atual ortografia? - Que diferenças há entre o uso das vogais da época retratada no texto e o da atual ortografia? |
| 5. Resolução da SP | <p>O texto exemplifica o último ciclo ortográfico: o histórico-científico. Até esse período, não havia sido realizado nenhum acordo ortográfico para unificação de ortografia entre países de fala portuguesa.</p> <p>Quanto às consoantes, podemos notar o uso de consoantes duplicadas – <i>commercio, pittoresca, anno</i>; consoantes mudas – <i>descripção, auctorisada</i>; encontro de <i>m</i> e <i>n</i> na mesma sílaba, como em <i>atrahir</i>.</p> <p>Quanto às vogais, não foram encontradas diferenças, a não ser no ditongo ao final da palavra “<i>naturaes</i>”, cuja vogal <i>e</i> foi substituída na ortografia atual pela semivogal <i>i</i>.</p> |



Lembre-se

“A ortografia de uma língua consiste na padronização da forma gráfica de suas palavras para o fim de uma intercomunicação social universalista, e só em casos excepcionais são admitidas duas grafias para uma mesma palavra.” (Instituto Antônio Houaiss, 2008, p. 13)



Faça você mesmo

Encontre outros exemplos de textos na internet ou livros antigos, que tenham sido editados antes da década de 1970, quando a última reforma – a de 1971 – disciplinou o uso dos acentos. Se forem textos anteriores à reforma de 1931, você verá diferença de vários tipos: duplicação de letras, uso do *h* combinado a várias consoantes, nasalização marcada pela consoante *m* e não pelo til, dentre outras.

Faça valer a pena

1. São exemplos do primeiro ciclo da ortografia, correspondente ao período arcaico da língua portuguesa, todas as palavras presentes na alternativa:

- a) homem, hoje.
- b) pharmacia, chrisma.

- c) ceo, dooe.
- d) ai, minha.
- e) noite, fruto.

2. São exemplos do segundo ciclo da ortografia, correspondente ao ciclo pseudoetimológico, todas as palavras presentes na alternativa:

- a) mãos, sempre.
- b) noite, fruto.
- c) aproximar, imundos.
- d) santo, sete.
- e) phosphoro, teatro.

3. Analise as afirmações a seguir e julgue-as como V (Verdadeiras) ou F (Falsas):

() A partir de meados do século XVI, a língua portuguesa passa por grandes transformações, enriquecendo o seu acervo lexical, disciplinando as suas estruturas.

() A língua espanhola continuou se sobrepondo à língua portuguesa, limitando a produção de literatura nessa língua.

() Escritores e gramáticos dos séculos XVI e XVII defendiam as virtudes da língua pátria, como sendo capaz de veicular quaisquer tipos de sentimentos, histórias e arrazoados.

() Apesar da produção de obras escritas, as línguas românicas ainda eram línguas pobres, insuficientes para expressar de maneira eficiente a poesia, a literatura, a retórica.

Está correta a sequência:

- a) V, F, V, F.
- b) F, V, F, V.
- c) V, V, V, V.
- d) F, F, V, F.
- e) V, V, V, F.

Referências

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ASSIS, Maria Cristina de. **História da Língua Portuguesa**. s/l. s/d. pp. 113-158. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/historia_da_lingua_portuguesa_1360184313.pdf. Acesso em 23 fev. 2016.

BIZZOCCHI, Aldo. A religião da gramática. **Língua Portuguesa**, ano 3, n. 36, out. 2008. Disponível em: <<http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo75.asp>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

_____. Lingüística e Gramática. **Língua Portuguesa**, ano 3, n. 36, out. 2008. Disponível em: <<http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo4.asp>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

CABRAL, Ana Lúcia T.; PANTALEONI, Nílvia. A gramática de João de Barros: contexto histórico e conceitos teóricos. **Textos e Contextos**, 2012. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/tag/gramatica-historica/>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira (Org.). **Sintaxe**. Belém: EDUFPA, 2009. v. 8, 210p. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F146721%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FLivro%20Sintaxe.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

INSTITUTO Antônio Houaiss. **Escrevendo pela nova ortografia**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

OLIVEIRA, Fernão de; BUESCU, Maria L. C (Org.). **A gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1975.

PAIVA, Dulce de F. Século XV e meados do século XVI. In: SPINA, Segismundo (Org.). **História da língua portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SCHERRE, Marta. O preconceito linguístico deveria ser crime. **Revista Galileu**, [s.d]. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI110515-17774,00-O+PRECONCEITO+LINGUISTICO+DEVERIA+SER+CRIME.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

SUGIMOTO, Luiz. Tese mostra como Camões fez a ponte entre português arcaico e moderno. **Jornal da Unicamp**, Campinas, Ano XXIV, n. 443, 28 de setembro a 4 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2009/ju443_pag0607.php>. Acesso em: 17 dez. 2015.

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Convite ao estudo

Olá, tudo bem? Você já aprendeu bastante coisa sobre a história da língua portuguesa, não é mesmo? Na Unidade 1, viu como eram realizados os estudos sobre a história das línguas, principalmente por meio do método comparativo, que deu origem às gramáticas históricas que comparavam línguas entre si. Na Unidade 2, estudou como o latim se espalhou pela Península Ibérica e como a variedade vulgar dessa língua deu origem às línguas românicas, dentre elas o português. Na Unidade 3, aprendeu sobre as mudanças pelas quais passou o latim – fonéticas, morfológicas e sintáticas – até dar origem ao português, tal como o conhecemos atualmente. Agora, nesta última unidade, você verá como essa língua chegou ao Brasil, que influências sofreu de outras línguas com as quais teve contato, como ela foi ensinada e de que forma evoluiu até chegar ao que conhecemos e utilizamos hoje em nosso dia a dia.

Veja as competências que você adquirirá ao final desta unidade e quais são os objetivos a serem atingidos:

Competência de fundamento de área: conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Saber como a colonização portuguesa influenciou na formação da língua portuguesa falada no Brasil.
- Conhecer a influência das línguas indígenas e africanas sobre a língua portuguesa aqui falada.
- Conhecer o papel dos jesuítas no ensino da língua portuguesa e o processo de emancipação desse ensino.

- Conhecer as características do português brasileiro e suas variedades.

Nesta unidade, nossa situação geradora de aprendizagem é a seguinte:

O Museu da Língua Portuguesa, localizado na Estação da Luz, no centro da cidade de São Paulo, abriu suas portas ao público no dia 21 de março de 2006. O museu é dedicado à valorização e difusão do nosso idioma e apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos. Já nos seus três primeiros anos de funcionamento, foi visitado por mais de 1.600.000 pessoas, fato que o consolidou como um dos museus mais visitados do Brasil e da América do Sul. Mais de trinta profissionais qualificados, dentre eles sociólogos, museólogos, especialistas em língua portuguesa e artistas trabalharam em sua montagem, sob a orientação da Fundação Roberto Marinho, em convênio com o Governo do Estado de São Paulo, responsável pela concepção e implantação do museu (Texto adaptado de SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. **Museu da Língua Portuguesa**. Estação da Luz, São Paulo. Disponível em: <http://www.museulp.org.br/?page_id=5>. Acesso em: 09 jan. 2016). No entanto, lamentavelmente, na tarde do dia 21 de dezembro de 2015, um incêndio destruiu todas as instalações distribuídas entre os três andares do antigo prédio. Isa Ferraz, curadora do museu, disse que o acervo é virtual e, portanto, seu conteúdo é recuperável por meio de backups e arquivos. Caso esse conteúdo não fosse recuperável virtualmente, como deveria ser o trabalho de reconstituição do acervo do museu que mostrava a trajetória da língua portuguesa desde que chegou ao continente americano por meio das navegações lideradas por portugueses até seu uso atual no Brasil?

O conteúdo de cada seção irá ajudá-lo na resolução de cada situação-problema proposta. Na Seção 4.1, por exemplo, você aprenderá sobre como a língua portuguesa chegou ao Brasil e de que maneira o processo de colonização influenciou em sua disseminação; na Seção 4.2, você verá como as línguas indígenas aqui existentes, bem como as africanas que aqui chegaram no período da escravidão, influenciaram e enriqueceram nosso vocabulário. Na Seção 4.3, saberá mais sobre o papel dos jesuítas no ensino da língua portuguesa e como esse ensino, mais tarde, emancipou-se. Por fim, na Seção 4.4, você verá as características atuais do português brasileiro e as variedades linguísticas que ele apresenta.

Pronto para começar? Então, vamos lá!

Seção 4.1

O português no continente sul-americano

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

O Museu da Língua Portuguesa, localizado na Estação da Luz, na região central da cidade de São Paulo, abriu suas portas ao público no dia 21 de março de 2006. O museu, dedicado à valorização e difusão do nosso idioma, apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos. Mais de trinta profissionais qualificados, dentre eles sociólogos, museólogos, especialistas em língua portuguesa e artistas trabalharam em sua montagem, sob a orientação da Fundação Roberto Marinho, em convênio com o Governo do Estado de São Paulo, responsável pela concepção e implantação do museu. Texto adaptado de SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. **Museu da Língua Portuguesa**. Estação da Luz, São Paulo. Disponível em: <http://www.museulp.org.br/?page_id=5>. Acesso em 09: jan. 2016. No entanto, lamentavelmente, na tarde do dia 21 de dezembro de 2015, um incêndio destruiu todas as instalações distribuídas entre os três andares do antigo prédio. Isa Ferraz, curadora do museu, disse que o acervo é virtual e, portanto, seu conteúdo é recuperável por meio de backups e arquivos. Caso esse conteúdo não fosse recuperável virtualmente, como deveria ser o trabalho de reconstituição do acervo do museu que mostrava a trajetória da língua portuguesa desde que chegou ao continente americano por meio das navegações lideradas por portugueses até seu uso atual no Brasil?

Após o incêndio no Museu da Língua Portuguesa, foi criada uma equipe multidisciplinar para trabalhar na recuperação e reconstituição de seu acervo. Você é integrante dessa equipe e um dos responsáveis pela pesquisa de textos escritos à época da descoberta do Brasil e anos iniciais da colonização portuguesa. Esses documentos são fontes importantíssimas, pois além de permitir a reconstrução de parte da história da colonização, também possibilitam que sejam verificadas as características da língua portuguesa (sobretudo a escrita) quando ela aqui chegou. As questões que

responderemos nesta SP são:

- Como a língua do colonizador, em contato com as línguas aqui já existentes no Brasil recém-descoberto, influenciou na constituição da língua portuguesa?
- Que condições linguísticas configurou a época do descobrimento e povoamento, tendo em vista tanto as línguas indígenas quanto as africanas?
- Que textos foram produzidos na época do descobrimento? Quem eram seus autores? Com que objetivos foram escritos?

Para resolver esta situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Saber como a colonização portuguesa influenciou na implantação da língua portuguesa no Brasil.
- Saber em que condições a língua portuguesa foi aqui implantada.
- Saber quais foram os textos produzidos em língua portuguesa na época inicial da colonização.

Não pode faltar

Colonização portuguesa no Brasil e sua influência sobre a língua

Antes de vermos como foi a chegada da língua portuguesa ao nosso continente, vale a pena lembrar um pouco da trajetória do latim à língua portuguesa. Guimaráes (2005, p. 24) é quem nos dá esse importante resumo, transcrito na íntegra. Veja:

A língua portuguesa formou-se como língua específica, na Europa, pela diferenciação que o latim sofreu na Península Ibérica durante o processo de contatos entre povos e línguas que se deram a partir da chegada dos romanos no século II a.C., por ocasião da segunda Guerra Púnica, no ano de 218 a.C. Na Península Ibérica o latim entrou em contato com línguas já ali existentes. Depois houve o contato do latim já transformado com as línguas germânicas, no período de presença desses povos na península (de 409 a 711 d.C.). Em seguida, com a invasão mulçumana (árabes e berberes), esse latim modificado e já em

processo de divisão entra em contato com o árabe. Na primeira fase do processo de reconquista da Península Ibérica pelos cristãos, que tinham resistido no norte, os romances (latim modificado por anos de contato com outros povos e línguas) tomaram uma feição específica no oeste da península, formando o galego-português e em seguida o português. Formou-se paralelamente o Condado Português e, a partir dele, um novo país, Portugal. Toma-se como data de independência do condado do reino de Castela e Leão a batalha de São Mamede em 1128.

Essa nova língua, depois de um longo período de mudanças correspondente a todo o final da chamada Idade Média, é transportada para o Brasil, assim como para outros continentes, no momento das grandes navegações do final do século XV e do século XVI.

É inegável a importância do século XVI para Portugal, tanto em termos políticos, econômicos e até mesmo linguísticos. Os descobrimentos contribuíram não só para que Portugal expandisse seus territórios geográficos na África, América e Ásia, mas também para que a língua portuguesa se difundisse.

Você já sabe quem aportou nas costas brasileiras em 22 de abril de 1500, não é? Pois bem, Pedro Álvares Cabral, destemido navegador português que, sob as ordens da Coroa Portuguesa de “singrar novos mares” e conquistar novas terras, revelou o caminho marítimo para as Índias, a América do Sul e a passagem para o Pacífico, até então desconhecido. Chegou às terras brasileiras trazendo consigo uma língua e uma cultura, que seriam impostas àquelas aqui já existentes. O primeiro contato dos portugueses foi com os índios do litoral, os quais foram assim chamados por terem aqueles imaginado que haviam chegado às Índias. Você já parou para pensar como os “índios” chamavam a si mesmos?

Cabral, então, ordenou o regresso da nau de Gaspar de Lemos a Portugal, levando a boa notícia. O encarregado de relatar o resultado da grande façanha foi Pero Vaz de Caminha, o escrivão da frota, que, em carta dirigida ao rei Dom Manuel, relatou o descobrimento, contando detalhes do que encontrou aqui em termos de fauna, flora e habitantes. Tal carta é considerada a certidão de nascimento do Brasil. Em 2005, esse documento foi inscrito no Programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Segundo Castello (1999, p. 55), a Carta de Caminha não deve ser vista apenas como um documento histórico; deve ser valorizada como uma página de legítima criação literária, pois “atinge o leitor atual com o seu lirismo espontâneo e o seu humor rude [...]. Além do mais, o interesse linguístico que representa ao exprimir as primeiras soluções de comunicação com o novo mundo descoberto, tão oposto ao universo de onde provinha o descobridor”.

Ao falarmos a respeito da difusão da língua portuguesa nas regiões conquistadas, é preciso ter em mente que apenas um pequeno contingente populacional se transferiu de Portugal para as novas terras. Apesar de a descoberta ter-se dado em 1500, a efetiva ocupação do território só teve início em 1530. Na maioria das vezes, quem vinha fixar-se nas colônias eram desertores ou condenados ao exílio. Com a necessidade de administrar os novos territórios conquistados, uns poucos funcionários da Coroa Portuguesa e militares acabaram por fixar-se nas “novas” terras. Por mais incrível que pareça, o número de portugueses que se fixaram aqui foi muito menor do que o número de escravos trazidos da África. A presença maciça de portugueses nas colônias, ao contrário do que era de se esperar, era uma exceção.

Segundo Castilho (2009, p. 6):



o povoamento e a implantação da língua portuguesa se deram a partir de oito focos irradiadores, a maioria localizada no litoral brasileiro:

- Séc. XVI: Olinda e Recife (1535), Salvador (1549), São Paulo e São Vicente (1554), Rio de Janeiro (1557);
- Séc. XVII: São Luís do Maranhão (1612) e Belém (1616);
- Séc. XVIII: Florianópolis (1738) e Porto Alegre (1752).

Desses centros de irradiação partiram outros movimentos povoadores, formando outros centros na costa ou no interior, os quais foram o ponto de partida para a ocupação e conquista de novos territórios. Portanto, o atual território brasileiro não foi definido logo no início. Foi um processo de mais de quatro séculos, em que novas regiões foram sendo incorporadas ao que se entendia por Brasil, sob o impacto das entradas e bandeiras e dos grandes ciclos econômicos. Assim, o território inicial da colônia mais do que triplicou em relação ao que fora anteriormente atribuído a Portugal por meio do Tratado de Tordesilhas em 1494.

Tupi importado

A Amazônia fala de um modo bem diferente do vizinho Nordeste. A razão para isso é que lá quase não houve escravidão de africanos. Predominou a influência do tupi, língua que não era falada pelos índios da região, mas foi importada por jesuítas no processo de evangelização (BURGIERMAN, 2000).

Um sem-número de aldeias e vilas se espalharam pelo território brasileiro em decorrência desses movimentos de exploração e colonização. Esses novos lugares recebiam nomes relacionados à Coroa Portuguesa, aos santos da Igreja Católica e à toponímia indígena, por exemplo, Forte do Príncipe da Beira e Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá (atual Cuiabá).

Nesses movimentos de expansão territorial e nos grandes ciclos econômicos que os motivavam, os portugueses não foram os agentes principais. Também havia índios, negros e mestiços, que obviamente não falavam o português de Portugal, mas uma língua cheia de interferências das línguas indígenas e africanas, o nheengatu, que quer dizer “língua boa”. Essa língua desenvolveu-se no Maranhão no século XVII, tendo sido levada durante a conquista portuguesa da Amazônia a regiões onde não era nativa. Ainda hoje o nheengatu é falado no curso médio do Rio Negro. Ela foi também a língua geral da catequese do norte e nordeste do Brasil.

Tu e você

Os tropeiros paulistas entraram no Sul no século XVIII pelo interior, passando por Curitiba. O litoral sulista foi ocupado pelo governo português na mesma época com a transferência de imigrantes das Ilhas Açores. A isso se deve a formação de dois dialetos. Na costa, fala-se “tu”, como é comum até hoje em Portugal. No interior de Santa Catarina, adota-se o “você”, provavelmente espalhado pelos paulistas (BURGIERMAN, 2000).

índias. A esse respeito, veja o testemunho de Vieira (apud COUTINHO, 2011, p. 322): “É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios e portuguesa a vão os meninos aprender à escola”.

Minha tchia

O litoral nordestino recebeu muitos escravos negros, enquanto o interior encheu-se de índios expulsos da costa pelos portugueses. Isso explica algumas diferenças dialetais. No Recôncavo Baiano, o “t” às vezes é pronunciado como se fosse “tch”. É o caso de “tia”, que soa como “tchia”. Ou de “muito”, frequentemente pronunciado “mutcho”. No interior, predomina o “t” seco, dito com a língua atrás dos dentes (BURGIERMAN, 2000).

Outra língua indígena usada como língua geral na colônia, ao lado do português, principalmente graças aos padres jesuítas que a haviam estudado e difundido, foi o tupi, mais conhecido como tupinambá, falado no litoral brasileiro, na faixa que vai do Ceará até Cananeia, litoral sul de São Paulo. Em 1532, quando Portugal começou a produzir açúcar em larga escala em São Vicente (SP), a língua brasilica, como era chamado o tupi, já tinha sido adotada pelos portugueses e seus filhos nascidos do casamento com

O tupi serviu não só para permitir a comunicação entre portugueses e índios, como também entre diferentes grupos indígenas, pois na região litorânea compreendida desde a Bahia até o Rio de Janeiro, havia uma série de tribos bastante homogênea cultural e linguisticamente, facilitando a adoção do tupi como língua geral. A influência das línguas indígenas e africanas será estudada em maiores detalhes na próxima aula.



Exemplificando

A situação linguística no Brasil Colônia é semelhante ao latim nos territórios ocupados durante as invasões de Roma. Na língua geral, tupi, o português atuou como superstrato, modificando principalmente a fonologia da língua indígena. No entanto, esse tupi de intercurso operou como adstrato e não como substrato, uma vez que o português e o tupi coexistiam simultaneamente no mesmo território.

Segundo Castilho (2009), os colonos portugueses que chegavam ao Brasil procediam de todas as regiões da metrópole, porém predominavam os provenientes do sul de Portugal, uma vez que não há ocorrência no português brasileiro de fenômenos fonéticos típicos dos falantes do norte de Portugal, como a monotongação do ditongo [ey], como em *primero*, dito [ây] no Norte, como em *primâyru*; a manutenção da distinção entre /p/ e /b/, que são pronúncias alternantes no Norte, ocorrendo tanto em “varrer” como “barrer”.

Maternidade

A exploração do ouro levou gente do Brasil todo para Minas no século XVIII. Como toda a mão de obra se ocupava da mineração, foi necessário criar rotas de comércio para importar comida. Uma delas ligava a zona do minério com o atual Rio Grande do Sul, onde se criavam mulas, via São Paulo. As mulas, que não se reproduzem, eram constantemente importadas para escoar ouro e trazer alimentos. Também espalharam a língua brasileira pelo centro-sul (BURGIERMAN, 2000).

Santa Catarina e Rio Grande do Sul são casos à parte, devido às fortes influências açorianas no seu povoamento. As ilhas dos Açores, arquipélago localizado no Atlântico, formado por 9 ilhas, a partir de 1439, foi colonizada por Portugal que, durante os séculos XVII e XVIII, recorreu à imigração de açorianos para colonizar diferentes regiões do Brasil, principalmente o Pará e estados do Sul. É por isso que os brasileiros que visitam Santa Catarina, por exemplo, observam que o falar local é o que mais se aproxima do português lusitano. Segundo Ilari e Basso (2009), para o Grão-Pará, por exemplo, foram 50 famílias açorianas; quase 8 mil açorianos

chegaram a Santa Catarina entre os anos 1748 a 1753; em 1752, chegaram a Porto Alegre 60 casais dos Açores, somando mais de 300 pessoas. É por isso que a cidade foi inicialmente chamada de Porto dos Casais. São influência dos açorianos os folguedos, como o *bumba-meu-boi*, as “reisadas” e as “festas do Espírito Santo”.

Está enganado quem pensa que uma população branca, de ascendência europeia, sempre foi predominante no Brasil: nem a população nem o português tal como é falado hoje. Segundo Mussa (1991 apud MATTOS E SILVA, 2004, p. 78), “a taxa de europeus e brancos brasileiros vai de 30% (séculos XVI à primeira

metade do século XIX) a 41% (segunda metade do século XIX), enquanto que os chamados de ‘aloglotas’ (ver vocabulário), ou seja, os outros e seus descendentes vão de 70% a 69% (até 1850) e só na segunda metade do século XIX diminuem para 59%. Isto quer dizer que em toda a história brasileira a maioria foi não branca, isto é, de língua familiar, na sua origem, não portuguesa (70% vs. 30%, do séc. XVI até meados do séc. XIX e daí, numa relação de 59% vs. 41%)”.

A esse respeito, diz Castilho (2009, p. 8):

De todo modo, não deixa de ser notável que no momento de nossa Independência, e mesmo durante o Brasil Império, predominassem não brancos no país. Foi preciso aguardar o séc. XIX para que o país promovesse seu “branqueamento”, facilitando a entrada de migrantes europeus, cuidadosamente selecionados.

O filme *Desmundo*, baseado no livro homônimo de Ana Miranda, ilustra a tentativa de “branqueamento” da população brasileira na época da ocupação do Brasil Colônia. Conta a história das órfãs portuguesas enviadas ao Brasil em 1570 para se casarem com os colonizadores aqui estabelecidos. Com o apoio da Igreja, o Estado português garantia aos colonos casamento “branco e cristão”, reduzindo, assim, o nascimento de filhos mestiços nascidos de relacionamentos com índias e negras. O filme busca reconstituir de maneira fiel o Brasil do século XVI, retratando vestuário, mobiliário, costumes e a língua. “Inteiramente falado em português arcaico (que todo elenco teve que aprender), o filme traz legendas para ajudar na compreensão. A tradução inversa (para o português arcaico) foi feita pelo professor Helder Ferreira, da USP” (DOMINGUES, 2015). É interessante observar ainda que, em *Desmundo*, as falas dos índios e dos escravos não são traduzidas, levando o espectador a imaginar o mosaico linguístico existente na colônia e a dificuldade de comunicação entre os diversos grupos sociais.

Chiado europeu

Quando a família real portuguesa mudou-se para o Rio, em 1808, fugindo de Napoleão, trouxe 1600 lusitanos. A cidade tinha 50 mil habitantes. Essa gente toda mudou o jeito de falar carioca. Data daí o chiado no “s”, como em “festa”, que fica parecendo “feishta”. Os portugueses também chamam no “s” (BURGIERMAN, 2000).

Ilari e Basso (2009) observam que para entender a difusão da língua portuguesa no território brasileiro, é necessário considerar como se deu sua efetiva ocupação. Um aspecto relevante dessa ocupação foi a urbanização. Antes do século XIX, dois importantes episódios determinaram sua rápida ocorrência. O primeiro deles foi a febre do ouro, que atraiu para Minas Gerais grande contingente de aventureiros e escravos,

além de muitos portugueses, por conta da necessidade da Coroa Portuguesa de criar uma infraestrutura administrativa e fiscal forte na região. Nas cidades criadas na ocasião do ciclo do ouro, surgiram os primeiros poetas árcades da literatura brasileira, como Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga e Tomás Antônio Gonzaga.

O segundo episódio deu-se em 1808, quando D. João VI, o príncipe regente de Portugal, chegou ao Rio de Janeiro com sua corte, fugindo de Napoleão Bonaparte. A corte, formada por cerca de 15 mil pessoas – fidalgos, funcionários públicos, militares, eclesiásticos e seus empregados – somou-se à então já existente população de 50 mil. Para atender às novas necessidades exigidas pela permanência da realeza portuguesa, várias melhorias foram realizadas no Rio de Janeiro: construção de estradas, fábricas de tecidos, abertura dos portos. Datam dessa época a criação da Escola Real de Ciências, de Artes e Ofícios, da famosa Academia de Belas-Artes e de dois colégios de Medicina e Cirurgia, no Rio de Janeiro e em Salvador. Entre outras benfeitorias, estão também o Museu Nacional, o Observatório Astronômico, a Biblioteca Real – combinação de diversos livros e documentos que vieram de Portugal.

Serafim da Silva Neto (1951 apud ILARI, 2004) descreve três fases da implantação do português no Brasil:

1. 1533 a 1654: Maior parte da população concentrada na Bahia e Pernambuco, falando a língua geral brasílica ou tupi antigo, configurando uma situação de bilinguismo.
2. 1654 a 1808: Língua geral perde terreno, limitando-se às povoações do interior e aos aldeamentos dos jesuítas, enquanto o português vai se disseminando na costa, e os falares crioulos índios e africanos sendo praticados no interior.
3. A partir de 1808: Intensa ‘relusitanização’ do Rio de Janeiro com a chegada de cerca de 18 mil portugueses fugidos da invasão francesa, dobrando o contingente populacional da nova capital, quando então surgem novas cidades, o português se difunde para o interior, e se distinguem os falares rurais dos urbanos.

Além da carta de Caminha, cronistas portugueses encarregam-se de retratar as impressões da nova terra e de seus habitantes primitivos, relacionando-as com os objetivos do expansionismo, relatando os fatos da história da colonização. A primeira obra desse tipo data do início da ocupação (1530-1532), intitulada *Diário da Navegação*, de Pero Lopes de Sousa, que registra os acontecimentos da expedição liderada por Martim Afonso de Sousa e registra impressões do litoral de Pernambuco e São Vicente.

Porrrrta

Até o século XIX, a cidade de São Paulo falava o dialeto caipira, característico da região de Piracicaba. A principal marca desse sotaque é o “r” muito puxado. A chegada dos migrantes, que vieram com a industrialização, diluiu esse dialeto e criou um novo sotaque paulistano, fruto da combinação de influências estrangeiras e de outras regiões brasileiras (BURGIERMAN, 2000).

Integram-se ao ciclo literário da revelação da terra e do homem do Brasil os textos valiosos de Pero de Magalhães Gândavo, historiador, gramático e cronista português do século XVI. É o autor do primeiro manual ortográfico da língua portuguesa e da primeira história do Brasil, *História da Província de Santa Cruz que vulgarmente chamamos Brasil* (1576), na qual traz informações sobre os costumes das diversas tribos indígenas, sobre as capitanias em que se dividia o território brasileiro. Gândavo, por

exemplo, relacionou a agressividade, a belicosidade (espírito combativo, de guerra) dos tupinambás à língua. Sobre a língua destes, ele teria dito: “Não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, pois assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei e, desta maneira, vivem sem justiça e desordenadamente”. Ele apresenta a geografia e a história natural do país; descreve frutas, árvores e plantas e uma série de aspectos locais como a composição da fauna, quase totalmente desconhecida pelos europeus, como o tamanduá, o tatu, e uma série de aves, insetos e peixes exóticos. Trata-se, enfim, de uma forma de louvor ao Brasil, ressaltando seu clima, águas, fertilidade e riquezas, sua abundância em açúcar, algodão e pau-brasil, incentivando a fixação dos portugueses no novo continente, ao mostrar as possibilidades de enriquecimento na terra recém-descoberta.

No final do século XVI, Gabriel Soares de Sousa escreve *Notícia do Brasil*, considerada a grande obra descritivo-informativa do século, por formar, em seu conjunto, um quadro completo contendo descrição, informação e história. Ele apresenta importantes dados geográficos, botânicos, etnográficos e linguísticos. Para ver o nível de detalhes de seu livro, dê uma olhada no índice, presente na sua webaula.

Segundo Castello (1999), os jesuítas ampliaram a obra dos cronistas portugueses. Sua vasta produção escrita incluía cartas, relatórios, narrativas, sermões, pesquisas e trabalhos linguísticos sobre as línguas indígenas.

[...] a obra deles proporcionou o conhecimento dessa paisagem, do indígena e das relações com ele estabelecidas pelos jesuítas e colonizadores: deixou informações sobre a sociedade que aqui se implantava desde os contatos iniciais do adventício com o autóctone; também sobre a obra espiritual e as manifestações intelectuais, intensificadas nos colégios da Companhia de Jesus (CASTELLO, 1999, p. 61).

”

Manoel da Nóbrega, padre jesuíta da Companhia de Jesus, foi o líder da primeira missão jesuítica em terras brasileiras, chegou à Bahia em 1549. Sua obra *Diálogo sobre a conversão do gentio*, escrita entre 1556-1557, representa um marco literário, pois é o primeiro texto em prosa escrito no Brasil. Em outra obra reconhecida, *As Cartas do Brasil*, escritas pouco tempo depois de sua chegada, ele faz um relato detalhado da vida cotidiana na América portuguesa. Ele descreve a terra, os índios e dá conselhos sobre como o colonizador deve trabalhar no novo território. As cartas possuem um valor principalmente historiográfico.

Segundo Castello (1999), grande parte da prosa informativo-descritiva, com traços de crônica histórica, é caracterizada por: a) informação sobre a terra e seu habitante primitivo; b) fatos e acontecimentos que compõem a história da colonização; c) em destaque, a obra da catequese desde a preparação e capacitação interna para executá-la, oriunda da observação direta do meio e do estudo da cultura e língua indígenas; d) as aventuras, impressões e ações invasoras de estrangeiros.

Padre José de Anchieta, com menos de 20 anos de idade, chegou a Salvador em 1553 para ajudar o padre Manuel da Nóbrega na catequização dos índios. Anchieta abriu os caminhos do sertão, aprendeu a língua tupi, e teve um papel linguístico crucial: ensinou a língua portuguesa aos filhos de índios e portugueses, escreveu um catecismo na língua dos índios, várias peças de teatro, hinos; compôs poemas e obras em português, latim, tupi e guarani. Escreveu a primeira gramática da língua tupi, *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, publicada em 1595 em Coimbra, e um dicionário. É considerado um dos fundadores da cidade de São Paulo, pois foi ele quem ajudou a instituir, no dia 25 de janeiro de 1554, o Colégio de São Paulo no Planalto de Piratininga, em cujos arredores viria a formar-se a futura metrópole.

Você aprenderá mais sobre o papel da educação jesuítica no ensino e propagação da língua portuguesa na penúltima aula desta unidade.



Assimile

Em uma carta datada de 22 de outubro de 1560, o padre Antônio Pires desabafa: "A mim me envergonha que 12 anos que cá ando, não sei nada [sobre o tupi]". O pessimismo de seu superior, o padre Manoel da Nóbrega, também era evidente. Logo após desembarcar por aqui, declarou: "São eles [os índios] tão brutos que nem vocábulos têm". A preocupação com a língua local girava em torno da dificuldade que seria europeizar o novo mundo conquistado sem se fazer compreender por seus moradores (FEIJÓ, B. V. Tupi-guarani: nossa língua brasileira. **Guia do estudante:** aventuras na história. 2008. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/tupi-guarani-nossa-lingua-brasileira-435907.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2016).



Faça você mesmo

Você aprendeu sobre o filme *Desmundo* e o que ele buscava retratar. Que outros filmes você conhece que retratam a época do Descobrimento do Brasil, ou do período colonial? Pesquise na internet em sites como <<http://www.adorocinema.com/>>, veja que época retrata e se é baseado em fatos reais. Troque ideias com seus colegas e faça uma lista dos títulos encontrados.



Assimile

O Brasil, por muito tempo, foi um país pouco povoado. Historicamente, a população não branca, de origem indígena ou africana, foi bem mais numerosa que a população branca. Segundo um estudo de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), até 1850, a população branca não passava de 30% do total de habitantes. Esse fato teve reflexos na língua portuguesa falada no Brasil, que a diferencia das outras variedades do português falado em outros países.



Assimile

“As condições de europeização da América foram, de maneira geral, muito diversas da latinização do Império Romano, que se processou, ao contrário, por uma infiltração lenta e constante nas nações vencidas.” (CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979).



Pesquise mais

O livro de Eduardo Bueno, *Náufragos, Traficantes e Degredados*, revela, com dramaticidade e riqueza de detalhes, um dos períodos mais empolgantes da nossa história – as primeiras expedições ao Brasil, que ocorreram em seguida à descoberta, de 1500 a 1531. O autor fez uma pesquisa minuciosa em documentos de época, como os diários de bordo, relatos de viagem e fragmentos de cartas, para reconstituir, com precisão e vivacidade, a incrível saga enfrentada pelos primeiros homens brancos que viveram no país. Os que vieram parar nas praias brasileiras pelo acaso de um naufrágio, os que chegaram nas primeiras missões de exploração, os condenados ao degredo e os que simplesmente decidiram ficar no Brasil por livre e espontânea vontade. Conhecer a história desses homens – vários deles casados com as filhas dos principais chefes indígenas, exercendo importante papel na tribo e intermediando o comércio com

as potências europeias – é indispensável para se entender os rumos do futuro país (BUENO, E. **Náufragos, traficantes e degredados**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. v. 2. (Terra Brasilis)).



Refleta

Por que os portugueses demoraram tanto para ocupar efetivamente o país recém-descoberto? Por que os que aqui chegavam ficaram, em princípio, morando na costa/litoral? Esse fato teve algum reflexo na língua portuguesa aqui falada?



Vocabulário

Aoglota: Diz-se de alguém que está em uma situação de imersão em um lugar de língua desconhecida e que começa a aprendê-la sem ensino formal, por meio do contato diário, “de ouvido”.

Lusofonia: É a condição de falantes do português que compartilha de um longo processo histórico, e que acarretou em certa identidade cultural.

Tratado de Tordesilhas: Acordo firmado em 4 de junho de 1494 entre Portugal e Espanha, com o objetivo de resolver os conflitos territoriais relacionados às terras descobertas no final do século XV. O tratado traçou uma linha imaginária a 370 léguas de Cabo Verde, dividindo os novos territórios entre Portugal e Espanha. As terras a oeste desta linha ficaram para a Espanha, enquanto as terras a leste eram de Portugal.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-la, levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados. Vamos lembrá-la?

Após o incêndio no Museu da Língua Portuguesa, foi criada uma equipe multidisciplinar para trabalhar na recuperação e reconstituição de seu acervo. Você é integrante dessa equipe e um dos responsáveis pela pesquisa de textos escritos à época da descoberta do Brasil e anos iniciais da colonização portuguesa. Esses documentos são fontes importantíssimas, pois além de permitir a reconstrução de parte da história da colonização, também possibilita que sejam verificadas as características da língua portuguesa (sobretudo a escrita) quando ela aqui chegou. As questões que responderemos nesta SP serão:

- Como a língua do colonizador, em contato com as línguas já existentes no

Brasil recém-descoberto, influenciou na constituição da língua portuguesa?

- Que condições linguísticas configurou a época do descobrimento e povoamento, tendo em vista tanto as línguas indígenas quanto as africanas?
- Que textos foram produzidos na época do descobrimento? Quem eram seus autores? Com que objetivos foram escritos?

Para sua resolução, deve-se considerar:

- Como se deu o processo de ocupação do território brasileiro.
- Que línguas eram faladas aqui.
- O número de portugueses aqui presentes.
- Objetivos dos documentos escritos produzidos.
- Importância do registro histórico para reconstituição da língua.

Depois de discutirem sobre esses e outros pontos, os alunos devem montar uma tabela ou quadro elencando as principais obras escritas produzidas no período colonial, com seus respectivos autores, data dos escritos, gênero (relato, carta, documento cartorial, documento eclesiástico, poema etc.) e tema.



Atenção!

Além de considerar os escritores citados no LD, pesquise também sobre outros exploradores e jesuítas que escreveram relatos de viagem, relatos de naufrágios, enfim, literatura de cunho informativo sobre o Brasil. Veja algumas sugestões:

BELLUZZO, A. M. de M. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

LEITE, S. (org.). **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1956-1958.



Lembre-se

No site da Biblioteca Nacional você encontrará os manuscritos de vários documentos da época do Brasil Colônia, bem como sua transcrição. É uma valiosa fonte de busca que você não deve deixar de consultar. Veja:

BRASIL. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Visite também o site da Biblioteca Nacional de Portugal:

GOVERNO DE PORTUGAL. **Biblioteca Nacional de Portugal**. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Avançando na prática

| Pratique mais | |
|--|--|
| <p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que possa encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.</p> | |
| "Memórias" | |
| 1. Competência de fundamento de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Refletir sobre maneiras de recuperar fontes históricas para reconstituir/explicar a história atual. |
| 3. Conteúdos relacionados | Pesquisa histórica, reconstituição de eventos, de períodos históricos, cronologia. |
| 4. Descrição da SP | <i>Narradores de Javé</i> , filme produzido em 2001, narra a história de um distante vilarejo chamado Javé que está prestes a ser destruído por causa da construção de uma usina hidrelétrica. Seus habitantes, ao saberem da notícia, procuram uma alternativa para que a pequena vila não seja destruída. A solução encontrada foi escrever a história do vilarejo de Javé, cuja população analfabeta não possuía nenhum relato histórico documentado. Antônio Biá, por ser um dos poucos que sabiam ler, recebeu a missão de escrever o "livro Javérico", que contaria toda a história do vilarejo baiano para que a região fosse considerada patrimônio histórico e cultural do país, impedindo assim o seu desaparecimento. O que Antônio Biá deveria fazer para conseguir reconstruir a história do vilarejo? Em que ele deveria se basear? A quem procurar? O que fazer, uma vez que não havia nada registrado por escrito? |
| 5. Resolução da SP | <p>O personagem deverá coletar informações sobre a origem do local com os habitantes mais antigos; deverá verificar os documentos que porventura eles possuam, como certidão de nascimento, escrituras de imóveis, acordos etc., para, a partir deles, tentar reconstruir um passado perdido. Também deverá registrar contos, poemas, cantigas, narrativas orais como parte do acervo cultural do povo de Javé.</p> <p>Para saber mais, assista ao filme:</p> <p>NARRADORES DE JAVÉ. Direção de Eliane Caffé. Produção de Vania Catani. Roteiro: Eliane Caffé, Luis Alberto de Abreu. Música: DJ Dolores, Orquestra Santa Massa. Rio de Janeiro: Bananeira Filmes/Gullane Filmes, 2003. (100 min.), (DVD), son. color.</p> |



Lembre-se

Os documentos escritos antigos, embora não sejam reproduções do modo de falar de um povo ou grupo, não deixam de mostrar o funcionamento e as características de uma determinada língua. No entanto, as narrativas orais, passadas de geração em geração, servem de testemunho tanto da identidade de uma língua quanto das crenças, valores e cultura de um povo.



Faça você mesmo

De acordo com José Carlos Levinho, diretor do Museu do Índio, o Brasil corre o risco de perder, no prazo de 15 anos, 30% de suas línguas indígenas. Segundo ele, o governo precisa implantar políticas públicas que ajudem na preservação dessas línguas: "Devido a não implantação de políticas de preservação das línguas indígenas, estamos na iminência de ver desaparecer mais de 40 línguas indígenas nos próximos anos", diz ele. (RÁDIO EBC. **Brasil pode perder 30% de suas línguas indígenas**. 2015 – Adaptado. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/10/brasil-pode-perder-30-de-suas-linguas-indigenas>>. Acesso em: 25 jan. 2016.)

Que medidas devem ser tomadas para evitar o desaparecimento das línguas indígenas?

Faça valer a pena

1. Leia as sentenças a seguir acerca da difusão da língua portuguesa pelo mundo.

I. As conquistas ultramarinas foram o meio pelo qual o português se difundiu pelos três continentes.

II. A língua portuguesa se difundiu pelo intenso movimento migratório de portugueses saindo da metrópole para as colônias.

III. A língua portuguesa se desenvolveu no Brasil na situação de apenas haver o tupi como língua local antes da chegada dos portugueses.

Assinale a alternativa em que se encontre(m), dentre as sentenças acima, apenas a(s) correta(s).

- a) I.
- b) I e II.
- c) III.
- d) II e III.
- e) I, II e III.

2. Ele teve um papel linguístico crucial no Brasil Colônia: ensinou a língua portuguesa aos filhos de índios e portugueses, escreveu um catecismo na língua dos índios, várias peças de teatro, hinos; compôs poemas e obras em português, latim, tupi e guarani. Escreveu a primeira gramática da língua tupi, *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, publicada em 1595 em Coimbra. É considerado um dos fundadores da cidade de São Paulo.

O texto acima refere-se a:

- a) Manoel da Nóbrega.
- b) Pero Vaz de Caminha.
- c) José de Anchieta.
- d) Gabriel Soares de Sousa.
- e) Pero Lopes de Sousa.

3. Para entender a difusão da língua portuguesa no território brasileiro, é necessário considerar como se deu a efetiva ocupação do espaço. Um aspecto relevante dessa ocupação foi a _____. Antes do século XIX, dois importantes episódios determinaram sua rápida ocorrência. O primeiro deles foi a febre do _____, que atraiu para _____ grande contingente de aventureiros e escravos, além de muitos portugueses, por conta da necessidade da Coroa Portuguesa de criar uma _____ administrativa e fiscal forte na região.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto acima.

- a) urbanização – ouro – Minas Gerais – infraestrutura
- b) colonização – níquel – São Vicente – cidade
- c) ruralização – ferro – São Paulo – unidade
- d) exploração – ouro – Belém do Pará – fiscalização
- e) mineração – cobre – Rio de Janeiro – vila

Seção 4.2

A influência da cultura indígena e africana sobre a língua portuguesa

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

O Museu da Língua Portuguesa, localizado na Estação da Luz, na região central da cidade de São Paulo, abriu suas portas ao público no dia 21 de março de 2006. O museu, dedicado à valorização e difusão do nosso idioma, apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos. Mais de trinta profissionais qualificados, dentre eles sociólogos, museólogos, especialistas em língua portuguesa e artistas trabalharam em sua montagem, sob a orientação da Fundação Roberto Marinho, em convênio com o Governo do Estado de São Paulo, responsável pela concepção e implantação do museu (Texto adaptado de SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. **Museu da Língua Portuguesa**. Estação da Luz (SP). Disponível em: <http://www.museulp.org.br/?page_id=5>. Acesso em: 09 jan. 2016). No entanto, lamentavelmente, na tarde do dia 21 de dezembro de 2015, um incêndio destruiu todas as instalações distribuídas nos três andares do antigo prédio. Isa Ferraz, curadora do museu, disse que o acervo é virtual e, portanto, seu conteúdo é recuperável por meio de backups e arquivos. Caso esse conteúdo não fosse recuperável virtualmente, como deveria ser o trabalho de reconstituição do acervo do museu que mostrava a trajetória da língua portuguesa desde que chegou ao continente americano por meio das navegações lideradas por portugueses até seu uso atual no Brasil?

Um comitê de recuperação de memória de línguas indígenas faladas em todo o território nacional foi formado para compilar dados encontrados nas diferentes regiões do Brasil, uma vez que as línguas indígenas desempenharam um significativo papel na constituição da língua portuguesa falada no Brasil. Você e sua turma irão contribuir com esse comitê enviando dados de sua região para alimentar o banco de dados que irá constituir o acervo do Museu da Língua Portuguesa.

As questões que responderemos nesta situação-problema são:

- Quais línguas indígenas eram faladas no Brasil na época da colonização?
- Como as línguas aqui existentes (indígenas e africanas) contribuíram para a formação do português do Brasil?

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Conhecer o panorama linguístico existente no Brasil à época do descobrimento.
- Saber como as línguas indígenas aqui existentes influenciaram na formação do português do Brasil.
- Saber como as línguas africanas influenciaram a formação do português do Brasil.

Não pode faltar

Línguas indígenas

Como você já viu na aula passada, o Brasil não era uma terra inabitada na ocasião de seu descobrimento no início do século XVI. Os portugueses, quando aqui chegaram, encontraram uma população indígena estimada em 6 milhões de habitantes, que falavam cerca de 1000 línguas! Hoje há cerca de 180 línguas, o que representa 15% das faladas aqui em 1500 (RODRIGUES, 1993). Não é à toa que o dicionário Houaiss apresenta em uma de suas edições cerca de 45 mil palavras oriundas de línguas indígenas. Não restam dúvidas de que conhecer essa herança linguística, mesmo que superficialmente, é necessário para entender o português que falamos, e até mesmo nossa identidade como povo.

Em termos de influência sobre nossa língua, dois grupos principais destacam-se: os tupis e os guaranis. Aqueles ocupavam a região costeira que se estende do Ceará a Cananeia (SP). Os guaranis espalhavam-se pelo litoral Sul do país e a zona do interior, na bacia dos rios Paraná e Paraguai. Apesar da divisão geográfica, as sociedades tupis e guaranis eram bastante semelhantes entre si, nos aspectos linguísticos e culturais. Em outras regiões, encontravam-se outras tribos, genericamente chamados de tapuias,

Oui, francês fala tupi

Além de influenciar o português brasileiro, o tupi transbordou para outras línguas. Os índios bororos, do Mato Grosso, até hoje chamam anta de tapira e tesoura de piraia (piranha), palavras de origem tupi introduzidas pelos bandeirantes. Mas a língua também chegou à Europa. Os franceses, que ocuparam o Rio de Janeiro por vinte anos (de 1555 a 1575), carregaram um monte de palavras nativas. Foram tantas que um padre francês, Constantin Tastevin, elaborou no século XVI um dicionário dos tupinismos franceses. Veja alguns dos que ainda sobrevivem:

acajou (caju) - de acaíú
 ananas (abacaxi) - de na'na
 boucan (carne defumada) - de moka'em
 jaguar (onça) - de jagûara
 manioc (mandioca) - de mandí'oka
 petun (tabaco) - petyma
 tapir (anta) - tapi'ira

(ANGELO, 1998)

palavra tupi que designa os índios que falam outra língua. Quando o colonizador se deparava, nas novas terras, com uma diversidade de línguas locais, forçava a população colonizada a adotar uma única língua, que poderia tanto ser uma única variante entre as muitas faladas ou uma língua criada artificialmente. A essa "nova" língua imposta ao colonizado no contato com o colonizador chamamos língua geral. Essa política linguística servia, é claro, como mais um instrumento de dominação. Foi então, que, a partir do tupinambá, falado pelos grupos mais abertos ao contato com os colonizadores, criou-se uma língua de intercurso ou língua geral para possibilitar a comunicação entre os dois grupos: índios e não índios. Os jesuítas tiveram um papel fundamental para a intercompreensão entre nativos e colonizadores, pois com fins de catequização, a língua tupi foi estudada e documentada, resultando, em 1595, na *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, escrita pelo padre José de Anchieta.

O fato de a maioria das línguas indígenas brasileiras pertencerem ao tronco do tupi, e apresentarem certa uniformidade, facilitou muito a criação das línguas gerais brasileiras. Como você acabou de ver, o tupi, também chamado de Língua Geral Paulista (LGP), propagou-se amplamente na região Sudeste, e foi utilizado até o início do século XX. A Língua Geral Amazônica (LGA) conhecida como nheengatu, falada inicialmente no Grão-Pará, depois no Maranhão, propagou-se pela região Norte, sendo falada até hoje em algumas regiões da Amazônia.

Quando forçados a usar o idioma dos conquistadores, os índios deixaram neste impressas suas marcas. Essas duas línguas gerais, por exemplo, nomearam conceitos, funções e utensílios novos trazidos pelos europeus com adaptações fonéticas e fonológicas: cavalo (cauarú), cruz (curusá), soldado (surára), calça ou ceroula (cerura), livro (libru ou ribru), papel (papéra), amigo ou camarada (camarára).

Curiosidades da língua tupi

- Em tupi, todos os verbos no infinitivo são substantivos.

Assim, *nhe'enga* é “a fala”, e não “falar”. O verbo só vai existir se estiver ligado a uma pessoa. Como em *ere-nhe'eng*, ou “tu falas”.

- A realidade ajuda a criar conceitos abstratos.

“Silêncio”, por exemplo, é *kirirĩi*, inspirado no *cri-cri* dos insetos na mata, à noite.

- Elementos da natureza nunca são ligados à ideia de posse.

Você diz *xe py* (meu pé) ou *xe u'uba* (minha flecha), mas nunca faz o mesmo para elementos da natureza. Em tupi, não se diz *nde ybyrá* (tua árvore), mas somente *ybyrá* (árvore).

- Não existe tempo verbal. Todos os verbos estão no passado.

Para dizer “eu saio” e “eu saí” a expressão é a mesma: *a-sem*.

- O dia de hoje não é um período de tempo, mas um lugar iluminado pelo sol.

Para se falar hoje, diz-se *Kó 'ara pupé* (dentro desta claridade).

(ANGELO, 1998)

A política das línguas gerais sobreviveu até 1757, quando o Marquês de Pombal proibiu seu uso por decreto e instituiu o português como língua de ensino na colônia. Esse decreto tinha o objetivo primordial de diminuir, e até mesmo acabar com o poder dos jesuítas. Tal embate político resultou na expulsão da Companhia de Jesus, em 1760.

Pelo que você estudou até agora, pôde perceber que o Brasil Colônia foi, na verdade, multilíngue e bilíngue, devido à convivência do português com as línguas indígenas e à adoção das línguas gerais. No entanto, uma questão não pode deixar de ser levantada: a questão do desaparecimento da língua geral. Sobre isso, Ilari e Basso (2009, p. 67) dizem: “as explicações mais plausíveis consideram o avanço da urbanização, e com ela do português como língua veicular. Também seria preciso lembrar que, no século XX, o país passou por profundas modificações, trocando uma economia rural por uma economia industrial e urbana”. No entanto, não devemos deixar de considerar como causa o desaparecimento das populações indígenas, seja por medidas de apresamento, escravização, acultramento forçado, inviabilização das formas nativas de subsistência, seja pelas doenças transmitidas pelo colonizador.

No entanto, o legado linguístico do substrato indígena permaneceu em nossa língua. Diariamente usamos nomes de plantas, frutas e animais brasileiros de origem tupi e nem nos damos conta.

Alguns exemplos são abacaxi, araticum, buriti, caatinga, caju, capim, capivara, carnaúba, cipó, cupim, curió, ipê, imbuia, jabuticaba, jacarandá, mandacaru, mandioca, maracujá, piranha, quati, sucuri e tatu. Um grande número de palavras indígenas na fala do brasileiro também está presente na toponímia do português, tais como: Aracaju,

Avai, Caraguatatuba, Guanabara, Guaporé, Jabaquara, Jacarepaguá, Jundiá, Parati, Piracicaba, Tijuca etc. A influência indígena também acabou propiciando a criação de expressões idiomáticas, como "andar na pindaíba" e "estar de tocaia", marcas linguísticas de uma cultura específica (vide COMCIENCIA. **A história do português brasileiro**. 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling03.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2016.)

Sabe o som do r chamado de r caipira, ou "r puxado", como dizem alguns? Quem o explicou foi o indigenista Telêmaco Borba. Em 1878, ele recolheu dados sobre a língua oti, que era então falada no sertão de Botucatu, em São Paulo. Ele descobriu que essa língua, do tronco Jê, possuía sons que os grupos de língua tupi não tinham, como o r retroflexo. E seus falantes levaram esse traço para o português quando adquiriram a nova língua. Essa influência permanece até hoje no r paulista, conhecido como "r" caipira, presente na fala dos habitantes de várias cidades do interior paulista e do sul de Minas Gerais (FREIRE, 2013). Já no interior do Amazonas, no rio Madeira, há o processo de "alçamento" e "abaixamento" de vogais. "Alçamento" é o fechamento da vogal o, como no caso de "popa da canoa", que se pronuncia 'pupa da canua', o que também é atribuído ao substrato da língua indígena.

Línguas africanas

Nas últimas décadas do século XVI, os portugueses começaram a trazer negros do continente africano para serem escravizados e trabalharem no cultivo da cana-de-açúcar. Essa mão de obra foi o motor dos principais ciclos econômicos, desde o período colonial ao Império, cobrindo o ciclo da cana-de-açúcar, passando pelo ciclo do ouro (século XVIII) até chegar ao do café (século XIX). Foram cerca de 300 anos de tráfico negreiro em que foram trazidos para o Brasil não menos que 4 milhões de africanos, provenientes, basicamente, de duas regiões da África: uma que corresponde aos atuais Togo, Benin e Nigéria, e outra concentrada em Angola e Congo. Na primeira região, os falantes das línguas iorubá, ewe e fon predominavam; na segunda, os falantes da língua banto, principalmente o quimbundo. Esta última língua ganhou até uma gramática, tal sua importância, elaborada pelo padre jesuíta Pedro Dias, *A arte da língua de Angola*, publicada em Lisboa, em 1697. Trata-se de um registro quase único sobre a circulação do quimbundo nas ruas e engenhos não só da Bahia, mas também do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Em um estudo antropológico pioneiro, o médico Nina Rodrigues "registrou o uso de seis línguas africanas em Salvador no final do século XIX, afirmando que o ioruba era de uso corrente entre africanos, seus descendentes e mestiços" (LUCCHESI, 2008, p. 30).

Como você aprendeu na aula anterior, o contingente branco europeu na época do Brasil Colônia era escasso, de modo que, em 1800, o número de negros africanos era metade da população brasileira. Trazidos das mais diferentes regiões da África,

quando aqui chegavam, os escravos eram separados de forma a evitar que os de uma mesma etnia e de uma mesma língua ficassem juntos numa mesma região. Essa desarticulação e a repressão a sua cultura, dentre outros fatores, não permitiu que nenhuma língua africana se conservasse no Brasil. Segundo Lucchesi (2008, p. 31), “apenas línguas rituais no espaço de resistência dos terreiros de candomblés, além de duas comunidades isoladas de afrodescendentes, em São Paulo e Minas Gerais, ainda usam uma língua secreta com base em um vocabulário de origem banto”.



Assimile

Certas comunidades africanas no Brasil, além de falarem o português, preservaram a sua língua de origem, que se mantém viva no país até os dias de hoje. É o caso dos habitantes do Cafundó, um bairro rural do município de Salto de Pirapora, no estado de São Paulo. Leia mais sobre isso em:

UOL. Cafundó. **Revista Raça Brasil**. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/103/artigo30444-1.asp/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

Assim, a influência do substrato africano foi bem menor que o do indígena no português do Brasil. Os africanos do grupo banto e iorubá deixaram um legado linguístico principalmente na culinária, na religião, em termos ligados à escravidão. Na culinária afro-brasileira temos o abará, o acarajé e o vatapá; na religião, as palavras Orixá, Oxossi, Iansã, Iemanjá, Axé; relativas à escravidão, temos mucama, mocambo, senzala e quilombo. O quimbundo, língua falada em Angola, emprestou ao português do Brasil palavras do universo familiar, como caçula, cafuné, molambo, camundongo, cachaça e moleque. O modo de vida e as danças dos escravos, como senzala, maxixe e samba, também foram incorporados ao nosso léxico:



Historiadores como João José Reis chegam a afirmar que essa [...] cultura dos africanos saídos do continente, caracterizada pelo otimismo, pela coragem, musicalidade e ousadia estética e política, foi incomparável no contexto da chamada Civilização Ocidental. Como não foi fácil a vida em terras americanas, precisando lutar para sobreviver, a criação cultural “com a expressão de liberdade que a cultura negra possui” foi “um lutar dobrado” para imprimir na cultura brasileira sua influência (PINTO, s/d., n/p.).

O tupi e outras línguas de sua família

É comum ver políticos do hemisfério norte confundindo o Brasil com a Argentina e o espanhol com o português. Pois a mesma confusão é feita, aqui no Brasil, com as línguas dos índios. Poucos sabem, mas é errado dizer que os índios falavam tupi-guarani. “Tupi-guarani é uma família linguística, não um idioma”, explica o linguista Aryon Rodrigues. Ele a compara à família neolatina, à qual pertencem o português, o espanhol e o francês. Os três têm uma origem comum, o latim, mas diferem uns dos outros. O extinto tupi antigo, o ainda usadíssimo guarani moderno – falado por quase 5 milhões de pessoas no Paraguai e 30.000 no Brasil – e outros 28 idiomas derivam de uma mesma fala, o proto-tupi. Os guaranis e os tupis até que se entendiam. Mas, dentro da família, eles são apenas parentes próximos, não irmãos. Para perguntar “qual é o seu nome”, um guarani diria *Mba'eicha nde r'era?*, e um tupiniquim, *Mamö-pe nde r'era?*

(ANGELO, 1998)

Alguns estudiosos como Jacques Raimundo, em seu livro *O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa*, defendem que as influências das línguas africanas não se restringiram apenas ao léxico, mas chegaram à fonética, devido à fala dos escravos. É o caso, por exemplo, das vogais médias pretônicas “e” e “o”, que em algumas variedades do português passam a ser pronunciadas como vogais altas, respectivamente “i” e “u”, como em “mininu” (menino), “nutiça” (notícia). Em palavras oxítonas terminadas em vogal tônica seguida de “s” (mesmo as grafadas com z), ocorre, na pronúncia, um ditongo, como em “atrais” (atrás), “mêis” (mês) e “vêis” (vez). Também é influência africana a redução da marca de terceira pessoa do plural, com queda da nasal fina, nos verbos do pretérito perfeito, como em “fizeram” (fizeram), “caíro” (caíram) e “tocaro”.

Jerónimo Soares Barbosa, em 1822, registrou em sua *Grammatica Philosophica*, uma particularidade sintática originada na fala dos escravos que representa uma das mais significativas distinções entre o português de Portugal e o que se fala no Brasil: a colocação de pronomes átonos antes dos verbos, tal como em “mi deu” e “ti falô”, por exemplo.

Segundo Jorge Couto (1997, p. 278):

[...] nos finais de Quinhentos, a presença africana (42%) já se estendia a todas as capitanias, ultrapassando no conjunto qualquer um dos outros grupos – portugueses (30%) e índios (28%), apresentando um crescimento espetacular nas capitanias de Pernambuco e Bahia, esta última sextuplicando seus habitantes negros.

”

Para alguns autores, foram adotadas duas línguas gerais de origem africana: o ioruba na Bahia e o quimbundo no Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para Rodrigues (1986), a diferença entre a língua geral indígena e a geral africana é que a primeira foi criada pelos jesuítas e a segunda pelos próprios africanos.

Bilinguismo e multilinguismo

Em suas conquistas ultramarinas a partir do século XVI, os portugueses se depararam na costa africana, na Índia e na América do Sul, com uma infinidade de línguas locais e dialetos, caracterizando situações de bilinguismo e multilinguismo, devido à convivência da língua portuguesa com as mais variadas línguas nas terras recém-descobertas.

A primeira forma de comunicação utilizada pelos colonizadores com os colonizados é chamada de **pidgin**. Um pidgin é um sistema linguístico rudimentar, formado por um misto de vocabulário das duas línguas em contato, e o uso da gramática é quase nulo. Esse primeiro meio de comunicação era usado, geralmente, no contexto das trocas de mercadorias. Apesar de restrito e simples, o pidgin foi um meio de comunicação bastante eficaz. Quando um pidgin se estabelece e é usado por mais tempo em uma comunidade, a segunda geração de falantes desse pidgin acaba desenvolvendo um sistema gramatical diferente do das duas línguas matrizes (língua nativa local e língua do colonizador). A essa nova língua surgida através do desenvolvimento de um sistema gramatical dá-se o nome de **crioulo**, e ao processo pelo qual se transforma um pidgin em crioulo chama-se **crioulização**.

Quando, porém, um crioulo passa gradualmente a ter sua gramática remodelada por intervenção de uma das duas línguas anteriores à sua formação, esse processo recebe o nome de **descrioulização**.

Além das línguas indígenas autóctones e das africanas chegadas com o tráfico negreiro, que oficialmente se encerra em 1830, o quadro geral do multilinguismo no Brasil se completa com a vinda dos emigrantes europeus e asiáticos, sobretudo a partir do século XIX. Segundo Kreutz (2000), a partir de 1824, os alemães formaram a primeira corrente imigratória, localizando-se, sobretudo, no Rio Grande do Sul. Os italianos vieram a partir da década de 1870 e formaram o contingente maior. No mesmo período, vieram portugueses, espanhóis, japoneses (a partir de 1908), russos, austríacos, sírio-libaneses, poloneses e outros de diversas nacionalidades.

A relação do português com as línguas dos imigrantes, mais uma vez, não foi de igualdade. O período de maior imigração no país foi o do ciclo do café, durante o qual os imigrantes vinham, geralmente, para trabalhar na lavoura. Eles se mantinham em comunidades e suas línguas maternas ali prevaleciam. Essas comunidades, então, evoluíam para vilas e/ou cidades, onde se falava a língua ou dialeto trazidos por eles.

A princípio, o Estado não interveio. Mas, no começo do século XX, muitos imigrantes já moravam em cidades e tiveram grande participação em movimentos anarquistas e socialistas. Isso fez com que o governo sancionasse uma lei que tornava possível a expulsão de estrangeiros indesejáveis ao país, em 1921. Um pouco mais tarde, Getúlio Vargas cria uma série de medidas com o fim único de limitar o uso de línguas estrangeiras no Brasil. Um exemplo dessas medidas foi a proibição de alfabetizar em qualquer outra língua que não fosse o português. Isso fez com que as comunidades de imigrantes, que falavam suas línguas maternas ou dialetos, passassem primeiramente a ser bilíngues, e depois deixassem de lado a língua trazida pela primeira geração de imigrantes.

As influências das línguas dos imigrantes no português do Brasil são inúmeras no que tange ao vocabulário, mas praticamente inexistentes na morfologia e na sintaxe. Isso se deve ao fato de o português do Brasil, nessa época, já ser uma língua gramatizada e estandardizada (ILARI; BASSO, 2009). Essas influências contribuíram também para a diferenciação do português brasileiro em relação ao português europeu – diferenças essas que serão estudadas ao final desta unidade.



Exemplificando

A reportagem sobre a implementação de línguas indígenas como línguas cooficiais em São Gabriel da Cachoeira (AM) é muito interessante para compreendermos as situações de multilinguismo que ainda existem em nosso país. Veja em:

MARTIN, F.; MORENO, V. **Na Babel brasileira, português é 2ª língua**. 2009. Disponível em: <<http://treinamento.folhasp.com.br/linguasdobrasil/saogabriel.html>>. Acesso em: 03 fev. 2016.



Faça você mesmo

Todo dia, sem perceber, você fala algumas das 10.000 palavras que o tupi nos legou. Do nome de animais, como jacaré e jaguar, a termos cotidianos como cutucão, mingau e pipoca. É o que sobrou da língua do Brasil. Pesquise sobre outras palavras ligadas à culinária, nome de animais e de lugares que sejam herança dessa língua indígena.



Assimile

Estima-se que mais de 250 línguas sejam faladas no Brasil entre indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural é desconhecido por grande

parte da população brasileira, que se acostumou a ver o Brasil como um país monolíngue. O resultado da mobilização que envolveu setores da sociedade civil e governamentais interessados em mudar esse cenário é o Decreto Nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) como instrumento oficial de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas faladas pelos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. IPHAN. **Inventário Nacional da Diversidade Linguística** (INDL). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>>. Acesso em: 18 jan. 2016.



Pesquise mais

Você ficou curioso sobre as línguas indígenas brasileiras? Então fica a dica para duas importantes referências na área:

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas Indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.



Refleta

Tente lembrar-se de palavras que você usa no seu dia a dia que sejam de origem africana. Que sons vocálicos predominam nelas? Que sons consonantais? Ela apresenta sons nasais? Elas são de fácil memorização? Que danças, ritmos e instrumentos também são heranças africanas?



Vocabulário

Bilinguismo: situação de convivência entre duas línguas principais. No caso do Brasil Colônia, por exemplo, o português viveu uma situação de bilinguismo ao lado da língua geral tupi.

Crioulo: línguas naturais, de formação rápida, criadas pela necessidade de expressão e comunicação plena entre indivíduos inseridos em comunidades multilíngues relativamente estáveis.

Crioulização: processo no qual um pidgin dá origem a um crioulo.

Descrioulização: quando um crioulo passa gradualmente a ter sua gramática remodelada por intervenção de uma das duas línguas anteriores à sua formação.

Língua gramatizada e estandardizada: língua que passou por um processo de normatização, possuindo uma escrita padrão.

Língua Geral: foi a língua utilizada amplamente em território brasileiro na época da colonização. A língua geral era uma espécie de língua franca entre colonizador e colonizado. Ela podia ser uma variante entre as diversas variantes de línguas indígenas, ou uma língua artificialmente criada.

Multilinguismo: caracteriza-se pela convivência do português com as mais variadas línguas com que teve contato nas terras recém-descobertas. Os portugueses depararam-se na costa africana, na Índia e na América do Sul com uma infinidade de línguas locais e dialetos.

Pidgin: sistema linguístico rudimentar, em que é usado vocabulário de duas línguas em contato (língua do colonizador e do colonizado, por exemplo), e o uso da gramática é quase nulo. Esse primeiro meio de comunicação era usado, geralmente, no contexto das trocas de mercadorias. Apesar de restrito e simples, foi um meio de comunicação bastante eficaz.

Toponímia: ciência que estuda a origem dos nomes de lugares.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos fazê-la, levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados. Vamos lembrá-la?

Um comitê de recuperação de memória de línguas indígenas faladas em todo o território nacional foi formado para compilar dados encontrados nas diferentes regiões do Brasil, uma vez que as línguas indígenas desempenharam um significativo papel na constituição da língua portuguesa falada no Brasil. Você e sua turma irão contribuir com esse comitê enviando dados de sua região para alimentar o banco de dados que irá constituir o acervo do Museu da Língua Portuguesa.

As questões que responderemos nesta SP são:

- Quais línguas indígenas eram faladas no Brasil na época da colonização?
- Como as línguas aqui existentes (indígenas e africanas) contribuíram para a formação do português do Brasil?

Depois de discutirem sobre esses e outros pontos, os alunos devem:

- Fazer um levantamento das origens do local onde moram (cidade, estado, região).
- Procurar saber quem foram os primeiros habitantes (índios, escravos, imigrantes).
- Pesquisar sobre os diferenciais no sotaque (nível fonético/fonológico da língua) e no vocabulário (regionalismos lexicais).
- Pesquisar sobre a existência de nomes indígenas, africanos ou relativos a outras línguas em sua região (nomes de: lugares, ruas, rios, morros, frutas, músicas, comidas etc.).

Após os levantamentos e pesquisas realizadas, os alunos deverão elaborar um relatório onde apresentarão os resultados encontrados.



Atenção!

Caso não haja registro de língua indígena relacionado ao antepassado de sua cidade, procure verificar em relação ao estado em que você mora, pois, com certeza, havia a predominância de uma ou outra língua dominante por região, antes de serem estabelecidas as cidades e formados os diferentes bairros.



Lembre-se

No Brasil, além das influências das línguas indígenas, sobretudo as de origem tupi, devido ao modo como o Brasil foi colonizado e povoado, outras línguas foram substratos para a formação do português brasileiro e devem ser levadas em consideração no levantamento dos dados, tais como as línguas africanas e as línguas dos imigrantes, principalmente europeus.

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que possa encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.

| "Antes que a língua morra" | |
|--------------------------------------|---|
| 1. Competência de fundamento de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Saber que medidas podem ser tomadas para preservar uma língua. |
| 3. Conteúdos relacionados | Línguas indígenas. |
| 4. Descrição da SP | <p>"Os pataxós viveram perseguições e movimentos de dispersão. A partir dos anos 80, entretanto, conseguiram criar um espaço em que reivindicaram seu direito ao território tradicional que haviam perdido. [...] Entre os bens perdidos, estava a língua. A posse da língua significa para eles o seu desejo de ser índio, em um momento de ameaça de extermínio", diz a pesquisadora Eni Orlandi, da Universidade Estadual de Campinas.</p> <p>A língua pataxó se mostrava ativa até o começo do século XX, quando começaram as pressões para que o grupo mantivesse contato mais regular com a sociedade. Devido à resistência, os pataxós ("índios do descobrimento do Brasil") começaram a ser alvos de massacres e deslocamentos forçados, como a grande expulsão ocorrida no governo de Getúlio Vargas para a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal. Ante a condição crítica, os pesquisadores contavam com meras listas de palavras coletadas no Brasil colônia e depois por missionários e indigenistas.</p> <p>Como tornar um conjunto minguaado de itens lexicais em língua viva, pronta para ser falada? BONFIM, E. Como salvar um idioma. Revista Língua, maio 2012. Disponível em: <http://revistalingua.com.br/textos/79/como-salvar-um-idioma-258559-1.asp>. Acesso em: 19 jan. 2016.</p> |
| 5. Resolução da SP | <p>Graças às reminiscências de Baheta, única informante pataxó, muito idosa, sem interlocutores reais, foram coletados dados suficientes para comparar as listas de palavras que já se possuía e estabelecer paralelos com línguas próximas, como o maxacali. Projetos de revitalização linguística usam muito o recurso de recuperar formas da língua por comparação com idiomas ainda falados, com os quais a língua extinta tem vínculo genético. Com a ajuda da linguística histórica, os pesquisadores estabelecem possíveis detalhes gramaticais, bem como mudanças no repertório de sons. Os ensinamentos linguísticos da anciã pataxó foram reunidos na cartilha Lições de Baheta, base para o atual ensino bilingue nas aldeias do grupo.</p> |



Lembre-se

Uma língua carrega consigo toda a história do povo que a fala, sua cultura, seus costumes, seus mitos, seus valores e visão de mundo. Quando uma língua morre, perde-se um tesouro intangível; morre seu povo, sua alma, sua essência.



Faça você mesmo

Pesquise no Brasil e em outros países da América do Sul sobre as línguas de grupos minoritários que estão em extinção. Faça um levantamento de quantas línguas estão nessa condição e se os governos responsáveis estão tomando alguma iniciativa para tentar salvá-las ou preservar as ainda existentes. Compartilhe sua pesquisa com outros colegas.

Faça valer a pena

1. O Cafundó é um bairro rural situado no município de Salto de Pirapora, a 150 km de São Paulo. Sua população, predominantemente negra, divide-se em duas parentelas: a dos Almeida Caetano e a dos Pires Pedroso. Cerca de oitenta pessoas vivem no bairro. Dessas, apenas nove detém o título de proprietárias legais dos 7,75 alqueires de terra que constituem a extensão do Cafundó, que foram doados a dois escravos, ancestrais de seus habitantes atuais, pelo antigo senhor e fazendeiro, pouco antes da Abolição, em 1888. Nessas terras, seus moradores plantam milho, feijão e mandioca e criam galinhas e porcos. Tudo em pequena escala. Sua língua materna é o português, uma variação regional que, sob muitos aspectos, poderia ser identificada como dialeto caipira. Usam um léxico de origem banto, quimbundo principalmente, cujo papel social é, sobretudo, de representá-los como africanos no Brasil. (Fonte: <<http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=23&busca=&pagina=1>>. Acesso em: 06 abr. 2009 – adaptado.)

O bairro de Cafundó integra o Patrimônio Cultural do Brasil, porque:

- a) Possui terras herdadas de famílias antigas da região.
- b) Preservou o modo de falar de origem banto e quimbundo.
- c) Tem origem no período anterior à abolição da escravatura.
- d) Pertence a uma comunidade rural do interior do estado de São Paulo.
- e) Possui moradores que são africanos do Brasil e perderam o laço com sua origem.

2. Sobre o português no Brasil Colônia, analise as seguintes afirmações:

I. Pode-se dizer que o Brasil já vivia em situação de multilinguismo antes da chegada dos portugueses, devido ao fato de que eram faladas cerca de 1000 línguas indígenas no nosso território.

II. No Brasil Colônia, o português era considerado língua de administração, da justiça, do contato com a Corte, sendo falado pela maior parte da população.

III. A língua portuguesa, em sua história de implantação no continente americano, conviveu por pouco tempo com os falares locais nativos e com as línguas africanas durante o processo de colonização.

IV. As situações de bilinguismo e multilinguismo contribuíram para a formação do português do Brasil e para a sua diferenciação do português europeu.

V. O mosaico linguístico da época era formado pelas línguas indígenas nativas, pelo português dos colonizadores e pelas línguas dos escravos africanos.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, IV e V, apenas.
- b) I, II e III, apenas.
- c) II, III e IV, apenas.
- d) I, III e V, apenas.
- e) III, IV e V, apenas.

3. Julgue as afirmações sobre as línguas gerais brasileiras a seguir com V (Verdadeiro) ou F (Falso).

() O mosaico linguístico existente no território brasileiro na época da colonização fez com que os catequizadores adotassem a língua geral no contato com os índios, que foi uma língua imposta pelo colonizador.

() Língua geral é o nome dado à língua falada na totalidade do território brasileiro na época da colonização.

() A criação das "línguas gerais brasileiras" foi facilitada devido à maioria das línguas indígenas brasileiras pertencer ao tronco do tupi e apresentar certa uniformidade.

() Uma das línguas gerais brasileiras propagou-se amplamente na região Sudeste, e foi utilizada até o início do século XX; outra dessas línguas, conhecida como nheengatu, propagou-se na região norte e ainda é falada em algumas regiões da Amazônia.

() A imposição das línguas gerais implica negação da diversidade linguística e cultural dos povos dominados.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta:

- a) F, V, F, V, F.
- b) F, F, V, V, F.
- c) V, F, V, F, V.
- d) V, V, F, V, F.
- e) V, F, V, V, V.

Seção 4.3

A história do ensino da língua portuguesa no Brasil

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembra-la?

O Museu da Língua Portuguesa, localizado na Estação da Luz, na região central da cidade de São Paulo, abriu suas portas ao público no dia 21 de março de 2006. O museu, dedicado à valorização e difusão do nosso idioma, apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos. Mais de trinta profissionais qualificados, dentre eles sociólogos, museólogos, especialistas em língua portuguesa e artistas trabalharam em sua montagem, sob a orientação da Fundação Roberto Marinho, em convênio com o Governo do Estado de São Paulo, responsável pela concepção e implantação do museu (Texto adaptado de SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. **Museu da Língua Portuguesa**. Estação da Luz (SP). Disponível em: <http://www.museulp.org.br/?page_id=5>. Acesso em: 09 jan. 2016). No entanto, lamentavelmente, na tarde do dia 21 de dezembro de 2015, um incêndio destruiu todas as instalações distribuídas nos três andares do antigo prédio. Isa Ferraz, curadora do museu, disse que o acervo é virtual e, portanto, seu conteúdo é recuperável por meio de backups e arquivos. Caso esse conteúdo não fosse recuperável virtualmente, como deveria ser o trabalho de reconstituição do acervo do museu que mostrava a trajetória da língua portuguesa desde que chegou ao continente americano por meio das navegações lideradas por portugueses até seu uso atual no Brasil?

Uma das maneiras de garantir a adoção de uma língua é o seu ensino sistemático. Aliado a isso, é necessário considerar a situação de imersão do aprendiz de uma segunda língua. No caso do Brasil Colônia, como os falantes de língua portuguesa eram minoria, os jesuítas, em especial, José de Anchieta, reconhecido poliglota, se propôs a aprender a língua dos indígenas para posteriormente ensinar a estes uma segunda língua, o português. Seus estudos foram tão aprofundados que ele escreveu

uma gramática da língua tupi, que veio a ser de grande utilidade para que outros padres jesuítas que ensinavam nas escolas de aprender a ler e escrever pudessem aprender a língua adstrato da recém-chegada língua portuguesa.

Tendo isso em mente, ao pensarmos sobre as formas de recomposição do acervo do Museu da Língua Portuguesa, como recuperar os dados relativos ao ensino da língua no Brasil Colônia? Que fontes existentes – sejam físicas ou virtuais – podem servir de base para essa reconstrução?

As questões que responderemos nesta situação-problema são:

- Como era realizado o ensino da língua portuguesa no Brasil após seu descobrimento?
- Que métodos eram utilizados para o ensino da nova língua no território recém-ocupado?

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Saber caracterizar o ensino da língua portuguesa no Brasil logo após seu descobrimento.
- Saber quando e como o ensino da língua portuguesa passou a ser realizado de maneira independente da Igreja Católica.

Não pode faltar

Panorama geral

Guimarães (2005) divide a formação da língua portuguesa no Brasil em quatro períodos. O primeiro período se iniciaria com a colonização, estendendo-se até a saída dos holandeses do Brasil, em 1654. Nessa época, o português do colonizador convivia com as línguas indígenas e as línguas gerais – estas consideradas línguas francas – e com o holandês. O português era utilizado em documentos oficiais e por aqueles ligados à administração pública, sendo, portanto, a língua oficial.

O segundo período iria desde a saída dos holandeses até a chegada da família real portuguesa, em 1808. Nessa época, o português já não tinha mais a concorrência de uma outra língua de Estado, o holandês, mas permaneciam em contato o português, as

línguas indígenas, especialmente as línguas gerais, e as línguas africanas dos escravos. Portugal tomou medidas diretas e indiretas com o intuito de eliminar o uso das línguas gerais. Nesse mesmo período, como você já estudou no início desta unidade, o número de portugueses no Brasil cresceu, aumentando com isso, logicamente, o número de falantes do português europeu. Esses portugueses, por sua vez, vinham de diferentes regiões de Portugal e passaram a conviver, em um mesmo espaço e tempo, com dialetos de regiões diferentes. Em meados do século XVIII, o Marquês de Pombal, por considerar a importância de uma língua para o domínio do novo território, proibiu que fosse utilizada qualquer outra língua no território nacional diferente do português, tornando este o idioma oficial e obrigatório para a comunicação e ensino.

Em 1808, com a chegada da família real e sua comitiva de 15 mil portugueses, começa o terceiro período, estendendo-se até a Independência, em 1822. Como você estudou na aula passada, a vinda da família real trouxe boas consequências para o país, em especial para o Rio de Janeiro: foi criada a imprensa no Brasil, que serviu de instrumento de circulação da língua oficial; fundou-se a Biblioteca Nacional, dentre outras mudanças que afetaram o quadro da vida cultural brasileira.

O quarto período, iniciado em 1826, foi marcado pela discussão, no parlamento brasileiro, sobre a questão da língua nacional do Brasil. Em 1827, começam a ocorrer intensas discussões sobre o que deveria ser objeto de ensino de língua. Uns achavam que a escola deveria ensinar a ler e escrever utilizando a Gramática da Língua Nacional. Nesse contexto, a língua portuguesa tornou-se a língua da nação brasileira, e “a língua do colonizador transformou-se na língua do colonizado” (BARROS, 2008, p. 38). É nesse período que, com o incentivo à imigração para o Brasil, iniciam-se as relações entre o português e as línguas dos imigrantes.



Assimile

O governador-geral, Tomé de Sousa, seguindo atribuições diretas do rei Dom João III, de Portugal, chegou ao Brasil em 1549 trazendo vários padres jesuítas que deveriam propagar a fé católica. Foram então fundados colégios e missões pelo litoral e interior do Brasil, e os jesuítas passaram não só a tratar da conversão dos nativos, mas também administrar as principais instituições de ensino da época e auxiliar os mais importantes órgãos de administração e controle da metrópole.

Educação jesuítica no Brasil Colônia

Não há como desvincular a história da educação no Brasil da religião, pois como pregar a fé católica se não conheciam a língua dos indígenas e nem estes a língua do dominador? Tudo se iniciou com as ações dos padres católicos da Companhia de Jesus, os quais, visando à catequização dos índios da nova terra, foram os

responsáveis por implementar e consolidar a educação formal na sociedade brasileira colonial. Fundada por Inácio de Loyola, em 1534, a Companhia de Jesus, ordem religiosa formada por padres conhecidos como jesuítas, teve uma grande expansão nas primeiras décadas de sua formação. Nessa época, era forte o movimento de reação da Igreja Católica contra a Reforma Protestante, e a Companhia de Jesus foi um dos principais instrumentos da Contrarreforma, pois para impedir o avanço do protestantismo, utilizou-se de duas estratégias: a educação dos homens e dos indígenas, por meio do ensino sistemático, e a própria ação missionária, para converter os povos das regiões que estavam sendo colonizadas à fé católica.

Azevedo (1976 apud SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008) divide a atuação jesuítica na colônia brasileira em dois momentos:

1. Séc. XVII: primeiro século de atuação dos jesuítas, em que houve a adaptação e construção do trabalho de catequese e conversão do índio aos costumes dos brancos, e
2. Séc. XVIII: segundo século de atuação dos jesuítas, marcado pelo grande desenvolvimento e extensão do sistema educacional implantado no primeiro período.

Você se lembra do padre Manoel da Nóbrega, sobre quem aprendemos na unidade anterior? Ele foi o líder da primeira missão jesuítica da Companhia de Jesus em terras brasileiras, e chegou ao povoado de Vila Velha, na Bahia, em 1549. Com ele vieram mais de mil pessoas, sendo cinco religiosos da Companhia para auxiliar Nóbrega. Uma de suas primeiras providências após chegar, foi criar uma “escola de ler e escrever”, pode-se dizer que foi a primeira escola primária criada, tendo sido posteriormente transferida para Salvador, quando de sua fundação. Seis anos depois, o também jesuíta José de Anchieta, considerado um dos fundadores da cidade de São Paulo, ajudou a instituir, no dia 25 de janeiro de 1554, o Colégio de São Paulo, no Planalto de Piratininga, em cujos arredores viria a formar-se a futura metrópole.

Manoel da Nóbrega organizou um plano de estudos de duas fases. A primeira, destinada ao ensinamento dos estudos elementares, era constituída pelo aprendizado do português, pela alfabetização e o ensinamento da doutrina cristã. Na segunda fase, o aluno podia escolher entre o ensino profissionalizante e o ensino médio, de acordo com as aptidões demonstradas no ensino elementar. Sob seu comando, foram fundadas cinco escolas de instrução elementar: em Porto Seguro, Ilhéus, Espírito Santo, São Vicente e São Paulo de Piratininga. Fundou também três colégios – um no Rio de Janeiro, outro em Pernambuco e mais um na Bahia.

Como você já aprendeu, o padre José de Anchieta teve um papel crucial na educação dos filhos da nova nação. Chegou a Salvador em 1553 para ajudar Nóbrega

Números da obra jesuítica no Brasil:

- 36 missões.
- Escolas de ler e escrever em quase todas as povoações e aldeias.
- 25 residências dos jesuítas.
- 18 estabelecimentos de ensino secundário.
- Colégios e seminários nos principais pontos do Brasil, entre eles, Bahia, São Vicente, Rio de Janeiro, Olinda, Espírito Santo, São Luís, Ilhéus, Recife, Santos, Porto Seguro, Paranaguá, Alcântara, Vigia, Pará, Colônia do Sacramento, Florianópolis e Paraíba.

na tarefa de catequização dos índios, aprendendo, para isso, a língua tupi. Ensinou a língua portuguesa aos filhos de índios e portugueses, escreveu um catecismo na língua dos índios e compôs várias obras em português, latim, tupi e guarani. Escreveu a primeira gramática da língua tupi, *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, publicada em 1595, em Coimbra, e um dicionário.

Outro jesuíta de destaque nessa época foi Vicente Rijo. Aos 21 anos de idade, foi incumbido pelo padre Manuel da Nóbrega a catequizar e ensinar as crianças indígenas a ler e escrever. Foi ele o primeiro professor a ministrar aulas na primeira escola brasileira, o Colégio da

Bahia, que atendia, inicialmente, garotos órfãos vindos da metrópole. O colégio, fundado em fins do ano de 1549, passou a se chamar Colégio de Jesus da Bahia. De instalações e acomodações pequenas, possuía número limitado de alunos, por isso não contava com mais de 25 alunos internos, entre órfãos, índios e mamelucos. As aulas de ler e escrever também eram frequentadas por alguns alunos externos, tais como filhos de colonos portugueses.

O processo educacional iniciado pelos jesuítas durou aproximadamente 200 anos. A educação organizada e administrada pelos padres jesuítas tinha como prioridade os índios, mas não ficou restrita a eles, foram incluídos outros elementos que faziam parte da sociedade colonial. Os jesuítas tinham até um método de ensino – o *Ratio Studiorum*. Elaborado no final do século XVI, era utilizado em todas as regiões do Novo Mundo em fase de ocupação; era uma forma de garantir a padronização, a formação uniforme de todos os que viessem a frequentar os colégios da Companhia de Jesus em qualquer lugar do mundo. Era, portanto, um manual prático e sistematizado que apresentava ao professor a metodologia de ensino a ser utilizada em suas aulas. Em um cenário linguístico já composto por tantas línguas indígenas, mais uma vez “a última flor do Lácio” ganha cena: o ensino era realizado com base no latim.

Esse método, composto de 30 conjuntos de regras, caracterizava-se como um manual detalhado com orientações sobre a responsabilidade, o desempenho, a subordinação e o relacionamento dos membros da hierarquia, dos professores e dos alunos, constituindo-se também como um manual de organização e administração escolar. De metodologia detalhada, sugeria ainda processos

didáticos para a aquisição de conhecimento e instruções pedagógicas para assegurar e consolidar a formação do aluno.

O programa educacional dividia-se em três cursos: Letras ou Humanidades, Filosofia e Ciências, e o curso de Teologia ou Ciências Sagradas. O curso de Humanidades fazia parte dos estudos inferiores e durava de 5 a 6 anos; o de Teologia e de Filosofia faziam parte dos cursos superiores. Todos os colégios deveriam seguir rigorosamente essa divisão. O ensino de Humanidades, caracterizado pelo *Ratio* como elemento do ensino secundário, foi implantando logo após a fundação dos colégios nas regiões mais povoadas da colônia, que já contavam com o ensino elementar. Em Humanidades, as leituras básicas eram de autores antigos cujas obras eram enviadas de Portugal. Seu objetivo era:



[...] a arte acabada da composição, oral e escrita. O aluno deve desenvolver todas as suas faculdades, postas em exercício pelo homem que se exprime e adquirir a arte de vazar esta manifestação de si mesmo nos moldes de uma expressão perfeita. As classes de gramática asseguravam-lhe uma expressão clara e exata, a de humanidades, uma expressão rica e elegante, a de retórica mestria perfeita na expressão poderosa e convincente (FRANCA apud SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p. 181).

Segundo Shigunov Neto e Maciel (2008), o curso de Humanidades foi o que mais se propagou na colônia, sendo considerado o alicerce da estrutura educacional jesuítica.

O *Ratio Studiorum* não era imutável, mas ia sofrendo adaptações conforme a necessidade local, pois era utilizado em todos os países de atuação da Companhia de Jesus. No Brasil Colônia, no período inicial da implantação do curso de Letras, os jesuítas modificaram as regras gerais para atingir seus objetivos, ao substituírem o estudo do grego pelo do tupi, uma vez que precisavam estudar a língua dos nativos para viabilizar a catequese.

Se já existiam duas gramáticas da língua portuguesa – a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540), além de várias ortografias já terem sido produzidas, por que não as utilizaram como método, ainda que fosse em paralelo ao *Ratio Studiorum*? Soares (2009, p. 158-59) é quem nos explica:



Em primeiro lugar, os poucos que se escolarizavam (século XVI ao XVIII) pertenciam a camadas privilegiadas, cujo interesse e objetivo era seguir o modelo educacional da

época, que se fundava na aprendizagem do latim e através do latim, fugindo à tradição dos sistemas pedagógicos de então atribuir às línguas nacionais estatuto de disciplina curricular; em segundo lugar, o português não era a língua dominante no intercâmbio social, não havendo, por isso, motivação para instituí-lo em disciplina curricular; e em terceiro lugar [...], o português ainda não se constituía em área de conhecimento em condições de gerar uma disciplina curricular.

Pontua a autora que não havia condições internas ao próprio conteúdo do ensino de língua portuguesa, pois ele ainda não se configurara como área de conhecimento, e por isso lhe faltava uma tradição como área de estudos. Faltavam também condições externas a ele, uma vez que seu uso era apenas secundário nas interações verbais, sua escrita era ainda precária em uma sociedade pouco letrada, enfim, não tinha, naquele contexto, valor como bem cultural a ponto de o português adquirir estatuto de disciplina curricular.

Emancipação do ensino de língua portuguesa

Como você acabou de ver, até o século XVII, o Brasil ainda não tinha uma língua definida, já que com o português falado pela minoria de colonizadores, convivendo com as línguas gerais e o latim, língua do ensino secundário e superior jesuítico, não se pode dizer que houvesse uma unidade da língua portuguesa. Pelo contrário, estava muito longe disso. O português nem existia no currículo escolar, mas era usado apenas na alfabetização nas chamadas escolas menores, passando em seguida para o latim, conforme determinado pelo *Ratio Studiorum*. Soares (2009) explica por que isso acontecia. Primeiramente, as poucas pessoas com acesso à escolarização na colônia pertenciam à elite, cujo interesse era seguir o modelo educacional vigente, com foco na aprendizagem “do latim através do latim”. Outro motivo é que o português não era a língua de intercâmbio social, isto é, não tinha valor cultural, e isso desestimulava que a transformassem em disciplina escolar.

Padre Antônio Vieira nos dá um vislumbre do que acontecia em São Paulo em meados do século XVII com respeito à língua ali falada: “As famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas hoje umas às outras que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender na escola” (SOARES, 2009, p. 158). Os citados “meninos” eram os poucos privilegiados que tinham acesso à escola e o contato que tinham com o português era apenas como um instrumental para aprender a ler e escrever. Tão logo eram alfabetizados, já passavam a aprender o latim, no ensino secundário.



Pesquise mais

Para saber mais sobre o papel da Companhia de Jesus, representada pelos padres jesuítas chegados ao Brasil em 1549 e sua importância na catequese, alfabetização e instrução tanto de índios quanto dos filhos dos colonos, leia o artigo:

OLIVEIRA, A. M. B. de. Ação educacional jesuítica no Brasil colonial. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá, v. 3, n. 9, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

A política em relação à língua portuguesa começou a mudar com a expulsão da Companhia de Jesus pelo estado português. Empreendendo uma forte política de consolidação do domínio português no Brasil, Pombal consolidou o Tratado de Madrid, ampliando as fronteiras no Norte e no Sul, o que representou um embate direto com as missões jesuíticas. Na Amazônia, os jesuítas mantinham o monopólio da comercialização das chamadas "drogas do sertão", colhidas pelos índios que viviam nas suas missões. Pombal, então, acusou os jesuítas de conspiração e os expulsou de Portugal e de seus domínios em 1759, além de confiscar seus bens. Outros países europeus, como França e Espanha, também adotaram a mesma medida, seguida pelo próprio Vaticano, que extinguiu a ordem em 1773.

Com os jesuítas expulsos, as missões passaram a ser controladas por funcionários do governo. As capelas transformaram-se em paróquias, e os vigários que as assumiam eram nomeados pelo rei. Os indígenas tiveram que deixar de usar seus nomes originais, passando a ter nomes portugueses. Os caciques foram nomeados capitães e juizes; as lideranças passaram a ser vereadores municipais. A partir daquele momento, todos os índios se tornaram cidadãos portugueses. Isso representou um grande prejuízo para os povos indígenas. A educação, que no Brasil era exclusividade dos jesuítas, sofreu um grande recuo. Vinte anos após a expulsão, em toda a Bahia não havia mais que dois professores. Várias escolas foram fechadas e as bibliotecas dos conventos foram abandonadas ou destruídas.

Uma das mudanças mais significativas, no entanto, foi em relação ao idioma aqui falado. Na década de 1750, o Marquês de Pombal resolveu tornar obrigatório o uso da língua portuguesa no Brasil, por meio de reformas no ensino de Portugal e suas colônias. O português, então, foi incluído no currículo nacional, e o uso de outras línguas, proibido, principalmente a língua geral de base tupi, falada tanto por indígenas quanto pelos colonizadores e seus filhos. Após a reforma, além de ler e escrever em português, e aprender a gramática latina e a retórica, o aluno passou a estudar também a gramática portuguesa, que se tornou parte integrante do currículo. Veja uma versão do edito de Marquês de Pombal:

“Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as nações que praticaram novos domínios introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indispensável, que este é um meio dos mais eficazes para desterrar dos povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes e ter mostrado a experiência que, ao mesmo passo se introduz neles o uso da língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração e a obediência ao mesmo Príncipe. Observando, pois, todas as nações polidas do Mundo este prudente e sólido sistema, nesta conquista se praticou pelo contrário, que só cuidavam os primeiros conquistadores estabelecer nela o uso da língua, que chamamos geral, invenção verdadeiramente abominável e diabólica, para que privados os índios de todos aqueles meios que os podiam civilizar, permanecessem na rústica e bárbara sujeição, em que até agora se conservam. Para desterrar esse perniciosíssimo abuso será um dos primeiros cuidados dos Diretores estabelecer nas suas respectivas povoações o uso da língua portuguesa, não consentindo por modo algum que os meninos e meninas, que pertencerem às escolas, e todos aqueles índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas nações ou da chamada geral, mas unicamente da Portuguesa, na forma que S.M tem recomendado em repetidas ordens, que até agora não se observam, com total ruína espiritual e temporal do Estado” (CUNHA, C. **A questão da norma culta brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985, p. 80).

Segundo Soares (2009), a Língua Portuguesa foi incluída no currículo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1837, sob a forma das disciplinas Retórica e Poética, mostrando a visão de ensino-aprendizagem vigente, em que a língua era considerada como sistema cuja gramática devia ser estudada como forma de expressão, tendo em vista fins retóricos e poéticos. Um ano depois, em 1838, o regulamento do Colégio passa a mencionar a gramática nacional como objeto de estudo. Somente no final do Império, a retórica, a poética e a gramática foram unificadas numa só disciplina que passou a se chamar português, mantendo, até fins do século XIX, a gramática e a retórica como seus conteúdos de ensino e componentes curriculares (SILVA; CYRANKA, 2009).

O cargo de professor de português só surgiu em 1871, por meio de decreto imperial. O perfil desse docente – que lecionava as disciplinas de Retórica e Gramática – era o de um intelectual integrante das elites da época, uma vez que não havia cursos de formação para professores.



Exemplificando

“A educação escolarizada não jesuítica iniciou-se nos meados do século XVIII e se dirigia a uma ínfima parcela da população, que foi aumentando aos poucos até que, com a chegada ao Brasil do príncipe regente D.

João, em 1808, fossem criados centros de transmissão do saber. O Rio de Janeiro, agora capital do Reino, a partir de 1815, foi sede da Escola Médico-Cirúrgica, do Liceu de Artes, da Biblioteca Real, além de outras criações”.

CLARE, N. de A. V. Ensino de língua portuguesa: uma visão histórica. **Idioma 23**, s/d., s/l. Disponível em: <<http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/23/idioma23a01.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2016



Faça você mesmo

Pesquise sobre outras mudanças que ocorreram no Brasil em termos de ensino de Língua Portuguesa e de outras disciplinas, de acesso à escolarização, dentre outras criações e/ou mudanças realizadas a partir do decreto de Marquês de Pombal.



Refleta

Atualmente, existem várias escolas confessionais, ou seja, vinculadas a alguma religião; a maioria delas da Igreja Católica. Essas escolas ainda propagam os preceitos, dogmas e ensinamentos relacionados a sua doutrina? Há ensino religioso obrigatório nessas instituições vocacionais? Esse ensino é de participação obrigatória ou voluntária por parte dos alunos?



Vocabulário

Companhia de Jesus: “A Companhia de Jesus foi uma ordem religiosa da Igreja Católica, fundada na Europa em 1540 por Inácio de Loyola. Era formada por padres designados de jesuítas, que tinham como missão catequizar e evangelizar as pessoas, pregando o nome de Jesus. Os princípios básicos dessa ordem estavam pautados em: 1) a busca da perfeição humana por meio da palavra de Deus e a vontade dos homens; 2) a obediência absoluta e sem limites aos superiores; 3) a disciplina severa e rígida; 4) a hierarquia baseada na estrutura militar; 5) a valorização da aptidão pessoal de seus membros” (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p. 5).

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos resolvê-la levando em consideração os

conhecimentos adquiridos e já apropriados. Vamos lembrá-la?

Um das maneiras de garantir a adoção de uma língua é o seu ensino sistemático. Aliado a isso, é necessário considerar a situação de imersão do aprendiz de uma segunda língua. No caso do Brasil Colônia, como os falantes de língua portuguesa eram minoria, os jesuítas, em especial, José de Anchieta, reconhecido poliglota, se propôs a aprender a língua dos indígenas para posteriormente ensinar a estes uma segunda língua, o português. Seus estudos foram tão aprofundados que ele escreveu uma gramática da língua tupi, que veio a ser de grande utilidade para que outros padres jesuítas que ensinavam nas escolas de aprender a ler e escrever pudessem aprender a língua adstrato da recém-chegada língua portuguesa.

Tendo isso em mente, ao pensarmos sobre as formas de recomposição do acervo do Museu da Língua Portuguesa, como recuperar os dados relativos ao ensino da língua no Brasil Colônia? Que fontes existentes – sejam físicas ou virtuais – podem servir de base para essa reconstrução?

As questões que responderemos nesta SP são:

- Como era realizado o ensino da língua portuguesa no Brasil após seu descobrimento?
- Que métodos eram utilizados para o ensino da nova língua no território recém-ocupado?

Depois de pensar na situação-problema, junto a seus colegas, você deve:

- Discutir como se pode garantir o aprendizado de uma nova língua.
- O que se deve considerar a respeito do falante que irá adquirir a nova língua para que esse aprendizado seja efetivo.
- Que competências e habilidades deve ter o “professor” da nova língua.
- Responder: o método influencia na maneira de aprender uma nova língua? Como?

Após os levantamentos e pesquisas realizados, produza um texto dissertativo em que exponha, de maneira articulada, as respostas às questões relacionadas à SP exposta nesta seção.



Atenção!

Pesquise sobre outros processos de colonização em outros países (sul-americanos, africanos etc.) e veja como se deu o processo de imposição

da língua do dominador/colonizador. De que maneira foi realizado? Houve emergência de línguas gerais? Houve preocupação com o ensino da nova língua?



Lembre-se

Por muitos anos, desde o descobrimento e ocupação do Brasil pelos portugueses, a principal língua utilizada para comunicação entre portugueses e índios foi a língua geral tupi. Os filhos dos portugueses aqui nascidos também falavam essa língua; o português como língua materna ainda não era uma realidade no Brasil, o que veio a acontecer quase três séculos depois. Os poucos privilegiados que tinham acesso à escola e o contato que tinham com o português era apenas como um instrumental para aprender a ler e escrever. Tão logo eram alfabetizados, já passavam a aprender o latim, no ensino secundário.

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que possa encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.

“Dificuldades no ensino da língua portuguesa em Timor-Leste”

| | |
|---|---|
| 1. Competência de fundamento de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Avaliar a importância do ensino de uma língua para um país. |
| 3. Conteúdos relacionados | Ensino de língua portuguesa, línguas oficiais, dificuldades de implantação de ensino de língua. |
| 4. Descrição da SP | <p>A língua portuguesa em Timor-Leste possui o status de língua oficial desde 2002, ao lado da língua nativa tétum. Apesar de ser a língua oficial, o português é falado somente por uma pequena parcela da população leste-timorense, já que há uma série de fatores que dificultam a instalação de um ensino eficaz, assim como o uso dessa língua nas diferentes comunidades de fala. Os professores de língua portuguesa também encontram dificuldades, algumas enumeradas a seguir:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O número reduzido de professores lusófonos nativos, em sua maioria portugueses e brasileiros, já que a língua portuguesa tem um caráter de LE para a população do Timor-Leste. • O número também reduzido de professores leste-timorenses devidamente capacitados para ensinar a língua portuguesa. • A ausência de planejamento linguístico do governo de Timor-Leste que incentive a aprendizagem e o uso da língua portuguesa nas diversas situações informais. |

| | |
|--------------------|---|
| | (Texto adaptado de: ALBUQUERQUE, D. B. de. O ensino de língua portuguesa em Timor-Leste: variedades e dificuldades. Interdisciplinar , ano 5, v. 12, jul./dez. 2010. Disponível em: < http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_12/INTER12_03.pdf >. Acesso em: 31 jan. 2016.) |
| 5. Resolução da SP | Dentre as medidas que devem ser tomadas para solucionar os problemas apontados, destacam-se iniciativas como a do governo brasileiro que, por meio da Capes, lançou o Programa de Qualificação de Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP), que objetiva a formação em Língua Portuguesa de professores de diferentes níveis de ensino naquele país. A meta do programa é enviar 50 docentes por ano ao Timor-Leste, para atuar na elaboração e revisão de materiais didáticos, acompanhar professores timorenses na implementação de propostas, desenvolver cursos de português como segunda língua, oferecer cursos de língua portuguesa, entre outras atividades. |



Lembre-se

O ensino de língua portuguesa como segunda língua, em qualquer que seja o país, deve levar em conta o nível dos alunos, o grau de conhecimento que eles possam ter da língua estrangeira, a importância que tal língua tem na vida diária do grupo social do qual eles fazem parte e do próprio país. Não se deve privilegiar apenas uma variedade da língua, como a culta, por exemplo, mas proporcionar ao aluno o conhecimento de variedades linguísticas utilizadas em diferentes contextos.



Faça você mesmo

No Brasil, o ensino de inglês como segunda língua é obrigatório desde o Ensino Fundamental II até o Ensino Médio, tanto em escolas públicas quanto nas particulares. No entanto, você deve saber que, mesmo passando mais de 5 anos sendo expostos a essa língua estrangeira, a maioria dos alunos saem sem ter dela um conhecimento razoável. Discuta com seus colegas por que isso acontece. Pense nas soluções possíveis para que, de fato, o ensino obrigatório de inglês nas escolas brasileiras surta o efeito desejado.

Faça valer a pena

1. O Brasil Colônia teve poucas escolas, poucos livros e poucos letrados, por isso os portugueses mais abastados, sobretudo a partir do século XVIII, temendo que seus filhos “não herdassem os ‘estímulos da honra’, mas os costumes dos negros, mulatos e gentios”, criaram o hábito de mandá-los estudar em Coimbra, de onde voltavam com um título de bacharel em direito que os habilitava a uma atuação, sobretudo, retórica (Fonte: ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009).

O fato relatado acima é explicado corretamente na alternativa:

- a) Os jesuítas preocupavam-se apenas em cristianizar os indígenas, deixando os filhos dos colonos sem qualquer ensino formal.
- b) Não havia no Brasil, entre os séculos XVI e XVII, um sistema de ensino desenvolvido, além do elementar e médio, e a língua portuguesa nem sequer tinha estatuto de disciplina curricular.
- c) Os índios eram incapazes de aprender o português e por isso não havia escolas aqui nem para os filhos dos colonos.
- d) Somente a Europa, naquela época, poderia proporcionar um ensino de qualidade aos mais abastados do país, inclusive para a aprendizagem de língua portuguesa.
- e) Para mostrar a classe social a que pertenciam e se diferenciar dos habitantes do Novo Mundo, os pais enviavam seus filhos para estudar na Europa.

2. O plano de estudos organizado pelo padre Manuel da Nóbrega consistia em duas fases: na primeira fase, considerada como o ensinamento dos estudos _____, era constituída pelo aprendizado de _____, do ensinamento da doutrina cristã e da _____. Para a segunda fase do processo de aprendizagem idealizado por Manuel da Nóbrega, o aluno teria a opção para escolher entre o ensino _____ e o ensino _____, segundo suas aptidões e dotes intelectuais revelados durante o ensino elementar.

Assinale a alternativa cujas palavras preenchem corretamente as lacunas do texto.

- a) elementares – português – alfabetização – profissionalizante – médio

- b) superiores – latim – leitura – médio – profissionalizante
- c) intermediários – tupi – oração – superior – médio
- d) avançados – espanhol – alfabetização – profissionalizante – superior
- e) preliminares – português – memorização – técnico – médio

3. Soares (2009) define dois tipos de condições que faltavam para a consolidação do ensino efetivo da língua portuguesa no Brasil Colônia – as internas e as externas.

Avalie as afirmações a seguir sobre essas condições:

I. A língua portuguesa ainda não se configurava como área de conhecimento, pois não havia estudos suficientes a seu respeito.

II. Seu uso era apenas secundário nas interações verbais, e sua escrita era ainda precária em uma sociedade pouco letrada.

III. No contexto da época, a língua não tinha valor como bem cultural a ponto de adquirir estatuto de disciplina curricular.

Dizem respeito às condições externas os itens:

- a) I, II e III.
- b) I, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) II, apenas.
- e) III, apenas.

Seção 4.4

A situação linguística atual do Brasil

Diálogo aberto

Na abertura desta unidade, você tomou contato com uma situação possível de ser vivenciada em sua realidade como aluno do curso de Letras e como futuro professor, seja no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Vamos relembrá-la?

O Museu da Língua Portuguesa, localizado na Estação da Luz, na região central da cidade de São Paulo, abriu suas portas ao público no dia 21 de março de 2006. O museu, dedicado à valorização e difusão do nosso idioma, apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos. Mais de trinta profissionais qualificados, dentre eles sociólogos, museólogos, especialistas em língua portuguesa e artistas trabalharam em sua montagem, sob a orientação da Fundação Roberto Marinho, em convênio com o Governo do Estado de São Paulo, responsável pela concepção e implantação do museu (Texto adaptado de SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. **Museu da Língua Portuguesa**. Estação da Luz (SP). Disponível em: <http://www.museulp.org.br/?page_id=5>. Acesso em: 9 jan. 2016). No entanto, lamentavelmente, na tarde do dia 21 de dezembro de 2015, um incêndio destruiu todas as instalações distribuídas nos três andares do antigo prédio. Isa Ferraz, curadora do museu, disse que o acervo é virtual e, portanto, seu conteúdo é recuperável por meio de backups e arquivos. Caso esse conteúdo não fosse recuperável virtualmente, como deveria ser o trabalho de reconstituição do acervo do museu que mostrava a trajetória da língua portuguesa desde que chegou ao continente americano por meio das navegações lideradas por portugueses até seu uso atual no Brasil?

Foram realizadas várias atividades para a recomposição do acervo do Museu da Língua Portuguesa. Foram listados os primeiros documentos escritos sobre a época do Descobrimento e sobre o povoamento do Brasil, foram levantadas as línguas indígenas e africanas que influenciaram na formação do português brasileiro, bem como listadas as demais línguas de grupos de imigrantes vindos de outros continentes para trabalhar nas lavouras do Sudeste e Sul do Brasil. Além disso, foram recuperados,

por meio de fontes físicas e virtuais, os dados relativos ao ensino da língua no Brasil Colônia que, na época, estava a cargo de padres da Companhia de Jesus. O projeto de recomposição do acervo está em sua fase final e precisa de dados para apresentar um panorama, uma caracterização realista do português atual. Em que tipo de variação o panorama deverá se pautar? Que dados devem ser apresentados? Como eles devem ser organizados e apresentados?

As questões que responderemos nesta situação-problema são:

- Que características do português brasileiro o diferenciam do português de Portugal?
- Os falantes de diferentes regiões do Brasil possuem maneiras próprias de se comunicar?
- Como escolher exemplos de fala associados aos diferentes níveis da língua, tais como o fonético, o morfológico e o sintático, de diferentes regiões brasileiras?

Para resolver essa situação, tenha em vista as seguintes competências e objetivos:

Competência de fundamento de área: conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento.

Objetivos específicos:

- Conhecer as características do português atual que o diferenciam do português europeu.

Conhecer de que modo fatores como tempo e região geográfica contribuem para o surgimento das variedades linguísticas.

Não pode faltar

Características do português brasileiro

Estamos chegando ao final da viagem pela história da nossa língua portuguesa. Depois de passarmos a maior parte do tempo dos nossos estudos no passado, chegou o momento de desembarcarmos no presente. Considerando o mosaico linguístico que caracteriza nossa nação desde o seu Descobrimento, podemos entender por que a língua utilizada no Brasil, apesar de se chamar língua portuguesa, apresenta tanta diferença de pronúncia e de escolha de palavras e mesmo de algumas estruturas sintáticas em relação ao português falado em Portugal. Isso acontece também em diversas outras regiões do mundo em que o português também é falado, pois essa língua apresentará características específicas em função das condições novas em que ela passou a funcionar.

Por isso, vamos estudar agora as características do português atual, em termos de sua fonética e fonologia, morfologia e léxico e sua sintaxe. Paralelamente, veremos em que aspectos o português brasileiro se diferencia do de Portugal, chamado de português europeu. Não podemos esquecer que as diferentes possibilidades de variação dessa língua – bem como de outras – ocorrem em função de fatores como região geográfica, época, classe social, dentre outros, que serão estudados ainda nesta seção.

Segundo Guimarães (2005), considerando apenas a língua escrita, encontramos uma maior proximidade entre o português do Brasil e o de Portugal, ainda mais após a vigência do Novo Acordo Ortográfico, que você já estudou na unidade anterior. Isso ocorre porque a língua escrita está mais sujeita à normatização efetivada através das gramáticas normativas, dicionários e outros instrumentos reguladores da língua. Já na língua falada, a incorporação de características específicas ocorre mais rapidamente. As diferenças entre as duas variantes do português, que chamaremos PB (Português Brasileiro) e PE (Português Europeu), podem ser vistas no sistema fonético-fonológico da língua, na morfossintaxe, no léxico e na sintaxe.

Quanto às características fonético-fonológicas, a diferença mais notável do PB, se comparado ao PE, diz respeito ao uso das vogais, especialmente das não acentuadas ou não tônicas. Estas são muito mais audíveis no português brasileiro do que no europeu, passando quase que despercebidas na pronúncia. Por isso, nós, brasileiros, muitas vezes, temos dificuldade em entender certas palavras ditas pelos portugueses, justamente por termos a impressão de estarmos ouvindo uma sequência de consoantes apenas.

O português do Brasil apresenta 7 vogais na posição tônica: /a/, /é/, /ê/, /i/, /ó/, /ô/, /u/. O PE apresenta uma vogal a mais, uma variação do nosso “a”. Para entender um pouco a diferença entre nossa vogal e a de Portugal, pronuncie a palavra “lá”. A vogal /a/ é pronunciada com a língua em repouso, na parte de baixo, por isso é classificada como central. Em Portugal, existe o que poderia ser considerado um “a” intermediário. Este tipo de /ä/, pronunciado com uma leve elevação da língua, é diferente do /a/ aberto pronunciado com a língua em repouso. Se você fizer o gesto articulatório da vogal “e”, isto é, mover a boca como se fosse pronunciar tal vogal, mas produzir o “a”, você terá ideia de como é esse som.

Em posição átona final, no PB, temos três vogais: /a/ como em casa; /i/ como em leite, pronunciado [leitʃi]; /u/ como em menino, pronunciado [meninũ] e [mininu]. Em Portugal, ocorrem as mesmas vogais: /ä/, /ë/ e /u/, porém, diferentemente do Brasil, /ä/ é pronunciado com a língua mais alta, com timbre mais fechado, /ë/ é pronunciado fechado, de forma ainda mais posterior do que o /ê/ do Brasil, enquanto o /u/ mantém as mesmas características fonéticas do /u/ brasileiro.

Outro som que se diferencia nos dois países é o relativo à letra l em final de sílaba ou palavra, como em “maldade” e “papel”. No Brasil, pronunciamos como uma semivogal, soando como /u/. Em Portugal, o “l” nos mesmos contextos é pronunciado também de

forma velarizada (quando o dorso da língua eleva-se em direção ao céu da boca), ou seja, semelhante a nossa pronúncia do “l” no meio de uma palavra, como em “salada”, por exemplo. Também encontramos tal pronúncia no Sul do Brasil.

Outra distinção tem a ver com a pronúncia do “s” em final de sílaba ou de palavra como em “festa”, “rasga” e “paz”. Lembre-se, o som de s, na escrita, pode ser representado, normalmente, pela letra s e pelo z. No Brasil, as pronúncias se resumem basicamente a três: em festa e paz, temos o som de “s” mais comum, pronunciado como em “sapo” ou como a variante conhecida como carioca, representado pelo símbolo /ʃ/. Em “rasga”, o som de s é pronunciado como se fosse z ou, “no falar carioca”, como o som de g presente em “gelo”. Em Portugal, os sons de s como os exemplificados pelas três palavras são pronunciados como os cariocas brasileiros. Na verdade, considera-se essa característica como uma das heranças da presença portuguesa no Rio de Janeiro a partir da chegada da família real em 1808.

Uma característica do português brasileiro não encontrada no de Portugal é a pronúncia das consoantes /t/ e /d/ seguidas de /i/ (ou de /e/ com o som de [i]), que se palatalizam e tornam-se africadas, isto é, o som fica mais “chiado”, como se tivesse acrescentado ao t e ao d o som inicial da palavra “chá”. Assim, as palavras *tia*, *dia*, *bate*, na pronúncia do português europeu são transcritas assim: [ˈdiɐ], [ˈbatu], [ˈpɔdɐ] . Já no português brasileiro, essas mesmas palavras são transcritas assim: [ˈtʃiɐ], [ˈdʒiɐ], [ˈbatʃi], [ˈpɔdʒi] , além de, em algumas regiões, também ter a mesma pronúncia que em Portugal.

No Brasil, temos costume de pronunciar consoantes “mudas” acrescentando a semivogal i. É o que ocorre, por exemplo, nas palavras “absurdo” e “admirar”, que, em português brasileiro, seriam transcritas assim: [abiˈsurdu] e [adimiˈrar]. Já no português europeu, as sequências de sons [bs] e [dm] nessas palavras ocorrem sem acréscimo da semivogal, mantendo a pronúncia “muda” das consoantes, sem nenhuma influência de qualquer vogal.

A pronúncia do r no Brasil é um dos sons que mais apresentam variação. Enquanto em Portugal essa consoante é pronunciada de forma vibrante (a língua vibra várias vezes com a passagem do ar), tanto em início quanto em final de sílaba, como em “Rato” e “veRde”, no Brasil, temos, no mínimo, três registros diferentes: o chamado R retroflexo ou caipira, o r carioca, e o r nordestino, semelhante ao encontrado também na região de Belo Horizonte (MG).

Outro tipo de diferença relaciona-se à estrutura ou forma das frases, ou seja, à sintaxe da língua. No Brasil, é comum utilizarmos o gerúndio para descrever algo que alguém ou nós estamos fazendo no momento. É comum, portanto, a construção estar + gerúndio, como em: “Ela está esperando o ônibus”. Se fosse em Portugal, essa frase seria dita desta forma: “Ela está à esperar o autocarro”. Em PE, portanto, usa-se esta construção: estar a + infinitivo.

Ainda no PB, é possível fazer uso dos pronomes possessivos sem precedê-los por um artigo, por exemplo, *minha* casa ao invés de a *minha* casa. No PE, tal fenômeno não ocorre. Em Portugal, diz-se também: “Vou à casa **de** Maria/**de** Pedro”, enquanto no Brasil acrescentamos o artigo masculino ou feminino à preposição de, desta forma: “Vou à casa **da** Maria/**do** Pedro”.

Outra característica do PB que o diferencia apenas na fala em relação ao PE, uma vez que as regras gramaticais são as mesmas, é a colocação dos pronomes clíticos, que correspondem às formas átonas do pronome pessoal ligadas aos complementos do verbo (me, te, se, lhe, o, a etc.). Por exemplo, na língua falada, diz-se “*Me dê isso*” ao invés da forma culta “*Dê-me isso*”. Aqui a tendência é pela próclise (pronome antes do verbo), como em “Pedro se assustou com o gato”, enquanto em Portugal, é pela ênclise (pronome após o verbo), como em “Pedro assustou-se com o gato”.

O uso dos pronomes pessoais como complemento verbal, condenado pela gramática normativa, é comum na fala do PB, mas não ocorre no PE, em que construções como “Eu conheci ela no trem” ou “Essa moça aí que eu conheci ela no trem” não existem. Lá se diz: “Eu a conheci no trem” ou “Essa moça aí, conheci no trem”.

Em relação às diferenças lexicais entre o PB e o PE, é interessante notar os falsos cognatos. Existem várias palavras comuns entre ambos os países, porém utilizadas em um e outro com significados diferentes. Por exemplo, as palavras cueca e calcinha são comuns ao Brasil e a Portugal. No primeiro, cueca é roupa íntima de homem e calcinha, de mulher. No segundo, país é justamente o contrário: cueca é roupa íntima de mulher e calcinha, de homem. Veja outros exemplos na Tabela 4.1.

Tabela 4.1 |Diferenças no léxico do PB e PE

| Brasil | Portugal |
|--|----------------------|
| aeromoça, comissária de bordo | hospedeira |
| água sanitária | lixívia |
| arquivo (de computador) | ficheiro |
| chope | cerveja de pressão |
| descarga | autoclismo |
| escanteio | pontapé de canto |
| esparadrapo, bandeide (band-aid) | penso, penso-rápido |
| filé mignon | lombo |
| mamadeira | biberão |
| goma de mascar, chiclete | pastilha elástica |
| privada sanitária, vaso sanitário ou privada | retrete ou sanita |
| secretária eletrônica | atendedor automático |
| AIDS | SIDA |

Fonte: adaptado de Ilari e Basso (2009, p. 158).

O PE mostra-se mais fechado em relação à penetração de estrangeirismos. Em vez de freezer, mouse e site, por exemplo, usa-se “arca frigorífica”, “rato” e sítio, em Portugal. Já no Brasil, são inúmeras as palavras do inglês, por exemplo, tanto em sua forma original, como website, sale, xerox, fax, show, *delivery* etc., como já aportuguesadas, como escanear, deletar, imprimir, estresse, dentre várias outras.

Além do léxico, há diferenças também no uso de diferentes conjuntos de palavras para expressar uma ideia em colocações ou expressões. A Tabela 4.2 apresenta alguns exemplos interessantes de diferentes colocações usadas no PB e no PE.

Tabela 4.2 | Diferenças de colocações entre PB e PE

| PE | PB e PE | PB |
|--------------------|-----------------------|----------------------------|
| Feito um burro | Teimoso como uma mula | Que nem a mulher do piolho |
| Como uma gralha | Falar pelos cotovelos | Mais que o homem da cobra |
| (Chover) a potes | (Chover) a cântaros | (Chovendo) canivetes |
| Pela medida grande | Apanhar | Como cachorro sem dono |
| Como os trovões | Feio de doer | Como a mulher do guarda |
| Como um prego | Dormir como uma pedra | Como um gato de hotel |

Fonte: adaptado de Ilari e Basso (2009).

“Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção”. (CUNHA, 1985, p. 38)

Variação linguística

Já sabemos que a língua portuguesa não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua, seja ela qual for, varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Por isso, é conveniente pensar na língua não como algo estático e já estabelecido, mas sim como algo dinâmico e vivo, em constante transformação. Essa variação linguística se manifesta de diferentes formas, e, em função de seus fatores condicionantes, são assim classificadas: **variação diacrônica** (através do tempo),

variação diatópica (entre regiões), **variação diastrática** (entre diferentes classes sociais) e **variação diamésica** (associada a diferentes meios de comunicação). Nesta aula, vamos estudar as duas primeiras.

A **variação diacrônica**, também chamada de variação histórica, ao pé da letra, quer dizer variação que se dá através do tempo (do grego *dia* = através de; *chronos*

= tempo). Diz respeito às mudanças que ocorrem em uma língua no decorrer do tempo. Muitas vezes, podemos perceber a variação diacrônica comparando gerações. Mesmo conhecendo certas palavras e expressões, estas, às vezes, nos parecem "velhas". Se você ouve alguém dizer que está *botando as barbas de molho*, pode ser que você desconheça que esse alguém, na verdade, está querendo sossego. Na década de 1960, por exemplo, era comum chamar o amigo de "bicho"; para se referir a um homem bonito, a mulher dizia "Que pão!"

O MINEIRÊS...

DOCÊ = minerim falano "de você"

PRÉSTENÇÃO = é quano o minerim tá falanu e ocê num tá ouvino.

DEU = o mezz qui "de mim".... ex: larga deu, sô!!

SÔ = ponto finir de quarqué frase.... qué exemplo????

Ex: óia o "deu", sô!

DÓ = o mêz qui "pena", "compaixão", qui dó, gentch!!!

DI VERA???? =..... o mêz qui "de verdade"

GARRÁDU = o mêz qui "junto"....

NIMIM = o mêz qui "em mim"....

Ex: ocê vívi garradu nimim, trem!!!!.... larga deu, sô!!

TUTU= Mistura de farinha de mandioca cum feijão triturado e uns temperim lá da horta.

TREM = Palavra que num tem nada a ver cum transporte, e que qué dizer quarqué coisa que o minerin quisé.

Ex: Já lavô us trem?

Eu comi uns trem lá na roça.

Vamo lá tomá uns trem?

Qui trem qui é aquilo na oreia da muié sô?

Ôoooo, trem bão de tudo, sô !!!

Fonte: <<http://www.recantodasletras.com.br/homenagens/2030749>>. Acesso em: 1º abr. 2016.

Sabe como foi a formação do pronome você, cujas transformações no tempo vimos rapidamente na Unidade 1? Essa palavra remonta a *Vossa Mercê*, da qual surgiu a expressão equivalente, porém informal, *Vosmecê*. Era, na origem, uma expressão de tratamento, como *Vossa Majestade* ou *Vossa Excelência*; atualmente, é um pronome pessoal utilizado em grande parte do território brasileiro, suplantando o antigo pronome de segunda pessoa *tu*. Assim, o pronome você é ótimo para exemplificar uma evolução diacrônica de uma palavra.

A **variação diatópica** (do grego *dia* = através de; *topos* = lugar) diz respeito às diferenças que uma mesma língua apresenta quando falada em diferentes regiões de um país ou até mesmo em diferentes países. Também recebe o nome de variação geográfica ou regional.

Levando-se em conta a dimensão do território brasileiro, pode-se dizer que, no Brasil, fala-se uma língua relativamente uniforme, pois, apesar das diferenças regionais na pronúncia e no vocabulário, por meio das quais somos capazes de identificar a origem do falante – se é carioca, se é mineiro ou gaúcho, por exemplo –, conseguimos nos entender.

Para melhor entendermos alguns casos de variação diatópica no PB, precisamos levar em conta:

1. O fato de o Brasil ter sido e ainda ser um país de grandes migrações internas. Esse fato confere à variação diatópica do PB um dinamismo que não se encontra em outros países.
2. A dificuldade, às vezes, de separar o que é diatópico do diastrático, ou seja, das variações decorrentes da classe social à qual o falante pertence. Isso quer dizer que, de maneira geral, podem-se encontrar vestígios de regionalismos em situações de fala menos formais, situações essas nas quais a variante padrão não é exigida. Já em situações de fala mais formais, os falantes evitam usar os regionalismos. Existem muitos fenômenos de variação diatópica, tanto de ordem fonética e lexical quanto sintática. Um exemplo do primeiro tipo – fonético – é a tendência, no falar nordestino, de abertura de vogais fechadas em palavras como menino e colega, nas quais as vogais “e” e “o” presentes na primeira sílaba são pronunciadas como “é” e “ó”. Como exemplo de diferenciação sintática, podemos destacar o hábito de, em algumas variedades nordestinas, se colocar o advérbio de negação “não” após o verbo, como nas frases: “Vou não” e “Quero não”.



Refleta

O fato de o português brasileiro apresentar tantas diferenças dentro de um mesmo território pode gerar problemas de comunicação entre os falantes de diferentes regiões? A escrita pode ser afetada com as diferenças regionais?



Exemplificando

Vejamos agora alguns exemplos encontrados no léxico. Seguem exemplos significativos extraídos de Ilari e Basso (2009, p. 164-165):

“- a mesma realidade é expressa, conforme a região, por palavras diferentes: *lanternagem/funilaria, macaxeira/aipim/mandioca, negócio/venda, geleia de frutas/chimia, farol/sinaleiro(a)/semáforo/sinal.*

- as duas variedades regionais têm palavras com a mesma forma, mas com sentidos diferentes: *quitanda* (em geral: ‘mercearia’, ‘tenda’ / Minas Gerais: ‘conjunto de iguarias doces e salgadas feitas com massa de farinha’); *feira* (em geral ‘reunião de vendedores’ / região Norte: ‘sacola em que se transportam gêneros’).”



Assimile

A variação diatópica, também conhecida como variação geográfica/regional, diz respeito às variações na língua em função do local ou região onde vivem seus falantes. Já a variação diacrônica ou variação histórica tem a ver com as mudanças pelas quais uma língua passa ao longo do tempo. A variação diastrática ou variação social reflete as diferenças de expressão relativas aos diferentes grupos ou classes sociais existentes.



Pesquise mais

Os falares regionais brasileiros são objeto de estudo por parte de linguistas e/ou sociolinguistas. Nesse sentido, destaca-se um importante estudo em que a autora faz uma cuidadosa análise da fala de um município do estado de São Paulo, Piracicaba, que era então considerado uma espécie de “capital do dialeto caipira”, descrevendo características como o erre retroflexo, a troca de “lh” por “i”, a queda do erre final dos verbos, dentre outras.

RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.



Faça você mesmo

Procure outros estudos ou mesmo dicionários de termos regionais. Existem várias obras, de diferentes regiões e cidades do Brasil, que irão enriquecer seu conhecimento sobre a língua. Depois, compare os termos e expressões encontrados com as palavras usadas em sua região/cidade.

Sem medo de errar!

Agora convido você para, juntos, buscarmos a resposta para a situação-problema apresentada no início desta seção. Vamos resolvê-la levando em consideração os conhecimentos adquiridos e já apropriados. Vamos lembrá-la?

Foram realizadas várias atividades para a recomposição do acervo do Museu da Língua Portuguesa. Foram listados os primeiros documentos escritos sobre a época do Descobrimento e povoamento do Brasil, foram levantadas as línguas indígenas e africanas que influenciaram na formação do português brasileiro, bem como listadas as demais línguas de grupos de imigrantes vindos de outros continentes para trabalhar nas lavouras

do Sudeste e Sul do Brasil. Além disso, foram recuperados, por meio de fontes físicas e virtuais, os dados relativos ao ensino da língua no Brasil Colônia, que na época estava a cargo de padres da Companhia de Jesus. O projeto de recomposição do acervo está em sua fase final e precisa de dados para apresentar um panorama, uma caracterização realista do português atual. Em que tipo de variação o panorama deverá se pautar? Que dados devem ser apresentados? Como eles devem ser organizados e apresentados?

As questões que responderemos nesta situação-problema são:

- Que características do português brasileiro o diferenciam do português de Portugal?
- Os falantes de diferentes regiões do Brasil possuem maneiras próprias de se comunicar?
- Como escolher exemplos de fala associados aos diferentes níveis da língua, tais como o fonético, o morfológico e o sintático, de diferentes regiões brasileiras?

Depois de pensar na situação-problema, junto a seus colegas, você deve:

- Estabelecer o tipo de variação mais adequado para ilustrar os diferentes falares do Brasil atual.
- Definir a forma de pesquisa dos dados sobre o panorama linguístico atual do país.

Definir a melhor forma de apresentação dos dados linguísticos encontrados.



Atenção!

Não existe uma variedade linguística melhor do que outra ou uma região que fale melhor o português do que outra, pois, conforme nos ensina Bortoni-Ricardo (2004, p. 36):



Crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. (BORTONI-RICARDO, 2004).



Lembre-se

Quando você se tornar um professor de língua portuguesa, nunca discrimine um aluno por sua forma de falar. Mostre que também existem outras formas de expressar um mesmo conteúdo, tanto na escrita quanto na fala. Se você se tornar um revisor ou tradutor de textos, deverá redobrar o cuidado para saber discernir entre erros gramaticais, ortográficos, lexicais e os regionalismos propriamente ditos que não desrespeitam a norma culta, mas que devem ser mantidos no texto, sob pena de ter seu sentido alterado, caso sejam mudados ou substituídos.

Avançando na prática

| Pratique mais | |
|--|--|
| Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que possa encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas. | |
| "Respostas certas para perguntas difíceis" | |
| 1. Competência de fundamento de área | Conhecer o construto teórico do estudo diacrônico da língua portuguesa para compreender seu funcionamento. |
| 2. Objetivos de aprendizagem | Refletir sobre as variedades linguísticas da língua portuguesa no Brasil. |
| 3. Conteúdos relacionados | Variação diatópica; ensino de língua portuguesa. |
| 4. Descrição da SP | <p>Uma escola estadual situada no interior do estado de São Paulo recebe um aluno proveniente de uma cidade da região do Nordeste brasileiro. Ao fazer as produções escritas solicitadas pela professora de português, o menino usa o léxico particular de sua cidade, sendo, portanto, desconhecido pela professora. Esta, então, ao fazer a correção da redação de seu aluno, solicita a este que use palavras utilizadas e conhecidas na região onde então ele está morando, interior de São Paulo. Ela diz ainda que, se ele continuar usando regionalismos, continuará tirando notas baixas na redação.</p> <p>A postura da professora em relação a seu aluno é correta? Se não, o que ela deveria fazer?</p> |
| 5. Resolução da SP | Em primeiro lugar, a professora poderia aproveitar a oportunidade e discutir com seus alunos a grande variedade linguística existente no Brasil e fazer disso um tema de aula e de estímulo aos demais alunos para que pesquisassem e refletissem sobre o assunto. |

Em segundo lugar, como forma de acolhimento ao novo aluno, deveria aproveitar para valorizar a cultura desse menino diante dos outros colegas de classe, perguntando a ele os usos e significado das palavras por ele utilizadas em sua redação. Isso provocaria uma discussão saudável de morfologia e semântica nas aulas de português.



Lembre-se

As variações linguísticas são frequentes e numerosas no português do Brasil e discriminar variações com base na classe social ou região daqueles que a utilizam é uma forma de preconceito linguístico que deve ser evitada. Assim, não se deve julgar as variações como erros a serem corrigidos pela educação formal, mas sim como parte integrante do dinamismo da língua. Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, ou “mais correta” que outra, mas toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam.



Faça você mesmo

Suponha que você terá que dar uma aula de variação linguística, para mostrar aos seus alunos as inúmeras possibilidades que a língua portuguesa oferece para expressar uma mesma realidade, seja por meio de palavras, frases ou expressões. Que tipo de material você usaria? Como você mostraria a eles que não podemos considerar uma variedade superior ou melhor que a outra? Que tipos de exemplos você daria?

Faça valer a pena

1. Leia as seguintes frases:

- I. Dê-me um pouco de água!
- II. Estou a esperar meu marido.
- III. O rapaz deixou ele nervoso.

Escolha a alternativa que analisa corretamente os fenômenos apresentados nas frases acima.

- a) Em I, a colocação pronominal utilizada apenas na fala, indica tratar-se de uma variedade do PE.
- b) Em II, vemos a utilização da construção estar+a+infinitivo, típica do PE.
- c) Em III, ocorre a utilização do pronome pessoal como complemento verbal, fenômeno comum ao PE e PB.
- d) Todas as sentenças apresentam características específicas apenas do PB.
- e) Todas as sentenças apresentam características específicas apenas do PE.

2. Avalie as afirmações a seguir sobre a variação linguística:

I. O português falado no Brasil é uma língua uniforme em todo o território do país, pois as diferenças regionais existentes são desprezíveis diante da uniformidade da língua culta.

II. Dois tipos comuns de variação linguística são as variações diacrônicas (de tempo) e as diatópicas (de lugar).

III. Quando levada em conta a variação linguística, constata-se que o português do Brasil não é uma língua uniforme, mas apresenta diversas variações regionais.

IV. Os falantes de uma língua adaptam-se naturalmente a diferentes contextos de fala, no tempo e no espaço, daí a variedade de expressões de uma língua.

Está correto o que se afirma em:

- a) I e II, apenas.
- b) II e III, apenas
- c) III e IV, apenas.
- d) I, II, III e IV.
- e) II, III e IV, apenas.

3. Sobre a variação diacrônica, é correto afirmar que:

- a) Diacrônica é o nome dado à variação que ocorre em função da adequação da língua ao registro escrito ou oral.
- b) A variação diacrônica só pode ser constatada quando são analisados longos períodos de tempo, como através de diferentes séculos.

- c) Um tipo de variação diacrônica que se pode perceber é quando uma pessoa muda a forma de falar dependendo do ambiente em que se encontra.
- d) A variação diacrônica pode ser percebida ao compararmos registros linguísticos de diferentes gerações.
- e) A variação diacrônica apresenta apenas variações causadas por mudanças no léxico.

Referências

AGRANITO, L. de C. **Projeto de iniciação científica discente**: descobrindo o Brasil: diferenças dialetais no Sudeste. 2012. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco/visualizar_aula&aula=41517&secao=espaço&request_locale=es>. Acesso em: 21 mar. 2016.

ALBUQUERQUE, D. B. de. O ensino de língua portuguesa em Timor-Leste: variedades e dificuldades. **Interdisciplinar**, ano 5, v. 12, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_12/INTER12_03.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2016.

ANGELO, C. A língua do Brasil. **Revista Superinteressante**, n. 135, dez. 1998.

BARBOSA, A. **Praça da sé/um samba no Bexiga**. Compacto, EP, 33 RPM. Continental, 1978.

BARROS, M. E. de R. de A. B. A língua portuguesa na escola: percurso e perspectiva. **Interdisciplinar**, v. 6, n. 6, p. 35-56, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_6/INTER6_Pg_35_56.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2016.

BELLUZZO, A. M. de M. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

BRASIL. **Biblioteca Nacional Digital**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

BONFIM, E. Como salvar um idioma. **Revista língua**, maio/2012. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br/textos/79/como-salvar-um-idioma-258559-1.asp>>. Acesso em: 19 jan. 2016.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BUENO, E. **Náufragos, traficantes e degredados**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. v. 2. (Terra Brasilis).

BURGIERMAN, D. R. Falamos a língua de Cabral? **Revista Superinteressante**, n. 151, abr. 2000. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/falamos-a-lingua-de-cabral>>. Acesso em: 19 jan. 2015.

CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CASTELLO, J. A. **A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)**. São Paulo: EdUsp, 1999.

CASTILHO, A. C. de. **A hora e a vez do português brasileiro**. 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/186655-A-hora-e-a-vez-do-portugues-brasileiro.html>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

CLARE, N. de A. V. Ensino de língua portuguesa: uma visão histórica. **Idioma 23**, s/d., s/l. Disponível em: <<http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/23/idioma23a01.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

COMCIENCIA. **A história do português brasileiro**. 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling03.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

COUTO, J. **A construção do Brasil: ameríndios, portugueses e africanos do início do povoamento a finais de quinhentos**. 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1997.

CUNHA, C. **A questão da norma culta brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. 80 p.

DESMUNDO. Direção de Alain Fresnot. Produção de Alain Fresnot, Van Fresnot. Roteiro: Alain Fresnot, Ana Muylaert, Sabrina Anzuategui. Música: John Neschling. Rio de Janeiro: A.F. Cinema e Vídeo, 2002. (101 min.), (DVD.), son. color. Legendado. Trailer oficial disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i7MznCZYKhI>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

DOMINGUES, J. E. Desmundo, o Brasil do século XVI. **Ensinar História**. 27 fev. 2015. Disponível em: <<http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/desmundo-o-brasil-do-sec-xvi/>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

FEIJÓ, B. V. Tupi-guarani: nossa língua brasileira. **Guia do estudante: aventuras na história**. 2008. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/tupi-guarani-nossa-lingua-brasileira-435907.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

FREIRE, J. R. B. Índio falou, tá falado. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/indio-falou-ta-falado>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

GOVERNO DE PORTUGAL. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<http://www.bnportugal.pt/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 2, p. 24-28, 2005. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a15v57n2.pdf>>. Acesso em 7 jan. 2016.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 2004.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

IPHAN. **Inventário Nacional da Diversidade Linguística** (INDL). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

KREUTZ, L. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. et al. (Orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEITE, S. (Org.). **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1956-1958.

LUCCHESI, D. A diversidade e a desigualdade linguística no Brasil. **Salto para o Futuro**. Português: um nome, muitas línguas, ano 18, bol. 08, maio 2008.

MARTIN, F.; MORENO, V. **Na Babel brasileira, português é 2ª língua**. 2009. Disponível em: <<http://treinamento.folhasp.com.br/linguasdobrasil/saogabriel.html>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

MATTOS E SILVA, R. V. O português no Brasil: sua formação na complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial. **Leituras Contemporâneas**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 95-105, 2004.

MONTEIRO, J. M. **Negros da terra**: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção de Eliane Caffé. Produção de Vania Catani. Roteiro: Eliane Caffé, Luis Alberto de Abreu. Música: DJ Dolores, Orquestra Santa Massa. Rio de Janeiro: Bananeira Filmes / Gullane Filmes, 2003. (100 min.), (DVD.), son. color. Trailer oficial disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52182/trailer-19539885/>>. Acesso em: 29 jan. 2016.

OLIVEIRA, A. M. B. de. Ação educacional jesuítica no Brasil colonial. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-52182/trailer-19539885/>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

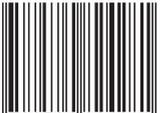
PINTO, T. Influência africana na cultura brasileira. **Escola Kids** (UOL). Disponível em: <<http://escolakids.uol.com.br/influencia-africana-na-cultura-brasileira.htm>>. Acesso em: 3 jan. 2016.

PORTUGUESHOJE.COM. **Como surgiram as diferenças regionais do português brasileiro**. Disponível em: <<http://www.portugueshoje.com/2011/04/como-surgiram-as-diferencas-regionais.html>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

RÁDIO EBC. **Brasil pode perder 30% de suas línguas indígenas**. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/10/brasil-pode-perder-30-de-suas-linguas-indigenas>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

- RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.
- RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**: para um conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 95, p. 20-26, 1993.
- _____. **Para o conhecimento das línguas indígenas**, São Paulo: Loyola, 1994.
- _____. **A originalidade das línguas indígenas brasileiras**. 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling13.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2016.
- SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. **Museu da Língua Portuguesa**. Estação da Luz (SP). Disponível em: <http://www.museulp.org.br/?page_id=5>. Acesso em: 09 jan. 2016.
- SHIGUNOV NETO, A. S.; MACIEL, L. S. B. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. **Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n. 31, p. 169-189, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a11.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2016.
- SILVA, V. S. da; CYRANKA, L. F. de M. A língua portuguesa na escola ontem e hoje. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 27, p. 271-287, jul./dez. 2009.
- SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 155-177.
- UOL. Cafundó. **Revista Raça Brasil**. 2010. Disponível em: <<http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/103/artigo30444-1.asp/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

ISBN 978-85-8482-428-1



9 788584 824281 >